

ANTOLOGIA DO AMAZONAS:

— Prosas e versos de Caboclos —



Editora
Performance

© COPYRIGHT 2023 BY EDITORA PERFORMANCE

Diretora Editorial: Carla Emanuele Messias de Farias

Diagramação: Celiana Santos Silva

Arte da capa: Paulo César Marques Holanda

Design da capa: Italo de Barros Gonçalves



Esta obra é licenciada sob uma Licença Creative Commons
Attribution-ShareAlike4.0 Brasil.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de Novembro de 1998.

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B214a

BANDEIRA, Antônio Marcos. NAGOAKA, Inês. TRAJANO, Jorge. ANDRADE, Keila Maria de Alencar Bastos. LUZ, Tania Maria da Costa. (Organizadores).

Antologia do Amazonas – Prosas e Versos de Cablocos 1ª Edição.
Editora Performance. Arapiraca. 2023. Formato: 15x21. Papel: Pólen
80g.

p.300

ISBN: 978-65-5366-180-6



1. Antologia 2. Amazonas 3. Prosas 4. Versos 5. Cablocos

I. Título.

CDD 868

Índices para catálogo sistemático:

868 – Miscelânea / Coletânea

Antônio Marcos Bandeira
Inês Nagoaka
Jorge Trajano
Keila Maria de Alencar Bastos Andrade
Tania Maria da Costa Luz
Organizadores

Antologia do Amazonas:

Prosas e Versos de Caboclos

Arapiraca-AL
2023



**Editora
Performance**

Os organizadores

Sete palavras resumem a nossa antologia e definem seus atores: **Inspiração - Inês Nagoaka:** que ao participar da Antologia Taquaranense, como coautora, inspirou-se para organizar essa; **Sonho - Jorge Trajano:** que vislumbrou e realizou o sonho de tantos em ter um texto publicado. **Superação - Keila Bastos:** que apesar de tantas demandas, sempre arrumava um tempo para nos ajudar e com sua fé inabalável nos levava a atravessar as tempestades com sabedoria. **Fortaleza - Marcos Bandeira:** é o nosso coringa, nosso equilíbrio, nossa luz, nossa força... sem a fortaleza dele... **Pontes - Tania Costa:** construí pontes entre coautores, organizadores e elas são tão lindas, tão incríveis. Obrigada, Wal Ferry por ter feito uma ponte para mim e ter me ensinado a construí-las. **Generosidade - coautores:** vocês são muito generosos em publicarem suas obras primas em nossa antologia, enobreceram nosso sonho literário coletivo. Vocês são talentosos demais! Não Parem! **Gratidão - leitor:** você é a nossa razão de escrever, de brincar com as palavras, de poetizar, de publicar. Não parem de ler.

Tania Costa

Prosas e versos de caboclos
Escrevendo e vivenciando
Experimentando, trilhando
Amazonas, o lindo estado
Com Manaus, regozijado
São mesmo um esplendor
Cultura, povo, canto, amor.
Respira e inspira poesia
Caboclos, versos e prosas
Nos versos do dia a dia.

Antônio Marcos Bandeira

Aprendemos desde muito “gítnho”, que todos nós temos que ter sonhos e que só realiza sonhos, quem tem sonhos! Eu resolvi sonhar com este Livro! Juntei-me com Inês e Tania! Tivemos dificuldades! Recebemos apoio da Keila Bastos e, em seguida, mais um apoio do inestimável Marcos Bandeira! E que apoio! Foram solidários com os problemas de saúde meu e da Inês Nagoaka.

O sonho era também incentivar novos escritores, talentos e divulgar suas e nossas Prosas & Versos de Caboclos! Então, desejo sucesso e agradeço a todos! Mandando daqui deste pedacinho da Amazônia, um Abraço do tamanho do Rio Amazonas!

Jorge Trajano

Agradeço a todos que acreditaram no projeto, acreditaram em sua alma poética que esperava uma oportunidade para se revelar, e aos que já estão neste caminho, agradeço por fortalecer e incentivar os demais coautores. Agradeço aos organizadores desta Antologia que não pouparam esforços para que este viesse a ser realizada com sucesso, minha gratidão!

Inês Nagoaka

Agradeço a Deus, o Senhor da minha história e da minha vida, a inspiração para dizer das coisas e do mundo com a poesia porque “toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto descendo do Pai das luzes” Tiago 1:17. Gratidão à querida amiga Tânia Luz pelo convite para participar como organizadora desse lindo e ousado projeto Antologia do Amazonas: versos e prosas de caboclos e aos amigos que acreditaram e embarcaram nessa bela jornada juntamente conosco.

Keila Maria de Alencar Bastos Andrade

Apresentação

Amazonas, caboclos, Rio Negro, Solimões, tucumã, prosas, versos, literatura, Manaus, arte, ritos e rituais, misticidade, a floresta, Teatro Amazonas, cantos, danças, ribeirinhos, povos originários, vida! Uma Antologia, miscelânea literocultural.

A partir de um convite que ecoou em nossos corações e vidas, nos dispomos a construir e juntos compilar e pôr no papel, tecituras de pessoas e seu ineditismo, mesmo aqueles ditos mais experientes com sonhos, expectativas e suas mais diversas possibilidades.

Ao convite à Antologia: Amazonas prosas e versos de caboclos, fiquei lisonjeado, agraciado e obviamente regozijado, compor a equipe organizadora tanto mais, em seguida, veio o desafio de escrever a apresentação dessa belíssima obra, o que me deixou um período sem conseguir pôr no papel o que, creio pertencer ao nosso imaginário e vivências, a literatura, o que nos move!

Nosso livro é lindo!!! Inclusivo, sensível, reflexivo emocionante e forte, pois temos PCDS (Pessoas com Deficiências) que nos mostram o quão nós é que somos limitados.

Nossa antologia: Questiona, inova e desafia a partir dos textos aqui expostos em papel e expressados em forma sentimentos corroborados em poesia, crônicas, contos e cordéis, narrativas que nos remetem aos nossos antepassados e que nos transmitem amor à natureza, ao meio e ao outro evidenciam o quão ainda temos que nos irmanar, compartilhar e celebrar a vida!

A antologia Amazonas prosas e versos de caboclos nos mostra o que buscamos, queremos, pensamos, sonhamos, realizamos ou ainda não.

Nosso livro nos toca, alerta, nos traz: Fé, gana pela vida, beleza, coragem, esperança, poesia, amor... expurga dores aliviando-nos, pois, ao escrever algo nos toca o espírito e realiza em nós a catarse de outros caboclos, medos, ansiedades, desejos e aspirações expressas em motes, glosas, versos e prosas.

Vem conosco, por essa floresta, por essa sumaúma, por essa flor vitória régia que nos traz o cheiro, o canto a dança, o tilintar de sons e canções deste verde ameaçado com a falta de cuidado, atenção e amor.

Vem perpassar conosco por essa tessitura amazônica de pensamentos, de lutas e conquistas, lágrimas de angústias mais de vitórias, vem conosco nesse florilégio, multicultural, multifacetado, como somos nós, caboclos da nossa pátria brasileira.

Construindo e fortalecendo laços elos de amizade, carinho e respeito entre nós seres humanos, capazes de amar a literatura ao ponto de passar noites em claro, dias nublados e tardes ensolaradas, no fio ou calor e ainda assim, amar e escrever.

A antologia Amazonas: Prosas e versos de caboclos originários negros, índios é composta por um único povo: Nós escritores que ousamos pôr no papel o que por vezes não vivemos, vivemos ou vivemos! O tempo do tempo é agora.

Parabéns à Tania Costa por ser esse eco que nos chamou e a cada um de nós organizadores, a cada um de nós escritores e a cada caboclo que construiu nossa Antologia e que fez com que deixasse de ser algo sonhado, escrito e organizado para hoje, ser impresso, lido, vivido e espalhado ao mundo a partir das nossas mãos, para que outros a sonhem, escrevam, organizem, imprimam e a espalhem ao mundo gerando o novo ciclo contínuo.

Antologia: Amazonas, prosas e versos de caboclos, somos cada um de nós! Parafraseando-me, essa Antologia é como um dia escrevi:

"A viola, é como o coração do poeta: Quanto mais toca Mais aberta".

Hoje, escrevo:

"Essa Antologia é como o coração do poeta, quanto mais escrevo mais aberta.

O tempo do tempo é agora!

*Antônio Marcos Bandeira-Graduado em Língua Portuguesa
Pós Graduado em Gestão e Coordenação Escolar e
Docência do Ensino Superior
Integrante de várias Academias de Letras e Artes no Brasil
e AILB-Academia Internacional de Literatura Brasileir*

Sumário

Abelardo Nogueira	
Amazônia, um pedaço do Brasil de costumes e dotes tropicais (mote)	17
Ademar Rafael Ferreira	
Quando.....	19
Adoniron Nelson Bastos	
Açaí - de outrora	21
Rio Mar	22
Pelo amor julgado em extinção (jogral).....	23
Afonso M. Cardoso	
Folha seca.....	28
Aldenize Pinto do Nascimento	
Minhas Verdades	31
Aldenor Soares	
Manaus	32
Manaus a cidade desconhecida	33
Alex Xela Lima	
Missão do Poeta	34
Aline Macena da Silva	
Remador.....	35
Ana Cristina Moura de Sousa Carvalho	
Encantamento.....	36
Ana Larissa Dutra Cordeiro Melo de Souza	
De repente mãe	38
Ana Lins	
Amazônia.....	40
Ana Maria Pimentel Monte	
Canto que nem sabia.....	41
Angelina Manuela Santos de Almeida	
“Amar-te foi meu ato de amor mais político”.....	42
Antônio Carlos Lemos Ferreira	
Serra Incantada	44
Antonio Jadir Augusto de Souza	
Canoa	46

Antônio José Santos de Jesus	
A Vitória Régia	47
Antonio Marcos Bandeira	
Meus Alfarrábios	49
Audres Marta Carvalho Gomes	
O caminho que percorro na diversidade étnica do meu lugar	51
Beatriz Perdigão dos Santos	
Saudades	54
Betinho de Saubara	
Riquíssima Amazônia	56
Momentos Amazônicos	57
Tributo à Amazônia	58
Quereres Amazoninos	59
Descrevendo a Amazônia.....	60
Carla Emanuele	
Amizade verdadeira	61
Carlos Oliveira Nascimento	
Rosa de Maio	63
Cátia de Lemos	
Amazônia, meu orgulho!	64
Célio Augusto Costa Do Nascimento	
80 anos dos redentoristas na Amazônia.....	65
Charles Melo	
Sou a voz do meu sertão.....	67
Christiany keilla Fernandes Gomes	
Provas ou processo divino?.....	68
Cristian dos Santos Pereira	
Dança	70
Flores ressecadas.	71
Dalva Inez de Oliveira Lopes	
Cheiro da maçã	72
Edilza Laray	
Paulo Laray: Uma vida abençoada com mel e alegria	73
O voo do saber: Uma jornada Ontológica a partir de Uruará	75
Elaine Maria Ribeiro Lopes	
Rosas de Edith	76

Elaine Oliveira da Rocha	
Sou o que sou	77
Elane Mendes de Paula Souza	
Servir com alegria	78
Elisangela Catunda Leite Correa	
O entardecer	79
Enoque Caldas Moura	
O escritor Simplesmente Almeja atenção	80
Epifânio Leão	
Minha fé	83
Fabíola Pereira Izél	
Amazônia vista de longe	85
Francisca de Oliveira	
Meu Amazonas querido	86
Francisco Nilo Dias de Oliveira	
Filhos da Mata	88
Georjeanne Monte Rey	
Calma d'alma	92
Gilberto Lelis dos Santos	
Antologia do Amazonas: Prosas e Versos de Caboclos	93
Belezas Naturais do Amazonas	95
Gorete Pinheiro	
Voz da natureza	96
Sementes do futuro	97
Gracielly Sousa da Silva	
Meu DNA Amazônida	100
Henrique Lucas (Hosane Henrique)	
Amazônia.....	101
Iêda da Silva Souza	
Sou Combatente	102
Estrela e Escritor Nato	103
Ruído das Águas.....	104
Ígor Augusto da Silva de Vasconcelos	
A beleza da vida.....	105
Ilaíze de Assunção Menezes	
Tempo de menina	106
Rotina do seringueiro	107

Inês Nagaoka	
Circulo.....	108
Tecelã.....	108
Avô.....	109
Falso suspiro.....	109
Tudo passa.....	110
Jailson Barbosa Silva	
Que sejam apenas um.....	111
Jairo Gomes Cordeiro	
Maduros e díspares	112
Diferentes e descobertos.....	113
Pra sempre	114
Fragmentos perpétuos.....	115
Janaína Bellé	
Metáfora da vida	116
Janciney Araújo de Oliveira	
Um Conto Urbano: Albertino, o sapateiro conquistador	117
Janio Ferreira Martins	
Crepúsculo.....	119
Fado.....	120
Jerson Alves S Queiroz	
Teoria de espaço vital.....	121
Jerusa da Silva Reis Galvão	
A morte	123
Jevanda da Silva Arruda	
Deslumbramento na aldeia Suruwahá	124
João do Perpétuo Socorro	
Desavenças entre Santos	125
Conversa com inocente.....	127
Joaquim dos Santos Marques	
Jovem indígena.....	129
Jorge Trajano	
Apenas um Vendedor de Galinhas!	131
José Adailton Tavares Almeida	
Sou Nordeste.....	132
José de Sousa Vieira	
O perdão	133

José Gomes Paes	
Manaus meu grande amor.	134
O Poeta navegador (Tomar banho no Rio é a coisa que mais gosto de fazer).....	136
José Heleno Rocha de Oliveira	
Os encantos da floresta	137
Jose Lopes Lisboa	
Dia das águas. Socorro as nossas fontes:.....	138
José Luciano Rocha	
Não há limites para o ser humano quando ele tem sonhos e, principalmente, Determinação, resiliência e foco para alcançá-los.	140
José Maria Rodrigues	
História de crianças em família	143
Julieta Rocha de Almeida Lima	
Gratidão	145
O amanhã.....	147
Hosana	148
As bem aventuranças do Pai II	150
Amazonas	152
Július César Soares Marques	
Meus pais e eu.....	153
Keila Maria de Alencar Bastos Andrade	
Porta Aberta.....	154
Por uma escola sedutora.....	156
Ketty do Socorro Figueiredo Moreira	
Olhos de Guaraná	158
Leila Maria Nunes Pinheiro	
Cachoeira	160
Lenir Teresinha De Paula De Lima	
Amazônia.....	161
Leon Levy Marques Sobreira	
Magnitude Amazônica	162
Apelo aos Poetas	163
Monólogo De um Andarilho	164
Marilene (Mãe) Ana Jaqueline (Filha)	165
Manoel Gevandir	
A Amazônia que é nossa... ..	166

Marcelino Carvalho de Brito	
Sessenta anos, Deus em minha vida!	168
Maria Aparecida de Faria	
Por onde andei	169
Maria Auxiliadora de Santana Silva	
A Cabocla Amazonense.....	171
Maria de Fátima Souza Costa	
Lá fora	172
Olhos negros	173
Maria de Lourdes Fernandes	
Obrigada SAC Lourdinha Bandeira	174
Maria de Nazaré de Souza Pereira	
Autismo sinônimo de Amor	175
A menina de Tapauá.....	178
Bodas de prata: Qual o Segredo?	180
Maria do Espírito Santo de Castro Gil	
Mãe Enlutada: suas perdas, suas lições	182
Maria José dos Santos	
Meu pedaço de chão	185
Maria Ritta Santos de Castro	
O tempo.....	186
Maria Suely da Silva Oliveira	
Meus Pais, exemplo de vida.....	188
Maria Valdelani Silva Dos Santos Lima	
Raça de Cabocla	190
O lamento da moça	191
Marta Regina de Oliveira Silva	
Mestra Firmina, a guerreira da esperança	192
Mary Jane Araújo de Lima	
Mundo melhor!	195
Natureza	196
Milena Ferreira Costa	
Garoto da casa ao lado	197
Mirselma das Neves Sardinha	
Devaneio	198
Moema de Castro Carneiro dos Reis	
Amazonas/Manaus	199

Valores ancestrais: um professor catedrático que sempre enalteceu a região e seus habitantes.....	200
Nairiane Freitas Machado	
Mães Amazônicas: cheiros e sabores.	201
Nazira Teixeira Campos	
Nazira Texeira – uma mulher determinada.....	203
Neida Bastos de Souza	
Um herói por acaso (História da vida real)	206
Olhai e vede!	209
Neide Aparecida Fugolari	
Saudades.....	210
Nelcilene de Souza Macena (Lena Macena)	
Inundação	211
Nelcélia Macena Guimarães	
Cordão de Três Dobras	212
Nelma Costa Santos	
Manaus dos extremos	213
Nivaldo Pereira da Mota	
Oração do beiradão	214
Perazo Castilho	
Minha poesia	215
Poema em Versos Antológicos: Poema as duas perdas.....	216
O tempo passa mais eu jamais esqueço o Sertão.....	217
Perpétuo Socorro de Oliveira Lopes	
O Caboco sai do mato, mas o mato não sai do caboco	218
Raimunda Aurinelia Lopes de Moura	
O manto da natureza	220
MST	222
Sou.....	224
Raimunda Gonçalves Neta	
Caminhada	225
Quantificar?	226
Aguerrida.....	227
Rejane Melo	
Caras e Caretas	228
Renan Lima de Assis Sobral	
Um certo senhor escravo	230

Forasteiro	231
Reinaldo Sátiro Caldas da Silva Júnior	
Conversa de Bar	232
Renilton Gomes Silva	
Soneto para Bonfim de Feira	234
Cidade.....	235
Rita Cássia Simões Barroso Chirano	
A era da inocência	236
Ronaldo Amorim	
Olhos teus	238
Ronezza Céllia Lobato Campos Pedrett	
Minha História	240
Momento.....	241
Canção da saudade	242
Rosamélia Alencar Lira	
Manaus, cidade querida	243
Bem-vinda à vida!	245
Rosângela Ferreira Lima	
Mãe minha saudade diária.....	247
Rose Machado	
O canto da cigarra	249
Samuel Tavares da Silva	
Filho Europeu.....	251
Sandra Manuela Graça Nunes	
Assim é o meu Amor	253
Sidionara Moraes da Silva	
Amazonas, majestosa beleza.....	254
Silane Araújo da Silva	
História Enriquecedora	255
Sílvia Grijó	
Mana... Mana... Manaus...	256
Estação flor	258
O balançar II	259
Silvana Palmeira Valente	
Silvana Palmeira Valente.....	260
Simone Garcia	
Estrelas	261

Minha Manaus.....	262
Festa dos Bois	263
Gota D'água.....	264
Sud Rodrigues	
Recomeço (para meu pai).....	265
Tania Maria da Costa Luz	
Minha Mamy	267
Prosas de caboclos: Um passeio turístico com amigos	268
Prosas de caboclos II: O aniversário surpresa na tribo indígena	271
Tania Ribeiro Moço	
A Casa Verde	274
Tássia Patricia Silva do Nascimento	
Lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem. Lutar pela diferença sempre que a igualdade nos descaracterize.....	276
Tatiana Del Pilar Barros Rivera	
Mulher Amazonense	279
Vida de Caboclo: um Retrato da Simplicidade.....	281
Thaís Costa Mendes	
Eu vi Deus	284
Theila Rosário Figueira dos Anjos	
Coisas de Maria... (Parte 01)	286
Ulysses Raphael Gomes Nobre	
2020	288
Valdeane Santos	
“Receita” é só seguir	290
Valdo da Silva Aleme	
Canto	291
Contrastes	292
Vanessa de Souza Reis	
Amazonas de cores, sabores e amores	293
Verediana Marreira de Lima Lopes	
O medo do “pega-pega”	294
Wal Ferry	
Cronica -Trajetória de uma Menina que Gostava de Ler	296
Webster Cavalcante da Silva	
O amor não se explica	298
Cacos de mim	299

Abelardo Nogueira

É natural de Aracoiaba-Ce. Premiado em diversos concursos literários das UBTs (União Brasileira de Trovadores) e OMTs (Organización Mundial de trovadores. Membro oficial da AILB – Academia Internacional de Literatura Brasileira, Membro fundador do Núcleo Accademico Italiano de Scienze, Lettere e Arti – NAISLA. É autor de várias obras, participa de inúmeras Antologias físicas e virtuais, nacionais e internacionais, membro de Academias de Letras em alguns estados.



AMAZÔNIA, UM PEDAÇO DO BRASIL DE COSTUMES E DOTES TROPICAIS (MOTE)

Qual planície se avulta verdejante,
Tão distinta, tão calma e tão somente,
A mais rica e maior já existente,
Todavia, entre todas, importante.
Sua força parece a de um gigante,
Com sublimes poderes colossais
Que descende do berço e ancestrais
E até hoje é segredo o seu perfil.
AMAZÔNIA, UM PEDAÇO DO BRASIL,
DE COSTUMES E DOTES TROPICAIS.

Imponente celeiro de grandezas,
O pulmão pelo qual respira o mundo.
Calma fonte a exalar o bem profundo,
Arte infinda em altivas singelezas.
Aquarela de cores e nobrezas
Misturadas em tintas naturais.
Pinceladas em traços magistrais,
A mais bela das obras que se viu,
AMAZÔNIA, UM PEDAÇO DO BRASIL,
DE COSTUMES E DOTES TROPICAIS.

Sua graça inspira mui prazer,
As virtudes são tantas e tamanhas
E renascem no seio das entranhas
Como um ventre materno a conceber.
Alimentam a sorte de viver
Dos viventes, distintos vertebrais.
E das formas de vidas anormais
Existentes de modo tão sombrio,
AMAZÔNIA, UM PEDAÇO DO BRASIL,
DE COSTUMES E DOTES TROPICAIS.

Sob o Sol, majestade Sideral,
Pois, se aquece no úmido calor.
E refresca-se em face do vapor
Que goteja ao furor torrencial.
Faz perder-se na linha horizontal
Entre os pontos circunferenciais;
Latitudes e longitudinais,
Ocupando um imenso corpanzil,
AMAZÔNIA, UM PEDAÇO DO BRASIL,
DE COSTUMES E DOTES TROPICAIS.

Situada na linha do Equador,
Entre os dois Hemisférios se divide.
Certa força sobre ela, pois, incide,
Quão sublime, porém, é seu valor.
Inerente à chuva e ao calor,
É passível de fortes temporais.
Estações definidas, anuais,
Faz enchente e vasão em todo rio.
AMAZÔNIA, UM PEDAÇO DO BRASIL,
DE COSTUMES E DOTES TROPICAIS.

Águas turvas, pesadas, corredeiras,
Também verdes, azuis e enegrecidas.
Tão profundas e largas, sem medidas,
Entre as margens, encostas e barreiras.
Paraná e encravados nas ribeiras,
Igapós e afluentes fluviais.
Terra firme, de várzea e canais,
Que transbordam de modo arredio.
AMAZÔNIA, UM PEDAÇO DO BRASIL,
DE COSTUMES E DOTES TROPICAIS.

Há fenômenos, tais, dos que acontecem,
Como o encontro de águas diferentes.
Seja em cores ou coisas pertinentes,
Densidades ou graus que lhes aquecem.
Grandes lagos, proezas que merecem,
Verdadeiros e até eventuais
Elogios de imensos cabedais,
Que o saber, arte ou senso contraiu.
AMAZÔNIA, UM PEDAÇO DO BRASIL,
DE COSTUMES E DOTES TROPICAIS.

É a fauna, distinta, rica e bela,
Espalhada por toda imensidão.
Tessitura de grande precisão,
Melodia profunda ou tão singela.
Contrapontos sem ter nem corruptela,
Grave, médio, agudos e tonais
Pois, se escuta nas copas e ninhais,
Sinfonia em tom de fino brio.
AMAZÔNIA, UM PEDAÇO DO BRASIL,
DE COSTUMES E DOTES TROPICAIS.

As espécies são tantas, e, portanto,
A floresta não lhes faz restrição.
Vivem todas em harmonização
Sem haver prejuízo ou nada, enquanto.
Equilibra-se a vida em todo canto,
Cada ser tem funções primordiais.
Clorofila, bioma e animais,
Bem convivem num ato tão bravio.
AMAZÔNIA, UM PEDAÇO DO BRASIL,
DE COSTUMES E DOTES TROPICAIS.

Grandes rios compõem a Bacia
De água doce maior que o mundo tem.
Correntezas que buscam ir além,
Ultrapassam o Estreito e a Baía.
Calmos ventos encontram maresia
E na foz, o Oceano dá sinais.
As marés, os seus feitos pontuais,
Pororoca avançando em desvario,
AMAZÔNIA, UM PEDAÇO DO BRASIL,
DE COSTUMES E DOTES TROPICAIS.

Quem vislumbra do alto se fascina
Com cenários e coisas tão bacanas.
O Arquipélago das Anavilhanas,
Marajó, graciosa e bubalina.
Boa parte da América Latina,
No Brasil, tem razões especiais.
Lendas, mitos e histórias imortais,
Desvendar é constante desafio.
AMAZÔNIA, UM PEDAÇO DO BRASIL,
DE COSTUMES E DOTES TROPICAIS.

Quem por sorte conhece a região
O verdor que margeia o Rio mar.
E sentiu a magia de gostar,
Encantado ficou seu coração.
Certamente cativo, viu o quão
São perfeitas as obras divinais.
Descobriu, pois, que a vida vale mais,
Quando, enfim, é vivida sem vazio.
AMAZÔNIA, UM PEDAÇO DO BRASIL,
DE COSTUMES E DOTES TROPICAIS.

Ademar Rafael Ferreira

Nasceu em Jabitacá-Iguaracy-PE em 22.02.1957. Filho de Quincas Rafael e de Corina Ferreira Rafael. Consultor. Escreve crônicas em www.blogdofinfa.com.br e www.penoticias.com.br/blog. Presidente do Instituto Cultural Quincas Rafael – ICQR. Com Celso Brandão, publicou o livro “A mensagem e o verso”, em 2021 e “A mensagem e o verso II”.



QUANDO...

Quando a família deixa
Sua missão formativa
A ética e o caráter
Com essa iniciativa
São ditadas pelo mundo
De forma impositiva.

Quando a escola tenta
Sugerir comportamento
Abdica da missão
De gerar conhecimento
A doutrinação avança
E a "patrulha" vira intento.

Quando a igreja abraça
Questões de ideologia.
A essência da missão
Com o ato renuncia
Morre a ética teológica
Nasce a hipocrisia.

Quando os livros editados
Nos textos não tem verdade
E as informações trazidas
Fogem da realidade
Aumenta a ignorância
E cega a sociedade.

Quando a política troca
O sentido de missão.
Pelo jogo de interesse
Ganância e corrupção.
A sua finalidade
Entra em degradação.

Quando a justiça adota
Como injustiça um sinal,
Para forjar uma prova
Promove grampo ilegal,
Transforma todo sistema
Em "doente terminal".

Quando "regras do mercado"
Que o capital comanda,
Define preço de venda
Manipula propaganda
A usura ganha espaço
E o bom senso desanda.

Quando quem deve cuidar
Com amor um paciente,
Antes de qualquer ação
Pensa em dinheiro somente,
Atesta que o sistema
De saúde está doente.

Quando a lógica financeira
É a principal ciência
Que o setor produtivo
Coloca em evidência,
Faz com que a avareza
Acabe com a prudência.

Quando o poder da guerra
De maneira contumaz
Define através da força
No jogo quem é capaz
Ocupa com seu terror
O universo da paz.

Ademar Rafael Ferreira

Adonirton Nelson Bastos

(1955) Coariense de nascimento e Codajaense de afeição, entusiasta da cultura, entre outras aptidões e belezas “naturais” aos que admiram e louvam ao grande Deus criador do céu e da terra. Poeta nato (disse a jornalista Cecilia Azevedo Shimyzu) contador de histórias através de poemas. Com participação dos livros editados em quatro antologias... Compositor de letras e músicas. Nesta obra prima participa com um jogral engavetado há décadas, e com algo mais. Felicidades a todos!



AÇAÍ - DE OUTRORA

Festa do Açaí de Codajás – Decreto Lei n.-003/1988, de 08-04-88.

Meu tributo é só trazer à lembrança
os atos assombrosos da comilança
dos filhos do Moady, do Pai Alonso,
das **gamelas** de açaí em abastança;

Amassado à mão sem muito cuidado,
viviam cheias só esperando o momento
de tomar ou comer o pirão chamado
à beira do barranco ou ao relento

O tio Crecêncio depois do almoço,
metia “só” dois litros na sua pança
tomado com farinha e na bagunça
roía dois litros do fruto castiço.

Do caroço retira-se o tal vinho
da bela Palmeira sai o seu sustento
dos igarapés e do nosso “riozinho”
os açaizeiros tremulam ao vento

Hoje, indústrias exportam com vigor.
A terra do açaí tem a melhor festa
e grana advém no bolso do produtor
desta delícia que ao mundo infesta.

Do fruto roxo germinou gostosura
da tribo Cudaiaí assentada aqui
e me trouxe essa ideia ousada
de ter gerado **a festa do açaí.**

RIO MAR

Ao meu amigo Evandro Moura do Tapajós-PA

Dos rios Badajós * ao Tapajós
o verde matagal predomina,
a “doce” correnteza até a foz,
ambos jorram água cristalina.

Mui bela vista fluvial, nos apraz,
pois, por horas a fio o olhar encanta
cores furtivas: se preta, se branca,
estupendo volume o “chuveiro” traz.

Nestas águas, suco mui precioso,
“trocentas” espécies nadam-voando
de tanto oxigênio aqui borbulhando
neste universo flúido venturoso.

Na confusão dessa mistura líquida
o relutante jeito mix natural
Tributam carinhosos ao rio maior
Montando desenhos de beleza infida
Maior que a bacia do mimoso pantanal
Lá, gigante, cá, mostra grátis ainda.

No acará, a margem direita do Badajós,
lagos catalogados são mais de trezentos,
os anos que não os vejo: são tormentos;
E lá, são tantas as praias do Tapajós,
deixa perplexo qualquer um cidadão,
com tantas praias brancas pra todos nós,
Alter do Chão, linda, minha paixão.

**Rio Badajós – Codajás-AM.*

PELO AMOR JULGADO EM EXTINÇÃO (JORNAL)

Este jogral foi escrito visando apresentação com doze participantes ecléticos para declamação, cânticos coral ou solo, alternando entre o canto e a fala, incluindo formato poético, lírico, bíblico, apoteótico, harmônico com outros gêneros literários.

Rapazes - O estupendo avanço da ciência e da tecnologia parece estar transformando o homem tornando-o espantosamente desumano

Moças - Surge então a insegurança em nossas vidas e se desenvolve na mesma proporção dessa evolução, porque nem sempre agimos como pessoa estritamente humana.

1, 2 e 5 - Há os que ligeiramente se destacam como gênios, por agirem condignamente

3, 4 e 7 - Raros são hoje em dia.

...

- Há os que ligeiramente se destacam como gênios, por agirem condignamente.

- Raros são hoje em dia.

- Muito mais são os que se sobressaem pelas suas crueldades,

- Delinquências,

- Perversões

- Subversões,

- Egoísmo,

- Contravenções

- No entanto, muitos acham que a globalização é a principal responsável pelo nosso obscuro estado de degeneração comportamental, e em nós está a culpa até pelo aquecimento global... será?

[PAUSA]

Todos - Não!

- Importa lutarmos para mudar o sentido torpe da evolução, para sensibilizar essa

- juventude...

- Prostituída

- Viciada,

- Desmiolada!

- Louca! [dar ênfase]

[PAUSA]

MÚSICA: “[nome da música]”, [nome do cantor ou grupo]

- Eu sou louco, sim, para que o amor domine os corações,
 - Por um aconchego fraternal e pela compreensão mútua dos pais, filhos,
 - E entre amigos também, ora!
 - Vejam só que drama:
 - Enquanto se fala de paz e amor, o mundo se transformou em pesadelo e horror.
 - Mas o amor continuará vivo, apesar de tudo, e eterna é a sua recompensa.
 - Mesmo que o mundo chegue ao caos?
 - Sim! Mesmo enquanto as nações caminham para guerras atômicas,
 - Químicas,
 - Neuróticas,
 - Civis,
 - Psicológicas.
 - E, por que não dizer, a guerra da fome, da miséria moral, das drogas?
 - Então... Já não estamos vivendo o caos?
- Todos - Não! Porque o amor que está em nós salvos por Cristo continuará vivo em nossos corações e latente em nossas emoções.

[PAUSA]

MÚSICA: “O Amor de Jesus é Maravilhoso”, [nome do cantor ou grupo]

- Os fracos, os vencidos,
- Os incapazes de amar atropelam-se nos preconceitos,
- Nas diferenças de classes,
- Nas ideias frívolas e maliciosas.
- Tudo isso por não terem força para crer em Cristo que morreu por mim, por ti, por nós.
- **Quisera ter sido** por toda a humanidade!
- E este amor supremo jamais acabará,
- Nós é que o destruímos e o extinguímos por negligenciá-lo lenta e diariamente

[PAUSA]

MÚSICA: “[nome da música]”, [nome do cantor ou grupo]

- Amor, esse sentimento tão bom,
- Tão vivo e presente,

- Tão profundo! E muito mais do que isso...
- Tão necessário e indispensável em nossas almas!
- Que saibamos dá-lo aos outros em abundância tal, a fim de nos tornar não só criaturas,
- Mas filhos! Sim! Filhos feitos à imagem e semelhança de Deus.
- O amor de Cristo nos constringe a não odiar nossos semelhantes e nos motiva a amá-los sempre.
- Mesmo assim, este amor que muitos dizem ter,
- Sentir, viver e oferecer,
- É interesseiro, obscuro, inseguro, egoísta, obsessivo...
- Insensível,
- Fragmentado, obscuro,
- Sem fé,
- Sem paz...
- Com seus corações cheios de obras inúteis, claro!
- Pois estão desprovidos da essência do amor – JESUS o Cristo de Deus.
- Nem por isso odeio a vida ou deixarei de crer no amor.

[com efeito sonoro]

[PAUSA]

MÚSICA: “[nome da música]”, [nome do cantor ou grupo]

- Se procurarmos uma razão para viver, encontraremos o amor como fonte inesgotável.
 - Em cada vida que sofre,
 - Em cada flor que murcha,
 - Em cada lembrança amarga...
 - Ou até mesmo na saudade encontramos o amor.
 - Claro! Se nos dói a saudade, é porque amamos o que nos fez senti-la.
 - É, também por isso eu não acredito no desaparecimento do amor.
 - Creio até pelo seresteiro que, na janela da casa da mulher amada, canta na esperança de tê-la em seus braços, aquela flor-mulher que ele tanto admira.
 - Se isso ele faz é por acreditar no amor que o impulsiona.
 - Como é ser descrente do amor?
- Todos - Pois sim! Como é ser mesmo descrente no amor?

[PAUSA]

MÚSICA: “[nome da música]”, [nome do cantor ou grupo] [cantada por todos]

- O amor então é a própria natureza, na beleza maior da criação que é o homem em seu livre-arbítrio?
- Não!... É mais do que isso. (fff)
- O amor é a inesgotável força que nos torna capaz de doar simpatia,
- Bondade,
- Afeto,
- Lealdade.
- O amor que flui da pureza de nossas almas é fonte de felicidade que jorra perdão.
- O amor é dar sem receber,
- É renúncia constante,
- É pronto atendimento.
- O amor é sem preconceitos físicos, de cor ou de raça,
- Sem pré-requisito,
- Sem distinção de classe social.
- O amor não tem receitas nem fronteiras
- Nem maldade, nem idade, nem asneiras. Isso, isso mesmo... Não faça besteiras!
- O amor não é áspero,
- Não arde em ciúmes.
- O amor é emoção consciente,
- É determinação,
- É autocontrole,
- É uma fusão suave das seguintes essências:
- Sabedoria, entendimento, respeito,
- Compreensão, equilíbrio, dedicação, apreço e coerência.
- Carinho, afeto e açúcar...
- Pois o amor... É mais doce que o mel.

[PAUSA]

MÚSICA: “[nome da música]”, [nome do cantor ou grupo]

- Esses ingredientes juntos nos dão alegria de viver – que é muito simples:
- Entretanto complicada e difícil para muitos.
- O segredo está na lealdade da amizade e na fidelidade ao amor.
- Se não houvesse amor, para que serviria sonhar e admirar uma flor-mulher, cheirá-la, acariciá-la... Só pensar nela o dia todo? Nunquinha!
- O que seria da vida sem o amor?... Por que não usufruir desse bem?
- Inútil pensar, inútil dizer, inútil viver sem servir... sem amar.

- O amor verdadeiro não se compra nem por circunstância,
- Mas se conquista, cativando-o e se deixando cativar,
- Cultivando-o também, pois rápido nasce, porém, bem devagar se desenvolve.
- Nunca se sinta fraco ou derrotado pelo amor... Por ele, só quem recomeça é que chega ao fim e vence.
- O amor fraterno e amigo partilha de expectativas,
- Das esperanças,
- Das alegrias,
- Dos ideais.
- Traz a oportunidade de sempre ser útil a todos,
- Partilha também da busca em descobrir os enigmas e a sensibilidade da harmonia.
- Portanto, se reconhecermos o nosso potencial afetivo, com humildade, mas capacitados por Cristo,
- E seguros: doaremos amor a essa humanidade que se mata à toa,
- Que se lamenta,
- Chora a dor do silêncio,
- Luta e reluta,
- Sofre por falta de justiça...
- Mas tem sede de ter um grande e verdadeiro amor, que provêm de Cristo.
- Esse sim do amor é a expressão maior,
- De vida celestial, de consolo,
- De salvação eterna,
- De redenção.

Rapazes - Procure a verdadeira fonte de amor no amigo melhor que é Jesus Cristo.

Moças - Ele te dará o privilégio de ser feliz para sempre, de ser salvo pela sua graça,

- Então terá uma vida contemplativa com o próximo e maravilhosa com Deus.

Voz oculta - Ah, se você experimentar essa proteção do verdadeiro amor de - Cristo, o amigo fiel,

Todos - Aí então terá uma nova razão para viver...

Todos - Uma eterna razão para amar!

MÚSICA FINAL: "O Amor de Deus é Singular", [cantor Luiz de Carvalho]

Adoniron Nelson Bastos Rodrigues

Alfonso M. Cardoso

Tenho 67 anos, moro em juiz de fora – MG, atualmente aposentado, contador por profissão, mecânico por paixão, gosto de escrever pequenos contos, poemas e reflexões. Sou amador na arte de escrever, mas motivado por amigos que curtem alguns textos no meu facebook. Sou apaixonado pela minha família, gosto de refletir sobre a vida, o que estamos fazendo aqui, creio que sou um filósofo da vida, gosto de ajudar as pessoas sempre que minha ajuda seja solicitada e sempre dentro de minhas aptidões.



Olhos são inúteis quando a mente é cega.

FOLHA SECA

Seguia um homem por sua trilha, em mais um belo dia de primavera. Quando chegou em determinado local, viu uma linda e frondosa árvore, com enorme copa que proporcionava grande sombra aos viajantes daquela trilha.

O homem cansado, já com a idade avançada, deitou-se na relva que rodeava a formosa árvore, olhando para copa e reparou então, que havia frutos naquela maravilha da natureza. Levantou-se e foi pegar alguns daqueles frutinhas maduros, levemente rosados, mas como não conhecia aquela espécie de fruta, teve receio de comê-los. Porém, pensou consigo que uma árvore tão linda e majestosa, longe de tudo, não poderia estar ali para dar maus frutos, Deus não permitiria. Olhou mais uma vez para o alto da árvore e percebeu que vários pássaros se alimentavam daqueles frutinhas, abelhas faziam seu trabalho aproveitando o pólen, beija-flores multicoloridos, sugavam o néctar das flores em grande algazarra de voos.

Vendo tudo isso o homem disse para si mesmo: -Se, pássaros se alimentam desses frutos, com certeza, não farão mal a mim. Assim sendo, sentou-se à sombra da magnífica representante do reino vegetal,

encostou-se no tronco e começou a saborear aquelas delícias. À primeira mordida, sentiu que a mãe natureza, fizera um trabalho esplendido, pois, os frutos eram deliciosos, doces como mel e muito suculentos e nesse momento, agradeceu a Deus por aquele instante de descanso e paz.

De repente, caiu próximo a ele um daqueles frutos já com sinal de fim de vida, pois sua aparência era diferente dos que colheu. O homem ficou a mirar aquela frutinha e reparou que formigas começavam a chegar até esse fruto caído, começaram a cortá-lo com suas pequenas, mas poderosas mandíbulas e a carregar esses minúsculos pedaços para um formigueiro próximo. O homem admirado, pensava ao ver tantas coisas acontecendo sob as bênçãos da majestosa árvore.

— Acho que esse lugar é o paraíso, pois, aqui tem tanta vida acontecendo ao mesmo tempo, com diferentes espécies da natureza, inclusive eu que estou aqui a desfrutar dessa dádiva da mãe natureza.

Vagando por seus pensamentos e lembranças de sua já longa existência, passou a rever sua vida, desde as mais remotas lembranças da infância. Lembrou de toda sua família, sentada ao redor da mesa farta de uma ceia de Natal e nesse momento, sentiu-se triste, pois seus pais, avós e tios já não mais estavam presentes. Da juventude, lembrou dos amigos de escola e uma alegria singela, brotou em seu coração, pois eram lembranças felizes de jovens que sonhavam e se preparavam para o futuro, mas, entre estudos, livros e cadernos havia espaço para camaradagem e brincadeiras juvenis. Ah, doces lembranças, tão doce quanto os frutinhas que o alimentavam e saciavam sua sede. Depois, lembrou-se da sua fase adulta, dos compromissos intermináveis, do trabalho que tanto amava, embora fosse cansativo e exaustivo. Reafirmava a si mesmo que faria tudo de novo, pois era pela família que tanto amava.

Nesse momento disse em voz alta:

— Tudo valeu a pena, obrigado Senhor pelo que me proporcionaste nessa vida, mesmo naqueles momentos de dificuldade e outros de tristeza, hoje, sei que nunca me abandonaste. Obrigado Senhor!

Como o tempo não para a tarde findou naquele lugar maravilhoso, sob a copa da grande árvore e o bom homem nem percebeu, pois só estava ali fisicamente, uma vez que seus pensamentos e lembranças o levaram para muito longe no tempo e no espaço. O viajante se deu conta que a noite começara a cair, olhou para o alto e viu um lindo céu com estrelas aos milhões que pareciam brilhar para homenagear a grande lua cheia.

Como é bela a natureza, exclamou o homem! Como alguém pode pensar que toda essa beleza é fruto do acaso? Claro que há uma inteligência enorme que tudo isso criou e mantém em perfeita harmonia, e a essa inteligência, chamamos de Deus.

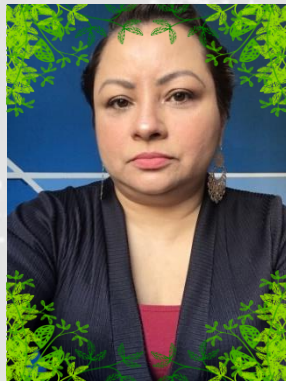
A noite caiu em sua plenitude de beleza acima daquele paraíso e o homem dormiu sem perceber, admirando todo aquele esplendor. Sonhou sonhos de paz e harmonia, dormiu toda a felicidade de sua vida e ao amanhecer, acordou feliz por ainda estar naquele lugar de maravilha indescritível, foi até uma nascente que havia ali, no reino da grande árvore, bebeu da água límpida da fonte, lavou seu rosto e voltou para onde havia dormido.

Nesse momento, caiu a seus pés uma das folhas da grande árvore, mas não era uma folha nova, verde com vida e sim, velha, queimada pelo sol, castigada pelos ventos e pelo frio, castigada pelas estações da natureza que vivera. O homem, sentou-se pegou a folha e olhando atentamente, entendeu o que estava acontecendo: a velha folha o representava naquele momento, mais uma vez olhou para o céu e agradeceu a Deus, por tudo que fizera por ele em sua vida, em todas as suas vidas, também pediu perdão por todos seus atos insensatos. Instantes depois, chegavam até ele várias pessoas, sorrindo, felizes e gritando pelo seu nome. A princípio ficou confuso, mas rapidamente reconheceu diversos daqueles rostos e correu para abraçar um a um com grande alegria, recebendo daqueles que fizeram parte de sua vida, um feliz retorno à casa, à casa eterna, à casa do Nosso Pai.

Afonso M. Cardoso

Aldenize Pinto do Nascimento

É mestra em Educação pela - FAGED/UFAM, possui especialização e graduação em Filosofia/IFCHL/UFAM. Organizadora e coautora de 08 livros na área da educação. Pesquisadora, coordenadora de diversos projetos, entre eles: "Escola e Vida: dialogando com a realidade" que tem o objetivo formar jovens pesquisadores.



MINHAS VERDADES

Sobre a montanha o céu se abriu
E da boca da Terra saíram às palavras
Que marcaram minha vida
Com os pés descalços eu caminhei sobre mim
Desviando dos espinhos
Pisei nas lâminas de aço
Me cortei
Me recortei
Me costurei
Me engoli
E chorei
Nascendo os brotos foram manchados
Foram maculados e torturados
As mãos humanas destruíram a voz
A minha voz não calou
Gritei, mas ninguém me ouviu
Durante décadas exclamei minha dor
E como flor eu continuei exalando o sabor
Me fiz eu
E continuo a lutar como espada
Com o rosto em punho
Com a face firme
E com suavidade e tempestade
Eu sobrevivi
Eu vivi
E vivo
E morri
Sou finita
Serei eterna

Aldenor Soares

Nasceu em Arapiraca-AL a 14 de novembro de 1987. Criou-se em Taquarana-AL, reside na cidade de Manaus-AM desde 2016. Graduado em História pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), é mestre em Educação pela Universidade Tecnológica Intercontinental (UTIC). Trabalhou na rede estadual de ensino de Alagoas. Atualmente é professor da SEDUC-AM e atua na coordenação de área da EETI.



MANAUS

Não nasci nesta cidade
Mas sou chamado de mano
O povo dá hospitalidade
Do cearense ao baiano

Manaus é pura beleza
O Criador mora aqui,
Ele nunca se arrependeu
De certo, provou jaraqui

O rio é caudaloso
Um espetáculo à parte
O teatro majestoso
Um memorial da arte

O manauara tem duas cores
Uma fria e a outra quente
Eu brinco com o assunto
Mas, o boi parece gente

Falam que aqui só tem mato
Vejo verde urbanismo
A capital do Amazonas
É um pedacinho do paraíso

Aldenor Soares

MANAUS A CIDADE DESCONHECIDA

Manaus,
Manaus é o meu quintal.
É o pé de manga,
É o carrinho do mingau.

Manaus,
É o cheiro da borracha;
É sonho do Eldorado;
Do guerreiro Ajuricaba;
Do pôr do sol dourado!

São rios, igapós e igarapés.
É o abacaxi mais doce do mundo.

São Francisco, Redenção, Praça 14,
Parque São Pedro, Planalto;
Palacetes, palafitas sem chão;
Silêncio de Ária Ramos
Descaso e contradição.

Se a floresta é grande demais,
Sou toada e canção,
Sou voadeira e remo,
Sou cidade da selva,
Sou encontro dos extremos

É um lugar tão sonoro,
É o bate-palmas, é a catraia;
Sinfonia de Santoro.

Aldenor Soares

Alex Xela Lima

Professor, escritor, revisor e antologista de Paulo Afonso-BA. Autor de Cinquenta Tons de Poesia (2016), organizador das antologias Poemas de Quarentena (2020), Natal com Poesia (2020), Encantos Nordestinos (2021 e 2023), É preciso amar as pessoas (2022) e coautor em cerca de 60 antologias. É membro da União Brasileira de Escritores e da Sociedade Brasileira de Poetas Aldravianistas. Três vezes Top5 e uma vez Vencedor do Awards Destaques Literários AILB, da Focus Brasil/New York. Instagram: @xelalima_alex



MISSÃO DO POETA

Penso, reflito e escrevo
O que me atrevo a dizer,
Enquanto bocas se calam
Tentando o mundo esconder,
Amo as letras, prefiro escrever.

Com olhos abertos, enxergo
O mundo egocêntrico e doente,
Maculado por dor e desigualdade
Ultrapassado, maltrapilho e deprimente.
Minha missão: encorajar nossa gente.

Alex Xela Lima

Aline Macena da Silva

Jornalista, escritora Coautora em várias Antologias e o livro Infantil "Mais Doce Que o Mel". Membro da ALCAMA – Academia de Letras e Cultura da Amazônia e AEPOCAM – Associação de Poetas e Escritores do Careiro Amazonas.



REMADOR

Rema Bina,
Rema menina!
Rema que teus sonhos
Estão ali à frente
Rema Imponente!

Olha, o pôr-do-sol
É lindo de frente
Quando fizer a curva,
Passe à frente
Contemple, morosamente

Rema!
Você está quase lá
Corre, pula, dança, sente
Este é teu lar
Tua casa, tua semente

Rema, rema!
Falta pouco para chegar
Rema criança, olha para frente!

Aline Macena

Ana Cristina Moura de Sousa Carvalho

Graduada pela Universidade Estadual de Feira de Santana 1989, pós-graduada em Literatura pela Universidade Salgado de Oliveira (Universo), 2003 e pós-graduada Lato Sensu em Educação e Gestão pela Faculdade Pio Décimo, 2009. Natural de Feira de Santana-BA, nasceu em 21 de outubro de 1965, residiu em Feira de Santana até dezembro de 1990. Participa de Antologias de algumas academias e escreveu um livro de contos que fora enviado recentemente para o edital da SEDUC/SE.



ENCANTAMENTO

Melhor palavra não há,
Para significar a Amazônia,
Encantamento.
Encantamento pela imensidão,
Pela fauna e pela flora.
Encantamento pelos povos,
Povos ancestrais.
Encantamento pela cultura, pela culinária,
pela Festa do Boi.
Festa do Boi Bumbá Garantido,
Festa do Boi Bumbá Caprichoso.
Durante três dias e três noites,
disputam em Parintins,
em performance de enredo e de beleza.
Garantidos representados pela cor vermelha,
Caprichosos representados pela cor azul.
Eu, nordestina, nascida na Bahia,
residente em Sergipe,
nunca estive lá.

Aqui no Nordeste acompanho, encantada,
A pujança desse Estado.
A magnitude de seus rios:
O Solimões/Amazonas, o negro, o Branco,
O Madeira, o Purus e o Juruá.
Esses garantem a navegação hidrográfica
Único meio de acesso à quase totalidade
Dos municípios da região.

A majestade da Vitória Régia.
A sabedoria dos povos ancestrais: Yanomamis
e de vários grupos isolados
Protetores do bioma Amazônia.
A exuberante floresta faz divisa
Com a Venezuela ao Norte,
com a Colômbia ao Noroeste.
Encantamento,
Melhor palavra não há,
Para significar a Amazônia.

Ana Cristina Moura de S. Carvalho (AnaCris) 20/07/2023

Ana Larissa Dutra Cordeiro Melo

Graduada em Pedagogia pela Uni. Federal do AM - UFAM. Atualmente é professora nível I da Fundação Bradesco/ Manaus. Servidora na Secretaria Municipal de Educação (SEMED). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem. Esp. em Supervisão Escolar e Orientação Educacional pela (UFAM (2010). Graduada em Direito pela Faculdade La Salle- Manaus (2022).



"Eu aprendi que são os pequenos acontecimentos diários que tornam a vida espetacular" -William Shakespeare

DE REPENTE MÃE

Positivo!

É o que diz o teste de gravidez.

A partir disso, tudo se transforma...

Desde o início, por ele se nutre muito amor e carinho.

O ponteiro do relógio muda o compasso

De repente, em seus braços se tem um "pacotinho".

É um momento único Cheio de intensidade e emoção

Ao ter o bebê nos braços

Se enche de amor o coração. Gabriel, o nome de um anjo

Com seu nascimento um novo ser me torno

Uma mãe cheia de planos, várias ambições e necessidades

Já não penso primeiro em mim

Outras passam a ser as prioridades


Chegaste em um momento

Que a vida precisava de um sentido a mais

Eu te amo mais que tudo

Como nunca amei alguém, rapaz

Você foi por nós desejado



Um bebê muito esperado
Jamais imaginei que tu serias tão perfeito
Menino lindo desde o jeito
A ti como mãe,
Um coração cheio amor posso oferecer
Além de braços abertos
Para sempre te acolher.

Ana Larissa

Ana Lins

É uma poetisa que ama a natureza, a vida, escreve porque é o que faz seu coração pulsar mais forte. Pela graça divina tem três livros de Poesias. Várias participações em revistas e antologias poéticas. Em 2020, ganhou títulos de referência literária, é contemporânea pela editora Oposto. Passou no concurso sarau Brasil.



AMADA AMAZÔNIA

Na selva vasta e verdejante, rica em vida e encanto,
A Amazônia brilha, um tesouro em cada canto,
Suas árvores altas tocam os céus com graça,
E sua biodiversidade embeleza cada praça.

O rio serpenteia, um espelho líquido a refletir,
As tuas florestas que nunca deixa de surpreender.
Animais únicos dançam sob o dossel verde,
Um ecossistema mágico que o mundo deve defender.

Oh, Amazônia querida, pulmão da Terra és tu,
Com tua exuberância e mistério, um presente ao mundo cru.
Proteger-te é um dever, um compromisso de coração,
Para garantir que tua beleza dure gerações, luto com razão.

Então unamos nossas vozes em um coro de conservação,
Pela Amazônia, celebremos com dedicação.
Por entre as árvores altas e rios a fluir,
Prometamos preservar-te, para sempre existir.

No princípio criou Deus o céu e a terra... Bíblia
Gratidão a Deus pela linda Amazônia.

Ana Maria Pimentel Monte

Natural de Quixeramobim e residente na cidade de Quixadá-Ce. Graduada em letras e pedagogia. Especialista em Português, arte e educação. Professora apaixonada pela profissão, persistente, resiliente e acredita que cada dia é uma oportunidade para recomeçar e ser feliz.



Canto que nem sabiá
Nas matas do meu sertão
O gorjeio que vem de lá
Me enche de emoção.

Aqui sou visitante
Não vou me demorar
Aproveito cada instante
para me lapidar

Cada dia um aprendizado
Todo momento uma lição
É preciso estar conectado
E prestar muita atenção

Não perder a oportunidade
De cumprir bem a missão
Viver na simplicidade
E praticar boa ação

Em cada ação praticada
Fazer o melhor que puder
Se for bem semeada
Poderá bons frutos colher

Muita coisa causa tristeza
E faz o coração chorar
É preciso ter firmeza
E não deixar de acreditar

Faça tudo valer a pena
Nunca deixe de se encantar
A vida é tão pequena
É preciso aproveitar

Feito estrela cadente
A vida segue ligeiro
É preciso ser consciente
Da vida somos apenas
passageiros

Estamos numa viagem com
hora marcada de chegada e
partida
É preciso ter coragem
Pra bem viver a vida

Angelina Manuela Santos de Almeida

Nascida em 26/12/2008, na cidade alta do bairro de Educandos, na cidade de Manaus no Estado do Amazonas. Filha da Senhora Angélica Santos de Almeida, cursa o 9º ano do Ensino Fundamental.



“AMAR-TE FOI MEU ATO DE AMOR MAIS POLÍTICO”...

E Quando...

Quando a escuridão me assustar, você ainda estaria aqui?

Quando eu me perder de mim, você ainda tentaria me encontrar?

Quando eu me afastar por não ser suficiente, você ainda vai tirar essa dor de mim?

Eu te emprestaria meus versos, se me devolver mais tarde, eu poderia explicar o meu sorriso ao te olhar, ou até postar aquela foto do bendito poema.

A tristeza veio pra ficar, e você não está mais aqui pra rir de algo que só nós sabemos o que é.

Você está aqui pra curar meus medos de insuficiência? Eu queria que você soubesse que, o que nós temos ninguém mais tem.

Eu ainda irei te amar se for cruel comigo, e quando esse reino cair, eu ainda vou tentar achar razões para não acabar, mesmo que eu vá morrer de pouquinho a pouquinho.

Eu só quero uma razão pra sermos felizes.

E mesmo com cicatrizes pelo corpo, vou manter meus olhos em você. Mesmo que eu vá a outros lugares e visite outros universos atrás de olhares,

eu sempre vou carregar um pedaço de sua constelação comigo, pois sempre irei aguardar por ti.

Deixou teus girassóis comigo e depois me fez de refém, me lembro como se fosse ontem, te trouxe alguns fatos, mas não me trouxe suas flores, e confesso que neste dia tive uma seria insônia...
Em tanta gritaria do meu coração tua voz grave se fez calar toda a multidão e confusão que me cabe aqui dentro.
Te fiz poemas com papel e uma simples caneta.
Preciso de ti aqui, mas nunca iria insistir pra alguém que quer ir embora, ficar.
Por mais que eu queira nada vai mudar esse pensamento lento.
E de novo, eu faço a dita pergunta.
Quando todos forem embora, você ainda vai recorrer a minha pessoa como símbolo de carência?
E quando eu disse que estou bem depois de me perguntarem de ti? O que eu falaria?
Em algum momento, essa pergunta irá vim à tona e eu simplesmente diria que, ainda vejo um pequeno deslumbre de tudo, mas que estou bem assim, e que superei o simples fato de não ser o suficiente pra você.

Angelina Manuela

Antônio Carlos Lemos Ferreira

Professor de História de Juiz de Fora -MG.
Autor dos livros: O Santo Fужão, e do infantil:
A Lenda do Morro da Boiada. Membro da
Confraria dos Poetas



SERRA INCANTADA

(A memória do Sr. Francino das folias de Reis)

Na minha terra – mesmo - seu moço...
o que tem de apartado de vera
até hoje - l'nda agorinha...
É o Morro da Boiada que espera
ver suas histórias contadas todinhas

Tinha um caboclo - pele e osso
que ripitia... ripitia... ripitia...
Um montão daqueles episódios
ocorridos pelas rancharias

I quem perneia por lá pelo Sítio
d'onde ocorre essas aleivozia???
Naquelas horas Medonhas
No breu!!! Ans' de raiar o dia???

Só se então tiver: fé e coragem
pra romper com as carças sem barro
em dias que nem chovia...
Ou entonce... Se souber réza e encanto
e no peito guardar valentia

Mas não gasta de ter só da vontade
tem que ter de outras mais - ousadia
Passa lá que trazer d'endo peito
aquele amor e tombém alegria

Aí então... Rompe sim sinhô!
protegido pelo St^o Antôhno
guiado das Almas Bendita
nos braços da Virge Maria

Antônio Carlos Lemos Ferreira

Antonio Jadir Augusto de Souza

(53), é natural de Itacoatiara (AM). Administrador, professor, poeta, compositor letrista nos festivais de música cristã-católica de Manaus-AM. Participa de diversos festivais de música popular e poesia, como FECANI e CONPOFAE e outras. Está preparando-se para publicar seu primeiro livro solo de poesias.



CANOA

Canoa, que carrega vidas,
Sonhos e esperanças,
Mulheres, homens e crianças.
Canoa, que carrega alimentos,
Trabalho da nossa gente,
Peixes, redes, cuias, farinhas,
Açaí, piaçava e sofrimentos...
Canoa, que adentra silenciosa,
Sob o remo do remador,
Igarapés, igapós, buritizais,
És símbolo dos ancestrais.
Canoa, que desliza devagar
Nas bravas águas correntes,
Povo ribeirinho a mirar
Gigante que morrerá mar.
Canoa, a espera no porto
Para humilde serventia.
Na Terra toda estais,
Aqui e em outros quintais.
Canoa, somos todos nós,
Cheios e vazios a navegar
Nas muitas curvas do rio,
Nas curvas que a vida dá.

Manaus (AM), 22 de março de 2023. - Jadir Augusto

Antônio José Santos de Jesus

Antônio Aruanda nasceu em 19 de setembro de 1972, em Nazaré, Bahia. É professor, formado em Letras pela Universidade Católica do Salvador. É também terapeuta holístico, autor, compositor, cantor, músico, ator, pesquisador, folclorista e dramaturgo. Publicou vários romances, participa de diversas antologias poéticas nacionais e internacionais, projetos culturais e artísticos no Brasil e no mundo.



Eu não escrevo; sou Literatura.

A VITÓRIA RÉGIA

Naiá se enamorou de Jaci, a Lua,
Que iluminava as noites.
Pajé dizia que Jaci descia à terra
Para alguma virgem buscar.
E a fim de ter uma companhia,
Transformava-a em estrela
Para que ela no céu, pudesse
brilhar.
Durante o dia, bravos guerreiros
Tentavam Naiá conquistar
Mas de balde tudo era
Pois todos os convites de
casamento
A bela mulher punha-se a recusar.
E mal a noite caía,
Naiá apaixonada saía
Para Jaci admirar.
Jaci indiferente brilhava
E a Naiá tratava

Da mesma forma que ela
Com os guerreiros fazia.
Como qualquer ser apaixonado
Abnegada, Naiá aguardava
Quando no horizonte Jaci subia e
baixava.
E quando a barra do dia surgia,
Desbandeirada, em sentido oposto
ao sol corria
Para tentar alcançar sua amada.
Corria e tanto corria,
Até que morta de cansaço
No meio da mata caía.
Noite após noite,
A tentativa de Naiá se repetia,
Até que a moça adoeceu um dia
E esse amor de perdição,
Porque só tinha da amada a
rejeição,

Levou Naiá, aos poucos, a
definhar.
Mesmo enferma estando,
Noite não havia em que, se
arrastando,
Naiá não fugisse para Jaci adorar.
Não era mais Naiá que vivia
Mas a paixão que a consumia
E que a fazia minguar.
Até que numa ocasião,
Vencida pela exaustão,
À beira de um igarapé,
A indígena tombou no chão.
Febril e delirante,
Quando então acordou,
Foi tomada por um susto
A dádiva era tão grande
Que quase não acreditou:
Nas águas claras do igarapé,
Boiava o reflexo de Jaci
Naiá exultou de tanta felicidade
Porque, finalmente,
a amada estava ali
Bem ao seu alcance
E bastava apenas um lance
Para com ela estar.

E totalmente arrebatada
As últimas forças usando
Naiá não teve dúvida.
Nas águas profundas mergulhou
E por elas foi abraçada
E nesse abraço, se afogou.
Vendo o sacrifício de Naiá,
Jaci finalmente a notou
E numa estrela incomum
Ela a transformou.
O destino da índia no céu não
estava
O destino da índia nas águas
morava
A refletir o clarão do luar.
E Naiá virou Vitória Régia
A suntuosa flor amazônica das
calmas águas
A estrela das águas
Tão linda quanto as do céu
E com um inconfundível perfume.
Quando Jaci surge no firmamento,
O amor paira no ar
Vitória Régia, cheiro de paixão
exala,
E abre suas pétalas ao luar.

Antônio Aruanda

Antonio Marcos Bandeira

É Graduado em Língua Portuguesa e Pós Graduado em Gestão e Coordenação Escolar. Integrante de várias academias de letras e artes no Brasil Dentre elas: AABLA-Academia Antônio Bezerra de Letras e Artes- Fortaleza, AVLPL: Academia Virtual de Língua Portuguesa e Literatura, ACLC-Academia Cearense de Literatura de Cordel, e AILB-Academia Internacional de Literatura Brasileira professor, ator e diretor teatral formado pelo Theatro José de Alencar, participa de Bienais Internacionais de Livro do Ceará e de outros Estados Brasileiros.



MEUS ALFARRÁBIOS

Em meio aos meus alfarrábios
Muitas coisas encontrei
Versos, prosas e cordéis
E então eu vislumbrei
Textos inacabados
Refleti e me encantei

Com verves bem remotas
Permeadas por lembranças
De saudades bem guardadas
Tempos com muitas mudanças
Textos que não foram lidos
Para adultos e crianças

Choro, sorriso, alegria
Uma verdadeira mistura
De vontades e desejos
De caboclos com candura
Inocências, aspirações
Com a tal da desventura

Em meio aos meus alfarrábios
Pelo tempo amarelados
Poemas de um amor caboclo
Já velhos, sujos, manchados
Prosas a trinta anos
Esquecidos e rasgados

Entre os meus escritos
Eu então pude ler
Cabocla não te esquecerei
Te beijar será prazer
A amo, quero, desejo
Em meus braços te envolver

Em meus velhos alfarrábios
Que guardados ali estão
Escritas da minha vida
Perpassam meu coração
Em vilancetes, poemeus
Lindos como uma canção

Em meio aos meus manuscritos
Mágoas, ressentimentos
Borradas, envelhecidas
Levadas então pelos ventos
E as marquises da vida
Sopradas nos pensamentos

Em meio as velhas folhas
Ali já esquecidas
Palavras, fortes, duras
Algumas bem esculpidas
Na moenda do viver
Vivendo comprometidas

Em meio aos meus alfarrábios
Eu os reescrevi
Nestes novos escritos
Assim eu os revivi
Os reformulei, repensei
E os redescobri

Pensei em queimar tudo
Jogar fora ou rasgar
Depois com muito carinho
Resolvi então guardar
Escrevi essa poesia
Para ler e meditar

Antonio Marcos Bandeira

Audres Marta Carvalho Gomes

Nasceu em Tefé (AM), em 1970. Graduiu em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1996), é mestra em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (2022). É professora na SEDUC/AM, atuando na equipe da Coordenação Estadual da Educação Ambiental. Possui uma trajetória como professora formadora na implementação da Base Nacional Comum Curricular no estado do Amazonas, com experiência na Educação do Campo e práticas pedagógicas na sua área de formação, educação ambiental, salas multisseriadas e práticas inovadoras na sala de aula para professores da rede pública de ensino.



O CAMINHO QUE PERCORRO NA DIVERSIDADE ÉTNICA DO MEU LUGAR

Do mirante das mangueiras, contemplo o pôr do sol que nos presenteia com tamanha beleza. Observando a imensidão do firmamento, minha mente se enche de pensamentos sobre este mundo de múltiplas proezas.

Ao caminhar por aldeias, comunidades e lugarejos de vários municípios – Maués, Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Itapiranga, Urucurituba, Fonte Boa, Tapauá, Nhamundá, Atalaia do Norte, São Sebastião do Uatumã, Uarini, Alvarães, entre outros e minha querida Tefé – tive a oportunidade de conhecer diversas histórias de verdadeiros guerreiros e guerreiras na arte de **aprender e ensinar**. Ou seria na arte de **aprender e compartilhar**? Enfim! São professores e professoras das escolas do campo no Amazonas que no início da semana se deslocam de barco, voadeira ou numa canoa com um motor de rabeta por entre os banheiros das nuances do rio Amazonas prontos para mais uma jornada.

E o que levam consigo? Nada mais do que a coragem, seus livros e poucos pertences para que durante a semana possam estar em companhia de crianças, jovens, adultos e idosos que frequentam a

escola – seja de madeira, um barracão ou até uma glamorosa construção feita pelo Estado ou Município. Algumas são equipadas com energia, água encanada, eletrodomésticos e materiais didáticos enquanto outras apresentam falta de equipamentos, equipamentos negligenciados por falta de uso ou danificados e sem conserto. Destes professores e professoras guardo alguns relatos:

“Hoje cheguei um pouco tarde, o tempo não estava bom e o banheiro quase alaga minha canoa, pois o rio é grande demais. Já passei grande sufoco nessa travessia que dá medo”.

“Sou a única professora, deixo os alunos com atividades e vou preparar a merenda, saio mais tarde do que eles e deixo tudo limpo para o dia seguinte”.

“Somos esquecidos, temos que dar o jeito pra tudo e o que temos da Secretaria? Apenas a cobranças e cobranças.”

Estes profissionais da educação estão diretamente ligados ao lugar pelo trabalho, pelas relações familiares e que vivenciam diferentes espaços e culturas, pois, no campo encontramos diferentes sujeitos! São pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas, camponeses, assentados, ribeirinhos, caboclos, e outros mais, como afirma Roseli Caldart (2002). Todos fazem parte de uma única nação, que se identifica pela língua dominante, pela moeda corrente e pelo que se destaca na cultura, na religião em nível nacional. Possuem diferentes modos de vida, lutam por objetivos diversos, possuem uma identidade territorial e seu trabalho é realizado de acordo com sua vivência constituindo um povo, o povo brasileiro. Trazendo consigo sua [...] a herança social na Amazônia é constituída por canoas, igarapés, fornos, casa de farinha, anzóis, arpoeiras, tarrafas, chapéus, tupés, sistemas de pesca, de caça, de cozinha, e muito mais como relata Araújo (2003, p. 144).

São características do povo do Amazonas que para compô-las é necessário recorrer a uma gama de informações e conhecimentos sobre a grande diversidade ambiental, política e econômica da região, partindo mesmo do desenvolvimento histórico e respondendo a alguns questionamentos: Que formação de identidade(s) são encontrada (s) no contexto amazônico? Como podemos identificar as formas de territorialidades presentes neste espaço que é tão conhecido por sua exuberante fauna e flora? E quanto à nação? Somente uma ou encontramos várias? Com tanta diversidade como se processa o

conhecimento através da educação para os povos do campo no Amazonas?

Pensar educação para esta parcela da população é resgatar propostas pedagógicas de grandes pensadores da educação em seu tempo e experiência, como Alberto de Campos, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Paulo Freire, e muitos outros que enveredaram seu trabalho por uma educação integral, no cerne de seu significado, ao entendermos o sujeito em todas as suas dimensões, político, social e espiritual. Então destaco o sonho de professores das escolas do campo do município de Barreirinha (AM), entre eles indígenas, quilombolas, ribeirinhos, e professores da zona urbana que por falta de oportunidade de trabalho aceitam o desafio de se deslocarem de suas sedes para comunidades ribeirinhas, que sonham em estar em uma comunidade, aldeia ou quilombo com serviço de fornecimento de energia elétrica, saneamento básico, abastecimento de água potável, posto de saúde, telefone rural e acesso a internet, centro recreativo e esportivo, e que políticas públicas sejam criadas de acordo com suas necessidades e realidade.

Que a escola possa exercer sua função social, formando sujeitos participativos na vivência de sua comunidade, seja um espaço de conquistas e lutas por direitos e benefícios desde a infraestrutura, com salas de aulas climatizadas, informática, recursos humanos, como gestores, serviços gerais, vigias, professores e alunos atendidos com transporte escolar, merenda, material didático, fardamento, acompanhamento pedagógico, formação continuada de professores, projetos sociais comunitários que proporcione a valorização da cultura e a segurança dos moradores, e uma organização através de movimentos sociais ou lideranças comunitárias, que consiga buscar recursos para construir a casa do professor, a valorização de seu serviço com melhores salários e recursos para o desenvolvimento de suas atividades pedagógicas. São sonhos sonhados pelo sujeito do campo e os profissionais da educação.

Todo conhecimento é valioso, portanto, saber e não fazer é o mesmo que não saber! E continuo a olhar o pôr do sol embaixo das mangueiras, contemplando a calma do lago de Tefé, minha amada terra natal!

Audres Marta Carvalho Gomes

Beatriz Perdigão dos Santos

Manauara/Am, nasceu em 27 de janeiro de 2009. Filha de Levi Pedrosa dos Santos e Ramily da Silva Perdigão. Estudou em outras escolas públicas antes de entrar no 6º ano no CETI Gilberto Mestrinho de Medeiros, atualmente, cursa o 9º ano. É apaixonada pela arte de fazer poesias, envolvendo os próprios sentimentos da vida.



"O que é pra ser teu, te encontra!"

SAUDADES

Sinto tua falta a cada segundo de tempo, de uma forma que você nunca seria capaz de acreditar.

Te olho pelos arredores, meus olhos então, brilham tão intensamente quanto as batidas do teu coração que era tão divertidas de ouvir.

Eu facilmente reconheço teu cheiro, e reconheço ainda mais o som do teu riso que já não é direcionado a mim.

Te busco incansavelmente em cada texto por mim escrito, ainda quero que o mundo não me veja, gosto de que apenas você saiba quem eu sou. Ninguém entenderia se eu dissesse que te quero pra mim novamente, igual as ondas são do mar, igual os caracóis dos nossos cabelos que se encaixam tão bem, igual o brilho dos nossos olhos que me cegaram de uma forma inevitável.

Ouçó nossas melodias, agora tão vazias. Não gosto de pensar no quanto errei. Te peço perdão, mesmo que seu orgulho jamais permitiria aceitar. Sei que minha alma é cigana, mas diante a nós só encontro vazio, de repente uma interrogação surge acima da minha cabeça perguntando incansavelmente; o que o amor vira quando chega ao fim? Isso se torna

irônico no momento que percebo que ele jamais deixou de existir, ou melhor dizendo, te amarei dessa vida até as outras.

O tempo passou lentamente depois que te observei ir embora sem ao menos cogitar olhar pra trás, entretanto, ainda posso sentir teus beijos e tua boca doce que encaixava perfeitamente a minha.

Costumava dizer que eu era melhor só, e jamais deixou de ser um fato, mesmo que talvez eu só queira alimentar meu ego dizendo isso.

O choro constante durante a madrugada silenciosa me fazia remoer tudo, eu ainda não estava pronta pra te deixar partir. Apesar de tudo, eu espero que um dia você volte, mas jamais pedirei por isso.

Nosso amor bobo não se encaixa nessa vida, mas espero que em alguma ele se torne perfeito, pois acredito fielmente que por toda a eternidade, diante mil vidas e universos eu seja a tua dama.

Beatriz Perdigão

Betinho de Saubara

É natural do município praieiro de Saubara – Bahia. Poeta, historiador, escritor, colunista social, pesquisador e professor. Participou de inúmeras coletâneas poéticas. Recebeu menções honrosas e medalhas pela sua participação em concursos de poesias. É um autêntico saubarense que tem forte vínculo cultural com as manifestações populares: “Cheganças”, “Bailes Pastoris”, “Ternos de Reis”, “Bumba-meu-boi”, “Zé do Vale”, “Sambas”, “As Tabaroas”, “Barquinha” e “Caretas do Mingau”.



RIQUÍSSIMA AMAZÔNIA

Quando for possível, riquíssima Amazônia,
Conhecerei os teus guerreiros indígenas:
Yanomami, Munduruku, Kayapó, Ticuna.
Navegarei pelos teus caudalosos rios:
Solimões, Madeira, Purus, Juruá, Xingu.
Degustarei os teus apetitosos peixes:
Pirarucu, piraíba, jatuarana, surubim.
Escutarei os maviosos sons das tuas aves:
Uirapuru, araponga, arara, tucano.
Apreciarei o colorido das tuas flores:
Helicônia, vitória-régia, girassol, munguba.
Ouvirei as tuas emocionantes lendas:
Curupira, boitatá, caipora, boiuna.
Provarei dos teus saborosos frutos:
Açaí, guaraná, cupuaçu, araçá-boi.
Assistirei as tuas manifestações culturais:
Bois-bumbás Caprichoso e Garantido.

Quando for possível, riquíssima Amazônia,
Defenderei o teu imenso território!
Protegerei os teus indefesos animais!
Defenderei a tua indefesa floresta!
Cuidarei das nascentes dos teus rios!
Lutarei pela defesa dos teus indígenas,
seringueiros, pescadores!

Betinho de Saubara

MOMENTOS AMAZÔNICOS

Durante a noite, quando a Lua e as estrelas
estiverem a iluminar o rio Solimões,
quero conversar com elas,
a fim de contar-lhes os meus sonhos!

Durante o amanhecer, quando as aves
estiverem a cantar para à Natureza,
quero escutar os teus maviosos sons,
a fim de alegrar a minha vida!

Durante o dia ensolarado, quando os seringueiros
estiverem a trabalhar na densa floresta,
quero participar dos teus profícuos trabalhos,
a fim de fortalecer o meu viver!

Durante o dia ensolarado, quando os pescadores
estiverem a pescar nos piscosos rios,
quero participar das tuas artesanais pescarias,
a fim de alimentar o meu existir!

Durante o dia ensolarado, quando os indígenas
estiverem a lutar pelos teus direitos cidadãos,
quero participar das tuas acirradas lutas,
a fim de vencer as batalhas da vida!

Betinho de Saubara

TRIBUTO À AMAZÔNIA

Um dia, cantar-te-ei que és rica em flores,
vê a “Flor do Beijo”, a “Flor de Maracujá”.

Um dia, descrever-te-ei que és rica em frutos,
vê o guaraná, o abiu, o tucumã, o bacuri.

Um dia, propalar-te-ei que és rica em animais,
vê o uacari, o sagui, o tatu, o lobo-guará.

Um dia, divulgar-te-ei que és rica em minerais,
Vê o titânio, o nióbio, o ferro, o manganês.

Um dia, caracterizar-te-ei que és rica em rios,
vê o Solimões, o Negro, o Branco, o Juruá.

Um dia, falar-te-ei que és rica em lendas,
vê o Curupira, a Iara, o Saci Pererê, a Cuca.

Um dia, retratar-te-ei que és rica em vegetação,
vê o igapó, a várzea, o mangue, a serrana.

Um dia, contar-te-ei que és rica em povos indígenas,
vê os Yanomami, os Ashaninka, os Kayapó, os Matis.

Betinho de Saubara

QUERERES AMAZONINOS

Durante o meu viver, Amazônia,
um dia, nas tuas densas matas
quero caminhar entre flores e aves.

Durante o meu viver, Amazônia,
um dia, nas tuas cerradas matas
quero esconder o meu corpo.

Durante o meu viver, Amazônia,
um dia, nos teus caudalosos rios
quero banhar o meu corpo.

Durante o meu viver, Amazônia,
um dia, nas margens dos teus rios
quero descansar livremente.

Durante o meu viver, Amazônia,
um dia, nos teus piscosos rios
quero pescar saborosos peixes.

Durante o meu viver, Amazônia,
um dia, nas tuas perfumosas matas
quero respirar o ar puro da Natureza.

Betinho de Saubara

DESCREVENDO A AMAZÔNIA

Tu és a exuberante “PARÀ-NÀ-GUAÇÚ”,
maravilhosamente cantada em prosa e versos,
por ser denominada “Semelhante ao mar grande”!

Tu és a exuberante “PARÀ-NÀ-GUAÇÚ”,
magnificamente cantada em prosa e versos,
por ser considerada como “Terra dos indígenas”!

Tu és a exuberante “PARÀ-NÀ-GUAÇÚ”,
esplendorosamente cantada em prosa e versos,
por ser coberta pela densa floresta amazônica!

Tu és a exuberante “PARÀ-NÀ-GUAÇÚ”,
lindamente cantada em prosa e versos,
por ser banhada pelos caudalosos rios amazônicos!

Tu és a exuberante “PARÀ-NÀ-GUAÇÚ”,
ricamente cantada em prosa e versos,
por ser riquíssima em flores, frutos e animais!

Tu és a exuberante “PARÀ-NÀ-GUAÇÚ”,
politicamente cantada em prosa e versos,
por ser defendida pelos bravos seringueiros,
castanheiros e pescadores.

Betinho de Saubara

Carla Emanuele

Presidente da Academia Arapiraquense de Letras e Artes - ACALA. Presidente da União Brasileira de Escritores - UBE Núcleo Arapiraca. Produtora de eventos culturais, acadêmicos e científicos, Professora. Formadora. Pesquisadora. Consultora Educacional. Escritora. Proprietária da Editora Performance.



**Ocupa com seu terror
O universo da paz.**

AMIZADE VERDADEIRA

Amizade verdadeira é sincera
É aquela que ajuda e não espera
Escuta com paciência nossas mágoas
E uma palavra já é conforto pra nossa alma

Amizade é um sentimento sublime
É uma relação que acolhe e não oprime
Prevalece a cumplicidade e a união
É uma mistura de amor e compreensão

Ilumina nossa mente e nosso coração
Um conselho soa como uma canção
Para muitos é até um remédio
Conversa, desabafa e sai do tédio

É algo tão bom que não se explica
Tudo entre amigos se comunica
Com sinceridade, sem falsidade
Confiança, serenidade e verdade

Sem inveja, competição nem hipocrisia
Se um amigo se destaca, será uma alegria
Admire e valorize suas qualidades
O vínculo só existe quando há reciprocidade

Seja primeiro o amigo que gostaria de ter
Com este perfil, você vai entender
Que não é o outro que precisa melhorar
Mas sim você que precisa primeira se amar

Para poder manter relações verdadeiras
Mesmo sem você ter eira nem beira
Serás amado pelas suas amizades
Que independente da sua realidade
Sempre te apoiará e estará a disposição
Você tendo uma vida boa ou não!

Se você tem pelo menos um amigo
Terás sempre um porto seguro, um abrigo
E isso não há dinheiro de pague
Por que é rara uma verdadeira amizade!

Carla Emanuele

Carlos Oliveira Nascimento

Filho de Maria Josefa e José Batista, é natural de Aracaju/SE, reside em Nossa Senhora da Glória/SE. É Historiador, Psicopedagogo Clínico e Institucional, cursando Neuropsicopedagogia, atuou como tutor e mediador do Mais Educação e Novo Mais Educação, com textos publicados em várias Antologias e Revistas on-line dentro e fora do estado de Sergipe, organizador da I Antologia Sítios-novenses de Jovens Escritores & Convidados, fundador do Clube de Leitura Prof^a Josefa Marques, apreciador e divulgador da Literatura Sergipana. Idealizador da página @uma.boa.leitura10



**Tão linda como uma rosa,
Rosa está que floresce
No mês de maio
Mês dedicado às mães**

ROSA DE MAIO

Tão pequena e tão grande
Começa no número 10
E termina na 133
Tão linda como uma rosa,
Rosa está que floresce
No mês de maio
Mês dedicado às mães
Como você acolhedora
Com todos que chegam
Como uma mãe.

Cheguei aos 13
E por aqui estou
Te conheci em terra batida
Com menos casinhas
Já se comemorou o São João
Com quebra pote, milho e quentão.

De ti se ver o horizonte
Nome dado a sua localidade
Quem vai embora
Fica na saudade.

Cátia de Lemos

45 anos, amazonense nascida em Manaus, extraída e fortalecida pelas raízes dos povos da floresta. Cega aos 17 anos aprendeu, a contemplar o mundo, os outros e a si mesma com a curiosidade incessante das crianças. Por meio da Educação tornou-se Doutora no ato de amar profundamente todos os seres criados por Tupã.



AMAZÔNIA, MEU ORGULHO!

Da mãe terra sou semente,
De Tupã, o autor da vida,
Sou filha da água corrente,
Fruto de gente sofrida.

Gente valente e honesta
Que mesmo sendo oprimida
Olha a gente nos olhos
E anda de cabeça erguida.

Sou cabocla orgulhosa
De ser filha deste chão
Desta gente maravilhosa
Que expressa tanta paixão.

Pois a “gente” da minha terra
É guerreira sim senhor
Que merece mais respeito
Trabalho casa e valor.

Meu povo já não se ilude
Com a tal modernidade
Pois só nos querem roubar
A nossa diversidade.

E a ganância estrangeira
Tentando nos manipular
Mente descaradamente
Fingindo nos preservar.

Mas nosso povo indignado
Percebendo a falação
Por isso é ameaçado
Pelos donos da situação

Porém não fiquemos parados
Nem aceitemos calados
Tamanha alienação
Pois homem civilizado
É quem se faz respeitado
Construindo esta nação.

Célio Augusto Costa do Nascimento

Estudou na Faculdade Federal do Amazonas, se formou em Engenharia Civil a 20 anos. Atuou muito tempo nas comunidades da igreja católica, é missionário Leigo Redentorista e atualmente é servidor público da Prefeitura Municipal de Porto Velho-RO, com o cargo de Engenheiro Civil e Eng. de Segurança do Trabalho.



80 ANOS DOS REDENTORISTAS NA AMAZÔNIA

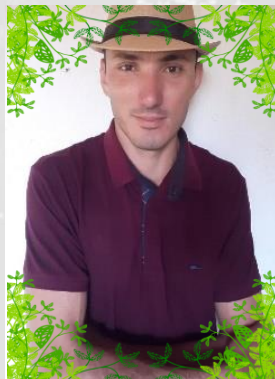
Não foi 80 segundos, 80 minutos, 80 horas, 80 dias, 80 semanas ou mesmo 80 meses, mas foram até aqui 80 anos desde 22 de julho de 1943. Foi um pedido do Bispo da Arquidiocese de Manaus, Dom João da Mata aos Redentoristas, vir para entrar e evangelizar na Amazônia os caboclos que viviam bem afastados. Chegaram aqui usando suas batinas pretas, um grande rosário amarrado na cintura com a cruz como se fosse uma espada, mas logo, perceberam que o as batinas pretas não combinavam com o verde da Amazônia, por isso logo pediram aos seus superiores para usar o branco que se destaca nos rios e nas matas e assim, o branco passa a ser a cor dos redentoristas na Amazônia. Santo Afonso, o fundador dos Redentoristas, em 1732 disse a todos “que em Cristo a Redenção é copiosa e para todos”, resolveu com isso ir ao encontro dos Cabreiros (cuidadores de cabras), homens e mulheres que moravam nas montanhas, lá em Nápoles. Aqui os redentoristas vieram para Amazônia ao encontro dos Caboclos, ribeirinhos e pescadores, que moravam nos rios e matas mais distantes da Amazônia, para dizer para nós que a missão é assim, em lugares que ninguém pensa ir onde tiver uma pessoa que ainda não conheceu a Cristo e sua copiosa Redenção. Os Missionários Redentoristas, como são chamamos os Padres, religiosos e Leigos, nesses 80 anos vem motivando os caboclos da Amazônia a continuarem a missão, por isso hoje são vários Padres, Religiosos e Leigos que a partir de nossa

realidade surgem como missionários a evangelizar nossa Amazônia, quantas belas vocações surgiram nesses 80 anos de missão na Amazônia! Lá vem as Santas Missões Redentoristas, renovando a fé de tantos caboclos católicos, as Santas Missões nesses 80 anos são os eventos mais comuns acontecidos nesses beiradão de rios de nossa Amazônia, afirmando que devemos fortalecer a “Fé e Vida”, frase impressa no livrinho muito utilizado nas comunidades da Amazônia durante as Santas Missões. No dia 22 de julho de 2023, festejamos e celebramos os 80 anos, nesse momento só agradecimentos ao Deus da Vida por nos ter dado tantos testemunhos de vida missionária nesse chão amazônico. Quantos padres, religiosos e leigos deram sua parcela de contribuição até chegar em nossos dias. Parabéns congregação do Santíssimo Redentor, obrigado por nos ter ensinado que somente em Cristo a Redenção é copiosa e para todos. VIVA OS 80 ANOS! E para quem ler esse texto, se recorde que mais anos estão por vir e que a missão só cresce nesse solo sagrado de nossa bela AMAZÔNIA.

Célio Augusto

Charles Melo

Natural de Groaíras/Ceará. Poeta, escritor, cordelista, trovador e declamador. Graduado em Administração e membro de algumas agremiações: UBE - União Brasileira de Escritores (Arapiraca-AL); ACALA - Academia Arapiraquense de Letras e Artes; ALCPN - Academia Literária Clube da Poesia Nordestina (Serra Talhada-PE); ALCS - Academia Lítero Cultural de Sergipe (Aracaju-SE); ACEL - Academia Camocinense de Estudos e Letras e membro fundador e atual presidente da ACLC- Academia Cearense de Literatura de Cordel (Groaíras-CE). Autor de 2 livros de poesias e de cordéis.



SOU A VOZ DO MEU SERTÃO

Eu tenho orgulho de ser
Do solo groairense
De um povo que batalha
Mas no final sempre vence
Groaíras é um pedaço
Deste solo cearense.

Sou poeta cordelista,
Sou humano, sonhador,
Sou caboclo, sou do mato
Nessa verve sou doutor
Transcrevo minha paixão
Nas letras com muito amor.

A minha terra tem rios
Tem as serras, tem baixadas,
Tem os pássaros que despertam
Com canções nas madrugadas
E tem eu pra descrevê-la
Em noites enluaradas

Sou esse caboclo forte
Que na rima tem o elo
Nunca deixo de rimar
Porque esse dom é belo
Sou a voz do meu sertão
Sou poeta Charles Melo.

Charles Melo

Christiany keilla Fernandes Gomes

Amazonense, nascida na cidade de Tefé. Formada em Pedagogia, especialista em Visão Interdisciplinar e Gestão Escolar. Atualmente cursando a especialização em Psicopedagogia Clínica e escolar e Neuropsicopedagogia.



PROVAS OU PROCESSO DIVINO?

Christiany keilla Fernandes Gomes. Hoje, entendo a diferença entre passar por provas e está em um processo divino. O ano 2021 foi um ano de provas para os meus filhos, minha família, meus parentes e amigos.

1 - Prova da Fé - Todos nós, juntos, passamos por uma prova da muita FÉ. Quem desconhecia, passou a acreditar no poder da oração, do confiar em Deus, no que o impossível para eles, era o possível de Deus. Muitos joelhos dobrados, lágrimas derramadas misturando-se às orações, promessas, louvores... clamando a misericórdia divina.

Diariamente, eram submetidos à uma prova angustiante, tensa, mas cheia de fé também. Receber pelo whats e ler temerosamente o boletim médico e que muitas vezes diminuía as esperanças, mas que servia de forças e inspiração: e determinar: - **Precisamos orar mais.**

2 – Prova da Saudade – Tinha um vazio na casa. Era o vazio da mãe, da esposa, da avó, da filha, da amiga, da família ... Procuravam em casa e não me encontravam. A ausência da costumeira mensagem de “Bom dia, meus amores!” ou até mesmo um ... “Olááá!”. O silêncio do simples cumprimento... não liam e nem ouviam. A falta, a saudade até mesmo escutam meus gritos no silêncio. Acredito que não seria tão forte como foram.

3 – A reposta divina - Vocês foram firmes e maravilhosos. Deus ouviu a súplica de cada um de vocês, só gratidão. Gratidão primeiramente a Deus e, em seguida, a todos vocês.

4 – A ação de Deus - Enquanto vocês seguiam fortes na fé e orações, eu entrava num processo divino, processo de cura, de cuidado, de proteção espiritual e de uma luta constante para viver e voltar para as pessoas que eu mais amo nessa terra: vocês, cada um de vocês. Não foi nada fácil para todos nós atravessarmos, percorrermos, superarmos esse processo, mas no final, tornou-se gratificante e fortalecedor quando enxergamos todas as provas passadas por mim e por aqueles que nos amam e reconhecer o quanto cada um foi fortes, o quanto foram firmes em seus propósitos e o quanto venceram suas provas sem desanimar, sem esmorecer, desistir. .

5 – Luta continua – por isso estou seguindo firme e forte nesse meu novo percurso, nessa nova fase do processo, o qual é mais longo, mais detalhado. Exigindo de mim muito além da fé, exige confiança e sabedoria. Confiança no impossível, na vitória, na esperança, enfim, crer em um ser supremo, um ser maravilhoso, um Deus Pai, um Deus dos impossíveis.

6 – Sabedoria - é a minha sabedoria que serena o coração e a mente, não me deixando abater-me, banir a incerteza, jamais desanimar com as dores, com o nada ou com o tudo. É esperar num tempo. pois ele não se ver e nem se conta, não é digital e nem analógico, é um tempo que só passa ou às vezes parece não passar. É entender a ordem das coisas sem nem saber quais são essas coisas... “Que maluco isso!”. Chega a ser irritante, mas ao mesmo tempo me traz uma calma, meu momento de reflexão.

7 – Gratidão - Pois é, estou nessa prova, não sei até quando, mas de uma coisa tenho certeza não foi e nem está sendo doloroso como foi a batalha de cada um de vocês. Não queria que passassem por estas provas por mim, mas sem vocês, sem o amor de vocês... eu não teria conseguido. Gratidão por terem sido fortes e corajosos como Josué. Só gratidão!!!

Cristian dos Santos Pereira

Manauara, nasceu em 12/12/2002. Filho de Junier Claudio Gonçalves e Márcia Cristina Cruz. Devido uma incoerência na hora parto, resultou no recém-nascido uma hemorragia intracraniana de primeiro grau, comprometendo a sua coordenação motora (PCD). Cristian tem um talento ímpar para a poesia, já tem mais de 200 produzidas. Sua inspiração para poemas é o amor e tem sua mãe e sua madrinha Theila Rosário como seus anjos da guarda. Essa é a segunda antologia que participa. Seu sonho é lançar o seu próprio livro.



DANÇA

Lua e estrelas como testemunha
Melodia silente
Falas de encantamento
Olhares que se cruzam
Mãos na cintura
Passos lentos
Um quase beijar
Em uma dança
Silenciosa
Ao alumiar lunar
Eternizando memorias
E uma dança
Singular

Linda flor

FLORES RESSECADAS.

O jarro de flores ainda esta cheio de água
e as flores estão ressecadas,
mas como as flores estavam ressecadas,
se havia água nas flores?

E, não estava o jarro tão cheio de água
que até transbordando nas suas laterais
em que as flores estava ressecadas ?

Mas mesmo assim as flores no jarro
ficavam novamente ressecados
e isto era estanho...

Porque mesmo assim
era como se não tivesse água
no jarro das flores de jasmim.

E por horas caia somente pétalas
de rosas e o dia estava suave...

E o jarro de flores estava começando a criar
flores e raízes como se fosse uma bela árvore
de rosas maravilhosas de jasmim,
apanhadaa diretamente do meu jardim.

Mas o jarro de flores caiu sozinho
e se quebrou por meio de um vento
que estava forte e frio num momento...

Mas o vento que soprou bem levemente
e assim o jarro se quebrou ...

O jarro de flores que era de meus avôs ...

Mas o jarro era novo e se despedaçou todo.

Cristian dos Santos Pereira

Dalva Inez de Oliveira Lopes

Parintinense-AM sou a sexta de uma família de 9 irmãos. Meu pai faleceu quando tinha 13 anos, a partir daí a minha mãe Dalva Lopes assumiu os negócios de meu pai e a responsabilidade pela família. Em 1988, fui aprovada no vestibular para Pedagogia e vim estudar em Manaus na UFAM (antes UA). Por 30 anos trabalhei na SEMED, hoje aposentada, atualmente servidora do Detran/ Am desde 1993. Hoje, casada com Jorge Trajano da Silva.



CHEIRO DA MAÇÃ

O tempo passa tão depressa

Que quando percebo...

Estou com 57 anos.

Mas ao sentir o cheiro de uma maçã vermelha

Ah! O cheiro da maçã...

Me traz lembranças inesquecíveis.

Recorda-me o regresso do meu pai de suas longas viagens ao Pará

Da fartura de especiarias, frutas e mimos a todos de seu convívio.

A minha felicidade de ter novamente o seu carinho e seu abraço

e se necessário seus ralhos.. rrsrsr.

Os almoços em família aos domingos era a maior alegria

E me dava muita alegria ouvir a sua voz pedindo:

- Minha filha, me faz aquele café amargo.

Ah! Quanta saudade, do meu pai Manoel Pessoa Lopes!

Tudo isso sinto ao sentir o Cheiro da Maçã.

Dalva Inez

Edilza Laray

Nascida em Urucará em 10/08/1964, é uma dedicada professora/pesquisadora na UEA. Ama a vida em sua complexidade, por isso se dedica à educação das águas, dos rios e dos campos do imenso Amazonas.



PAULO LARAY: UMA VIDA ABENÇOADA COM MEL E ALEGRIA

Era um homem da terra, Mozart Paulo Laray,
Meu pai, que encantava com mel e alegria.
Amor e dedicação traçaram sua jornada,
Sorrisos e risadas preenchiavam cada dia.

Nascido em Coari, à margem do Piorini,
Filho de Pedro Paulo Laray, valente português.
Na Amazônia, sonhos e borracha a buscar,
Sua história é um mosaico de vivências e fé.

Dona Ermelinda, após sua partida, ficou,
Cuidando dos filhos com zelo e amor.
Paulo, o caçula, sonhava alto e partiu,
A Manaus, em busca do saber e do valor.

Trabalhador da Booth Line e mais,
Inquieto comerciante, alma viajante.
No Parusinho, seu barco, navegou demais,
Levando encanto e alegria a cada instante.

Seu amor, Oscarina, encontrou com fervor,
Lua de mel no Parusinho, navegando sereno.
Juntos, viveram 42 anos de amor,
Um encanto de história, um conto ameno.

Em Urucará, encontraram um lar,
Raízes fincaram, juntos a construir.
No Parusinho, por rios a navegar,
Sonhos e amor, a vida a fluir.

D. Oscarina, no comércio e no lar,
Paulo cuidando das terras, dos bichos, com zelo.
Pecuarista e meliponicultor a brilhar,
Amor pelas abelhas, conhecimento singelo.

Paulo Laray, um pioneiro, um mestre,
No meliponário, ensinava com paixão.
Histórias e abelhas, vínculo celeste,
Um legado de amor e dedicação.

Seu mel, o melhor, diziam a sorrir,
Com tucumã e sabor puro e raro.
Sua casa em Urucará, ponto a fluir,
Laray, o melhor do mundo, um faro.

Mesmo sem formação, Paulo ensinou,
Experiência e amor, sua guia.
Na Amazônia, sua voz ecoou,
Preservando natureza, alegria.

Os anos passaram, saúde enfraqueceu,
Amor pelas abelhas jamais se apagou.
Cercado por elas, o céu recebeu,
Partiu, mas seu legado perdurou.

Paulo Laray, és a doçura e alegria,
Que vive em nós a cada amanhecer.
Preservemos tua história, com sabedoria,
Na natureza e no coração, a florescer.

Edilza Laray

O VOO DO SABER: UMA JORNADA ONTOLÓGICA A PARTIR DE URUCARÁ

A filha do agricultor, pecuarista e meliponicultor, e da dedicada dona de casa que também cuidava de um pequeno comércio, floresceu em Urucará. Com suas raízes fincadas nas terras que a viram nascer e crescer, ela alçou voos de conhecimento que transcendiam as fronteiras de sua amada Amazônia.

Movida pelo desejo inesgotável de aprender e partilhar saberes, aquela jovem se entregou à jornada da educação. Anos de esforço e dedicação a conduziram pelos caminhos acadêmicos, e asas foram dadas a ela, asas que não eram físicas, mas sim as asas do conhecimento.

Essas asas a permitiram alçar voos por além das margens dos rios que tanto amava. Da pequena Urucará, ela ascendeu, de forma quase mágica, até se tornar doutora em Educação. Um título que reverbera sua paixão por ensinar e aprender, por compartilhar e crescer, por celebrar a riqueza cultural e natural de sua terra.

Assim, a jovem que se criara entre as águas serenas e a exuberância da floresta tornou-se uma educadora que traz consigo o coração e a mente abertos para a complexidade da vida. Como as abelhas que ela tanto admirava, voou de Urucará, mas nunca abandonou suas raízes. Viajou pelo mundo, mas sempre voltou à Amazônia, que a ensina a ser resiliente, adaptável e a valorizar cada nuance da diversidade.

E enquanto suas asas a levam para longe, o que ela traz de volta é inestimável. Ela não só adquiriu conhecimento científico, mas também uma perspectiva ontológica, uma compreensão profunda da interconexão entre todas as coisas. Como as abelhas que polinizam flores, ela polinizou mentes com a semente da educação, despertando a curiosidade, inspirando a busca por mais.

Assim, a filha da terra, a educadora das águas e das matas, a mestra das abelhas e dos saberes, escreveu sua história na teia da existência. Sua jornada não era apenas uma jornada, era uma melodia harmoniosa em sintonia com o coração pulsante da Amazônia. Ela era a guardiã do conhecimento, a guardiã das raízes, a guardiã do voo que trouxe de volta ao lar, para Urucará, a essência da educação que floresceu com amor, respeito e conexão profunda.

Edilza Laray

Elaine Maria Ribeiro Lopes

Nasceu em Coari/Am, reside em Manaus, casada, dois filhos, assistente social, advogada. Atualmente, exerce a advocacia na área de Direito Previdenciário e Civil. Apaixonada pela literatura, ama escrever textos, poemas, de brincar com as palavras, paixão deixada de herança pelo pai.



ROSAS DE EDITH

Recordo-me da infância, onde fui feliz. Lá tive um colo do qual não nasci, mas nele me aconchegava, dormia e sonhava. Tive uma Avó que conseguiu me dar amor, mesmo tendo seu coração partido e ferido por perder um filho querido.

Ela sempre pareceu frágil, mas era uma mulher de fé e forte, a típica mulher do norte, forjada na dor, mais cheia de muito amor. Ajudar o próximo uma missão, não importava a situação e nem quem era o cidadão, ela tinha a missão.

Minha Pequena, tão perfumada, fervorosa, zelosa e caridosa, aquela que me embalou, me amou, partiu serena para enfeitar os jardins do criador.

Um véu nos separa, a saudade nunca cala, hoje consolo-me cultivando Ediths, as rosas mais perfumadas e lindas que existem.

Elaine Maria

Elaine Oliveira da Rocha

48 anos. Professora de Letras/português, graduada na UFS pelo PQD e pós-graduada em Pedagogia do Mov. Do Ens. Fund. e Médio. Com seus textos participou de concursos de poesia nos municípios do Estado de Sergipe e Alagoas. Uma das fundadoras do Café com Poesia e da Antologia Carmopolitana, tem cadeira na AMS Academia Municipalista de Sergipe e na ACLAC Academia Carmopolitana de Letras, Artes e Ciências. Coautora de Antologias Nacionais e Internacionais, ressaltando: Antologias Fortalezense de escritores e convidados Fortalecendo Laços, Almas Cativas, Antologia Carmopolitana, dentre outras.



“Muitas vezes não se faz necessário ver, apenas sentir”

SOU O QUE SOU

Sou preta.
Sou cabocla
Sou gorda
Sou muito mais que minha
circunferência
Sou mulher
Sou filha
Sou mãe
Sou avó
Sou meu lugar
Sou parte da natureza
Sou árvore, sou raiz
Ora semente, ora fruto
Sou noite
Sou dia
Ora sol, ora chuva
Sou girassol
Ora rio, ora mar
Ora o encontro destes.
Sou professora
Sou mística

Sou música
Sou poesia
Sou tristeza
Sou alegria
Misto de sentimentos e emoções.
Sorriso maroto, olhar saudoso
Sou vida,
Mas, já morri em alguns momentos.
Tenho dor
Tenho amor
Sou brisa
Sou tempestade
Sou bonança
Ora remédio, ora veneno

Sou amizade
Sou criança
Sou adulta
**Sou filha do Rei.
Do Rei Criador.**

(El. Marcolina)

Elane Mendes de Paula Souza

É membro da AEPOCAM - Associação de Poetas e Escritores de Careiro Amazonas. Escreve textos em diversos gêneros. É bibliotecária, trabalha com projetos voltados para a Educação. Através da leitura nas obras literárias, orienta alunos em Escolas. Direciona temas e livros solicitados por professores.



**Tudo o que sentires,
Tudo o que pensares
Escreve...
E aquieta-te
Na calma, quando leres
Verás que és um poeta**

SERVIR COM ALEGRIA

O amor a profissão
Gera muitas alegrias
De fazer o que se gosta
Com enorme satisfação

Quem serve com alegria
Tem um grande coração
É de muitas responsabilidades!
Os deveres cumprem com prazer
E não apenas por obrigação

Não escolhe a etnia
Nem a raça ou a religião
Também cuida com cuidado
Do caboclo cidadão!

Elane Mendes

Elisangela Catunda Leite Correa

Paraense, nasci em Monte Alegre/PA, em 14-10-80, filha de Valmirá e Elizabeth, casada (Roberto Correa), mãe de dois filhos (Roberto e Lucas). Aos 43 resolvi participar desta antologia a fim de que eu possa deixar publicada uma poesia que fiz em um momento muito especial, uma tarde ensolarada no meio do rio Amazonas.



O ENTARDECER

Apreciando um céu lindo,
Com pássaros voando,
Barulho do motor do barco cortando o rio,
Sons de crianças correndo no corredor...
Assim foi aquele entardecer
Talvez o único dia em que aproveitei um pôr-do-sol com tanta
magnitude
Nos encantos do rio, a paz reina e eu fico agradecida a Deus por tanta
beleza!
Tantos sonhos, tantos planos e só a Deus pertencem nosso amanhã!
Por isso, aproveito o entardecer de hoje com uma gratidão profunda!
De mais um dia vivido cheio de amor;
Na esperança de um dia poder refazer este trajeto, cheio de aventuras!
Que ficarão marcados para sempre em minha memória...
E lá se foi o sol, com a certeza de que amanhã ele voltará magnífico!!

Elisangela Catunda

Enoque Caldas Moura

É estudante do ensino médio. Redação sempre foi o meu forte. Desde mais novo, escrevia pequenas histórias que saíam da minha mente. Com o tempo, acabei criando um gosto pela arte e um sonho de me tornar um escritor.

E aviso uma coisa: A minha mente está cheia de ideias!



O ESCRITOR SIMPLEMENTE ALMEJA ATENÇÃO

O jovem Gabriel está cabisbaixo, sinal de que está pensativo. Finalmente, levanta a cabeça, abaixando o capuz do moletom e revelando um sorriso. Ele diz a Letícia:

— Tive uma ideia. Você quer ouvir um trocadilho com ventilador? - Não, deve ser horrível!

A sua amiga responde com uma gargalhada. Logo Gabriel é enfeitiçado pela risada e, os dois caem na cama rindo. As risadas cessam e, curioso com o silêncio, Gabriel observa Letícia, que o entreolha. “Ela deve estar pensando que meu olho é castanho, as minhas sobrancelhas são grossas, meu nariz é gordo e que meu queixo é avantajado...” Gabriel pensa.

— O que foi?

Letícia começa a rir, pois Gabriel a está encarando. Ele nota e decide se deitar de lado, pondo a mão direita no cabelo de Letícia e pondo a mão esquerda na cintura dela.

— Sabe o que sinto por você?

Gabriel diz. Letícia responde:

— Eu sei.

— Eu te odeio, sua loira!

Letícia sente o mesmo que Gabriel. Ela Sorri, consentindo e diz:

— Eu também vou te odiar para sempre.

Gabriel usa a mão direita para tirar a presilha do cabelo de Letícia, libertando e alisando o cabelo comprido com a mão. Letícia está sorrindo, expondo seus dentes brancos. O seu rosto é pequeno e fino e o cabelo é macio. Gabriel pega uma mecha do cabelo loiro de Letícia. Aproxima do rosto e sente um aroma doce de óleo de coco. Ao devolver a mecha, Letícia segura a mão de Gabriel e pensa em puxá-lo para si, quando Senhora Gabriela abre a porta do quarto e levanta a sobrancelha para os dois, encarando-os e diz:

– O que está acontecendo!?

– O que você está vendo.

Gabriel diz um fato. Sua mãe responde:

– A sua mãe chegou, Letícia, vai lá. Gabriel, acompanhe a menina até a porta.

– Estamos indo, mãe!

– Se despeçam na porta. A Maria está esperando!

A Senhora Gabriela espera os dois na porta de casa. Os amigos vão de mãos dadas e, ao chegar à porta, Gabriel beija a mão de Letícia que faz o

mesmo. O rapaz abre a porta para a senhorita loira. Ao botar os pés fora de casa, Letícia vira para frente e diz tchau, com o vento sutilmente levantando o cabelo para a direita.

– O seu cabelo fica lindo deste jeito!

Gabriel diz, elogiando. Letícia agradece o elogio.

– Inclusive, isso me lembra de uma coisa...Mãe, segure a porta, por favor. Letícia, fique aí.

Gabriel volta rápido para o quarto. Se passam alguns segundos e ele retorna com uma presilha de cabelo de cor preto em mãos. Entrega para Letícia, dizendo:

– Aqui, a sua piranha. Você esqueceu na minha cama.

– O quê!? Do que você me chamou?

– Como assim? Estou me referindo a sua presilha de cabelo, a piranha

Letícia faz uma cara de boba, mas entende a confusão.

– Agora amarre o cabelo e vá!

Letícia prende o cabelo com a presilha e se despede uma vez mais. Ela entra no carro, que segue a rua reta, se distanciando da casa de Gabriel. Ele entra em casa.

— Você está com fome?

A mãe de Gabriel diz. Ele responde que sim e pede para preparar um misto. Gabriela vai a cozinha e ele observa-a. Sua mãe já ligou a sanduicheira, está colocando o presunto e o queijo no pão de forma. Ela deve fazer isso há anos.

Gabriel ouve um tique-taque vindo de sua direita. Ele olha pra cima e observa o relógio de parede marcando dezoito horas e dez minutos. Gabriel pensa: “A Letícia é uma amiga, mas eu senti. Ela quis me beijar, e não irei.”

— Está pronto!

A mãe de Gabriel diz. Ele responde, surpreso:

— Mas já? Você queimou o pão, tenho certeza!

— Eu tastei, vem comer antes que esfrie e rápido!

Enoque Caldas Moura

Epifânio Leão

Manauara, Casado com Ivaneide Lima e pai do Fernando, formado em Publicidade e Direito. Atualmente, trabalha na Thera Publicidade, produzindo campanhas impactantes e significativas. É um homem movido pela fé. Como um cristão católico, ele vê em Jesus como um salvador, além de um modelo de como viver uma vida plena e significativa. Pensa que o mundo seria melhor se as pessoas perdoassem mais, amassem mais e se preocupassem menos com as coisas pequenas.



MINHA FÉ

No crepúsculo de uma comunidade ribeirinha, onde as águas do rio contam histórias de gerações e as copas das árvores ressoam com os murmúrios dos antigos, encontrei minha Fé. Não como um conceito abstrato discutido em salões filosóficos ou púlpitos eclesiásticos, mas como um estado de espírito, quase palpável, que se manifestava nas pessoas em gestos simples. A velha senhora que acende uma vela todas as noites para guiar seu filho perdido de volta para casa; o caboclo que planta uma semente, aguardando o milagre da vida surgir da terra fértil; o músico de rua que toca para uma audiência imaginária, confiando que suas notas alcançarão o coração de alguém, algum dia.

Fé, entendi, não era uma monótona certeza, mas uma corda bamba estendida sobre um abismo de dúvidas. Não era a ausência de questionamentos, mas a presença de um propósito que justificava o risco de questionar. A fé estava nas mãos calejadas que confeccionavam canoas, mesmo quando o caminho pelas águas era incerto, e nos olhos que buscavam a alvorada mesmo quando envoltos em noites intermináveis.

Ela vivia nos espaços liminares entre o aqui e o além, entre o visível e o invisível. Não se tratava de uma garantia de sucesso, mas de

um ato de amor — amor ao que se pode tornar, ao que está além do horizonte do nosso entendimento. Ela fazia com que artistas pincelassem sonhos em telas vazias, e cientistas buscassem respostas no caos do desconhecido.

A fé era a força misteriosa que impelia o boto a dançar nas águas do rio, mostrando que há magia em cada ondulação da correnteza.

Talvez a fé seja o idioma secreto da alma, um dialeto falado pelos corajosos que se atrevem a viver como se o mundo fosse mais gentil, mais generoso e repleto de possibilidades do que as evidências sugerem. É a melodia suave que embala os desesperados, é o reflexo da lua nas águas escuras, a estrela que aponta o caminho na noite mais densa. Não é uma resposta, mas uma pergunta cujo eco nos move adiante, através de labirintos de incertezas, para um destino que só pode ser sentido, nunca completamente conhecido.

Então, naquele crepúsculo, percebi que Fé era a estrela mais distante que vislumbramos no céu da noite, o eco de uma canção que nunca ouvimos, mas conhecemos de cor. Ela é a coragem de fazer uma jornada sem um mapa, a convicção de que o caminho se revelará a cada passo dado. E por mais frágil que possa parecer, é a linha indestrutível que conecta todos nós ao milagre insondável da existência.

Epifânio Leão

Fabiola Pereira Izél

Nasceu em 21/05/1976, em Manaus-AM, brasileira, professora, graduada em Administração, Licenciatura Plena e Pedagogia, Especialização em Psicopedagogia, cursando Especialização em Gestão de projetos.

Sonhar e possível, mas fazer acontecer é fundamental.



AMAZÔNIA VISTA DE LONGE

Buscar na memória o que escrever....

Tão difícil para uma nativa da região?

Desta região tão rica, de espécies da fauna e flora.

Amazonia tão falada, mas, que ainda tão pouco sabemos.

Uma imensidão de árvores, que nos acalentam e nos amedrontam.

Histórias contadas, folclores, pertencentes a floresta, a essa região.

Histórias de índios, tribos, de nossos antepassados
que ecoam por essas matas, que viveram tantas vidas,
e sabidas mistificam o que aconteceu por ali.

Amplamente posso falar, mas tão pouco explicar,
nunca visitei, não olhei de perto e não toquei.

Sei o que leio, o que assisto e o que pesquiso.

Sei que temos uma Floresta Tropical Equatorial,
linda em sua magnitude, seus rios de água doce fluem
e alimentam a vegetação e o povo que vive nas regiões.

Com um clima entre seco e chuvoso.

Seus habitantes que o digam,
precisa amar, como amamos o nosso lar.

A floresta Amazônica faz parte de nós, o que me faz lembrar.

As histórias que ouvi se propagam por todo um país,
que mudam a cada cultura, de forma escrita e falada.

Mas, que na sua essência continua a mistificar
os folclores criados de uma floresta imaculada,

segregada que parece estar tão perto,
e ao mesmo tempo tão longe do seu povo,
que verdadeiramente a adora.

Francisca de Oliveira

(Thiesca de Oliveira) natural de Teresina Piauí, poetisa, escritora e compositora, técnico Contábil e Professora. Membro da AIAP BRASIL (Academia Intercontinental de Artistas e Poetas) cad.540 e da ALEGRO (Academia de Letras Guimaraes Rosa, cad.07, possui mais de 500 poemas publicados na página Recanto das Letras, vencedora do Concurso Tributo à Imortalidade em 2021, pela Artletras, com o poema Cora Coralina, eterna namorada, vencedora em 6º lugar do 36º Concurso de Poesia Mogiguaçu S.P, categoria outras cidades com os poemas As 7 maravilhas do Brasil e Todo Poeta, participação em várias Antologias, mora em Manera Barcelona.



A vida e a arte, juntas em qualquer parte.

MEU AMAZONAS QUERIDO

Meu Amazonas querido
Terra de encantos mil
Do seu ventre brota a vida
Nesse Brasil varonil

Falar de sua beleza
É o mesmo que mergulhar
Dentro da mãe natureza
Numa viagem sem par

Terra de muita ciência
De curas para doenças
De alívio para alma
De mistérios e de crenças

Nesse chão abençoado
Nas águas do Tapajós
de um azul esverdejado
Do céu se escuta a voz

E lá do Monte Roraima
Essa montanha gigante
Onde a lua se acalma
E o sol surge radiante

Se ouve o som da cascata
Cachoeira do Eldorado
Com estrelas cor de prata
Abraçando os namorados

Também o encantamento
Do Arquipélago Anavilhanas
Conservação integral
Do nosso lindo Amazonas

E o Angelim Vermelho
Nossa árvore monarca
Que com seus braços frondosos
A todo solo abraça

Assim é o nosso Amazonas
Mãe de todos animais
Cura o corpo e sana a alma
Com plantas medicinais!

E o caboclo da terra
Que cuida dessa riqueza
Onde a beleza se encerra
No verde da natureza!

Não deixemos que o homem
Em sua perversidade
destrua a mãe natureza
lutemos contra a maldade!

Salve, salve o Amazonas
O nosso eterno jardim
Ouro fino e valioso
Beleza que não tem fim!

Thiesca de Oliveira

Francisco Nilo Dias de Oliveira

Gostava de ser chamado pelo nome artístico de Nilo San - Amazonense de um lugar distante do interior do estado.

Nascido em 5 de novembro de 1956 um sábado ao meio-dia

In memoriam (14.01.2022)



FILHOS DA MATA

Esta história é dedicada a todos que por um motivo ou outro deixaram o interior e rumaram para a cidade. “Somos como os pássaros que migram de lugares à procura da sobrevivência”.

Todos os acontecimentos desta história são verdadeiros, qualquer semelhança é mera coincidência.

Tudo começou nos anos 50, em um lugar muito distante vivia um casal e mais cinco filhos, neste lugar tudo é calmo, parece que o tempo está parado, só se ouve o barulho de pássaros, o sol é ardente no verão, à noite se vê bola de fogo no ar quando chega a época das chuvas os rios estreitos ficam quase que congelados, os peixes ficam submersos nas águas geladas.

A mata é muito fechada com todos os tipos de animais, os que se mostram com mais frequência são a onça e a cobra a procura dos animais domésticos que a família cria.

O nome da localidade é Peri. Palavra indígena que quer dizer lugar distante temeroso na fronteira Acre Amazonas. Só se chega de barco neste lugar, em plena Floresta Amazônica. Os rios e furos só são conhecidos por guias experientes ou mateiros das proximidades, a distância de um vizinho para outro. É no mínimo duas horas a cavalo ou de barco. A sobrevivência neste lugar se resume em caça, pesca e cultivo de raízes.

Os seringais são imensos, os estirões à vista não os alcançam; alguns seringueiros retiram leite das árvores para fazer borracha, porém a renda é mínima quase nada.

O chefe desta Família tinha um sonho ganhar dinheiro e levar todos da família para a capital onde tinha alguns parentes, educar seus

filhos para serem alguém, pois o velho e a velha eram analfabetos E não queria o mesmo para os filhos. Mas o tempo não para em cinco de novembro de 1956, exatamente ao meio-dia nasce o sexto filho, um menino o chamara de Francisco, com o nascimento deste último se formam três casais, em outras palavras três homens e três mulheres.

Ao passar nove meses do nascimento do último filho, todos muito felizes naquele mundinho. As dificuldades de sobrevivência os uniam ainda mais. Era uma família unida, eles eram inseparáveis, amavam-se uns aos outros. Porém aconteceu o inesperado. Uma tragédia levou o chefe da família para o céu.

A mãe e os seis filhos pequenos, naquele lugar distante de tudo, sem nenhum recurso. O filho mais velho tinha apenas 12 anos. Apesar da tristeza com a perda do marido, a mãe não tinha outra alternativa para criar os filhos se não trabalharem. E assim o fizeram. O filho mais velho ia com a mãe para a roça, a filha maior ficava em casa tomando conta dos menores. A mãe, uma guerreira, durante dois longos anos batalhou muito, enfrentou o sol e chuva. Saía às 3 horas da manhã e só retornava ao anoitecer. Todos os que a conheciam, admiravam-na muito pela sua determinação e o seu espírito de luta. Estava com apenas 30 anos, era uma mulher saudável e bonita em muitos momentos foi cortejada, mas não tinha olhos para mais ninguém seu grande amor estava morto. Guardava a lembrança do seu eterno amado para sempre.

Depois de muito sacrifício chegou o grande dia, conseguiu comprar as passagens para todos e juntos embarcaram rumo a capital: Manaus. Ela estava realizando o sonho do marido, dois anos após sua morte. Esta viagem durou 15 dias em barco, sem nenhuma segurança, dormindo em rede, umas por cima das outras. Durante esse trajeto, refletia, rezava e chorava, tinha pela frente um futuro incerto. perguntava-se como iria criar os filhos em cidade grande. Como seria recebida pelos parentes do já falecido marido... Dias e noites se passavam cheias de expectativas, receios e incertezas. A capital estava se aproximando. Durante o percurso, ela ajudou no barco para conseguir comida para os filhos, pois na metade da viagem, o pouco dinheiro que levava, já tinha acabado.

Quanto mais se aproximava da terra prometida, mais dúvidas concentrava-se em sua mente “Onde vou morar? Alguém tem que nos ajudar!”.

Após os longos 15 dias, finalmente chegaram a Manaus. Tudo era diferente! Qualquer coisa fora o rio e mata para eles era novidade.

Ficaram todos assustados com a cidade, desembarcaram no cais do porto por volta das 16 horas. A tarde estava triste parecendo avisá-los das dificuldades que iriam passar, a mais preocupada era mãe, em seu rosto estampava uma profunda interrogação. Porém Francisco, o mais novo, não fazia nem ideia de toda aquela situação, naquelas alturas, ele tinha apenas dois anos e, com poucas horas da chegada, já estava brincando e sorrindo. O único motivo de um leve sorriso em sua mãe. Toda a bagagem resumia-se a uma mala e três sacos, contendo roupas. Destas, algumas sujas da viagem. Até este momento, não sabiam exatamente o destino para onde iriam. A mãe resolveu, foram para a casa da avó paterna, uma senhora distinta, branca, alta, olhos verdes, cabelos ruivos, falava meio pelo nariz. O avô, um senhor baixinho e gordo não gostava muito de conversa ao anoitecer. Pouco tempo depois da chegada, foi servido o jantar mais tarde uma merenda e logo após, todos adormeceram, estavam exaustos, cansados, cheios dos desconfortos da viagem. Passados alguns dias, a avó veio com uma proposta: “Tá tudo muito bom, tá tudo muito bem, mas a questão é que vocês são muitas bocas. Estamos vendo que vamos falir de onde só se tira e não se põe, um dia acaba.”

Ouvindo aquelas palavras, a mãe dos seis, começou a perceber que tinha que fazer alguma coisa para sustentar os filhos, mas como? Onde? O quê? E os filhos são muito apegados... pensou, pensou e não chegando a nenhuma solução, perguntou o que a sogra sugeria. A mais velha respondeu que a solução ela era dar os filhos para alguém que tivesse condições para criá-los, pois assim, ela realizaria o seu desejo. Tal proposta, partiu o coração da mãe, só de pensar na possibilidade das crianças ficarem separadas, ela não via outra saída. Passados alguns dias, arrumou um emprego em uma fábrica de Castanha, mas havia um problema: a distância era grande, não permitindo que a mãe visse as Crianças todos os dias. Elas ficavam mais tempo com pessoas desconhecidas.

Então aconteceu o que mais a mãe receava, cada um dos filhos tomou um destino. Francisco ficou com a vó, era o mais novo, agora já com 4 anos, sempre que era possível, a mãe ia visitar os filhos, não tinha muito tempo, trabalhando dia e noite, com um só pensamento: ganhar dinheiro e, um dia, poder juntá-los outra vez, mas com o salário que ganhava, a mãe estava achando impossível sabendo onde os filhos se encontravam e sem poder educá-los conforme sonhava, então, conformava-se em saber que onde eles estavam, apesar da saudade e o

aperto no coração, eles estavam melhor do que com ela e que, um dia, eles iriam entender.

Depois de alguns meses, morando na casa da avó, Francisco começou a emagrecer, deixou de sorrir, quase não falava, era uma criança triste, pensava nos irmãos e na mãe. Gostaria de saber onde eles se encontravam. Perguntava a sua avó mas a resposta era sempre grosseira, em tom de briga. Dentre tanto sofrimento e humilhação, Francisco passou a morar com o padrinho, por ordem da avó, a partir deste momento, não passava muito tempo com a mesma família. Morou com a tia, morou com pessoas conhecidas que acabava chamando de tia, agora mais distante dos irmãos e mãe, os quais não esquecia. Francisco não tinha residência fixa, sempre ajudando nos afazeres das casas, todos o queriam, até que um belo dia, agora já com 10 anos, recebeu uma notícia a irmã mais velha havia casado e gostaria que Francisco fosse morar com ela, para poder estudar e mais tarde arrumar um bom emprego. Contento com a notícia, aceitou na hora e passou a morar com a irmã e o marido um homem muito bom e gentil. Este casal matriculou Francisco em uma escola, próxima de sua casa, onde terminou o primário, o colegial já foi por conta daquele menino agora um rapaz.

Com 14 anos aquele bom homem lhe deu o primeiro emprego. Francisco fez de tudo para não o decepcionar, as recomendações eram de nunca faltar, não chegar atrasado, fazer todas as tarefas a que fosse atribuído. Francisco assim o fez. aos 18 anos já estava no segundo emprego, este último conseguiu por seus próprios meios, mais bem remunerado, passou a morar sozinho. Agora já homem, em sua infância e adolescência não tivera tempo para brincar, nesse período sempre quis ter pai e mãe, pensava que se tivesse os pais, pelo menos no Natal, ganharia uma bicicleta, o brinquedo tão desejado. Jamais conseguido.

Aos 19 anos, conheceu uma garota tipo bem afeiçoada, magra, bumbum grande, seios empinados, altura mediana, cabelos castanhos e lisos, no jeito! Tornaram-se amigos, confidentes, viveram momentos felizes, não percebendo que formavam um ótimo casal.

Um preenchia o outro, em todos os sentidos, como não poderia ser diferente. Apaixonaram-se perdidamente. Quando ele estava com 24 anos e ela com 22 se casaram. Os frutos deste matrimônio são duas lindas meninas Wanessa e Mônica hoje a mais velha tem 15 anos a mais nova 11. Vivendo em casa própria casa modesta há cinco minutos do centro de Manaus somos muito felizes.

Escrito por Nilo San. Em janeiro de 1998

Georjeanne Monte Rey

27 anos, paulistana residindo em Manaus, cursou Design de Moda no CIESA, formando-se em 2015. Atuou na área de criação e Visual Merchandising. Em 2019 resolveu voltar para a faculdade escolhendo o curso de Comunicação Social com foco em Publicidade e Propaganda, depois de formada atua na área como social media.



CALMA D'ALMA

Manaus,
Cidade dos sonhos
em forma de remos,
versos e cantos;
Cidade de encantos.

De amores vividos,
de amores que estão por vir;
Cidade onde encontrei calma;
e a outra parte d'alma,
que faltava em mim.

Georjeanne Monte Rey

Gilberto Lelis dos Santos

Filho de Alberto Barbosa dos Santos e Raimunda Lelis dos Santos, Nascido na cidade de Codajás-Amazonas, Formação: Graduado em Letras pelo Instituto Superior de Educação Avançada (ISEA), Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Del Sol (UNADES) - Paraguai. Atua como Professor de Literatura Brasileira, na Secretariade Educação e Desporto do Estado do Amazonas (SEDUC/AM) no município de Codajás, Amazonas, Amante da Literatura, Escritor, Poeta, com publicação do livro: Poesias e as Diversidades Amazônicas, atualmente atuando como: Assessor de Gestão Educacional.



ANTOLOGIA DO AMAZONAS: PROSAS E VERSOS DE CABOCLOS

Que magnífica ideia surgiu,
Oportunidade única demonstrada sobre pavilhões,
Antologia do amazonas: prosas e versos de caboclos,
Enriquecendo a literatura de um país, agregando várias regiões...

Esse compartilhar do processo intelectual,
Quão riqueza vejo em suas demonstrações,
Prosas e versos sendo declamados,
Por este povo rico nas suas composições...

O amazônida tem a oportunidade de se expressar,
Sob as experiências do nordestino no seu decantar,
Aprendendo e compartilhando a sua vivencia real,
Como se observa a floresta e seu reino animal...

Participar desse processo é um presente divino,
As antologias representam uma teia de boas ideias,
É como analisar o comportamento de um menino,
Quando caminha na floresta e depara-se com as abelhas em sua colmeia...

Mas, a sabedoria é bastante encantadora,
Hoje a felicidade reina sobre seus escritores e suas dobraduras,
Que afinam as mentes para a criação,
Compondo e enriquecendo nossa literatura...

A antologia amazonense se esparrama como se fosse o rio Amazonas,
Agregando os coautores, abrangendo cada região,
Ramificando e acolhendo em sua margem seus ribeirinhos,
Oportunizando o despertar seus talentos, em cada composição...

A beleza apresentada na composição de cada poeta,
Fontes expressadas de dentro do coração,
Com o uso de rimas curtas outras bem diretas
Como a flor que perfumam o jardim da emoção...

A satisfação cabe a nós amazônidas,
Ao recebermos esse convite sensacional,
Monitorada por essa equipe magnífica de autores,
Nossos agradecimentos de uma forma muito especial...

Gilberto Lelis dos Santos

BELEZAS NATURAIS DO AMAZONAS

Belezas naturais do amazonas
Que privilégio de sermos amazonenses,
A natureza nos expressa muita emoção,
Desde o cantar matinal de um passarinho,
Ao cantarolar sobre o som de sua canção...

Nosso rio amazonas que não cessa o seu caminhar,
É a natureza demonstrando o seu poder,
Levando rumo abaixo aqueles onde querem chegar,
Não existem tempo ruim, seja noite ou no amanhecer,

Nossa flora tem o poder de nos encantar,
Pequenos detalhes nos representam muita satisfação,
Como a lua quando aparece seus reflexos vem clarear,
De forma muito admirável mexendo com o coração...

A região amazônica é muito rica,
A natureza nos inspira de forma gratuita,
Os troncos, as matas e até os ventos,
Criam momentos de paisagens muita bonitas...

Mas, a imensidão que temos ao nosso redor,
Nos remete a sermos seres na igualdade,
Sempre sendo um povo hospitaleiro,
Como nas ações, atitudes e uso da simplicidade...

É a natureza que muitas vezes nos educa,
O seu percurso sempre nos causa emoção,
Com a sua força de forma ezuberante,
Cada momento representa diferente sensação...

Estou falando de beleza amazonense,
O amazonas nos proporciona sem igual,
Orgulho dessa região magnífica que temos,
Nossa matéria prima será sempre natural...

Gorete Pinheiro

@mgpgorete – Residente em Fortaleza-CE. Pedagoga. Mestra em Ciências da Educação, pela Universidade da Madeira, Portugal. Natural de Quixadá-CE. Titular da Academia Quixadaense de Letras. Membro da AVLPL Academia Virtual da Língua Portuguesa e Literatura. Membro da Academia Antônio Bezerra de Letras e Artes AABLA. Escritora, com participação em diversas Antologias.



VOZ DA NATUREZA

Sou a natureza,
Preciso de proteção.
Trago muitas riquezas,
E peço tua atenção!
Sou o sol que te acorda,
Em cada amanhecer.
Sou o rio que transborda,
Com água de beber.
Sou a árvore da floresta,
Dou sombra e purifico o ar.
Deixo os animais em festa,
Nos galhos a balançar.
Sou o peixe das águas,
Sou o passarinho no céu.
A cachoeira que deságua,
Nas tintas do teu pincel.

Sou a lua majestosa,
Que ilumina teu coração.
Sou a chuva generosa,
Em cima da plantação.
Sou a nuvem que chora
Com a árvore que morre,
Com poluição que assola
E com o lixo que cresce.
Sou a natureza que chora,
Com animais em extinção,
Com o incêndio que devora,
Com a mata em destruição.
Sou a natureza,
Trago muitas belezas,
E a grandeza da criação,
Mas preciso da tua proteção.

Gorete Pinheiro

SEMENTES DO FUTURO

Vicente era um aguerrido agropecuarista, empenhado na produção em suas terras no interior da Amazônia. Para novos projetos precisava de máquinas potentes para limpar uma área de árvores de grande porte. Pegou, então, o seu barco e dirigiu-se à cidade mais próxima, onde encontraria as ferramentas e os serviços necessários.

Porém, ainda longe do seu destino, foi surpreendido por um forte temporal. Nunca teve problemas em seus trajetos fluviais, mas também não era tão habilidoso em situações extremas. E para seu desespero, a tempestade se intensificou. Lutou o que pode para conduzir seu barco, mas estava ficando cada vez mais difícil. Por fim, vendo que a embarcação estava afundando, optou por largar o barco e tentar se salvar. Saiu nadando, sem saber qual rumo estava seguindo. Ao entardecer, já no limite de suas forças, felizmente chegou em terra firme.

Completamente perdido, cansado e desorientado, jogou-se ao chão aliviado por estar vivo. Mais calmo, olhou para todos os lados, porém, não viu ninguém pra lhe socorrer. Gritou, fez acenos, mas nenhum sinal.

Depois de algum tempo, seguiu pela margem do rio. Com muita fome, resolveu entrar na floresta para ver se encontrava alguma coisa para comer, antes de anoitecer. Na mata densa, nada encontrou e começou a ficar desesperado porque estava escurecendo. Resolveu voltar, mas viu que agora estava perdido. Por sorte, encontrou uns buritis no chão e comeu como pode. Ao lado, tinha uma grande árvore, e mesmo amedrontado com os perigos da mata, caiu ali e adormeceu.

Ao amanhecer, numa trilha estreita entre as árvores, Kaike descia tranquilamente em direção ao rio, lugar sagrado onde praticava sua importante habilidade de deslizar sobre as águas em acrobacias, pois era considerado um pássaro aquático.

Vicente, despertando debaixo da árvore, arregalou os olhos ao ouvir um barulho de pisadas na mata. Não tinha ideia do que poderia ser.

Ao aproximar-se, Kaike viu aquele homem deitado ao chão e perguntou:

– Quem é?

– Meu nome é Vicente... Ia até a cidade, mas meu barco afundou no rio. Estou perdido. Preciso de ajuda.

Kaike informou que poderia levá-lo até seu povo, no alto do morro e seu pai lhe ajudaria, pois ele tinha um barco. Vicente não

acreditava. Suspirou profundo e vieram-lhe na lembrança os negócios que resolveria na cidade. Mas Kaike avisou que antes ia até o rio para o seu ritual. Depois, já seguindo a trilha, Vicente perguntou se Kaike não tinha uma ferramenta para derrubar as árvores e alargar aquele estreito caminho.

— A trilha está boa para nós. Não precisa matar as plantas. As árvores são importantes pra nossa comunidade. Elas sabem o que precisamos e nos atendem.

Assim, respondeu Kaike, dirigindo-se a uma grande palmeira de tucumã, onde aproveitaram e colheram muitos frutos. Kaike continuou sua fala.

— A planta é como a gente. Cada uma sabe fazer uma coisa diferente que serve para todo mundo. Vicente estava muito desconfiado daquele guia que tratava as árvores como gente. Mas isso seria só o começo. Com certeza, teria mais surpresas. Ao encontrar outra árvore frondosa, Kaike pediu silêncio.

— Preste atenção! Escute essa árvore e pense em tudo que nasce dentro da floresta. Depois, imagine tudo que nasce dentro de você.

Vicente tentou. Mas não conseguiu nada. Kaike acrescentou:

— Ponha pra dentro a paz das matas. Respire e sinta sua ligação com a terra. E assim, você fica mais forte e seguro, igual a um tronco enraizado na terra.

— Mas pra quê? Perguntou Vicente.

— Essa ligação com a terra reforça as nossas vontades e os nossos sonhos. Traz a lição de doação das árvores. E a recompensa é dada pela Mãe Terra.

Vicente perguntou se estava perto de chegar à comunidade. Mas antes da resposta, ele visualizou um terreno plano que considerou muito bom para plantar. E perguntou por que eles não plantavam mandioca ali. Kaike respondeu que plantar produtos separados empobrece o solo. E que também pode haver sobra e desperdício. Por isso, eles costumam plantar espécies de tipos diferentes como milho, mandioca, batata, amendoim e banana. Além do mais, eles podem fazer trocas dentro da comunidade. Vicente interrogou:

— Mas se vocês não têm reservas, como fica nos tempos de escassez?

— Tudo que se tira do campo, da pesca e da caça é respeitando seus ciclos de produção e reprodução exatamente para não haver falta.

Vicente começou a achar lógica na história. E continuou Kaike.

— Praticamos rituais para que as plantas e animais existam e se reproduzam. Para nós, o rio é sagrado. Por ele chegaram nossos

ancestrais. E nossa força vem deles. Nós precisamos de nossos pais, avós, bisavós.

Sem pedir mais explicações, Vicente observa que o sol já se despedia e as matas começavam a escurecer. Os dois, então, apressaram os passos para chegar antes do anoitecer. Em vão. A escuridão dominou as matas. Mas logo visualizaram o clarão de uma fogueira.

— É aqui minha comunidade, disse Kaike.

O grupo recebeu o visitante com desconfiança, mas Kaike explicou a história do sobrevivente e do seu naufrágio no rio. Em seguida, apresentou sua família: - Aqui, meu pai, minha mãe. Meus avós e bisavós. Eles são minhas raízes.

Vicente ficou pensativo. Lembrou que há tempos não via seus pais e muito menos seus avós. Não sabia nem se tinha bisavós. Nessa hora, sentiu-se vulnerável e solitário.

Logo mais, todos estavam num ritual ao redor da fogueira. Vicente estava curioso e atento a tudo que acontecia. Silenciou o ouviu o ancião que comandava aquele ritual.

Somos responsáveis por todos que vem depois de nós. As raízes estão aqui dentro. E para esse futuro, vamos respeitar as sementes do presente. As árvores nos dão o maior exemplo. Elas nos doam tudo. Elas nos oferecem oxigênio, abrigam animais, dão sombra, madeira, sementes e frutos. E nós? Estamos fazendo nossas doações? Valorizamos a força dos nossos ancestrais?

E importante! A preservação da vida passa pelo respeito aos períodos de reprodução das plantas, da quantidade de espécies de peixes e animais que existam em cada estação.

Vicente, concentrado diante da chama da fogueira, ouvia atentamente cada palavra proferida por aquele ancião. E entendeu de onde vinha a sabedoria de Kaike.

Por fim, a chama da fogueira foi sendo substituído pelo clarão do luar. Vicente adormeceu tranquilamente, embevecido com as palavras do ancião e com a harmonia entre eles e a natureza. Sonhou com sua casa e seus terrenos próximos. Viu madeiras ao chão, árvores caídas, áreas devastadas pela exploração de minérios e águas poluídas. Acordou assustado em plena madrugada e não conseguiu mais dormir.

No dia seguinte, o ancião ofereceu seu barco a Vicente, dizendo que o acompanharia. E interrogou:

— Qual é a cidade do seu destino?

Convictamente, Vicente respondeu:

— Vou retornar ao meu interior. Preciso conversar com minhas árvores.

Gracielly Sousa da Silva

(1989), nasceu em Manaus. É mãe, psicóloga e empresária. Iniciou sua carreira na escrita recentemente, onde descreve com paixão descobertas diversas, sendo pessoal, ancestral, cultural entre outras. Seu interesse é ajudar o máximo de pessoas a se descobrir e se reconectar, principalmente com suas origens Amazônidas.



MEU DNA AMAZÔNIDA

Minha história começa assim
A Amazônia está 48% em mim
Não sabia por onde começar
Hoje não paro de pesquisar
Já tive vergonha de mim
Hoje tenho orgulho de ser daqui
Já tive vontade de partir
Mas ainda estou aqui
Ainda irei me aventurar
Mas a Amazônia é o meu lar
Daqui ou de lá, não importará
Porque eu também sou do Pará
Mas não para por aí
Porque eu também sou Macuxi
O que mais vou encontrar?
Está tudo no meu DNA!

Gracielly Silva

Henrique Lucas (Hosane Henrique)

Mura, é professor, poeta e escritor amazonense. Mestre em Educação. Membro Correspondente da ALAAG. Autor de Braços do Sol, Meninos de Papel e Atmosfera a Poética Verde. Participa em mais de 100 antologias. Embaixador da Paz, Comendador da Justiça e Paz, Doutor em Honoris Causa em Justiça Social. Melhor Poeta Contemporâneo do Estado do Amazonas – Editora Almeida – MG/2020. Venceu os Concursos Literários da ALAPG – Praia Grande – SP – 2021. Dr. Fco. Calheiros – Instituto Evolução – Manaus – 2022. Prêmio Gonçalves Dias – FEBACLA - 2023. Presidente do CAE/FNDE/Careiro – AM e Coordenador Presidente da OLPIC/AM.



AMAZÔNIA

Meu plácido poema em aquarela
No seio das águas e das florestas
As rimas enaltecem ao Pai Criador
Amazônia é um santuário de amor

Povo-brio, valente de alma guerreira
Guardiões da flora e fauna brasileira
Onde as orquídeas flertam o beija-flor
Amazônia um canteiro de lírios e amor

Água que batiza e sacia a população
O amor nas sinfonias cascatas doces
Fertiliza a vida nas sementes no chão

Amazônia Pátria, idolatrada em alquimia
Pulmão que clama por oxigênio e poesia
Liberte-a da lapuz ignorância e hipocrisia

Hosane Henrique

Jêda da Silva Souza

Nasceu em Taquarana-AL, filha de José da Silva Souza e Iracy Maria da Silva Souza. Tem três irmãos, já eternizados (Cícero, Cícera e Djalma José Souza). Professora e pós-graduada em Psicopedagogia. Coautora da I Antologia Taquaranense (AL), II Antologia Taquaranense, II Antologia Arapiraquense, I Antologia Canoense, Antologia Literária dos 100 anos de Paulo Freire, Uma Antologia Natalina: O Natal entre nós, Antologias: II Coletânea Contando Alagoas em Prosa e Versos, III Coletânea Contando os Literatos e Notáveis da Terra dos Marechais Ontem e Hoje, Antologia: Onde está Deus? Antologia Carmopolitana (SE), Antologia Fortalezaense (CE).



SOU COMBATENTE

Sou feliz Combatente,
Ao lado de São Miguel.
Na caminhada perseverante
Querendo ser sempre fiel.

Determinado com desejo de salvar vidas
Mesmo no intenso calor do fogaréu.
Nas batalhas e nas lidas
Firme e perseverante até o céu.

Eu sou combatente,
Combatente eu sou!
Baluarte na fé e em Deus confiante.
Vivendo e aprendendo a ser santo estou.
Resgatado e moldado na misericórdia radiante.

Sou Cristão, sou combatente.
Necessito com oração e ação
Defender a humanidade padecente.
Dos princípios, desisto não!

A onde eu estiver, bom preciso ser.
A coragem e a força do alto virá.
Avante e confiante! Combatente crescer.
E, irradiante como farol, a alma brilhará.

Jêda Souza (14/08/2023)

ESTRELA E ESCRITOR NATO

Humanamente é uma real tristeza,
A partida do nobre irmão e companheiro
José Maria Rodrigues, que tinha presteza.
E, respeito mais precioso do que dinheiro.

Eis, que no belo e florido mês primaveraíl,
Deus recolhe o Girassol que o seguiu e aos outros guiou,
Com simplicidade e amor, mais valiosos que ouro ou eríl.
Amigo e servo do Senhor, pois Deus mesmo o criou.

Tania fiel amiga como Madrinha Literária,
Sempre teve consideração, alegria e admiração;
Pelo inesquecível José Maria na vivência itinerária.
Prossigue agora com a singela e rica oração.

Obrigada pela convivência, partilha e interação,
Na Primeira Antologia Taquaranense;
A qual a essa Terra homenageou com o coração.
Igualmente nas Antologias Fortalezense e Arapiraquense.

A Deus Pai, minha eterna gratidão!
Por ter conhecido uma Estrela e Escritor nato;
Que na família, trabalho e sociedade teve prontidão;
Para reflexionar e produzir o brilho poético no ato.

Iêda Souza (04/09/2021)

**Eril: Algo de bronze ou latão.*

RUÍDO DAS ÁGUAS

Exuberante Amazonas, ruído das águas.
Com peixes naturalmente rico como em Solimões.
Belos botos nas cristalinas e refrescantes águas.
Com Rio Negro se encontra como irmãos.

Natureza belíssima e digna de contemplação.
Como dom transbordante do Senhor Deus.
Merecedora de toda real preservação.
Indígenas ou não, todos são Povos seus.

Floresta Amazônica, ouro verde e tropical.
Maior não há, precisa ser preservada.
Biodiversidade e natural berço medicinal.
Viva ela respeitada, amada e reflorestada.

Depois que passou por momento bélico real,
Após o surgimento da miscigenação.
Socialmente em Manaus Capital,
A paz começou a reinar no coração.

Manaus lugar dotado de oportunidades simultâneas.
Antologia do Amazonas: Prosas e Versos de Caboclos
Com organizadores: Bandeira, Inês, Jorge, Keila e Tania.
De alta estirpe são esses Literatos protagonistas de ciclos.

Desbravadores Taquaranenses na Manaus acolhedora.
Tania e Stefânia, representantes da Família Rosa.
Tania Costa, carismática, Professora e Escritora.
Aldenor Soares amigo e irmão na Fé airosa.

Iêda Souza

*Ígor Augusto da Silva de
Vasconcelos*

Ator, Poeta, Professor, Artista, Performer



A BELEZA DA VIDA

a bela bola rola na rua
enquanto a rua rola na terra
a terra rola no ar
enquanto o ar rola na vida
a vida rola na bola
daquela menina tola
mal sabe ela que a vida
é muito mais bela que aquela bola
a bela bola rola na rua
enquanto a menina rola na vida

Ígor Augusto

Flávia de Assunção Menezes

Natural de Maués-Am, em 1954 e veio para Manaus em 1972. Concluiu o Ensino Médio em 1979. Trabalhou como analista de Custos em indústrias locais, tendo habilidades em cálculos, escrita e culinária. Considera como conquista a carreira profissional, bens e sua família. Possui como valores inegociáveis: a fé em Deus, a justiça e a honestidade.



TEMPO DE MENINA

Saudade da minha infância,
Do lugar onde nasci
Do rio e da floresta
Das flores do meu Jardim.

As borboletas nas flores
O beija flor no mel,
O Passarinho cantava, e
Pousava no meu chapéu.

Corria até o riacho
Deitava na grama molhada
Ouvia o canto dos Pássaros
Apreciava a revoada.

E assim a noite chegava
E com ela a escuridão
Na minha cama sentava
Fazia minha Oração
Pedia ao papai do céu
Sua fiel, proteção

ROTINA DO SERINGUEIRO

Acorda de madrugada
Acende a lamparina
Faz o café na lata
Inicia sua rotina

Caminha pela estrada
Com a poronga na testa
Levando o balde e a tigela
Seguindo pela floresta

Lá se vai, o Seringueiro
Atrás do seu ganha pão
Ouvindo o canto dos pássaros
Fazendo sua Oração

Dando início ao seu trabalho
Com coragem e disposição
Enfrentando frio e insetos
Cumprindo sua missão

Terminando todo o corte
Espera o látex descer
Para defumar a borracha
E no comércio vender

Ilaíze de Assunção Menezes

Inês Nagcaka

Paulistana, 21.05.1972. Aos 19 anos foi para o Japão e lá residiu por 3 anos. De volta ao Brasil veio para Manaus-Am, onde reside desde então. Já se considera mais amazonense do que paulista. Mãe de 3 filhos, os quais preenchem sua vida de amor. Segundo ela "A maternidade ensinou-a amar e a dedicar-se a esse amor infinito".

"Hoje, as palavras fazem parte do meu dia, uma arte onde a escrita se comunica e compartilha desse universo".



CIRCULO

Em volta da fogueira olhares se encontram
Dialeto se misturam, vozes distantes e presentes se ouviam
De mãos em mãos a bebida era sorvida
E as faíscas que trepidavam eram lançadas ao vento
Sussurros se ouviam em meio a cantoria
O vento uivando, junto com a melodia
A noite fria, mas o coração aceso em chamas.

TECELÃ

A teia que tece aranha, tal zelo e simetria competem
Aprisiona seu deleite com a veste em fios translúcidos
Acompanha ritmos da caça, e laça seu último golpe
Apetece em ver, solve-la algum tempo
Absorver o fluido que foi vida em outro tempo
Aquietar-se, atenta, nova vida em seu ventre.

AVÔ

Aquele rosto familiar já não é o mesmo
Linhas marcadas em sua face
Seu olhar sereno, não tinha a mesma visão
A voz rouca, poucas palavras saiam
Caminhar lento, contando os pequenos passos
Veio até a mim, cheio de saudades
Abraços intermináveis, cheio de ternura
Tanta felicidade que não cabia em si
Seu sorriso destoava de todo o resto
Mostrando a criança que lá habitava
O jovem que ainda permanece
A alma que eterniza num doce sorriso
Ainda é o mesmo menino!

FALSO SUSPIRO

Ela andava por aí suspirando
Ele acreditava que era para ele o suspiro dado
E foi assim o dia inteiro
Ela suspirando e ele achando
Foi quando de volta pra casa ela parou
Pararam em frente a padaria
Ela entrou, ficou procurando algo na vitrine
Então, encontrou o seu doce
E foi então a descoberta
Ela saboreava um suspiro
E ele suspirava por não ser
O suspiro dela.

TUDO PASSA

Entre um espaço e outro vou respirando, não há tempo para o passado.

Entre um espaço e outro algumas gotas molham as horas, nada tão sério assim que não passe...as horas passam.

Os ponteiros em compasso, com o mínimo de atraso vai atravessando o dia, fiel a sua função. Eu, um pouco cansada vou falhando...nas horas, no compasso..

Diálogos acontecem entre eu...e...eu! Nada tão sério assim que não passe, tudo passa.

O meu velho tempo, aquele que me colocou ao mundo vejo o partindo...tudo passa. Ainda há esperanças, enquanto houver o suspiro...respiro...confiança, mas sei que tudo passa.

Ao som da música vou sentindo o momento, este que estou passando...

Inês Nagoaka

Tailson Barbosa Silva

Nasceu em Estância, mas vive até hoje no Pov. Água Fria, Salgado-Se. Filho de Tereza Maria e Simplício Barbosa, casado com Zênia Reis, três filhos: Jessel, Zaíra e Zaiane. Licenciado em Letras/Português e Mestre em Ciências da Educação pela Uninter - Paraguay. Professor durante 35 anos do C. E. Francisco Barbosa em Água Fria e E. M. Durval Militão de Araújo, em Salgado. Escultor com obras em vários municípios, na Bahia, Espírito Santo e Canadá.



QUE SEJAM APENAS UM...

Nos momentos de alegria e nos revezes do dia-a-dia

No lavar das louças, no enxugar da pia

Nas grandes decisões ou ao dividir o controle remoto

Nas horas do sim e nas vezes do não

Na hora da fartura e no faltar do pão

Dormindo nos lençóis ou compartilhando o chão

Que sejam apenas um...

Nas tribulações e nas orações, nas lágrimas e nas canções

Nos desabafos e nas paixões, nas distâncias e nos abraços

Na fadiga e no descanso, nas tempestades e no remanso

Nas palavras impensadas e nos carinhos

Que sejam apenas um...

Olhando as estrelas ou o nascer do sol

As nuvens escuras ou as ondas do mar

Pois esta união os torna um só

E não há nada mais doce que o verbo amar

Recolhendo rosas ou tocando os espinhos

Pisando em pedras ou abraçados no ninho

Que sejam apenas um...

Nas decisões com os filhos, na escolha dos amigos

Nas diferenças e semelhanças, seja na falta ou na bonança

Seja com adultos ou com crianças, nas horas de paz e desesperança

Nos momentos de falar ou de calar

Que seja sempre o outro e nunca o eu

Que sejam apenas um...

Como sempre foi, é e será o nosso precioso DEUS!!!

Jairo Gomes Cordeiro

Natural de Oliveira dos Campinhos – Santo Amaro / Bahia. É colaborador de vários jornais. Tem poemas publicados nas Antologias: “Terra encharcada de manhã e canto”, “Manhã renascida de dor e canto”, “O parto da semente”, “Vivos graças ao medo de morrer”, “Aves ressentidas do verdemar”, “Poetas do Brasil”, “Bahia 13 poetas Contemporâneos”, “Universos na Esperança de Amor e Paz”, “Bahia de Todos os Poetas”, “Harmonia”, “Seleção de Ouro Poetas da Bahia”, “Salvador Poetas Novos”, “Bahia Poetas de Recôncavo”, “Em busca de um dia Novo”, “O grão da terra” ... É membro da Academia de Letras de Santo Amaro (ALSA).



MADUROS E DÍSPARES

O tempo passou cadenciado, célere,
conturbado, preciso, envolvente, brilhante...
Tudo passou! Somos outros! Diferentes.
No âmago, há um misto de quase tudo:
recordações, dores, alegrias, afetos,
momentos vividos, curtidos, sofridos...
Há espólios diversos, tensos, conturbados,
guardados, escondidos, encadernados,
no âmago, em cada recôndito!
Somos outros! Maduros e díspares...
Há forte lembranças, muito embora,
queiramos ou não, algum dia inevitável.
Tudo vai passar! A viagem vai chegar!
A viagem é uma herança primícia
que cada um tem que ter / viver.
É algo eterno, ímpar, intransferível
após a chegada terráquea.
É algo simultâneo que um dia ao nascer,
algum dia, vai morrer.

Jairo Gomes Cordeiro

DIFERENTES E DESCOBERTOS

O tempo passou célere, impávido,
às vezes cadenciado, ordeiro, voraz...
Somos: diferentes e descobertos.
Tudo transcorreu no século passado
que foi marcante, denso, poético, feroso...
Deixaram histórias a serem escritas contadas / analisadas.
Revivê-las, não! Nada será como antes!
Não serão iguais, ténues, melífluas.
Somos outros! Nos fizeram dispaes!
Só nos resta relatar guerras, batalhas,
lutas remotas, momentos impares...
que darão livros e livros.
Ha um espólio infinito de tristezas,
alegrias, devaneios, decepções.
Seremos prisioneiros do passado
por mais que o presente nos direcione ao futuro.
Depois de tudo, só nos resta reflexões!
Vivemos noutros ciclos!
Vivemo noutras galáxias!

Jairo Gomes Cordeiro

PRA SEMPRE

Tudo passou muito rápido!
Somos outros por fora e por dentro.
Impossível retornar! Tudo é passado!
Somos histórias e protagonistas!
Hoje, há uma distância enorme,
sei que nada pode ser como antes.
Ontem, lembranças!
Hoje, saudades tétricas, dolentes.
Fatos e momentos marcantes imutáveis,
daqueles tempos idos nunca esquecidos,
que espezinham o nosso cotidiano.
Fatos que nos marcaram
por mais que sejamos fortes
ou que tenhamos forças,
pois residirão em nós para sempre.

Jairo Gomes Cordeiro

FRAGMENTOS PERPÉTUOS

Mais uma vez, como sempre, em sonhos
vens diáfana, cheirosa, ardente...
Passo a passo numa maneira cadenciada
emerges ao lado da saudade
aonde habita desde muito tempo.
Desfilas no final de nossa rua!
Lembro quanto tu tremias de emoções, acumuladas por meses,
que naquele dia eclodiram.
Vivemos uma noite apoteótica!
Os afagos foram inúmeros e ascendentes.
Hoje, tudo é passado!
Estamos tão distantes e dispersos.
Existe um gosto amargo — saudades,
há vestígios, fragmentos perpétuos.
Tocamos por aí, vamos caminhar pelas estradas diversas,
mas, vai persistir o ontem.
O tempo deixou marcas indeléveis
que resistirão nas artimanhas das horas.
Não haverá acasalamento!
Haverá um novo dia,
para nós dois.
Haverá uma tentativa
para reconquistar o tempo perdido.

Jairo Gomes Cordeiro

Janaína Bellé

Natural de Arvorezinha – RS e reside em Farroupilha – RS. Mulher, mãe, professora, poetisa e antologista. Licenciada em Pedagogia (CESF) e pós-graduada em Psicopedagogia (FSG), Língua Portuguesa e Literatura aplicada ao Ensino (Facuminas). Jurada em cinco concursos literários. Membro das academias: AIL, AILAP, ALB e FEBACLA. @janaina.belle



METÁFORA DA VIDA

Amanhece, a metáfora da vida surge
Impondo-se em cada lágrima podada
O dia se veste da diversidade de sons
A Luz presente permanece eternizada

O vento sopra memórias à neófita órfã
Rompendo o silêncio, soluça aspirações
Pássaros assoviam cânticos assimétricos
Compondo liberdade nas contradições

A água verte no Amazonas, incontida
Que, murmurando, dá esperança à vida
Transbordando na cascata de um olhar

Um intruso trovão registra a assinatura
E a tela celeste recompensa a sepultura
Efêmeros entes destinam ao desencarnar

Janaína Bellé

Janciney Araújo de Oliveira

Ney Araújo é casado, pai de Thamyres, Thiago e Jéssika, avô do Kauã. Administrador com especialização em Logística e Produção, MBA executivo em Gerenciamento de Projetos, dublê de escritor, agitador cultural e entusiasta da cultura popular.

“Autoconfiança, iniciativa e determinação são atributos para se obter o sucesso!”



UM CONTO URBANO: ALBERTINO, O SAPATEIRO CONQUISTADOR

A arte de seduzir não é pra todos, a pessoa que tem esse “dom” é acima de tudo alguém que se conhece, e sabe que com sua lábia, é capaz de conquistar quem quiser. Albertino era o sapateiro mais conhecido do bairro. Mas, sua fama não era pela sua excelência no trato de consertar sapato e sim pelas cantadas originais que soltava sempre que aparecia uma mulher nas sua frente. A sedução era sua arma mais importante. Sempre impecável ao se vestir, não dispensava a brilhantina e nem o pente fino preto no bolso de trás da calça.

Era um galanteador inveterado. Muito alegre, sua oficina sempre estava cheia de mulheres e amigos. Principalmente, pra serrar uma dose de tatuzinho, sua pinga favorita, a oficina mais parecia um barzinho.

Muito vaidoso, não dispensava o Leite de Rosas e nem o desodorante Mistral. Fanfarrão dos bons, conta que chegou a ter de uma só vez quatorze namoradas. Todo os dias saía para os bordéis do bairro. Sempre bem vestido, engomado e perfumado, se sentia um verdadeiro Don Juan.

Todo dinheiro que ganhava na semana, gastava numa noite de farra. Sem se importar com o amanhã, jamais chegava em casa antes das quatro da madrugada.

O que na rua não se sabia, era que Albertino era casado, e uma vez ou outra a sua esposa o flagrava com uma quenga, “*ai o pau comia*”. O Albertino foi o primeiro sapateiro do bairro e diz que ganhou muito dinheiro com conserto de sapato. Certa vez ganhou a concorrência para consertar os coturnos dos vigilantes de uma Empresa de Segurança, foram mais de trezentas unidades, ele teve que contratar vários ajudantes. Isso fez com que ele tivesse que ensinar para outras pessoas seu ofício. Apesar de ser um profissional muito bem conceituado, era relapso nos negócios. Tinha uma rotina previsível, pela manhã abria a oficina e era intenso nos afazeres, muito rápido, adiantava muito os serviços mais antigos, isso porque, ao sair pro almoço, sempre tomava uns aperitivos a mais e deixava a oficina aos cuidados dos seus ajudantes. Os clientes que lhe procuravam pela parte da tarde, para buscar os serviços prontos, nunca o encontravam, tinham que pagar pra qualquer um que tivesse na hora. Ele emendava as horas sempre para namorar e entrava pela noite.

Albertino fez escola, orgulhoso, se gabava que todos os sapateiros do bairro, haviam passado pelas suas mãos, mais de vinte. Mas, dizia que só ensinava 90%, o restante era charme e isso não tinha como ensinar. Nascia com as pessoas, dizia ele. Apesar de ser uma pessoa muito boa e ter muitos defeitos, o pior de todos foi esquecer os princípios da família. Se tornou alcoólatra, e isso causava um mal estar muito grande em sua casa, por várias vezes ficou doente, mas quando melhorava voltava a beber novamente.

O tempo foi passando e ele envelheceu. Albertino deu muito trabalho para sua família em decorrência de sua bebedeira, e a fez sofrer muito com o seu modo de viver. Ser Don Juan, tem um preço e quem se atreve a viver dessa forma paga um valor alto. Albertino pagou esse preço. Viúvo, é deixado de lado pelos filhos e não tem mais a aquela alegria no rosto, os amigos sumiram e as farras deram lugar a momentos de solidão e tristezas. Até hoje Albertino é sapateiro no bairro, e apesar de toda situação adversa vivida, continua vaidoso, ele diz que veio para o mundo para consertar sapatos, brincar e namorar muito.

Janio Ferreira Martins

Escritor, poeta, comerciante, aposentado, membro da ALASAC-Academia de Letras e Artes da Sociedade de Assistência aos Cegos Cadeira Nº 33 Patrono: Benedito Correia Irmão (O Gênio da poesia) Zé Mitôca. Estudante de ciências contábeis e administração, com grau superior incompleto.



“perseverança, palavra que me define”

CREPÚSCULO

Final de tarde de maio
Uma brisa fria soprava
E um épico pôr do sol
Lentamente escondia-se

Atrás das montanhas
Que orientavam os navegantes
Os últimos raios do astro rei
Pareciam não querer ir embora

Uma longa despedida
Dando início a um lindo crepúsculo
A leste, ela, a lua cheia
Surgindo entre as árvores

Imponente bela e meiga
Despertando nos casais apaixonados
Pensamentos lascivos, promessas
E juras de amor

Janio Martins
Poesia híbrida

FADO

O mundo dá muitas voltas
Em uma delas à encontrei
Foi amor ao primeiro olhar
E logo me apaixonei

Ela tem tudo que preciso
O que preciso para viver
Feliz num paraíso
Na paixão vou me perder

Bate o sino da matriz
Vão os fiéis para rezar
A quarenta e quatro anos
Lá entramos para casar

Todos os dias renovamos
O amor que um dia juramos
Diante do altar

Janio Martins
Poesia híbrida

Jerson Alves S Queiroz

Professor na rede municipal de ensino tendo também atuado como professor universitário. É consultor na área de comunicação e marketing e politicamente se identifica como militante social. Coordenou projetos de desenvolvimento na área do turismo e gastronomia, programas de qualificação, dezenas de eventos nacionais, internacionais e lançamento de projetos, livros e guias.



TEORIA DE ESPAÇO VITAL

O espaço é vital para o ser humano. Essa frase me veio à mente ainda quando era aluno de geografia, ela retornou à memória durante uma leitura sobre as últimas notícias de invasões de terras indígenas na Amazônia.

Segundo as notícias, um grupo de madeireiros e garimpeiros entrou à força em uma reserva, que deveria estar protegida, e expulsou os habitantes locais, queimando suas casas, plantações e, de certa forma, impondo-lhes uma nova relação de trabalho diferente de seus costumes e de sua cultura. Essas notícias também me lembraram de situações ocorridas na Palestina, na Ucrânia, na África e em vários lugares do planeta.

Em se tratando de Amazônia, não é a primeira vez que a região é invadida. Há décadas, a floresta vem sendo devastada por interesses econômicos, políticos e até religiosos, os quais ignoram os direitos e a cultura dos povos originários. Os habitantes da Amazônia, no geral, são vistos como obstáculos ao progresso, como seres culturais e intelectualmente atrasados e para muitos, até como seres inferiores que não merecem respeito.

A teoria do Espaço Vital foi criada por um geógrafo alemão chamado Friedrich Ratzel no final do século XIX, que definia que o espaço geográfico era um fator determinante para o desenvolvimento das nações. Segundo ele, quanto mais território um país possuísse, mais poderoso e rico ele seria. Essa teoria chegou a ser utilizada por Hitler e

diversos líderes alemães para justificar a invasão e as guerras que provocaram na Europa, em busca de um “espaço vital” para o povo alemão, que eles chamavam de Lebensraum ou seja, espaço para a autossuficiência econômica de uma população em expansão.

Proponho a reflexão de que o espaço realmente é vital para o ser humano, que não é somente uma área física ou geográfica isolada e sim uma casa comum a todos e que sua preservação ambientalmente correta é o equilíbrio entre os diferentes ecossistemas, espécies e sociedade. Hoje, as invasões e destruições continuam acontecendo com uma nova roupagem e por novos atores, são empresas, grileiros, carteis e ainda por nações que invadem outras regiões para manter seu poder e ter seus lucros econômicos.

É uma contradição absurda. Em nome do desenvolvimento ou qualquer outro tipo de justificativa destrói-se o que sustenta a vida. Em nome do espaço vital, nega-se o direito à existência de outros seres, como se o espaço fosse criação de um homem e que ao possuir essa titularidade ou necessidade poderia destruir o que encontrar pelo caminho, sem pensar nas consequências. Em nome do progresso, retrocede-se na humanidade.

Eu me pergunto: Até quando isso vai durar? Até quando vamos assistir passivamente à destruição da natureza e por consequência da humanidade? Quando a população mundial e suas lideranças irão perceber o verdadeiro conceito de espaço vital e a necessidade de cuidarmos do nosso planeta? Até quando vamos aceitar que a necessidade de evolução, de desenvolvimento ou de ganhos de riqueza de uma nação seja usado como pretexto para a violência, opressão e destruição do meio ambiente ou de outra sociedade?

Precisamos entender que o espaço é vital para todos e que ele deve ser respeitado em sua complexidade, compartilhado com responsabilidade e solidariedade. Reconhecer a diversidade como uma riqueza, e não como uma ameaça, entender que o espaço é vital para mim e para o outro, respeitar e valorizar a vida, em todas as suas formas e manifestações é urgente.

Talvez esse seja um sonho difícil de se realizar, pois há muitos interesses em jogo, muitos conflitos, muitas injustiças. Há muitas pessoas que pensam diferente de mim, não se importando com o outro, com o meio ambiente, com a vida. Entretanto, ousa sonhar e faço da escrita uma ferramenta de luta.

Sendo esse o meu sonho, quero sonhar com todos os que lerem esse texto.

Jerusa da Silva Reis Galvão

Amazonense de Manaus, Paris dos Trópicos, Mãe de dois filhos, apaixonada pela cultura amazônica. Após muito trabalhar para criá-los, enfim pude vê-los crescendo e se tornando independentes. Então, agora posso enfim dedicar meu tempo às minhas antigas paixões, estudar, escrever e propagar a cultura do meu querido Amazonas.



A MORTE

Cruel, imparável
Implacável, odiável
Leva amores, amigos
Preparados?
Nunca estamos
Traz com ela dores
Angústias inigualáveis
E quem fica...
Ah!
Quem fica, fica em uma
Busca incessante
Buscando momentos
Lembranças
Memórias
Uma música
Uma palavra
Um cheiro
Um sonho
Uma busca que traz o acalento para o ser que aqui ficou

Tevanda da Silva Arruda

Natural de Lábrea -AM, 41 anos, Professora da rede Pública do Ensino Fundamental, formação superior em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), pós graduação em Docência para EPT.



DESLUMBRAMENTO NA ALDEIA SURUWAHÁ

Em uma tarde do mês de abril, meus olhos deparam-se com a maloca dos povos indígenas de etnia Suruwahá, minha emoção foi tamanha que meu coração quase saiu fora do peito. Um povo único com costumes preservados.

Uma oca coletiva, onde vivenciei seus rituais de passagem de um adolescente para homem, onde começa usar o sukuadã uma espécie de sunga para preservar sua intimidade já que deixa de ser um menino e é considerado homem.

Todos dormem em redes, confeccionadas por eles mesmos, essa tarde foi mágica em minha vida, nunca meus olhos tinham visto algo tão lindo e que me causou profunda emoção, e as lágrimas rolaram em meu rosto de tanta felicidade, e segui pela noite toda de rituais, danças, cheiro de rapé e muita alegria.

Esses povos maravilhosos me ensinaram a ser uma pessoa melhor, pela inocência e pureza transmitidas através de seus olhares, ainda cultivam sua cultura dos antecedentes até os dias atuais, vivem da caça com arco e flecha, da zarabatana (um bastão comprido e oco) utilizado como lança, do cultivo de bananas, abacaxis, canas e de plantas nativas.

Seus cabelos são curtos e suas peles pintadas de urucum, seus artesanatos são panelas, vasos de barro, pulseiras de palha, abanos entre outros... A maior parte do tempo fica os homens juntos em grupos e as mulheres e as crianças em outro grupo.

Tenho orgulho desses povos, minha maior vontade é vê-los novamente e aliviar essa saudade que me consome.

João do Perpétuo Socorro

O Poeta Lavrador - nasceu em 23 de novembro de 1969, em Rio Vermelho, zona rural de Jaboticatubas – MG. Filho de César Moreira e Sílvia Soares Costa. Pai de 4 filhos e avô de 6 netos. João é lavrador, violeiro, poeta popular, autor de diversos cordéis, como o Diabinho da garrafa, A flor luminosa e outros ainda não publicados. Autor do livro “Caipira nato”, "Filosofia do Cerrado", ele tem a temática da natureza, como a das maiores fontes de inspiração.



Sonhe, acredite, conquiste... você é capaz.

DESAVENÇAS ENTRE SANTOS

Essa noite me deitei
Não sei se foi sonho ou visão...
Só sei que estive no firmamento
Numa certa reunião
Os santos discutiam:
Casamento ou União?

São Vicente pronunciou
Que a amizade ia cortar
Com Santo Antônio,
Que já estava a abusar:
Fazendo casamentos
E deixando pra ele tratar.

Além de tudo, ainda havia “os
amigados”
Esses eram de se esmorecer
Arrumavam tantos filhos
Só se via família crescer
E não estavam nem aí...
Se tinha ou não o que comer...

Nesse instante Santo Antônio
Pedi a palavra, então.
Disse:- Até que casamentos eu arranjo
Mas, amasiar? Isso não!
Já é coisa do cupido,
Criador de confusão.

Anda com sua flecha
Atirando em tudo que vier
Não tem nenhum juízo
Flecha tudo que quiser
Flecha até homem pra homem
E mulher pra mulher...

Procuraram pelo cupido,
Não estava no momento
Então chamaram São Pedro
Para o seu depoimento.
São Pedro falou com firmeza:
- Sou um homem de
conhecimento...

O que eu posso
No momento fazer,
É trancar os dois juntos
Pra que possam se entender,
Por que desavenças entre Santos...
Isso não pode haver...

São Geraldo se interveio
Pedindo a palavra de São João
Mas esse tomava caldo,
Comia canjica, bebia quentão,
Comia milho e batata doce
pulava fogueira, soltava balão...

Ouviram outros santos
Mas um consenso não há
Foi aí que o mestre Jesus
Começou a se pronunciar
Disse: - Em verdade, em verdade
Nenhum dos três se pode culpar.

É a questão do livre arbítrio
Isso é desde que o mundo é mundo
Quem pode explicar tudo isso
É o meu compadre Raimundo
Com a palavra o compadre
Explicará tudo em um segundo...

Aí levantou um velhinho
Com um cajado na mão
Disse: - Por que eu?...
Não gosto dessa confusão...
Nessa hora eu acordei...
E, sinceramente, não sei,
Que fim levou essa reunião.

João do Perpétuo Socorro

CONVERSA COM INOCENTE

Sentado à beira dum caminho
Pensativo, ali sozinho
Pitando um cigarro de fumo
Foi quando surgiu um garotinho
E perguntou com carinho;
- Por que essa tristeza sem prumo?
Eu a ele respondi:
- A prosa começou ali
A tomar um certo rumo...

Podes ver o riachinho
Correndo Alegre e mansinho
Pra no mar desaguar
Tens a riqueza de ver
Seus olhos... grande prazer
Mas, não queres enxergar...
Tens os braços troncados
Pegas peso e tudo
Nada te pode agradar...

Eu disse: - Minha vida é um horror!
Pobre não tem valor,
Trabalha o ano inteiro,
Tomando sol e chuva fria,
Do raiar ao romper do dia,
Trabalho pesado e ligeiro.
O rico é que tem vida boa
Faz quase nada, ele não sua
E vive nadando em dinheiro...

Tens as mãos, capaz
Abraças teus filhos em paz
Mas não queres reconhecer
Ouvido pra escutar tua mãezinha
Te chamando de manhãzinha
Para um serviço ir ter...
Pés pra ires onde quiseses
Olhos pra ver tantas mulheres
Mas nada te dá prazer...

O que a gente faz, mal dá pra comer
Já nem sei o que fazer...
Tô muito é esmorecido
Ele disse: - Oh, homem frouxo!
Nem parece ser tão moço!
Tu estás é desiludido
Não percebes que tens riquezas,
Ao seu lado tanta beleza!
És covarde e sentido...

Devia agradecer a natureza
Proporciona-te tanta beleza
No verde maravilhoso
Agradecer ao criador
Por tudo que ele criou
Mas só sabe xingar raivoso
O sol que te ilumina
A água fria da mina
Mas tudo achas custoso!

Não escutas os passarinhos
Cantando e voando pros ninhos
Alegres sem um real?
As criações nos pastos,
Os cachorros e os gatos,
Enfim, todo animal
Alegres com a vida que têm,
Dinheiro algum eles têm
E nem por isso se sentem mal.

Fica aí resmungando
O que tens de bom vai acabando
Consumindo tudo no fumo
Sua saúde perfeita
Você não a dá direito
Pro pulmão vai metendo sumo
Desse maldito cigarro
Enchendo tudo de sarro
Vê se toma seu rumo?...

Nessa hora eu levantei
esse menino abracei
E falei: -Tens razão!
Joguei o fumo e a palha fora
E falei sem mais demora
Só não vou jogar o facão
Mas a vida é uma beleza
Pois não há maior riqueza
Do que um homem são...

...Eu ficava me lamentando
Da vida só reclamando
E tinha pouca esperança
Mas, foi num rosto inocente
Que pude abrir minha mente
Num sorriso duma criança...
Quem dera se todo mundo
Tivesse esse sentimento profundo
E em Deus mais confiança!...

João do perpétuo (Poema escrito em 2004)

Joaquim dos Santos Marques

Amazonense (URUCARÁ), nasceu em 01/12/1965, casado com Mariete Henrique Marques, 3 filhos (Rangel, Robson e Joaquim / Kinzinho). Professor e poeta. Graduado em Pedagogia e pós-graduado: Especialização em Supervisão Educacional pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É membro da Academia de Letras, Ciências e Culturas da Amazônia (ALCAMA).



“A arte é o fruto da imaginação, pois tem gosto e tempo certo. Tudo é possível!”

Na tribo dos Burubus, havia uma indígena muito bonita chamada Iná. Ela era a filha do cacique e logo no seu nascimento, ele a prometeu para um dos guerreiros de sua tribo, filho do pajé.

No ritual de sua passagem para a adolescência, o cacique fez uma grande festa. Como de costume, todas as tribos da redondeza se faziam presentes. Entre elas a tribo Caboquenás. Nessa tribo havia um guerreiro belo e forte chamado Cumã. Assim que Iná o viu, encantou-se.

A jovem estava radiante em sua festa, dançou e agradou a todos. Seu pai, o cacique, estava muito feliz e como presente de aniversário prometeu a Iná realizar qualquer pedido dela. Iná, prontamente, pediu ao seu pai para se casar com Cumã.

O cacique muito surpreso com aquele pedido, mas logo respondeu que aquele pedido, ele não poderia realizar. Afinal, ela era filha única e já estava comprometida, além do mais, o jovem guerreiro era de outra tribo.

O cacique percebeu que o casal estava enamorados e, conhecendo a personalidade da filha, que era também uma grande guerreira, sabia que ela não iria desistir. Então, ele e o pajé traçaram um plano.

Ele convidou Cumã para um banquete no outro dia. O cacique pediu que o pajé preparasse uma bebida especial para Cumã. Durante o banquete o cacique ofereceu a bebida a Cumã, que logo a tomou. Depois o cacique falou para o jovem que se ele realmente amasse Iná, desse uma prova de coragem para esse amor. O jovem teria que adentrar na floresta e trazer o mais bonito dos presentes para ela.

Cumã aceitou o desafio, mas ao se despedir de Iná, foi tomado de uma tristeza tão grande e ele começou a chorar copiosamente. Suas lágrimas grossas e numerosas caíram ao redor da maloca.

Cumã saiu, sentindo-se estranhamente tonto, meio desnorteadado com o efeito da bebida e nunca mais retornou. Tempos depois, umas palmeiras altas, bonitas e com grandes espinhos começaram a crescer justamente onde as lágrimas de Cumã caíram. Iná enlouquecida perguntou a mais frondosa e bonita delas:

— **ÉS TU CUMÃ? ÉS TU CUMÃ?** Por favor, responda. Mostre-me o fruto desse amor gostoso que sinto por ti. Então os frutos começaram a cair. Iná teve certeza que aquela palmeira era Cumã.

A partir daí, aquele fruto delicioso passou a ser chamado de **TUCUMÃ**. Dentro dele há um caroço cheinho das lágrimas do jovem guerreiro Cumã.

Joaquim dos Santos Marques

Jorge Trajano

Casado, pai, avô, amazonense reside em Manaus, psicólogo especialista em autismo (TEA) Transtorno do Espectro Autista.



APENAS UM VENDEDOR DE GALINHAS!

Era 6h da manhã e eu cansado, como de costume, ao final de cada show, ia até o mercado Adolpho Lisboa tomar o melhor mingau de mungunzá, que era capaz de levantar e tirar o cansaço de qualquer um! Tinha organizado o Show do Cantor Fábio Júnior, um show tenso porque o cantor era famoso por seus atrasos!

Ao passar para a ala do mingau e cafés, não pude deixar de perceber um galinheiro cheio de galinhas e me veio na lembrança as galinhas apetitosas que mamãe fazia na infância! Quanto custa?

10,00 (dez reais), disse o vendedor!

Aponte para a dita cuja e, decretei: quero aquela!

Esta não posso vender não senhor!

Como assim?

É que esta, uma cliente, passou aqui e reservou! Dei-lhe a palavra de que guardaria para ela!

Pois pago 20,00! Afirmei entusiasmado de que o convenceria a vender-me!

Não posso vender não! Senhor! Dei minha palavra e palavra dada é palavra para ser cumprida!

De repente! Meu entusiasmo esvaiu-se numa vergonha sem igual! Como poderia eu, querer corromper o pobre vendedor de galinhas, a quem palavra dada era palavra cumprida! Oferecer o dobro do valor, significava quase nada para mim!

Pra ele, representava 100% em seus ganhos!

Ah se todos agissem como aquele senhor! Que bom seria se nossos políticos fossem como aquele velhinho! Nosso País seria melhor e nossas Políticas Públicas mais eficazes! Teríamos mais respeito um pelo outro e qualidade de vida!

José Adailton Tavares Almeida

Nasceu no dia 14/02/1976, em Assú, RN. É filho do pernambucano Fernando Tavares de Almeida e de Maria Nascimento Oliveira, ambos in memoriam. É poeta, sonhador e professor. Graduado em Ciências Econômicas pela UERN. Ag. Adm. da prefeitura de Ipanguaçu/RN. É integrante do grupo **Celebra-se Poesia**. É coautor da Coletânea Poemas Diversos e da Antologia Poética Encantos Nordestinos.



SOU NORDESTINO

Sou nordestino, sou assuense,
Sou do Rio Grande do Norte,
De gente culta, inteligente,
Nascer aqui foi minha sorte.

Sou nordestino, sou brasileiro,
Das caatingas, do índio guerreiro,
Sou de Assu, Terra da Poesia,
Do São João, da alegria,
Onde o sol é mais brilhante,
Onde a fé é contagiante.

Nordeste de praias belas,
De cenários deslumbrantes,
De um povo humilde e sonhador,
De suas belezas sou amante,
Por tudo isso, sinto amor.

Sou poeta e professor,
Tenho o Nordeste como inspiração,
Reconheço o seu valor,
Esta é a minha região.

Adailton Tavares

José de Sousa Vieira

Nasceu em 13/07/1961, em Independência Ceará, mas mora em Manaus há 42 anos. Filho de Manoel Vieira e Luíza Souza, casado, 5 filhos. Microempresário. Participando do Programa Brasil Caboclo da Rádio Rio Mar de Manaus, conheceu diversos cordelistas, entre eles Cajarana e Xexéu. Suas produções de poemas e vaquejadas foram se aprimorando cada vez mais. Já participou de antologias e várias coletâneas de poesias, entre eles: Festival Vamos fazer poesia, Cordel Pequei e Rapadura Com Natal Barros, Anuário do Cordel Brasileiro, Funcionário Padrão com Bento Sales e o seu livro solo: Livro de poesias mote e glosas do sertão



O PERDÃO

Procure conviver bem
Sem ódio dentro do peito
Não trate com preconceito
Nunca humilhe ninguém
Quem trata com amor tem
De Jesus mais atenção
Na hora do galardão
Jesus vai lhe contemplar
Quantas vezes precisar
Suplique pelo o perdão.

Deixe o orgulho de lado
Aprenda bem conviver
Na hora de se arrepender
Peça não fique calado
Se quiser ser perdoado
Bote os joelhos no chão
Abra a mente e o coração
Deixe todo amor entrar
Quantas vezes precisar
Suplique pelo perdão.

Mote e glosa (José Vieira)

José Gomes Paes

O poeta da beira do Rio, é filho de Urucará, baixo Amazonas, nascido na Rua Crispim Lobo, esquina com a Praça Santana, o poeta e escritor, faz parte da ABEPPA, ALCAMA E ASSEAM.



MANAUS MEU GRANDE AMOR.

Oh!
Manaus tão meiga e querida
Que me acolheu e me abraçou
E lá se vai a história de uma vida
Vivida com muita esperança e amor

Os teus pontos turísticos
De tua arquitetura européia
Dos tempos áureos místicos
Plantados bem no meio da selva

Cercada pelo verde da mata
E pelo Rio Negro que te banha e embeleza
Admirada pelo Encontro das águas
De tua rica e encantadora natureza

Manaus do Teatro Amazonas
Do Palácio, da Praça São Sebastião
De tua Orquestra Sinfônica
Que são orgulho do teu chão

Manaus da Matriz Na Sa da Conceição
Do Santuário Na Sa Aparecida
Cidade de fé e oração
Muito abençoada e bendita

Manaus o teu Porto arquitetônico
Dos tempos áureos da borracha
Que me faz viajar em meus sonhos
Nos rios que outrora muito navegava

Oh! Linda Manaus meu grande amor
Tu já está perpetuada no meu coração
És minha primeira morada com louvor
A Virgem Santa Nossa Senhora da Conceição.

José Gomes Paes

O POETA NAVEGADOR

(Tomar banho no Rio é a coisa que mais gosto de fazer).

Aí de mim! Sem esse Rio caudaloso
São coisas que guardo no peito
Assim me sinto bem moço
Para navegar no seu leito

Como a correnteza que passa
Mas, que se desvirtua no caminho
E lá adiante se entrelaça
Com outros rios no seu destino

Esse enigmático Rio das Águas pretas
Que mais abaixo se encontra com o Solimões
Que banha Manaus nas suas facetas
Brotando agitados rebujões.

Nesse reboição de águas pretas e brancas
Formando o Amazonas, nosso riozão
Mas, que só a branca avança
Jorrando água doce no ribeirão.

Me dá prazer em seu leito navegar
A certeza em sua beira viver
Será a plenitude do verbo amar
E a inspiração do poeta no alvorecer

Do caboclo que passa no rabeta
Ao Barco de Linha que sai toda semana
O A Jato que vejo da ribanceira
São coisas que não saem na lembrança

A derradeira arte que encerra
Essa longa caminhada nessa estrada
A volta aos anseios de minha terra
Nesse mar de rios, de amor e de poesias proclamadas

José Heleno Rocha de Oliveira

Escritor, membro da UBE secção de Arapiraca AL, agricultor, pecuarista, produtor proprietário rural, no ramo da pecuária de corte, tendo seu primeiro livro; A VIDA QUE NÃO VIVÍ, publicação da editora performance Arapiraca AL, ano 2023, participou de diversas Antologias.



**Para colher, você tem que semear.
Portanto escolha as melhores sementes**

OS ENCANTOS DA FLORESTA

Andando pela floresta
Uma armadilha encontrei
Para na cair no laço
Do caminho desviei
Confesso não teve jeito
Uma flexada no peito
Naquele instante levei.

Caí desmoronado
Sem saber de onde veio
Ainda dei alguns passos
Cantando meu devaneio
Sem forças para lutar
Foi o Jeito me entregar
Já que o estrago foi feio

Desmaiado sem sentidos
Não percebi quem chegou
Aos poucos fui acordando
A percepção voltou
Naquele instante avistei
Aquela que tanto amei
Foi ela que me salvou.

Essa Índia me levou
Com ela pra sua taba
Cuidados tinha de sobra
A atenção redobrada
E quando menos pensei
Por ela me apaixonei

Noite enluarada.
Lhe digo que o guerreiro
Nessa hora fraquejou
Os encantos dessa índia
Ele não aguentou
Tentando achar a saída
De volta pra minha vida
Mas o amor me físgou.

Jose Lopes Lisboa

Filho de Elias Natanael Lisboa e Rute Alves Lisboa Nasceu no dia 11 de setembro de 1947 em Monte Carmelo município de Alto rio Novo Espírito Santo, casado com Tereza do Prado Lisboa, duas filhas um filho e 8 netos, não tem formação acadêmica, seu lema é: Gratidão.



DIA DAS ÁGUAS. SOCORRO AS NOSSAS FONTES:

Estes versos aí estão, é um meio simples de homenagear, falando um pouco de acontecimento como despertar, é só observar cada momento, voltando ao passado lembrando se um pouco como era ávida na roça e os costumes dos caboclos.

Água fonte de vida e uma realidade, quando é guiada para os açudes para a bastecer e matar a sede dos habitantes das cidades, as nascentes sendo descobertas isso aperta o coração, não tem mais o gorjear dos pássaros que formavam os viveiros no sertão.

Leis foram criadas, emendas vêm primeiro, é uma briga sem fim com o tal passarinho, mas se ele tem padrinho, ou as costa quentes e se tiver dinheiro tudo fica diferente, paga se a tal fiança e sai pela porta da frente.

O tempo foi passando e costumes foram mudados. Hoje prender passarinho é coisa do passado, Mas os contraventores não têm observado, traficam nossas aves das florestas e do serrados.

O meio ambiente esta pedindo socorro, os pássaros estão sumindo dos pantanais e dos morros, cada pássaro que some menos semente que se come, e o viveiro natural que os pássaros fazia hoje esta tão distante; dos serrados e das matas vazia.

Há muitos anos quando alimentos não tinham o sertanejo valiam-se da natureza, fazendo suas armadilhas, pegava suas prezas para alimentar sua família.

Hoje em tempos novos, tecnologia avançada quando a ciência pode fazer a natureza das plantas serem multiplicada, não precisa mais armadilhas para fazer caçada.

Nosso país e tão grande, e rico também, o maior manancial de água doce que o planeta tem, pessoas qualificadas fazem projetos arrojados, ficam todos nas gavetas dos governantes que por nos foram votados.

A esperança que todo isso um dia mude, quando revitalizar nossos rios e água de qualidade encher também os açudes. Árvores frutífera plantada e de volta a passada, melhorar as condições de vida nossas crianças com mais saúde.

Com tanta tecnologia muitas coisas podem mudar no campo ou na cidade e só cada um fazer sua parte pensando melhor na hora de votar, não usar de mu treta, mas quem sabe tirar das gavetas, os projetos nessa altura estão mofados, quase sem validade.

Jose Lopes Lisboa : Zezinho;

José Luciano Rocha

Filho de José Gonzaga da Rocha e Ana Lúcia Correia da Rocha, de Taquarana – AL, reside em Calderária/RN. Suboficial Mergulhador da Marinha do Brasil. Mergulho Profissional, Mergulho Polar, Tratamento Para Prevenção e Atendimento a Emergências Ambientais na Antártica e Ética e Serviço Público. Missões essas que já foram além das fronteiras: Dakar, Senegal, Argentina, Chile, Granada, entre outros. Atualmente está na Antártida



NÃO HÁ LIMITES PARA O SER HUMANO QUANDO ELE TEM SONHOS E, PRINCIPALMENTE, DETERMINAÇÃO, RESILIÊNCIA E FOCO PARA ALCANÇÁ-LOS.

Eu sou Taquarana-AL, um taquaranense com muito orgulho da terrinha onde nasci, pois tudo começou lá, naquela pequena e pacata cidade.

Minha segunda e terceira infância não foram recheadas das brincadeiras, típica desse período, atividades que exigiam esforços físicos, correria. Não tinha o futebol na rua ou no campinho de barro, o pega-pega, a queimada, o subir em árvores altas... eu era privado disso, tudo muito comedido e cauteloso. Minha diversão era mais olhar os amigos correndo, brincando e se divertindo. Passei por tantas dificuldades relacionadas a problemas de saúde que nessa fase da minha vida, eu resumo em uma palavra: SUPERAÇÃO.

Um delicado problema na parte óssea, fez-me usar por dois anos um aparelho grande, esquisito e desconfortável, mas que protegia toda a minha coluna vertebral, no intuito de corrigir um acentuado desvio nela, como se não bastasse, frequentemente sofria fraturas nos membros superiores, transparecendo assim, uma criança frágil, cheia de incertezas para uma levar uma vida saudável e normal como os demais da minha idade. Mas, ao meio de tudo isso, havia um sonho, um objetivo, uma meta: fazer parte da instituição **Marinha do Brasil**. E

era ele que me mantinha forte, nem mesmo todas esses obstáculos e dores vividas abalavam esse meu sonho.

Veio a juventude, trazendo consigo meu sonho, que cada vez ficava mais latente, todavia trazia também, algumas sequelas, cuidados, receios... no entanto, meu sonho era maior que isso. Maior até do que as desconfianças, negativismo de algumas pessoas (não por maldade ou desamor delas por mim, mas por temor, preocupações com a minha saúde). Elas acreditavam que eu não iria conseguir concluir os inúmeros exames de saúde e testes físicos tão rigorosos exigidos pela Marinha, devido minha fragilidade óssea. **Fragilidade essa, que não existia em minha mente.**

E vieram os primeiros obstáculos: as provas, os exames de saúde, as temidas aptidões físicas... E... um a um fui superando. Finalmente, consegui ingressar na Marinha do Brasil.

Espera, não parei por aí! Buscando me superar ainda mais, resolvi ser mergulhador, que me levariam a enfrentar baterias de exames de saúde, físicos e psicológicos, mais complexos. Mais uma vez, superei. Fiz o curso de mergulho com duração de um ano. Com isso, mais um sonho foi realizado, curso este, que exige bastante do seu condicionamento físico e mental.

Estou na Marinha do Brasil desde 1995. Já vivenciei diversos momentos e situações de alegrias e tristezas nos resgates, buscas, salvamentos e operações conjuntas. Todas as missões marcaram a minha vida, mas vou destacar uma, porque essa faz parte do ápice da minha história. Esta que estou vivenciando agora.

Estou atravessando um momento muito especial na minha vida profissional. Estar no **continente gelado chamado antártica**, fazer parte do grupo de militares tão seletos, tão compromissados, tão destemidos, que prestam apoio à estação científica brasileira chamada de **Estação Antártica Comandante Ferraz**, apoiando a comunidade científica e conduzindo suas manutenções pertinentes à minha especialidade.

Quero registrar aqui, dois momentos inesquecíveis no qual guardarei eternamente em meu coração: o primeiro foi durante a travessia de navio para o continente gelado no qual tive a oportunidade de ver pela primeira vez a neve branca batendo e se fixando nas

anteparas do navio, me dando cada vez mais a sensação de um novo sonho se realizando. Segundo, foi o prazer, emoção e adrenalina ao pisar no solo Antártico, vislumbrar as imensas geleiras ao meu redor. Sentir a adrenalina esquentando meu corpo, incendiando o meu coração mesmo num continente tão gelado. Por alguns segundos, eu em êxtase, viajei no tempo e lembrei do menino com o corpo franzino envolvido por um aparelho de ferro e os braços forrados em uma tala de gesso... não segurei o choro, tamanha a emoção. Senti-me orgulhoso de mim mesmo, superar tudo o que passei, especialmente, por não ter desistido dos meus sonhos mesmo ouvindo as palavras desmotivadoras e desestimulantes de alguns.

Por fim, agradeço a Deus por ter me escolhido a ter uma história de superação e também a **minha mãe**, que com um amor incondicional, nunca mediu esforços para me dar todas as condições necessárias para que eu chegar onde estou hoje.

E você, leitor, pense grande, pense alto e voe onde sua imaginação puder chegar. Não desista dos seus sonhos devido alguns obstáculos que a vida venha a lhe proporcionar. Obstáculos se chama **SUPERAÇÃO!!**

José Luciano Rocha

José Maria Rodrigues

Maranhense de Amarante (11/04/1942 – 04/09/2021). Desde criança conviveu com a poesia, acompanhava seu tio repentista nas apresentações. Dono de uma capacidade imensa de memorização, decorava os repentes do tio, e logo, começou a cantá-los para familiares e amigos, impressionando-os devido a sua pouca idade e por não saber ler. Aos 65 anos, aconselhado pelos familiares foi estudar, com o intuito de escrever seus próprios repentes. Seu maior sonho era publicar um livro solo.



**“Quem não estuda na vida
É um cego sem visão”**

HISTÓRIA DE CRIANÇAS EM FAMÍLIA

- Senhor Deus de cada dia
Que aqui está presente
Peço a vossa permissão
Pra falar em muita gente
Todos eles são crianças
Que deixa a gente contente

A Amelly chegou primeira
Nessa nova geração
Trazendo muita esperança
Com uma grande perfeição
Firme, forte e corajosa
Com amor no coração

Pedro Larry é o neto
Que todos queriam ter
Menino bom e estudioso
Nos encanta e dá prazer
É um ser iluminado
Tenho orgulho de dizer

Matheus Henrique também veio
Trazendo muita emoção
Pegando a bola no pé
Com grande disposição
Fazendo gol implacável
Que causa admiração

Emanuel Augusto chegou
Estrela que veio a brilhar
É uma criança querida
Sempre joga pra ganhar
É um ídolo respeitado
Nos gramados vai chegar.

O nascimento de Samuel
Pela família celebrado
É um menino inteligente
Deixa todos encantado
Com seu jeito precioso
É humilde e engraçado

Quero falar de alguém
Por ser muito inteligente
Luís Gustavo da Silva
É um menino sorridente
É cheio de alegria
Deixando a gente contente

Lara Fernanda chegou
Mesmo aqui neste setor
Quero mostrar pra você
Este símbolo do amor
Ela e a coisa mais linda
Que o universo criou

Eu aqui peço desculpa
Se eu não pude falar
Palavra bonita e exta
Que vem lhe agradecer
O mundo mesmo é assim
Ninguém não pode mudar

Leitores vou terminar
Essa história das crianças
Todos são nossa família
Completo de esperança
Pois eu acredito neles
Com amor e confiança

José Maria Rodrigues

Julieta Rocha de Almeida Lima

Cearense, natural de Quixadá-CE, nascida em 24/12/1963. Imortal Supremo - Academia Internacional de Literatura e Artes - Poetas Além do Tempo. Recebi da Câmara Municipal de Quixadá - Medalha Rachel de Queiroz, pelo reconhecimento do trabalho realizado âmbito cultural. Sessão Solene. Tem Bacharelado em Teologia, Licenciatura Plena em Filosofia, Licenciatura em Letras e Graduação em Pedagogia. Especialista em Gestão Escolar e em Educação Global, Inteligências Humanas e Construção da Cidadania.



GRATIDÃO

Gratidão, amor, é o sentimento que trago comigo, latente em meu coração!

Tive a alegria e a felicidade de ser agraciada na escola, muito cedo, por mestres (as) que fizeram toda a diferença, em minha vida escolar. Passei por uma escola conteudista, sim, que se preocupava em formar na amplitude, desde a descoberta do meu essencial, indo a procura de mim mesma, viajando no meu ser, e aos poucos descobrindo, quão maravilhosa sou eu, aos olhos do Criador. Em minha vida, sou aprendiz, cedo aprendi, que, todo dia, é dia de fazer uma nova lição.

Educandário São José, meu primeiro colégio querido, administrado pelas mestras, irmãs missionárias da imaculada Conceição, em Dom Maurício, Quixadá -CE .

Há! Quantas saudades eu tenho de te...

Estavam elas, sempre preocupadas com tudo! Ensinou-me, os valores essenciais, as relações humanas, o respeito, zelo e amor pela natureza, arte educação, postura correta, lê em público, amor pelos semelhantes, pela Pátria, respeitar as demais idades, as crianças, jovens, colegas, funcionários, pais, as famílias, enfim, formou-me para o exercício do magistério.

Foi, exatamente, através de muitos exemplos, e de dedicação, incondicional, de inenarrável vivência, através do repasse da metodologia aplicada, a pedagogia da afetividade, do amor!

Confesso que, o acreditar no meu potencial por elas, despertou em mim, o gosto pelos estudos, cultivando a minha curiosidade, a vontade de aprender, de viver, de ser mais!

Educou com cuidado meus gestos, meus passos, meus movimentos, o amor pela língua materna, como expressar-me bem!

Tudo isso não tem preço, tem, o eterno sentindo de gratidão, de amor, atenção, respeito e admiração!

Há, quantas saudades eu tenho de tudo, mais aqueles jardins, com tantas rosas cheirosas e belas, estavam impregnados em cada pétala o perfume de cada uma delas, dos colegas de classe, enfim, de todos nós!

Ensinar para a vida, hoje eu vejo, quão maravilhoso é, estar perto de alguém de fé, que vendo um futuro próximo para mim, já anunciava, uma consciente proposta educativa de cidadania, através da ação reflexiva.

E, eu sem muito compreender naquele tempo!

Hoje, com maior clareza e riqueza em casa detalhe, em cada descoberta, sei, que estou emancipada, pois a autoavaliação faz parte da minha prática pedagógica, atuando como eixo central, perante a dialética da minha vida.

Exemplificando melhor, esse é o meu maior legado, construído no sólido chão de uma sala de aula, onde eu era realmente, participe do processo.

Graças a esse grande amor, foi, o que levou-me a valorizar os sentimentos, então, posso dizer, mesmo diante da maior dor, ou decepção da vida, sou feliz.

Obrigada!

Julieta Almeida

O AMANHÃ

No amanhã pensar?
Se terei?
 como será?
Não enfrentarei!
Procuro não fazer!
Não preciso, nem imaginar!
Prefiro mergulhar,
Em meu interior
Tirando dele lição
Para bem viver, com emoção
O hoje, com amor!
Vivendo tudo isso, estou,
Diante de mim, eu sou,
Pois a vida, por favor!
É, agora, já!
Vem comigo caminhar!
O hoje é, nosso presente maior!
Sintamos então:
A Aurora do dia novo raiar
O sol chegando novamente,
É, a natureza a nos amar...
A nos cuidar somente,
E, tudo isso, é sensacional!
Sentir, a leve brisa da manhã,
Acariciando o rosto,
Recebendo a oportunidade
Novamente,
Diante da Multiplicidade
Da dinâmica da vida
Vivamos a felicidade!

Aprendendo, na graça do dia,
No convite surpreendente
O hoje, fazendo acontecer...
E o coração ardente,
Feliz, latente pulsando
 Estamos em sintonia,
amando!
Vem, comigo viver mais!
O hoje, é tão necessário,
Como respirar, direito
ordinário
O instante, é verdade,
É agora, preciosidade!
A dádiva do hoje, presente!
A vida é, efêmera demais,
Então no jardim da vida
Plantemos sementes de amor,
Para em nós gerar...
Frutos de sabedoria,
De vitória!
O amanhã?
Se terei, a graça do novo dia,
Certamente, não será,
 Mérito meu, porém bondade,
Graça, benção, misericórdia,
Do meu mestre e Senhor!
Preciso feliz viver,
Fazendo acontecer,
Hoje!

Julieta Almeida

HOSANA

Minha mãe, Hosana, em um dia tão esperado, tão especial, cheguei em seu santuário sagrado, foi plantado em nós, a semente do amor, que fecundada gerou laços de afetividade, e assim, no aconchego do seu útero, me acolheu, permitindo que o sopro da vida, pudesse reinar absoluto.

Sou eternamente grata, pelo seu sim, hoje compreendo tudo, com muita clareza, carinho, gratidão e admiração!

Minha terna mãe, será, para mim, o lírio mais cheiroso no jardim da minha vida, flores sempre bem-vindas, que exalam o perfume da mais pura essência, da magnífica fragrância, que somente o cheiro de mãe possui.

Quanta alegria, sente meu coração ao dizer todo dia, sou filha de Hosana, e me regozijo hoje, de modo particular com o Criador, pela dádiva da tua maternidade, que sou eu o fruto do teu bem querer!

Hoje, lembro-me com carinho, quando falou para mim, olhando em meus olhos, tive a felicidade, em ver rolar dos teus olhos, lágrimas de amor, em razão da satisfação, ao contar o que sentia, em cada filho que nascia. Quando tomava conhecimento de fato, que havia gerado mais uma vida, imediatamente recitava versos em latim, do hino oficial da Imaculada Conceição, nos consagrava, a doce e terna mãe Maria, e concluindo o ritual sagrado dizia:

” Totus Tuus Maria “!

É latente em meu coração, o sentimento de gratidão a Deus pelo presente precioso, deu-me uma família para amar, e pela feliz Multiplicidade do seu amor, mãe!

Minha mãe, hoje, você foi morar no céu, voltou para o seu verdadeiro essencial, sei que tudo por aqui, é uma efêmera passagem, mas te confesso, a saudade é demais, sua ausência é constante, doendo em mim, porém, também sei, que “o amor é mais forte, que a morte”!

Tal certeza, traz – me conforto, através da luz da fé.

Sempre estaremos unidas em coração, oração e alma unindo corações assim...

Hoje és para mim, lírio perfumando o meu jardim, meu arco íris horizontal, ensina-me novamente a voar, andar, a caminhar, parece que tudo contigo se foi!

Sei, certamente não é pecado, querer o teu colo novamente, minha mãe, minha menina cheia de luz, pois sabes como ninguém as minhas lágrimas enxugar, na fiel capacidade de me amar.

Feliz Bodas de Carbonato!

44 Anos de Muito Amor!

Hoje estamos de parabéns. Celebramos 44 anos de uma união linda e emocionante. Nosso casamento daria uma novela: vencemos desafios, ultrapassamos obstáculos e superamos coisas quase impossíveis.

Foi uma aventura gigante: a maior da minha vida. Construimos uma família feliz e nunca desistimos de procurar alegria e amor para todos. Tenho muito orgulho do nosso lar, do nosso matrimônio e de nós dois. Eu amo você, amo o que somos e representamos. Sou feliz assim, ao seu lado.

Fazer 44 anos de casados, nos dias de hoje, é coisa muito rara!

E todos que conseguem se suportar, por longos e longos anos, sabem bem o que é!

Não é por sermos perfeitos, que conseguimos viver tantos anos juntos.

É por entender que o outro falha, mas nós falhamos também!

É por entender, que amar um ao outro, não é só com flores e cheirinhos no pescoço...é por saber, que temos dias bons e dias ruins, e o outro tem também!

É POR ENTENDER...que por mais que os anos passem, para sempre é nosso amor!

Casados: Sé Catedral de Jesus, Maria e José.

Em: 16/05/1979 – Pe. José Bezerra Filho.

Padrinhos: Lafayette de Albuquerque Lima e Vilani França.

Quixadá -CE, 16/05/2023.

AS BEM AVENTURANÇAS DO PAI II

Bem aventurado és tu, “pai irmão”,
Que, não sendo biologicamente
Meu pai, entregou-me seu coração,
Na real expressão do amor, unicamente
Recebeu do pai, o que possuía de valor:
A sua família para dela ser o condutor
Em seu leito de morte, ele te abençoou,
E a Deus mais uma vez, consagrou
E disse, comigo foi assim,
Contigo também, será assim.
A partir daquele momento, de coração,
Abraçou sua tão árdua missão
Sei, meu pai irmão
Que às vezes, dou trabalho demais ...
Bem aventurado és tu pai irmão,
Que trazes, no olhar , a expressão
Do supremo amor
Reflexo da bondade do Criador
Bem aventurado és tu pai irmão.
Serás chamado por Deus, certamente
De servo bom e fiel bravamente
Bem aventurado és tu pai irmão.
Que vais regozijar – se com o Senhor,
Bem aventurado és tu pai irmão,
Que recebeu o sopro do amor,
O Bálsamo santificador, curador
Bem aventurado és tu pai irmão,
Que põe na mesa o pão,
Bem aventurado és tu pai irmão,
Que trazes, na face, o brilho do diamante
Através do evangelho da vida, especialmente.
Bem aventurado és tu pai irmão
Pela grandeza do teu coração.
Bem aventurado és tu pai irmão

Que se deixa guiar por valores essenciais
Bem aventurado és tu pai irmão,
Que teu exemplo é da vida lição.
Bem aventurado és tu pai irmão
Que a sabedoria, muitas vezes te faz calar.
Bem aventurado és tu pai irmão
Que vê o interior, sem julgamento de valor.
Bem aventurado és tu pai irmão
Por ser para nós, da vida, referencial.
Bem aventurado és tu pai irmão,
Que, no aconchego do lar, nos faz sonhar
Fazendo acontecer, o apostolado especial.
Bem aventurado és tu pai irmão,
Que diante das adversidades na missão,
Traz o evangelho no coração.
Bem aventurado és tu pai irmão ,
Que sabes, deves devolver
Melhor para o Criador, iluminando meu ser.
Bem aventurado és tu pai irmão,
Que certamente terás um dia
O prêmio reservado no "Céu"

Julieta Almeida

Texto em homenagem ao meu irmão

Antônio Martins Filho, o qual também é nosso pai, pois o mesmo criou a mim e meus irmãos quando do falecimento do nosso pai.

AMAZONAS

Em tuas terras caminhei,
Aprendendo valorizar
A sabedoria popular.
Ouvindo com atenção
A voz da experiência.
Mergulhei em tal ciência,
Que transmitia conhecimento.
Não sabia que o silêncio
É algo tão extraordinário.
É verdade, é preciso saber
Fazer a leitura do temário,
Para bem viver!
Ouvir, falar, abraçar é ação,
Dialogando com o coração.
Assim, a paz nos surpreende
Trazendo – nos, saúde interior.
Nos atende, transcende
Em brisas de amor...
Se queres o bem do planeta,
A natureza é reciprocidade,
Nos garante com dignidade
O pão, fruto da comunicação.
Vidas em sintonia, é nossa meta
Então vem conosco nação!

Julietta Almeida

Julius César Soares Marques

Manauara-Am, atualmente mora em Belo Horizonte, 27 anos. Analista de metainformação, graduado em Biblioteconomia na Escola de Ciências da Informação na UFMG. Amante de esportes, literatura, música, dança e animais. “Gosto do clima de BH e ao mesmo tempo sofro com a falta dos igarapés e cachoeiras do meu Amazonas”.



**“Sem música, a vida seria um erro”
Friedrich Nietzsche**

MEUS PAIS E EU

Admiro muito meus pais
Os quero sempre ao meu lado
Mas as vezes dá vontade
De dizer “ai que saco!”
Minha mãe sempre diz:
- Filho já escovou os dentes?
É porque sempre esqueço.
“- E depois vem rezar com a gente!”
O meu pai sempre a lembrar
“Cadê, filho, a bença...!”
Todo dia fica a falar
É que às vezes o deixo esperar.
Os dois sempre cuidaram de mim
E por isso lhes sou muito grato
Ao precisarem cuidarei deles também
Que o senhor me dê essa graça, amém!

Julius César Soares Marques

Keila Maria de Alencar Bastos Andrade



Nasceu na cidade de Codajás, município do interior do Amazonas, mas reside em Manaus desde a década de 1980. É graduada em Educação Artística e Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Possui Mestrado em Gestão e Auditoria Ambiental pela Universidade de León. É professora da rede pública de ensino e desde a década de 1990 atua como professora formadora da Secretaria Estadual de Educação do Amazonas.

O amanhã sempre virá!

PORTA ABERTA

Abri a porta...

A brisa cálida que embalava o fim de tarde avermelhada tocou meu rosto.

Senti, de forma doce e sutil, o suave perfume das flores

E vi espumas brancas que dançavam sobre as águas do rio que passava sobranceiro.

Fios dourados deslizavam das nuvens e tocavam a ponta do horizonte...

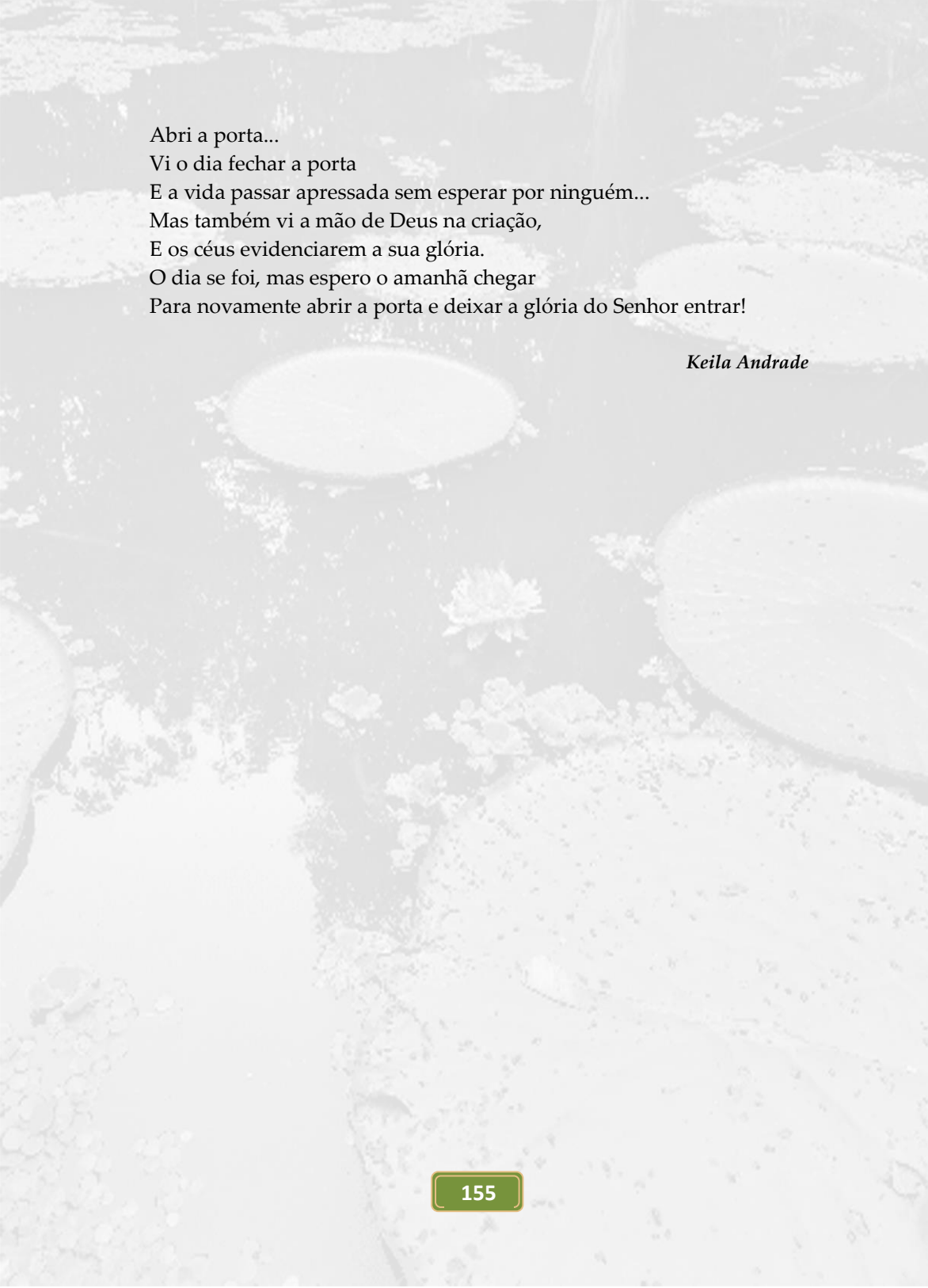
Resquícios de luz do sol que se despedia dando passagem para a noite estrelada que chegava carregando o luar.

Abri a porta...

Senti o cheiro de mato cortado

E vi o voo raso do bacurau passar por mim a procura da noite para se esconder.

Vi o sol se pôr e com ele o dia que deixou de existir...



Abri a porta...
Vi o dia fechar a porta
E a vida passar apressada sem esperar por ninguém...
Mas também vi a mão de Deus na criação,
E os céus evidenciarem a sua glória.
O dia se foi, mas espero o amanhã chegar
Para novamente abrir a porta e deixar a glória do Senhor entrar!

Keila Andrade

POR UMA ESCOLA SEDUTORA

Era uma manhã ensolarada e eu caminhava a passos largos em direção a uma escola localizada em um bairro de minha cidade. Ouvi de longe um burburinho que parecia a passarada em revoada ao cair da tarde. Que som é esse? me perguntava intrigada. Chegando mais perto, percebi que ecoava da quadra da escola onde, entre risos e brincadeiras, alunos, pais e professores gritavam, gesticulavam, disputavam, sorriam. Ao entrar, deparei-me com um cenário matematicamente colorido e divertido. Naquela manhã, a escola havia calculado e desenhado para os alunos aquele mundo à parte, aquela sala de aula um tanto quanto sedutora e peripatética onde todos se divertiam, ensinavam e aprendiam. Era um mundo de alegria, de encantos fantasticamente lógico-matemático. A sensibilidade transpirava à flor da pele e as emoções conduziam as brincadeiras operando harmonicamente em contraponto: a racionalidade e a poesia, o cálculo e a tessitura de mil textos. O jogo criava movimentos e cores ornamentando o lugar onde tudo funcionava sob a égide do tempo. Naquele universo pitagórico tudo se transformava em números igualmente partilhados, divididos, unificados, somados, elevados, multiplicados em sorrisos e lágrimas, em acertos e erros. Aquele cenário me parecia tão racional e, ao mesmo tempo, tão artisticamente vital! Naquele panorama festivo havia um quê de unidade, de conjunto, de relações biunivocamente correspondentes. O numerador direcionava a competição com regra simples e perfeita, mas o denominador comum daqueles alunos e professores, naquela algazarra estruturalmente caótica e ordenada, alegremente elevada à potência da arte de ensinar e aprender era, de forma muito divertida e simples, a formação do SER... brincando, somando e dividindo, subtraindo e multiplicando. A ordem naquele mundo à parte era correr velozmente e alcançar a meta: o pote de outro no fim do arco-íris! O panorama festivo repleto de magia me levava tanto a acreditar que $2 + 2$ poderia ser 4 ou mesmo 22 quanto a buscar entender meu papel naquele lugar. Então, desejei criar laços!

Um movimento pendular conduzia a ação e reação em frações de segundos. Do meio da multidão ouve-se um eufórico grito:

__ Nossa escola é a melhor do mundo!

Uma expressão de primeiro grau de uma mãe conduzida pela emoção de competir ao lado do filho. Mais adiante uma criança chora porque perdeu a competição. É assim... no jogo nem todos ganham, mas todos têm a oportunidade de competir, participar e aprender.

Aquele quadro pintado “ao vivo e em cores” convidava-me a (re)ver algumas certezas e a perguntar-me: o que é a escola? Bem, a conclusão a que cheguei naquele momento foi que deveria ser, simplesmente, um lugar de sedução. Um lugar que convida a adentrar, a ir além possibilitando o descortinar da vida.

O relógio marcou o fim da competição. Hora de voltar. Ao final daquele “festival matemático”, pude sentir a textura socioemocional que se forjava naquele ambiente criativo. Algo estava sendo construído. Era perceptível que pequenos fios estavam sendo entrelaçados, interligados formando um tecido social ornado com princípios e valores capazes de experimentar o sentido de SER humano. No caminho de volta fiquei a pensar em Pitágoras e em sua fascinação pelos números a tal ponto de explicar a ordem cosmológica em 1, 2, 3 e 4, de criar com 1, 2, 3, 4, 5, 6, e 7 a escala musical e, ao olhar atentamente para o espaço, descobrir a música das esferas. Pensei em Da Vince, Mozart, Galileu Galilei, Einstein, Santos Dumont, Machado de Assis, Villa-Lobos e tantos outros e outras. Que tipo de escola frequentaram? Pensei na minha escolinha lá no interior onde nasci e nas minhas aulas de matemática. Pensei, ainda, na matemática divina, nos cálculos perfeitos do Criador ao criar o universo e, a partir de então, regê-lo com uma maestria perfeita!

E foi assim que, no reino do ensinar e aprender, pude (re)descobrir a poesia, a musicalidade, as cores e a perfeição que pode haver nos números infinitamente calculados a partir de 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 0. Bem, de tudo isso, só pude deduzir que: somando a fé, alegria e o entusiasmo, subtraindo a indiferença e o egoísmo, dividindo o amor e a esperança, multiplicando o compromisso e a vontade de fazer, resulta na alegria e na arte de aprender a conhecer, de descobrir e tecer!

ESD

Ketty do Socorro Figueiredo Moreira

56 anos, paraense (Belém), mas seus pais são oriundos da Ilha do Marajó e Cametá. Há 23 anos que ela reside em Manaus-Am, psicóloga, casada, mãe, três filhos, avó, atua na área, funcionária pública da Seduc e da SES-AM. Considera-se intensa, determinada e persistente nos meus sonhos e metas.



“Família, laço indissociável que o tempo não anula e sim dissemina com as gerações”

OLHOS DE GUARANÁ

Menina morena
com olhos de guaraná
Linda e faceira
Nasceu para me encantar

Origem mesclada
Vinda do Arari
banda do norte
Da Ilha do Marajó

Terra de Santa Cruz
Do Círio de Nazaré
de Fafá e Pinduca
De calypso ao carimbó

Da família do açaí
Para unir com o guaraná
Terra de gado e leite de búfala
Para um dia aqui se encantar

Nesta floresta de fauna e flora
Na batida do boi bumbá
Onde a torcida ritma do azul caprichoso é marujada
E do vermelho garantido é batucada

Nasceu uma linda guerreira amazônida
Fruto do amor de Belém com Manaós
Meu que pulsa na floresta.
Tão valiosa cunhatã formosa.

Não é sonho, nem lenda
Você realmente existe Joana Helena.
Beleza que encanta meu jardim.
Princesa, meu sangue
Minha flor.
Minha joia rara, meu Amor
Que me envolve com seus olhos de açaí e guaraná.

Ketty Moreira

Leila Maria Nunes Pinheiro

Natural de Belém/Pará, graduada em Letras e Pedagogia, adoro contar histórias, ouvir música e escrever, atuo como professora na SEMED/AM. Minha jornada como escritora surgiu como desafio, pois sempre fui traída pela minha maior sabotadora a dislexia, assim sempre achei que não chegaria a realizar o sonho de fazer parte de grupos de contadores de histórias, de podcast, clubes de leitura entre outras estruturas. Dedico a você mãezinha essa realização.



CACHOEIRA

Colinas verdejantes
Cabelo ao vento
Pedras grandes
Pedras pequenas
Sol iluminando a pele
Gotículas formando arco-íris
Queda d'água
Pés molhados
Lindos reflexos
Perfeito mergulhar
Força ao nadar
Sentada a observar
Vejo você chegar
Encontro perfeito
Eternizado
Em um lindo
Beijo

Leila Nunes

Lenir Teresinha De Paula De Lima

(Lenir De Paula), Indígena Kainhgág, natural de Planalto, Aldeia Pinhalzinho, Terra Indígena de Nonoai - RS e reside em Farroupilha - RS. Mulher, casada, mãe. Licenciada em Letras Portuguesa, UNOCHAPECÓ-SC. Pedagogia UNIJALES. Pós-graduada. Escreve retratar experiências, relembrar suas vivências e mostrar sua origem, crenças, valores culturais. @lenir.depaula.



Sorrir, traz leveza à vida!

AMAZÔNIA

Amazonas de muitas línguas,
As línguas Apurinã, Baniwa,
Dessana, Kanamari, Marubo,
Matis, Matses, Mawe, Mura,
Nheengatu, Tariana, Tikuna,
Tukano, Waiwai, Waimiri e Yanomami.

Amazonas das riquezas imensas
A diversidade natural, os biomas
Alegrias da vida que é intensa
Falam e dominam os idiomas
Da natureza e que está propensa
A vida fragilizada e esplêndida.

Amazonas do rio grande, límpido
Das águas sagradas, profundas
Dádiva que ilumina o Olímpio!

Amazonas dos sonhos profundos,
Do rio que nasce na cordilheira
Estende como povo no mundo.

Leon Levy Marques Sobreira

É manauara, (05/10 /1944), filho de Waldemar de Moura Sobreira e Isaura Marques Sobreira. Poeta, cronista. Seu primeiro poema foi Apelo aos Poetas, seu primeiro livro de poemas é Nuvens Ligeiras, é coautor em diversas antologias. Participa de diversas associações. É Membro do Clam, (Clube Literário do Amazonas), da Alcama (Academia de Letras e Culturas Amazônicas), da Abeppa Associação Brasileira de Escritores e Poetas Pan-amazônicos, da Asseam - Associação dos Escritores do Amazonas.



MAGNITUDE AMAZÔNICA

O dia irradia-se,
com o som de todos os canoros,
farfalar das folhas,
zumbido dos insetos,
murmúrio das ondas,
chape... chape das remadas,
alarido das crianças.
Ao anoitecer,
clareando a negritude,
dourada lua,
amparada por brancas nuvens,
destaca-se num céu cintilante.
No recôndito da floresta,
urros famintos,
misturam-se com gemidos da natureza,
que festejam o amor.

Leon Levy

APELO AOS POETAS

Escrevam poetas do mundo inteiro,
famosos ou não, escrevam.
Não deixem de exaltar a vida,
Jamais serão vãs vossas palavras,
Escrevam, entoem cânticos,
Procurem imitar os pássaros
incansáveis na excelsa
arte de cantar.
Espalhem seus versos,
do alto das cachoeiras,
nos picos das montanhas,
no interior das florestas,
nas grandes metrópoles
e nos humildes lugarejos,
Pois apenas vós poetas,
sois capazes de amalgamar
sentimentos em tão curtas linhas extenuar o amor,
levar a paz, sublimar o espírito,
Buscar a luz que sabeis existir,
Luz emanadora da própria existência que é verdade,
que é Deus.
Cantai, pois poetas!
Sedes como a água viva da fonte,
que tanto brota por entre as rochas,
como também em pleno deserto.
Escrevam, poetas do mundo inteiro,
Exerçam vosso nobre mister,
enquanto ainda é tempo de sonhar, de sorrir e de amar.

Leon Levy

MONÓLOGO DE UM ANDARILHO

Aos primeiros raios do sol
lanço um olhar
para a linha do horizonte
Pássaros madrugadores passam em bandos
Posso bem distingui-los: São araras
Sempre barulhentas
Meu olhar agora, volta-se para o rio
com suas águas prateadas
Seu som melodioso
faz chuá!.. chuá!... ao beijar à praia.
De repente...Quem aparece descendo o barranco
O Assis e seu filho,
o Zeca, nos ombros, as tarrafas,
Lá no alto do barranco,
acenando, está Rosinha, a amada dos dois
Ouve-se o compassado latido do Faísca, fiel amigo.
Logo continuarei a caminhar
venho peregrinando por estas paragens amazônicas
Percebo que a felicidade por aqui faz morada
Muitas são às similitudes dos humildes moradores e seus adorados
cães
Minha próxima parada será na comunidade Alegria
Deixo para trás a comunidade Esperança.
O cenário sempre é muito parecido
Os pássaros, A negra floresta,
O deslizar do rio,
Os ribeirinhos e as ribeirinhas
Sempre com um largo e comovente sorriso.
Ih! Esqueci que os botos fazem parte da paisagem
Eles promovem histórias
Ou histórias.

Leon Levi

MARILENE (MÃE)
ANA JAQUELINE (FILHA)

Poetas e Poetisas Abeppanos, a bordo de uma lancha voadeira, singra velozmente às turbulentas águas do majestoso e inigualável rio Solimões a caminho do lago das "Piranhas".

Já no interior do lago, fascinantes cenas se desenrolavam aos nossos extasiados olhos. Ora eram os luzidios e aterradores jacarés que surgiam a todos instantes, os marrecos (avistamos uma mamãe e seus filhotes) que não obstante a presença dos jacarés, buscavam também alimentos no meio do cardume dos peixes que saltitavam para fora d'água. De repente, fomos surpreendidos pelo voo de milhares de marrecos (formavam nuvens) fazendo evoluções. Outros pássaros avistávamos, com destaque para a presença das majestosas garças.

Nossa contagiante viagem é enriquecida quando fomos ao encontro de duas mulheres que em cima de um estrado tratavam uma grande quantidade de peixes (Bodós).

A proporção que a lancha aproxima-se e começávamos a conversar percebia-se a contagiante expressão de alegria da senhora que sorria e respondia às perguntas do grupo. Então pergunto seu nome, ela disse chamar-se Marilene e a jovem Ana Jaqueline, pergunto-lhe se era sua filha. "Sim.". Respondeu-me. Parabenizo-lhe por ser tão radiante e ter um sorriso tão bonito.

Com a lancha já em movimento, a nossa companheira abeppana Josélia, oferece um mimo para a jovem Ana Jaqueline (um pacote de biscoitos recheados).

Mais uma vez, tivemos a oportunidade de perceber que a felicidade é algo existente e que basta apenas olharmos para tudo que nos circunda, mas com os olhos do coração.

Nos confins da Amazônia, dentro de um lago um sorriso, um largo sorriso simboliza que o AMOR é presença.

Leon Levy

Manoel Gevandir

Muniz Cunha- Poeta Sonhador, filho do sertão do amado Ceará. Professor ajudador, palestrante, comunicador, colaborador de projetos de leituras, criador não somente de textos temáticos. Amante do que faz, apaixonado pela arte de escrever. Formado na área de educação (Língua Portuguesa), especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica. Escritor de paixão, participação em diversas coletâneas organizadas neste país e participante de instituições educacionais, literárias, culturais e servidor do povo.



A AMAZÔNIA QUE É NOSSA...

Esse território é de todos brasileiros
Vasta terra nativa de grande valia
Banhada das belas águas dos rios
Do Solimões ao Rio Negro
A imensidão de suas águas
A extensão desse mar doce.
Seu bioma é maravilhoso
Não tem outro igual não
A fauna é criação divina
Sua flora é maravilhosa
O extrativismo é feito! Padece
Vamos cuidar do que é nosso.
Respeite a natureza ela é vida
As florestas preservadas tem o viver
A dádiva do criador ao ser criado
Cuide do verde pra sobreviver
Não estou falando de lendas
Mas sim de realidade, o *Amazonas!*

Seja um bom guardião, amigo do verde
Você mesmo morador que falo
Esse *estado* da região norte
Ele é merecedor de reconhecimento
Teve a divina bênção e boa sorte
Essa terra abençoada e de valor
Não desmate as florestas não.
Diga não à pesca predatória
Preserve a natureza, a *bela*
A grande *mãe*, a *Amazônia*
A bela mãe agradece... e merece
Nobre cidadão consciente
Se temos a preservação.
Amigo da vida você somente
Será um bom guardião
Seja um exemplar cuidador
O bom amante vigilante
A floresta *ela* é o pulmão
Amigo o senhor seja vigia *dela*
Da mãe floresta, a nossa *Amazônia!*

Manoel Gevandir

Marcelino Carvalho de Brito

Administrador de empresas, gestor de recursos humanos, escritor contista e poeta! Nasceu no dia 17 de abril de 1963 no povoado da Ipojuca, cidade de Arcoverde, sertão do Estado de Pernambuco. Filho de Lídio de Brito Cavalcanti e Glória Maria Carvalho de Brito, casado com Silvana M^a da Rocha Calheiros de Brito, pai de Kyara Karynne, Marcelino Filho e Mariana Calheiros, dos quais, nos deram seis netos.



Formado pela faculdade Alagoana de Tecnologia (FAT) em Gestão de Marketing de Varejo com especialização em Gestão de Recursos Humanos pela UNINTER/FATEC, universidade de Curitiba. Membro da Academia Maceioense de Letras, desde abril de 2018, e da União Brasileira de Escritores – UBE. Autor das obras: *Coração e Alma Sertaneja* (2017), *Reflexões de um Contador de Histórias* (2020), e *Expressar de Sentimentos* (2021). Com participação em diversas antologias e, algumas obras com premiação no estado de Alagoas e em Blumenau / Santa Catarina.

SESSENTA ANOS, DEUS EM MINHA VIDA!

Fiz sessenta anos, Deus na Sua generosidade sempre esteve no meu caminhar, ai de mim se não fosse Ele! Sessenta anos de aprendizagem e, dedicação cuidando da minha vida, buscando sempre o bem!

Vida essa, de fases e momentos, em que, fui agraciado com a presença de seres iluminados, orientados por Deus, a nos deixar exemplos com suas histórias de vida e aconselhamentos para a condução sã da minha bela vida!

Vejo que nada aconteceu por acaso, o Pai determinou tudo. Fui moldado como um barro na mão do oleiro nesses sessenta anos de vida e, vi ser bom abrir meu coração para Ele entrar e, presenciar o milagre com o seu amor!

Nesses sessenta anos, o Pai criador tem sido camarada comigo! Chego à conclusão: “Que a vida é presente de Deus para nós, é dádiva e temos que dela cuidar, contemplando cada momento dia a dia”.

Maria Aparecida de Faria

Tenho 64 anos, sou educadora de formação e de alma. Nasci em Juiz de Fora, Minas Gerais, porém aos vinte e poucos anos fui para o Amazonas, terra que me recebeu e oportunizou a crescer na minha profissão. Fui professora e supervisora efetiva da SEDUC/AM por longo tempo e posteriormente, dediquei 30 anos de trabalho à Escola Fundação Bradesco-Manaus. Hoje moro em Luxemburgo, pequeno país da Europa.



POR ONDE ANDEI

Andei por Minas Gerais, terras das montanhas onde nasci.

Andei pelas igrejas de ouro,
Andei pela Estrada Real,
Andei pelo cheiro de gado no curral ao amanhecer,
Andei pelo céu cor de fogo no inverno.

Andei pelo gosto da laranja serra d'água e do queijo fresco escorrendo o soro.

Andei pelas conversas das vizinhas sentadas nas calçadas, no final da tarde,

Andei para ver a banda passar e crianças a brincar na rua,
Andei pelo joelho ralado, pelos galhos das árvores, pelas águas do córrego.

Andei pelo primeiro baile e os primeiros amores.

Andei pelos encontros de domingo, depois da missa, na casa da avó,

Andei pelo sabor inesquecível da comida simples da mãe,

Andei na oficina do pai, com cheiro de serragem entrando pelo nariz.

Ah! Como já andei e por onde já andei...

Na cama quente, no inverno tão frio.
No colo do avô e da avó,
Na reunião de domingo, na casa da Percília,
No passeio até a represa na caminhonete do Álvaro.

Andei pelo grupo escolar, pelo ginásio, pela universidade.
Andei pelos caminhos de Carlos Drummond de Andrade,
E nos meus caminhos também tinha uma pedra.

Ai que saudades dessas terras por onde andei!

Por onde ando, não sei onde vai me levar.
Agora, ando do outro lado do mundo,
E, um dia, voltarei para as terras
por onde tanto andei.

Maria Aparecida de Faria

Maria Auxiliadora de Santana Silva



Capela- SE. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Pio Décimo e História- EAD, PUC-RIO, pós-graduada em Planejamento Educacional. Professora aposentada SEDUC - Sergipe. Exerce na Rede Municipal de Ensino de Capela a função de Especialista. É vice coordenadora da Subsele do Vale do Cotinguiba-SINTESE. Amante da literatura. Membro efetivo da UBE- Núcleo Arapiraca, membro fundadora da ALCAS Academia de Letras e Artes de Siriri/SE, Membro Vitalício da AILAP- Academia Internacional de Literatura e Artes Poetas Além do Tempo, membro efetivo da ACLA- Academia Capelense de Letras e Artes.

A CABOCLA AMAZONENSE

Cabocla Amazonense,
Mulher bela e formosa
Sua cor acobreada
Que cor maravilhosa!
Cabelos pretos e lisos
Eita, coisa preciosa!
Falar da mulher Cabocla,
Cabelos soltos a voar
Na Floresta Amazônica,
O ar puro a respirar
Nas águas do Amazonas
Está sempre a se banhar.
No luar do Amazonas,
A cabocla enamora
Os encantos do luar

E com o boto namora,
A lenda da região
A sua mente memora.
É moradora da mata,
Seu habitat natural,
Vive lá pela floresta
Vida simples bem real
Rainha da Amazônia
Mulher bela especial!
Cabocla amazonense,
Representa sua beleza,
Por ser mulher da mata,
Exala a simples pureza,
Sem perder sua altivez
Exibe grande presteza.

Maria de Fátima Souza Costa

Amazonense, 55 anos, mãe de 3 filhos, enfermeira. Amante de uma boa leitura e música, ainda na adolescência gostava de “viajar” nas histórias que lia e costumava registrar seus pensamentos em forma de poesias e crônicas. Guarda até hoje esses registros, que são relatos de fatos vividos e anseios de uma alma jovem. Hoje tem a oportunidade de compartilhar essas poesias, que eram conhecidas apenas por familiares e alguns amigos.



LÁ FORA

Lá fora,
A noite se estende sobre a terra,
Como o manto do Senhor a proteger-nos.
Lá fora,
Enquanto a noite se estende,

Os astros se enchem de esplendor...
O luar chora o amor dos poetas
E o vento canta alegria de viver.
Depois que a noite se estende,
Nos tetos sem riquezas,
O luar brilha Como uma benção do Senhor.
Depois que a noite se estende,
Os seres bons se enchem de amor,
Pois logo o sol chegará
E eles, Alegres, Cantarão a alegria de viver.

Maria de Fátima

OLHOS NEGROS

Olhos negros,
Escuros e misteriosos como uma noite sem luar.
Olhos negros
Que escondem tantos segredos.
Olhos que procuro em cada rosto,
Sem os encontrar.

Olhos negros
Que um dia me olharam
Como se estivessem à minha procura.
Olhos negros que me cativaram
Revelando seus segredos
Através de uma troca de olhares.
Olhos negros que um dia partiram
Deixando-me sozinha a lhe esperar.

O meu rosto está marcado
E meus olhos cansados de procurar você.
Olhos negros,
Onde você se escondeu?
Volte olhos negros,
Pois sem sua luz e seu amor
Sinto-me perdida no vazio que você deixou...

Maria de Fátima

Maria de Lourdes Fernandes

Graduada em Licenciatura Especifica Pedagogia. Acadêmica da ALASAC-Academia de Letras e Artes da Sociedade de Assistência aos Cegos, AABLA: Academia Antônio Bezerra de Letras e Artes, AVPL: Academia Virtual da Língua Portuguesa e Literatura. Participa de várias antologias pelo Brasil, especialmente na Região Nordeste, participante das Bienais Internacionais de Livro do Ceará. Lourdinha como é chamada é PCDV; Pessoa com deficiência visual.



OBRIGADA SAC LOURDINHA BANDEIRA

O que seria de mim sem você SAC?
Quando cheguei em tuas
dependências,
desolada e sem sonhos,
pois já os tinha perdido,
junto com minha visão.
Tu SAC, me amparaste
com teus anjos protetores,
mudou a minha história.
Entre os pontos de braile
e concursos de poesias,
me redescobri.
Como não agradecer a SAC,
que suas palestras, cursos, cuidados,
respeito e muito amor
me deu a oportunidade
de reescrever a minha história.

Na ALASAC eu ingressei.
Pra sala de aula eu voltei,
e a pedagogia terminei.
Agradeço a Deus
tua existência SAC,
pois sem ti, eu não teria realizado
sonhos nunca sonhados.
Se hoje sou poetisa e escritora
conhecida em vários estados
brasileiros
e até fora do país,
agradeço a ti SAC,
que me deste a oportunidade
de ser protagonista das minhas
realizações.
Obrigada SAC.
Esta casa muito me orgulha

Maria de Nazaré de Souza Pereira

Nasceu em Tapauá- AM, em 08/09/1973, mas mora em Manaus desde os 4 anos. Casada, é a terceira filha dos 9 filhos de Osvaldino Vieira de Souza e Raimunda Sales de Souza. Funcionária pública municipal e estadual na área de saúde e educação. Graduada em bacharel de teologia, curso de especialização em história e bacharel em psicologia.



“As oportunidades são para todos”

AUTISMO SINÔNIMO DE AMOR

Vamos fazer um breve panorâmico sobre esse tema autismo, e entendemos que existe uma complexidade, por isso que seu símbolo é representado por um laço de quebra-cabeça, mas vou te ajudar através da minha vivência profissional a mais de 10 anos trabalhando com crianças e adolescente com TEA- transtorno do espectro autismo. Precisamos ter conhecimento científico através dos estudos confiáveis, então vamos ler. Segundo o DSM-5, autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritos.

Com base nesse conceito do DSM-5 vamos estudar minuciosamente cada conceito, a começar pelo o que é transtorno? É ato que transtorna, traz um transtorno a uma pessoa que podem ser por condições psicológicas ou mental que vem comprometer o comportamento de um indivíduo, é comum você ver pessoas com autismo com alterações no seu comportamento, se movimentando de maneira inadequada com movimentos repetitivos principalmente nas mãos, sons e gritos atípicos.

Segundo conceito o que é Espectro? está relacionado a intensidade das manifestações dos comportamentos desse indivíduo, ou seja, a diversidade dos seus sintomas e sinais visível, que através

dessa quantidade de manifestações que conforme o DSM-5 vai qualificar se é nível 1 com pouco suporte (seria o leve), nível 2 precisa de suporte (seria o moderado) e nível 3 precisa de muito suporte (seria o severo), quando se fala em espectro se pensa em intensidade de algo, na medicina relacionada ao autismo seria justamente o conjunto de tudo aquilo que visto naquele momento, sua intensidade, por isso a grande importância de ser diagnosticado precocemente para iniciar o tratamento, seja ele medicamentoso tratado pelo psiquiatra ou neurologista, e as terapias com fonoaudiólogo para os que têm comprometimento na fala, pois nem todos precisam desse atendimento, psicólogo que vai atuar no comportamento, mas também temos pacientes que não precisará, nutricionista para os que têm seletividade alimentar, neuropsicopedagogo ou pedagogo para os apresentam dificuldades no aprendizado, educador físico para atuar no desenvolvimento motor ou para ajudar na agitação psicomotora, terapeuta ocupacional que vai trabalhar junto a família as atividades da vida diária com a proposta de reabilitação dentro da particularidade de cada paciente, por isso a necessidade de ter suporte da equipe multiprofissional ou mesmo interdisciplinar.

E por último, a etimologia da palavra autista, que conforme o dicionário do google, “vem do grego autos, que significa si mesmo, que traduz uma condição do ser humano. Assim, o autismo é um estado onde o indivíduo vive para si mesmo, ou seja, uma condição onde está imerso em si próprio”. Com base nessa interpretação desses conceitos podemos entender melhor a pessoa com Autismo e também oferecer uma melhor assistência.

Para finalizar nosso texto vamos agora entender as três áreas afetada dentro do neurodesenvolvimento: Interação social, é bom salientar que nem todos os autistas têm dificuldades na interação social, muito pelo ao contrário, são carinhosos, amorosos e muitos até beijoqueiros; comunicação, os autistas de nível leve normalmente não têm prejuízo na fala, outros têm dificuldades na fala precisando de suporte do fonoaudiólogo, alguns não falarão; e comportamentos repetitivos e restritos, os que precisam de suporte dos profissionais de psicologia para acomodar, estabilizar diminuindo os movimentos

estereotipados, associando com atividades físicas, precisando do profissional do educador físico.

As comorbidades, a maioria dos nossos pacientes tem outros diagnósticos como TDAH (Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade) e TOD (transtorno opositor desafiador), esses dois últimos transtornos precisam ser acompanhados pelo profissional de psiquiatria, mas temos outros como epilepsia, síndrome de rett entre outros.

Nossos autistas são muitos vulneráveis, por não ter malícia ou sentimento de maldade, se falam e por mero aprendizado do meio social, são ótimos para seguir a rotina, por isso a maioria dos terapeutas recomenda o quadro de rotina com a agenda móvel.

Podemos também citar aqui os autistas que tem hiper focos, alguns pais são surpreendidos pelas habilidades do filho, mas que infelizmente ainda não temos políticas públicas para aproveitar essa mão de obra.

Espero que este texto ajude os pais, e ou mesmo profissionais que trabalham ou pretendem trabalhar com pessoas com autismo.

Maria de Nazaré

A MENINA DE TAPAUÁ

A curiosa história da menina de Tapauá, filha de pais analfabetos, tem seis irmãos, seus pais viajaram três anos de rio abaixo passando pela Boca do Jacaré, Iauara até chegar em Manaus. “Mãe olha um monte tartarugas” não filha são carros*...+, esse era o primeiro passo realizado por este casal que saiu do interior do Amazonas em busca de melhorias para seus filhos, “vou para Manaus porque não quero que meus filhos sejam analfabetos como eu” essa sempre foram a fala do seu pai, a mãe chorava desesperada “o que vamos fazer na cidade grande sem conhecer ninguém, sem trabalho?” “Então fica” isso era o diálogo dos pais quando falavam em sair de Tapauá com destino a Manaus.

A vida nunca foi fácil para a família, pai trabalhava tirando leite da seringueira e a mãe ajudava com plantação doméstica e cuidava do taperi e das crianças.

Nos intervalos das colheitas o genitor ganhava o rio em busca de alimentos através da caça e pesca ficando às vezes até 90 dias fora de casa, quando a filha avistava o pai falava olha mamãe o papai chegou vem cacundinho.

De Tapauá, Boca do Jacaré não lembrara de nada, mais do Iauara foi onde viveu a primeira infância, as lembranças são muitas: O medo do porco, Jesus, pense numa criança que morria de medo de porco, por mais manso que fosse e seu irmão judiava da bichinha deixando-a em cima do forno de fazer farinha, só se ouvia os choros, enquanto a mãe cortando malva e juta para pôr de molho, as crianças estavam soltas no terreiro brincando de caçar passarinho.

No tempo de várzea toda a plantação se perdia devido a subida do rio, uma tristeza, e todos tinham que procurar um lugar seguro para morar até a seca, “isso não é vida”.

“Um belo dia meu pai vendeu tudo que tinha, quase nada, prestou conta com o seu patrão, arrumou alguma coisa que tinha e viemos para a cidade grande, Manaus dos nossos sonhos, onde lá você via pessoas dentro de uma caixa bem pequenininha falando”.

E assim chegamos em Manaus em meados do ano de 1979, quando o meio de transporte somente era o fusca e a Kombi. Quando

eu vir os fuscas a alegria foi tanta, pois achava que eram tartarugas gigantes iluminadas, gente vocês não têm noção da minha felicidade dentro do carro a caminho da nossa casa no bairro do São Raimundo onde moramos em média 6 anos, lá estudei na escola Antônio Bitencourt até o 3ª série, adorava o mês de junho por causa dos festivais folclóricos, principalmente do marquesiano, meu sonho era dançar a dança do café, sonho que somente realizou muitos anos depois na adolescência, tivemos que mudar porque nossa residência ficava na área baixa e todas as vezes que enchia o rio alagava nosso bairro, e meu irmão por pouco não morreu afogado, meus pais procuraram venda e fomos morar no Japinlândia ficamos morando por dois anos e tivemos que sair porque não tinha água na torneira, tínhamos que lavar roupa longe na mata vizinha, no igarapé e a noite encher água nas vasilhas. Mas tenho boas lembranças, meu primeiro namorado e as festas inesquecíveis.

Então tivemos que mudar para a alvorada III, é lá que tudo aconteceu.

Maria de Nazaré

BODAS DE PRATA: QUAL O SEGREDO?

Não posso falar de Bodas de Prata, sem antes falar de Deus, pois conforme novo testamento em Mateus capítulo 19 versículo 6 " Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém separe", esse foi o versículo que coloquei no meu convite de casamento a 27 anos atrás, e porque bodas de prata e não de bodas de Crisopázio? A resposta é simples: ninguém conhece.

Em breve estarei escrevendo um livro com este mesmo tema, esse texto será uma introdução do livro , neste livro terá vários capítulos que ajudaram aqueles que pretendem viver em harmonia no seu casamento, mas enquanto não público o livro, podemos neste texto compartilhar com vocês algumas dicas e questionamentos que fará vocês casais, noivo e namorados refletir como é viver a dois, e lógico, posteriormente a três, a quatro e assim por diante, bem que hoje os casais modernos pretendem terem apenas um filho.

Vou lhe fazer algumas perguntas e você deve me responder com sinceridade, a partir da sua resposta do fundo do seu coração, vocês encontraram as respostas que tanto querem saber.

Primeiro, gostaria de compartilhar com cada um de vocês a linda missão de ser casado, ou casada. Não quero em nenhum momento falar de denominação religiosa, mas sim acima de tudo, quero falar de Deus. Não posso neste momento deixar de agradecer a Deus o dom da minha vida, do meu esposo e de toda a minha família. Gratidão, Gratidão a ti meu Deus, toda a honra e toda a Glória Deus dos exércitos. Obrigada por este texto e por este momento, dedico a ti meu pai.

O que é a família? no que você acredita sobre a família? te ajudarei a fazer algumas reflexões sobre esses questionamentos. Te ajudarei a pensar que a família é e sempre será a base de tudo, nunca deixe alguém fazer você pensar que ela seja uma Instituição falida, por muitas vezes discutir com colegas que me afirmaram que a família hoje era uma Instituição falida, quem traz esses questionamentos no mínimo devo sugerir procurar fazer terapia porque está passando por problemas familiares.

Segundo, porque casar? ou ao contrário porque você não quer casar? Quem quer casar, casar de verdade, jargão popular é porque está apaixonado, não quer perder a pessoa que ama, quer viver a vida toda com a pessoa amada, quer construir família com ele ou ela, quer ter filhos.

No meu curso de noivos tinha um casal de noivos que falaram que não queriam ter filhos, não tinham o desejo de serem pais, o palestrante fez a seguinte pergunta, porque vocês dois querem casar? e a partir da resposta, o palestrante falou " sugiro que vocês desmarquem a data do casamento e pensem mais um pouco se é isso que vocês querem, porque vocês dois não estão preparados para casar".

Terceiro, não existe casamento perfeito, não se iluda com isso achando que seu casamento vai ser perfeito, por causa disso e daquilo, porque todos os casamentos tem suas particularidades, não é por que sou psicóloga, mas te aconselho a você casal a fazer terapia de casal para se conhecerem melhor e conhecer o outro.

Devemos lembrar que cada um sai da sua casa com uma bagagem, outros com suas *personas*, que posteriormente virá à tona, lembre-se disso, nada é para sempre.

Não pretendo expor meu casamento e nem minhas intimidades, mas gostaria de te ajudar dando algumas dicas que ajudarão a manter a harmonia e a paz de espírito.

1. Dica, amor e paixão se não for alimentado todos os dias como se cuida de uma planta morre, então nem muita chuva e nem muito sol;

2. Dica, o diálogo sempre traz a solução, converse com seu parceiro, e seus filhos, converse com seu namorado (a);

3. Dica, o respeito acima de tudo, respeito seu esposo ou esposa, respeite seus filhos, respeite as visitas que estão na sua casa, respeite seu vizinho;

4. Dica, traição, lembre quando você pensa que traiu, foi o inverso, você se auto traiu, porque você disse ao seu parceiro eu te amo, e se está com outra pessoa, está enganado com seus sentimentos, pense nisso, a traição não é somente pelo ato sexual, mas você trai junto os sentimentos dos seus filhos, padrinhos, sogro, sogra, amigos e testemunhas.

5. Dica, viva intensamente cada momento maravilhoso com sua esposa, esposo, filhos, porque eles são únicos ou talvez o último, seja feliz.

E para finalizar deixo como última dica você ler o capítulo 19 completo de Mateus.

Esses são alguns dos segredos da felicidade conjugal.

E dizer que estou fazendo bodas de Crisopásio 27 anos de casado, segundo o dicionário do google a pedra de Crisopásio é uma das pedras mais valiosa, mas hoje é muito rara encontrar, tão valiosa quanto o ouro, os gregos honravam essa pedra acreditando que ela protegia contra depressão e mau humor.

Maria do Espírito Santo de Castro Gil

Educadora, mestra em Gestão Escolar. É membro da Academia de Literatura, Arte e Cultura da Amazônia -ALACA, cadeira n. 87 e Sócia de n. 61 da Associação dos escritores do Amazonas-ASSEAM



MÃE ENLUTADA: SUAS PERDAS, SUAS LIÇÕES

A dor da perda de um filho é imensurável, inexplicável. Decidi expor a minha experiência de mãe que já perdeu dois filhos. Quero mostrar às mães fragilizadas com essa mesma perda, com essa dor incondicional, com o objetivo de responder o que fazer quando sentir aquele vazio no peito, como fazer quando se sente aquela dor no coração. Onde buscar apoio, auxílio, ajuda, quando tudo parece perdido? Como sair desse desconforto, desse quadro trágico da vida humana, quando de uma mãe cheia de angústia, de tristeza luta para compreender a alegria que sentiu ao ver o filho nascer, transformada em tristeza ao ver seu filho sendo enterrado; um filho que só recebeu amor, ver agora, as pessoas jogando terra no seu corpo inerte. O processo de reconstrução exige coragem para compreender o porquê de tantos sofrimentos.

1- A HORA DO ÚLTIMO ADEUS

As datas de uma mãe enlutada, no caso eu, foram diferentes. WILK, meu segundo filho, com 25 anos, foi para o reino dos céus primeiro. Dezoito anos depois eu, essa mesma mãe, novamente enlutada com a perda do primogênito ANDRÉ, com 46 anos de vida. Os fatos foram diferentes, mas a perda de um filho, é a mesma, dói demais. A cena de perda se repetiu: A notícia inacreditável, o choque, a vontade de que seja mentira, o desespero, a dor. Haja coração! E a

minha abençoada família, meus filhos, meus irmãos, me impediram de também ir com eles. O filme na minha mente se repete, e, escrevendo este relato, vou digitando entre as lágrimas dolorosas, enxugando-as e com a vista embaçada, com soluços lembrando um corpo inerte afagado pela dor, lavando o rosto de vez em quando, para então prosseguir: meu semblante atordoado me mostra, com corpo falido, sem quase ficar de pé, recebendo uma multidão de abraços e consolos me afagando, tentando me distrair desse momento que não tem como reverter. É chegada a hora. E que hora tão ingrata. Essa hora não desejo para nenhuma mãe. É a hora da despedida. A cabeça meio atormentada me impulsiona a gritar pedindo que não levassem meu filho. A bruta realidade me faz dar o último beijo, o último afago, e vem a frase sufocante entre gritos de desespero: Vá com Deus, filho amado! E uma procissão de familiares, amigos e curiosos, acompanham a partida do filho, do esposo, do pai, do sobrinho, do tio, do cunhado, do genro, do neto, do amigo.

2- COMO SERÁ A MINHA VIDA DAQUI PARA FRENTE?

O nome querido de meu filho que foi pensado com tanto carinho antes mesmo do nascimento, vejo agora com maior frieza, trocado por alguém que já o chama de um “corpo” inerte. A perda de um filho dói demais; imaginemos essa dor vir à tona por duas vezes, sem ao menos alguém do infinito mandar uma prévia de aviso, de consolo.

Quando damos a Deus a oportunidade de modificação, de reorientação para um novo amanhã, aí, acontece o renovo. Tudo isso, olhando para o ciclo da vida, pensando nas marcas que se foram, reajo para os sonhos idealizados. Que Deus permita-me a graça para um novo recomeço, encontrando N’Ela um aliado e, uma oportunidade de ver a Sua luz iluminando a minha nova caminhada, permitindo-me substituir a visão daquele leito de meus dois filhos que se tornaram em datas diferentes, forrados de flores, e agora os acompanha para emoldurar seus semblantes que pareciam estar em um sono profundo. Fixo minha mente naquilo que outrora me machucou muito, fazendo com que as lágrimas escorressem sem controle no meu rosto pálido, cansado, triste; olhos que não abrem mais. Mãos que não nos afagarão mais. Voz que

não nos dirá: “a bênção minha mãe”!, por uma mente mais suave, mais tranqüila, onde pude trocar agora aquela cena de tortura, procurando me acalmar, na certeza de que devolver o filho tão amado e esperado, devolver o que não pode ser devolvido, isso não mais iria acontecer.

A única certeza me veio da força de Somente Deus o que me trouxe novamente a vontade de viver; viver em homenagem aos meus filhos Wilk e André.

3- UMA FORÇA ESTRANHA E UMA LUZ INTERNA

“(O Senhor deu o Senhor tirou, bendito seja o nome do Senhor” Jó 1,21). Ah, se pudesse ver o trabalho de Deus nesse momento! Ver Deus tomando o WILK e o ANDRÉ no seu colo, antes mesmo deles sentirem qualquer dor na hora de suas partidas. De repente, uma luz pairou iluminando meu subconsciente. A partir daí, comecei a sentir uma força estranha, vinda do interior do coração. Raízes adormecidas dentro do meu ser começaram a ter vida. Cada raiz se manifestava de forma diferente: uma dizia Maria, você não está só. A outra foi falando: Deus nunca desampara um filho, ainda mais nessa hora; Entre uma voz e outra ouvi um coral celeste cantando: “O Senhor deu, o Senhor tirou, bendito seja o nome do Senhor” (Jó 1,21). Tive a certeza de que esse estado de torpor era lenitivo de Jesus, tentando acalmar meu coração dilacerado, mas, naquele momento, amparado pelo Senhor dos exércitos. Entendi que aquelas raízes vieram me acordar, daquele sono profundo chamado luto. Tive a certeza do meu Deus comigo.

Maria do Espírito Santo de Castro Gil

Maria José dos Santos

Sergipana de Carmópolis e sou filha de uma costureira e de um trabalhador rural. (Ambos já falecidos), sou formada em Geografia pela UFS e Bacharel de Direito pela Faculdade Estácio-Fase. Sou professora da rede Estadual e Municipal e adoro escrever poesia. Faço parte de três Academias: Municipalista – AMS, Arapiraca- (UBE) e ACLAC – Academia Carmopolitana de Letras, Arte e Ciência na qual sou presidente e também uma das fundadoras.



MEU PEDAÇO DE CHÃO

Minha terra
tem palmeiras onde canta o sabiá.
As aves que aqui gorjeiam, não existem
em outro lugar.

Aqui tem bacamarteiros, samba de aboio.
Tem o poeta dos humildes: José Sampaio.
Tem um dos pintores mais famoso do Brasil,
temos cantores e o ouro negro,
que faz a nossa economia girar.

Tem pirão de guaiamuns, de galinha de capoeira
Tem a moqueca de camarão, tem cocada de coco
Tem o rio mais belo que nasce no sertão,
mas se agiganta em nosso
pedaço de chão.

Tem água de coco e água que brota da terra.
O nosso aquífero é muito rico e quem vem nos visitar
se apaixona pela paisagem bela e rica de fauna e flora.
Tem o ipê amarelo e o guigó pra embelezar a nossa história.
Minha terra tem palmeiras, tem sabiá,
tem tudo que você imaginar.

Maria Ritta Santos de Castro

Manauara, nasceu em 11-05-2008, residente e domiciliada no bairro São Lázaro. Filha de pai Michell Mendonça de Castro e Francinete dos Santos Cascaes. O início de sua vida escolar, na E.E.T.I Roxana Pereira Bonessi. No Ens. Fundamental II foi para o CETI Bilíngue Gilberto Mestrinho, onde abraçou a arte de fazer poemas e poesias, envolvendo seus próprios sentimentos da vida. Atualmente, cursa o primeiro ano do Ensino Médio.



"E eu me pergunto se você sabe o que significa realizar seus sonhos?"

O TEMPO...

São: 04h47min...

O curto período de tempo que estivemos entrelaçados, pertence e é presente no tempo atual, o qual como boba, te desejo, como no tempo que conversávamos sem reposta.

As vezes só o silêncio materializava todos os sonhos que se realizariam se não fosse o maldito do tempo...

Passa...

Corre...

Voa...

O tempo!!!

São: 04h48min, e já se passaram meses, o tempo não para, nem meu amor, mas nós paramos...

Distantes...

Distantes...

E só sobraram perguntas sem nexos, soltas, tão sem sentido quanto sua falta de afeto,

Distantes.

E sua mãe perguntando novamente se posso entregar algo a você, mas
como entregar? Já não resta tempo para as bobas risadas,
E para minha casa que se localiza no brilho dos olhos cativantes (teus),
Caso ainda haja tempo para nós em ti, em mim sempre haverá...
Horas,
Dias,
Meses e...
Anos...
(Para sempre. eu e você)...

Maria Ritta

Maria Suely da Silva Oliveira

Manauara, casada, mãe (Lucas e Leandro). Bacharela em Ciências Contábeis, pós-graduada em Auditoria Contábil (UFAM) e mestranda em profissional em Ciências Contábeis pela FUCAPE Business School. Ex-professora de ensino superior. Exerceu atividade na Superintendência de Contabilidade e Auditoria Interna na Amazonas Geração e Transmissão S/A e Eletronorte S/A, respectivamente. Em 2011, 2012, 2013 e 2018 recebeu prêmio de melhor divulgação das demonstrações contábeis do setor elétrico pela Associação Brasileira dos Contadores do Setor de Energia Elétrica- ABRACONEE.



MEUS PAIS, EXEMPLO DE VIDA

Meus pais eram cearenses, Francisco Alves de Oliveira, (25/01/1939 – 20/02/2019), mais conhecido como “Seu França” e Antonia da Silva Oliveira, (21/12/1942- 27/12/2020). Sempre trabalharam duro para garantir uma base consistente e boas condições para conquistarmos um futuro promissor. Seus exemplos, já nos ensinavam a valorizar a vida, o trabalho, os estudos, o respeito à todas as pessoas, honestidade, solidariedade e sermos sempre unidos. Somos 4 filhos todos casados e pais e mães. Sou Contadora, meu irmão é administrador e o outro é engenheiro eletricitista e minha irmã é assistente administrativo.

Um dia, curiosamente, perguntei ao meu pai como ele saiu de Aracoiaaba-CE e conheceu minha mãe (que também era de Aracoiaaba-CE) em Curarizinho no interior do Amazonas. Ele foi contando... seus olhos brilhavam... Foi um verdadeiro déjà-vu. A mamãe explicou que ela veio do Ceará (02 anos) com os pais (vovô chichico e vovó Chiquinha, como carinhosamente chamávamos). Já o papai (18 anos), veio em 1957, junto com seu irmão Joao Batista (17 anos), em busca de emprego. Ele era apenas alfabetizado. Não foi uma decisão fácil, deixou

seus pais, meus avós, Seu Manoel e dona Chiquinha e mais 8 irmãos menores.

Na época, O governo federal dava incentivo para quem quisesse vir para cá, com o intuito de povoar a Amazônia. Foram 30 dias de viagem de navio. Lembrou que nas paradas, ele desembarcava e ia nas casas oferecer serviços como capinar o quintal e outros em troca de alimentação. Trabalhou muito, mas nunca foi de pedir, acreditava no trabalho árduo e honesto para vencer as tribulações.

Em Manaus, foi direto pro Curarizinho no interior do estado trabalhar com juta (fibra têxtil vegetal). Lá conheceu a família da minha mãe que deu abrigo e trabalho para eles. A mamãe tinha estudado até o primário. O Papai trabalhou dia e noite para juntar dinheiro e se casar, sonho que se realizou em 29/09/1962. No mesmo ano vieram para Manaus em busca de melhorias.

Mamãe engravidou no ano seguinte da primeira filha que infelizmente veio a falecer no parto. No ano seguinte engravidou da minha irmã Lucimar, depois engravidou do terceiro filho que veio a falecer com 3 meses, ano seguinte, eu nasci, depois meu irmão Jocilone e o caçula Josimar.

Papai trabalhava com estivas (venda em atacado de cereais) com o apoio da mamãe, lembro que meu pai saía as 4:30 da manhã para o trabalho e só voltada à noite. Depois montou um bar, o famoso “bar França” daí o apelido do meu pai. Graças a Deus, deu certo e tivemos uma vida bem confortável. Da infância, lembro de ganharmos muitos brinquedos, festejar aniversários e viajar. A mamãe cuidava da casa e da nossa educação. Ela era muito católica e sempre foi nosso alicerce na vida onde fazia suas orações para cada um de nós. E oração de mãe é sempre muito forte, abençoando e protegendo a todos da família.

Maria Suely

*Maria Valdelani Silva Dos
Santos Lima*

55 anos, casada, mãe e avó. Nasceu no interior do Amazonas na Comunidade Saracá, filha de Alda Rodrigues da Silva, bisneta de dona Casimira Nonata da Silva, a primeira moradora antes de se tornar Comunidade. Gosta de História e objetos antigos que a remetem a certas nostalgias em algum lugar no passado.



RAÇA DE CABOCLA

Cabocla da beira do majestoso
O sereno rio negro
Água espelhada, diamante negro
Água potável
Moça banhada na água doce do doce rio
Uma doçura só!
Sobre o olhar do pássaro do igapó chamado socó.
Menina da pele morena
Da boca pequena da cor do araçá,
Que gosta da beira da praia
Correndo de saia
A espera do regatão passar.
Garota guerreira, gosta da teima,
Nunca desiste
Sempre persiste...
Mesmo quando está triste.

O LAMENTO DA MOÇA

Eu sou a Amazônia
Um dia eu fui o centro das atenções,
Hoje estou perdida no meio da multidão.
Eu que era Virgem
Até os Madeireiros me descobrirem,
Depois os seringueiros
Por fim, os garimpeiros
Com seus terçados, machados e motosserras
Mutilaram minhas pernas e meus braços
Tocaram fogo em meus cabelos
Eu fiquei sem respirar.

Aos pobres, eu dou madeira
E aos ricos Exploração.
Como posso dar ar puro ao mundo
Se estão acabando com meu Pulmão.
Dos troncos e das raízes,
Os meus filhos irão nascer trazendo
Alegria para o mundo,
O mesmo mundo que me viu sofrer,
O que me resta agora
A não ser esperar,
Que um dia alguém com o coração bondoso...
Possa me amparar.

Maria Valdelani

Marta Regina de Oliveira Silva

Sou natural de Taquarana/AL. Minha jornada de vida é marcada pela busca incansável do conhecimento. Graduada em Administração de empresas, depois trilhei uma nova paixão: a advocacia. Atualmente, estou à frente da Secretaria de Assistência Social de minha cidade, defendo os direitos daqueles que muitas vezes não têm voz. Meu hobby é a fotografia. Mergulhar nas profundezas das emoções humanas e ler suas expressões, ouvir e aprender, registrar e eternizar momentos, alimentar a alma e elevar o espírito.



A vida é uma tela em branco pronta para ser preenchida com as cores vivas de nossas paixões e sonhos.

MESTRA FIRMINA, A GUERREIRA DA ESPERANÇA

Nas terras de Cana Brava, onde os raios do sol dançam nas folhas verdes da mata, existe uma história enraizada na luta e na resistência do povo Quilombola. Entre os segredos das árvores e os murmúrios dos rios, um exemplo de coragem e esperança foi tecido ao longo dos anos.

Há muito tempo, quando o mundo era moldado por injustiças e correntes, uma alma destemida surgiu das sombras para iluminar o caminho dos oprimidos. Mestre Firmina, uma mulher de força inabalável e visão incansável, desbravou os territórios do Quilombo Lunga; com os frutos do umbuzeiro, as raízes da mandioca e com os peixes do Rio Lunga sustentou seus descendentes e se impôs como líder nata de um povo que fugia da escravidão, da dor e da miséria. Com sua coragem, quebrou as algemas da opressão e guiou seus irmãos em direção aos caminhos da liberdade. Seu nome ressoa nas brisas que passam pelas folhas e nas canções que ainda hoje ecoam nos campos do Quilombo.

Mestra Firmina deixou um legado precioso, um testemunho vivo do poder da resistência. Esse legado foi passado de geração em geração, como uma tocha ardente que mantinha viva a chama da esperança. Sua bisneta, Antônia do Espírito Santo, a “Mestra Tonha”, carregou o manto da tradição, honrando a memória de seus antepassados e continuando a luta pelo reconhecimento e respeito de sua comunidade.

Os Quilombolas de Cana Brava, com suas mãos calejadas pelo trabalho árduo e seus corações entrelaçados em solidariedade, enfrentaram os desafios impostos pelo tempo. A terra, que testemunhou seus suores e lágrimas, também testemunhou suas conquistas e triunfos. Em cada rosto enrugado, há uma narrativa de perseverança e uma história de amor pela terra que chama de mãe.

Os sofrimentos foram muitos, as batalhas árduas, mas a chama da esperança nunca se apagou. Os Quilombolas enfrentaram obstáculos com determinação, desafiando as adversidades com um espírito indomável. A falta de reconhecimento e oportunidades não foram capazes de quebrar a determinação que ardia em seus olhos.

Hoje, olhamos para o povo Quilombola, que de Cana Brava passou a Taquarana, no coração de Alagoas e sabemos que devemos a eles respeito e gratidão.

Mestra Tonha, a conhecedora das ervas, a filha de Ogum, é a guardiã de uma herança preciosa, herdou a coragem, a sabedoria e o espírito de liderança de Mestra Firmina.

Como uma lenda que encanta e fascina, esperamos que a história do povo Quilombola de Taquarana continue a ser contada, passando de boca em boca, de geração em geração, como um lembrete eterno de que a luta pela liberdade e pela dignidade é uma jornada contínua, que nunca deve cessar.

Nas entranhas do município de Taquarana, um rincão banhado pelo sol ardente do sertão, uma comunidade resistente e destemida escreveu sua própria história de resistência e coragem. Nesse solo sagrado, ergue-se o Quilombo Lunga, um oásis de liberdade tecido pelos braços fortes e corações intrépidos do povo Quilombola.

Em tempos sombrios, marcados pelas correntes da escravidão, Mestra Firmina ergueu-se como um farol de esperança no meio da escuridão, construiu, com o barro da terra e com o cipó da mata, uma capela, um galpão e uma casa de farinha. Ela desbravou os caminhos

tortuosos em busca de alimentos e sobretudo de liberdade, liderando seu povo através das trilhas ocultas que os levaram à fundação do Quilombo Lunga. Em cada passo, ela derramava suor e lágrima, mas, com determinação, alimentou o corpo e embalou a alma daqueles que sonhavam com uma vida onde os grillhões da opressão seriam desfeitos.

Mestra Firmina foi mais do que uma líder, ela era a personificação do espírito indomável dos escravos. Seu legado, como as raízes profundas das árvores ancestrais, firmou-se na terra e perdura através dos séculos. Ao seu lado, sua bisneta, Mestra Tonha do Lunga, é herdeira de sua chama de liberdade e guardiã de sua memória.

Nos campos e nas roças do Quilombo Lunga, as mãos calejadas moldaram o futuro com a mesma tenacidade com que forjaram seu passado. As lágrimas da labuta regavam a terra, fazendo florescer não apenas cultivos, mas também uma unidade inquebrantável. Eles compartilhavam as histórias de suas lutas, sussurravam sobre os sacrifícios feitos e erguiam canções que ecoavam como hinos de resiliência.

As dificuldades eram tantas quanto as estrelas no céu noturno do sertão. Os Quilombolas enfrentaram a fome, a perseguição e a incerteza. A vida ali não era fácil, mas eles persistiram, movidos por uma força interior que transcende o entendimento comum. Cada dia vivido com liberdade era uma vitória, uma negação veemente à sombra do passado opressor.

Hoje, olhando para trás, reconhecemos a dívida que temos com esses bravos homens e mulheres. Suas histórias são um lembrete poderoso de que a liberdade é um direito inalienável, e que devemos honrar aqueles que a conquistaram com tanto esforço. O povo do Quilombo Lunga nos ensina que a dignidade humana não pode ser aprisionada, que as raízes da resistência podem romper todas as correntes.

Portanto, enquanto celebramos a Mestra Firmina e saudamos a Mestra Tonha, honramos todos os Quilombolas que, através de sua perseverança e sacrifício, tornaram possível o mundo que conhecemos hoje. Eles são uma inspiração duradoura, um lembrete constante de que o respeito e a gratidão não são apenas palavras vazias, mas um compromisso eterno com a preservação das histórias que moldaram nossa nação e o reconhecimento da humanidade que nos une.

Mary Jane Araújo de Lima

Amazonense, 61 anos. É Pedagoga, formada pela UFAM, Mestre em Educação. Especialista em Gestão Escolar, Coordenação Pedagógica e Educação de Jovens e Adultos: Proeja. Professora, coordenadora SEMED e SEDUC/AM. Já escreveu pequenos poemas, paródias, raps e projetos de intervenção pedagógica, cujos temas abordavam o currículo de maneira lúdica.



MUNDO MELHOR!

Às vezes eu me pego sonhando
Com um mundo muito melhor
Onde as pessoas vivam felizes,
Sem medo
Com paz e harmonia ao redor.
Por que existe tanta violência?
Se nós todos somos irmãos.
Eu me pergunto o porquê de tudo.
E só encontro uma explicação,
Quando não respeito mútuo
Fica tão difícil
Viver em sociedade porque só dá confusão.
Não esqueça temos todos
Os mesmos direitos.
Está na Constituição!

NATUREZA

Como é bela a natureza.
A paisagem que Deus criou.
Pássaros, flores, borboletas.
Verdes campos,
Que esplendor!
Mas o homem, quem diria.
A maior das criações,
Como se fosse ironia.
É quem mais faz destruição.
Mata, desmata, faz queimada.
Provoca poluição!
Pensando o progresso, hoje.
Esquece a próxima geração.
Mas, preservar é preciso
Para mais tarde não perecer.
Pois de nós depende a chance.
De toda espécie sobreviver!
Preservar, pois, a natureza
E usá-la com consciência
São cuidados indispensáveis
Para nossa sobrevivência!

Mary Jane Araújo de Lima

Milena Ferreira Costa

Natural de Aracaju/ Sergipe, estudante do ensino médio e escritora, tem algumas de suas poesias publicadas em revistas e antologias e recentemente publicada em um livro, atualmente escreve seu primeiro livro de poesia, que conta com poemas escritos desde seu início de escrita até o momento atual, ama ler, escrever e pintar telas, seus maiores hobbies são escutar músicas e assistir séries.



GAROTO DA CASA AO LADO

Um dia foi eu e você
No outro apenas eu
E no outro apenas você
O que realmente aconteceu?
Como chegamos a esse ponto?
Como nos afastamos tão rápido?
E o que você sente por mim?
Era real?
Era verdade?
Houve mesmo amor?

Ver seus olhos nos meus
Sentir seu beijo em meus lábios
Ver como você me olha
Ver a forma que me trata
Não achei que sentiria nada
Mas senti
Não achei que houvesse nada
Mas tinha
Não queria sentir
Mas já sinto

Queria dizer que te tenho
Mas não tenho
Queria dizer que você não me têm
Mas é claro que tem
Sempre teve
Desde o início
Mas saber aquilo de outro alguém
Fingir que não doeu
É difícil

Eu queria dizer que não doeu
Dizer que não senti nada. Mas é
claro que sinto
Mas claro que senti
Eu sempre sinto

E me odeio por isso, até por que, o que você fez comigo?

Mirselma das Neves Sardinha

Professora da educação básica, cabloca ribeirinha, mãe de pet, adora plantas, bicho, o silêncio da natureza. Tem na escrita a motivação da existência. Participante de várias antologias.



DEVANEIO

Por que nada me dizes
me avivas o devaneio
de querer ser tua
te habitar o seio
ser teu hospedeiro.
Esse querer é inútil
teço um terço
é a tecitura de Pénélope
daquilo que mereço
jamais terei
Oh amor pueril!
Não haverá desfecho
de tudo que aconteça
em meio a agonia
só o pranto, a dor, as feridas
a sangrar a carne, moer os ossos
que um dia foram puro desejo
de te tomar por INTEIRO.

Mirselma das Neves Sardinha

Moema de Castro Carneiro dos Reis

Professora e coordenadora, graduada na UFAM em letras e especialista em gestão escolar e coordenação escolar. Foi Instrutora do Programa Salto para o Futuro, dos PCN's em ação de 1ª a 4ª série do "Projeto Luz do Saber"; Tutora do Curso TV Escola e os desafios de hoje- UFAM-ano, dos PCN's, Professora Formadora do Programa Proformação e Professora Formadora do Programa Proinfantil, ano 2006/2007.



AMAZONAS/MANAUS

Amor, imenso por
Manaus, linda cidade do
Amazonas, grande pulmão do mundo
Zonas, florestais e fluviais
Orquestrada, pela
Natureza exuberante onde,
Arvores esbanjam
Sua majestosa grandeza.

Marcada pela grande urbanização
Aja dificuldade hospitaleira
Nada impedirá sua grandeza
Abraça todos os brasileiros
Unificando todos em uma só nação
Sendo uma grande fonte de pura admiração

VALORES ANCESTRAIS: UM PROFESSOR CATEDRÁTICO QUE SEMPRE ENALTECEU A REGIÃO E SEUS HABITANTES.

Em sua vida cotidiana, nasceu de seu casamento uma criança do sexo feminino, a qual recebeu o nome de Moema, o um nome indígena registrado na época enaltecendo assim povos nativos existentes no local, hoje bem menos devido as exclusões feitas pelo homem, por isso esse nome marcou a minha vida passei assim a pesquisar e fui descobrindo que Moema se tratava de uma índia muito linda de uma aldeia.

Em sua vivência, brancos portugueses tentaram catequizá-los, e nessa convivência apaixonou-se pelo chefe chamado Caramulo, o qual a ignorou pois gostava de outra índia, casou-se e resolveu ir embora e de tão apaixonada a índia Moema o seguiu nadando atrás do barco não alcançando morreu.

Esse trágico acidente tornou-se um conto na aldeia, **Moema índia apaixonada morre por esse amor.**

Com esse fato registrado tornou-se importante o conhecimento sobre os nossos **ancestrais** os quais preservaram e preservam nossas terras, dando vida saudável a todos nós brasileiros, e hoje o mundo busca essa preservação como forma de vida e sobrevivência do ser humano.

Moema de Castro

Nairiane Freitas Machado

Natural de Manaus-AM, filha de Natércia, mãe de Desirée, jurista, amante da gastronomia, do boi bumba e da boa leitura.

Felicidade é ter o que fazer. (Aristóteles)



MÃES AMAZÔNICAS: CHEIROS E SABORES.

Lembrança em forma de cheiro, aroma de chá de capim santo, tom voz angelical, vulto semelhante ao ver passar, cantiga que toca extremo do coração só de ouvir as estrofes, relembando pausas e timbre de voz, o andar, o modo da escrita, a letra, a velha frase: eu te avisei! Seja para cunhatã ou para o curumim teimoso.

Quem dificilmente esquece esses trejeitos de sua mãe? As histórias, os contos, a risada, o gesto ao ver seu o seu boi seja caprichoso ou garantido entrar na arena. Seja ela mãe dócil ou tempestuosa, mãe aventureira; mãe do lar, que faz o milagre da casa limpa ocorrer, mãe da indústria do PIN, que deixa os filhos nos escuros antes do raiar do sol e muita das vezes volta com o mesmo se pondo.

Mãe vendedora do centro da cidade; mãe comerciante; mãe programadora; mãe bancária; mãe tacacazeira; mãe que descasca tucumã, para incrementar a tapioca, junto a banana pacovã frita. Mãe que cozinha pupunha e deixa o aroma perfumando no ar. Mãe professora que além de ensinar os teus, tem que se dobrar com os dela. Mãe cadeirante e as que enxergam com o coração, só elas sabem as lutas e conflitos pessoais internos enfrentados, para manter-se em busca de acessibilidade mostrando ao filho como prosseguir.

Mãe jurista, que a cada lida na lei, jurisprudência, acórdão, decisões e sentenças, mentalizam sempre o bem para o seu descendente, passando o melhor da profissão para quem sabe, ele(a) seguir os seus passos. Mãe engenheira; mãe motorista; mãe

encarregada; mãe conselheira; mãe arquiteta; mãe costureira; mãe cozinheira, que faz o caldo do carauçu com pimenta de cheiro e tucupi, mãe artesã, que trança os painéis, mãe cantora, que algumas vezes, canta e encanta o público e no seu íntimo, o coração está na garganta. Mãe marinheira; mãe laceira quem no descobriu no laço a reinvenção que faltava, em cada nó um desatar de obrigação cumprida.

Mãe médica, que cuida e enfrenta pandemias e chora pela perda de pacientes e amigos, tendo que voltar para casa, com o melhor sorriso que encontra no bolso do jaleco. Mãe feiticeira; mãe de santo; mãe de cabeça; mãe do corpo; mãe benzedeira com suas crendices de cultura milenar, rezas e mistura de ervas, que curam aqueles que nelas crêem. Mãe evangélica; Mãe Cintia; mãe de fé e de jejum; mãe judia; mãe politeísta; mãe das Mães; mãe de Jesus; mãe de Deus!

Mãe fotografa, com a lente já preparada para o flash no por do sol na ponta negra, no Teatro Amazonas a melhor foto familiar e nas beiras e margens que cerqueiam o rio Negro e Solimões o melhor cenário para belas recordações. Mãe fisioterapeuta; mãe solo; mãe de enfermagem em meio aos viradões dos plantões, mães que se foram, mas deixaram memórias lindas como um aconchego no embeço de uma rede à tarde. Mãe que preparam o dindin e a merenda completa com o suco de cupuaçu para venda típica das zonas mais populosas.

Caboclas amazônicas, mãe Noêmia, Cacilda, Catarina, Yara e Maria, memórias de mãe Naide, a força e determinação de minha mãe Natércia, onde esta faz o sentido de sua vida postura determinante e valorosa, com forte influência de coragem e altruísmo sobre a sua vida e de seus filhos, netos e bisneta, porque pode existir algo brilhante como os raios solares no encontro do balançar dos rios, no encontro das águas, no fim da tarde no flutuante, o sol escaldante na Eduardo Ribeiro, o tacacá quente da praça, o mingau de banana verde ou de crueira, a matrinxã com escama recheada com vinagrete e a farofa de banana, o café torrado e moído na hora, pé de moleque feito na casa de farinha do quintal, o tambaqui saindo da brasa, o caldo de sardinha com alfavaca ou mesmo o belo e saboroso jaraqui borbulhando na frigideira para comer com baião de dois, farinha, pimenta e limão não é tão prazeroso e quente como um abraço de uma mãe amazônica, criada nos laços quentes, de ternura, coração hospitaleiro e de amor.

Nazira Teixeira Campos

Amazonense, 'aposentada, mãe de 3 filhos, nasceu no interior do Amazonas em 18 de janeiro de 1944. Seus pais passaram por muitas dificuldades financeiras para criar os 16 filhos (ela é a segunda). Próxima dos 80 anos, tem uma vida bem dinâmica: é uma fiel ativa na igreja católica, costura diariamente, participa ativamente de um grupo da terceira idade onde (joga vôlei, desfila, ginástica, apresentações de dança, teatro, passeios, olimpíadas...).



NAZIRA TEXEIRA – UMA MULHER DETERMINADA

Eu, Nazira Texeira Campos, nasci no interior do Amazonas, em 18.01.2044. Segunda filha de um casal humilde que lutava muito para sustentar a família, e que a única coisas que tinham em abundância eram filhos: 16 filhos.

Cada dia se tornava mais difícil a luta para conseguir alimentar tantas bocas. Sem recursos, praticamente morando no meio da floresta, onde boa parte dos alimentos eram adquiridos lá, levaram meus pais a se mudarem do interior do Amazonas para o interior do Acre, mas a mudança não mudou a situação da nossa família, pois nem sequer acesso aos estudos nós tínhamos e a luta pela sobrevivência só aumentava.

Então, eles decidiram morar na cidade mais próxima, lá pelo menos tinha escola. Nessa época, eu tinha 12 anos e nunca tinha visto uma escola, imagine ido...e foi nessa idade que iniciei minha alfabetização. Muito dedicada aos estudos, logo no primeiro ano, fui promovida duas vezes. Assim conclui o primário em três anos. Para as crianças daquela época, restavam: se os pais fossem ricos e quisessem, colocavam-nas em escolas particulares; se os pais não tivessem condições, as crianças para não ficarem sem fazer nada, ficavam

repetindo a última série ou iriam trabalhar para ajudar os pais. Fui para terceira opção.

Era comum os mais velhos serem escolhidos para trabalharem para ajudar no sustento da casa e, comigo não foi diferente. Comecei como babá. Como ganhava pouco, decidi ir para a capital Rio Branco (AC) em busca de novas oportunidades. Lá consegui um emprego de arrumadeira na casa de uma família muito rica, mas 6 meses depois voltei para a cidadezinha onde meus pais moravam e passei a lavar roupas para algumas famílias.

No ano de 1964, eu fui assistir a um espetáculo circense. No final, o palhaço, que era também o dono do circo disse que se algumas moças tivessem interesse em trabalhar no circo, desejassem acompanhá-los, teriam um emprego assegurado e que partiriam no dia seguinte. Eu, diante daquela oportunidade que parecia tão promissora, além de encantadora, nem pensei muito. No outro dia, estava na estrada com o circo. Paramos na primeira cidade, permanecemos um tempo lá nos apresentando, depois a próxima... mas o salário...nada de receber. O palhaço empresário sempre dava a desculpa que o dinheiro não dava.

Eu buscava conversar, ajudar e tratar todos bem. Dessa forma conheci uma família muito humana, moradores da cidade. Essa família gostou muito de mim, compadeceu-se do que eu já passara e o que estava passando, então, generosamente, falou para eu não seguir com o circo, que morasse com eles, o tempo que quisesse e que depois iriam ajudar-me a voltar para minha cidade. Aceitei e fiquei um bom tempo com eles.

Um belo dia, eu estava com a senhora no aeroporto quando conheci um belo marinho. Ele estava de serviço naquela cidade. Começamos a conversar, que virou paquera, que virou namoro e logo ele já falava em casamento. Mas o período do serviço dele, naquele local, terminou e ele foi embora, na promessa de voltar.

Pouco tempo depois, fui informada que meus pais estavam morando em Rio Branco (AC), então decidi voltar para casa, mas a falta de estudo dificultava conseguir um emprego razoável pelo menos. Já estava sem muitas perspectivas, quando soube que a família rica, a qual eu tinha trabalhado como arrumadeira, o patriarca tinha sido eleito deputado federal, que iriam morar em Brasília e estavam selecionando

uma secretária do lar para ir com eles. Sem perder tempo, fui falar com a esposa dele, que depois de uma conversa sobre regras, salários e o que fazer. Contratou-me. Fiquei 10 meses lá, vieram as férias parlamentares e voltamos todos para o Acre.

Todo esse período, eu e meu marinho mantínhamos contato através de cartas. Quando cheguei em Rio Branco, pouco tempo depois ele veio me visitar, conhecer minha família e acertar com meus pais os trâmites do casamento. Ele voltou ao trabalho e seis meses depois, fui a Manaus esperá-lo para, finalmente, casarmos no dia 28.09.1968.

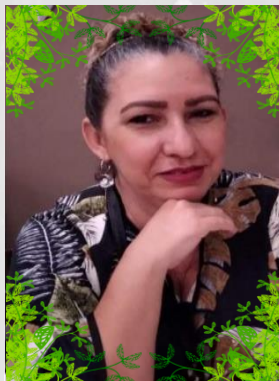
No ano seguinte, 1969, nasce nosso primogênito e em 1970, nasce a nossa filha. Em 1980, o casamento começa a se desmoronar, separamo-nos, depois nos reconciliamos... Mas ao meio dessa turbulência, algo muito bom acontece, uma criança de três meses vem somar à família trazendo um novo ânimo para todos nós. Em 1987, a convivência conjugal ficou muito delicada e resolvemos nos separar definitivamente.

Trabalhei desde criança e continuo trabalhando com costura e o que aparecer nessa área, sou aposentada, meus três filhos bem encaminhados, sou avó e bisavó também. Passei por muitas dificuldades, mas também já tive uma vida financeira bem estável. Eu me considero uma vencedora.

Próximo ano, completo 80 anos. Já vivi muitas aventuras, passei por muitos percalços, enfrentei muitas coisas em minha vida. A certeza é que tudo valeu à pena, serviu de aprendizado e que são 80 anos bem vividos.

Neida Bastos de Souza

Amazonense de Codajás - Amazonas, (01.05.1967), casada, mãe. Licenciada em Normal Superior pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Pós-graduada em Psicopedagogia pela Universidade Táhiri – ADCAM. E graduada em Pedagogia pela Universidade, Centro Universitário Leonardo da Vinci – Uniasselvi. Atua como professora do Ensino Fundamental pela SEDUC e SEMED em Codajás.



UM HERÓI POR ACASO (HISTÓRIA DA VIDA REAL)

Em um belo dia ensolarado de domingo, três jovens buscavam momentos de lazer em uma praia próximo à sede do município. Brincavam e se divertiam correndo “pra lá e pra cá”. A tarde já morria e a noite estava a chegar. De repente, o céu começou a escurecer e, minutos depois, começou a chover torrencialmente. As horas passavam e a chuva só engrossava...

Resolveram então voltar. No caminho, dois dos três amigos tiveram a infeliz ideia de pular da canoa e nadar até a margem do rio e concluir a jornada de volta para casa caminhando pela beirada do rio. Um dos amigos, muito cansado, desistiu do intento e resolveu voltar para a canoa e, juntamente com seu parceiro, seguiram a viagem de canoa rumo à cidade. Enquanto isso, Jorge, que nadou até à margem do rio, adentrou na mata. A chuva caía forte e a floresta tem seus segredos... Tudo começou a escurecer e Jorge não conseguiu mais identificar o caminho e, desorientado, acabou se perdendo na mata.

Os dias se passavam e Jorge não aparecia... As buscas se intensificavam a cada dia. Grupos de pessoas se formavam e saíam todos os dias a procura do jovem. Sua família desesperada suplicava a Deus pela sua volta.

Na mata, vagando sem rumo, Jorge emagrecia de fome e de sede. Os pés inchados e cheios de espinhos doíam. As vezes se alimentava de cana encontrada em plantações pela mata e dormia em oco de árvore. Seu medo era tremendo, morcegos e pernilongos sugavam seu sangue e feriam sua pele. Muitas vezes saía correndo no meio da noite com pesadelos onde monstros lhe atacavam.

Enquanto Jorge continuava sua saga a procura do caminho de volta para casa, sua família desesperada acionara a polícia que junto com a comunidade formavam novos grupos de busca.

O sofrimento e desespero de sua mãe era tanto que chegava a sonhar que um anjo trazia seu filho de volta até sua casa...

Mandado por Deus, um caçador tocado em seu coração resolveu ir para seu sítio (já que não pretendia ir naquele dia). Sabendo do caso, o caçador cedo da manhã comentou com o sargento (seu vizinho), que iria encontrar o jovem perdido. E o vizinho brincalhão disse ao o caçador: — Como é que um cego vai achar alguma coisa? Ambos riram, pois o caçador realmente não enxergava de um lado.

Ele tomou seu café, despediu-se de sua esposa e foi cantarolando pelo caminho rumo ao seu sítio. Qual foi sua surpresa... de longe avistou Jorge chupando cana. Ele estava sujo, fedido e desidratado. O caçador pensou tratar-se de um ladrão e o chamou:

Hei rapaz! O que você está fazendo aqui? Vem cá!

Jorge amedrontado procurou se esconder e perguntou:

— O senhor vai atirar em mim?

— Claro que não! Você é o rapaz que está perdido?

— Sim senhor, e estou com muita fome!

— Que dia é hoje? - Perguntou Jorge ao caçador.

— Domingo, respondeu o caçador. Você já está uma semana perdido nesta mata!

O caçador olhou os pés do jovem inchados e o calção já caindo pela magreza e perguntou:

— Você aguenta andar?

— Sim! Respondeu-lhe.

O caçador tirou uma "envira" do mato, amarrou o calção do jovem e o trouxe de volta a cidade.

Ao chegar à cidade o caçador chamou um motoqueiro para levá-lo até a residência do jovem. Toda a família estava em frente à residência esperando notícias. A mãe do jovem estava relatando aos seus vizinhos o sonho que tivera com um anjo trazendo seu filho de volta quando se ouviu uma buzina de uma moto que tocava insistentemente. Jorge estava de volta! Que surpresa maravilhosa quando aquela mãe viu o caçador com seu filho querido. Foi uma euforia!

Todos choravam de alívio e alegria. A mãe chegou a perder os sentidos de tanta emoção. Jorge atordoado e faminto entrou casa adentro para saciar a fome que tanto lhe doía o estômago.

Todos estavam felizes, inclusive o caçador por compartilhar daquele momento de "resgate de vida". O pai do jovem e todos que participavam das buscas foram avisados que Jorge fora encontrado por meio de foguetes.

Após Jorge ser alimentado e banhado, levaram-no ao hospital para exames médicos. No dia seguinte, o pai do jovem foi cumprir a promessa que fizera na Rádio da cidade: gratificar aquele que encontrasse seu filho.

Ao chegar à casa do caçador, ofereceu a recompensa mas, o caçador não aceitou, pois sabia da necessidade financeira em que aquela família se encontrava e não existia dinheiro no mundo que pagasse o prazer e a alegria que sentiu em ajudar aquele jovem. O caçador pediu ao pai que usasse aquele dinheiro para a necessidade de sua família e para festejar o retorno de Jorge.

Passaram-se os dias e o caçador foi visitar o jovem, pois a partir daquele momento sentiu-se "protetor" daquela vida.

Isto nos mostra que o destino pode nos pregar peças e que, de repente, podemos nos deparar diante de uma situação que nos faça... "um herói por acaso".

Neida Alencar Bastos de Souza

OLHAI E VEDE!

A vida segue seu curso e mais um ano finda... 365 dias do ano de 2021 passaram voando. Ano de muitas bênçãos e de grandes provações, mas fiel é o Senhor e mui digno de ser louvado! Foram dias difíceis, não se pode negar, mas

Deus abriu suas asas e nas suas sombras descansamos.

Olhai e vede!

No caminho, em suas pegadas pisamos...

Na enfermidade, ele foi o bálsamo.

No deserto, o oásis.

Na escuridão da noite, a coluna de fogo.

No vale, o descanso...

Na angústia, o refrigério.

Na dificuldade financeira, o provedor...

Nas tristezas, o consolo.

Nos momentos de solidão, o abraço

Nos momentos de dor, o amparo, o aconchego.

No revolto mar, a brisa suave.

Na fraqueza, a força.

No lamento, o canto de alegria!

Um novo ano se aproxima e em todas as circunstâncias ELE CONTINUA SENDO DEUS, então:

É tempo de agradecer e exaltar,

É tempo de louvar...

Não importa se há inimigos a combater, se há guerras a pelejar...

Pois com Ele à frente “não tereis que pelejar!

Estai de pé e vede a salvação do Senhor!”

É tempo de confiar porque o Senhor dos Exércitos peleja por nós

E quer na bonança, quer na tempestade

Ele sempre presente estará.

E como Jeosafá levantemos bem alto a voz no meio da congregação a cantar:

“Louvai ao Senhor porque a sua benignidade dura para sempre!”

Olhai e vede!

Ele é Deus de vitória!

É tempo de adorar, de exaltar!

DEUS É DEUS, BENDITO SEJA O NOME DO SENHOR!

Neide Aparecida Fugolari

Neide Aparecida Fugolari nasceu em Pirassununga, interior de São Paulo, no dia 26 de março de 1963. É a oitava filha de Antonio Fugolari e Olimpia Mistieri Fugolari. Formou-se em Letras com muita dificuldade, pois para estudar precisava viajar todos os dias para outra cidade, na época não havia faculdades na sua cidade. Teve duas filhas maravilhosas: Caroline e Giulie. Mudou-se para Manaus quando a caçula tinha apenas 3 anos. É professora e ama o que faz. Aposentada da rede privada de ensino e atuante na rede pública.



SAUDADES

Escrevo agora porque preciso
Escrevo para tirar do peito a dor
Dor da falta, da saudade, da ausência
Escrevo porque você não pode mais me ouvir.

Escrevo porque já é tarde
E você não está mais aqui
Seus olhos azuis, seu sorriso
Tudo tão presente e agora tão distante.

Escrevo sem um porquê
Escrevo com vontade de te ver
Minha voz está guardada e
Meu coração continua dilacerado.

Ouçó a voz de Deus
Que me aproxima de você
Ouço a sua voz
Mas você não está mais aqui.

Neide Fugolari

Nelcilene de Souza Macena (Lena Macena)

Formada em Artes Plásticas e Letras pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. É escritora, poeta e professora. Coautora em várias Antologias, pertence as Academias: ALBAP, AMCL, ALCAMA, ACILBRÁS e ABRASCI - SP Academia Brasileira de Ciências, Artes, História e Literatura. Fundadora da AEPOCAM – Associação de Poetas e Escritores do Careiro Amazonas.



INUNDAÇÃO

Período de cheia

A água no assoalho permeia
Assim como no dilúvio
A inundação logo vai jorrar

E no bailar das torrentes
Afogam-se as nascentes
E os corações novamente
Começam a transbordar

Levanta-se o assoalho
Do Caboclo ribeirinho
Todo dia a água sobe
Todo dia refaz-se o ninho

Tanta evasão!
O homem leva saudade
Da várzea onde nasceu
E dos momentos de felicidade

Vai em busca de terra firme
Para a família proteger
E no singrar das águas
Flutua um novo amanhecer

Toda enxurrada é passageira
A água logo vai baixar
E os frutos dos corações
Começam no peito pulsar

O homem muito contente
Vai plantar novamente
Pensa logo na semente
Pela várzea a germinar.

Nelcéia Macena Guimarães

Escritora, professora, membro da AEPOCAM (Associação de Poetas e Escritores Careirenses), ALCAMA (Academia de Letras e Cultura da Amazônia), ASSEAM (Associação de Escritores do Amazonas) e AIL (Academia Independente de Letras). Livros lançados: Vovô João e O Reino Dourado.



CORDÃO DE TRÊS DOBRAS

Quero agradecer a Deus,
pela sua devoção
Amor da minha vida,
dono do meu coração!

Eu te amo de paixão,
que nem consigo expressar
Quero ser sua emoção
até a eternidade chegar!

Enlaçados no amor
que do alto logo vem
São fios de valor
três dobras logo tem!

Pra terminar vou te dizer
Com certeza da paixão,
Deus abençoe o nosso amor
E alegre o seu coração!

(Nel Macena - membro da AEPOCAM e ALCAMA).

Nelma Costa Santos

Artista, professora da rede pública, trabalhando como assessora pedagógica da Educação Especial, confeitadeira, mãe de um altista já adulto, casada e desde sempre gostou de leitura e do maravilhoso mundo da poesia. Possui espírito livre e criatividade expressiva e se dedica a tudo que faz.



“Seja você uma influência positiva”

MANAUS DOS EXTREMOS

Manaus,
quem te vê a partir do Centro Histórico nem imagina o que tem nos bairros periféricos.
No Centro,
Tanta beleza,
Casas históricas com formas e fachadas que encantam aos olhos e rendem ótimas fotos;
Calçadas com pedras importadas;
O teatro mais bonito do Brasil;
Cafés e restaurantes regionais;
Praças arborizadas e românticas,
Parecendo imagem de filme.
Já nos bairros,
Sem planejamento algum.
Falta infraestrutura,
Falta beleza,
Faltam espaços públicos,
Não há segurança.
A inocência das crianças se opõe à realidade dura e cruel da criminalidade.
Nossas crianças brincam nos terrenos baldios,
enquanto as mulheres fazem aulas de zumba nas rotatórias.
Sem romantismo,
Sem beleza,
Sem encantamento.
Assim é a nossa Manaus:
Cidade dos extremos

Nivaldo Pereira da Mota

Comendador, ator, comediante, Palhaço, escritor, poeta, professor, comunicólogo e palestrante. tecnólogo em Administração, Graduado em Comunicação Social. Pós-graduado em: Gestão de Pessoas e Docência de Ens. Superior. Membro das Academias: ALCAMA; ABEPPA; ABAC, CBC. Autor dos livros: Memórias de um Dorminhoco - As Aventuras de um Dr. Palhaço, Até o Tucupi de Riso- 30 anos de Comédia.



ORAÇÃO DO BEIRADÃO

Senhor meu Deus, que desconheço
Mas, de sorte que mereço
Se de mim tens um apreço
Me responde meu Senhor
Se aí no céu tem pão.

Aqui tem fome,
Tem miséria...sofrimento,
pranto e dor
Me responde meu Senhor
Se aí no céu tem pão?
Aqui a fome perde o lugar a sede
A sede me bebe o suor do rosto
Mas, enquanto eu respirar
E a voz não me falhar
Insistirei em perguntar
Se aí no céu tem pão?

Se tiver guarde pra mim
Um pedaço já em serve
Nunca quis de muita coisa
Vivo aqui de pouco a pouco
Como lixo feito um louco
Só te peço com certeza
Sem ter luxo e nem riqueza
Me responde com clareza
Se aí no céu tem pão?

Se tiver guarde um pedaço
De questão muito não faço
Não me importo com a carência
De manteiga, patê ou requeijão
Aceite aqui meu desabafo
Eu só preciso ter certeza
Se aí no céu tem pão?

Se tiver então me espere
Que de muito não demoro
Do jeito que a fome aperta
Pode crer que a morte é certa
Só não ne deixe assim morrer
Sem ter água pra beber
Só me diz se aí tem pão
Ou outra coisa pra comer

Amém

Perazo Castilho

Natural de Tuparetama/Alto Sertão do Pajeú-PE, mora em Diadema/SP, artista autodidata - Poeta, Musicista, Cantador, Repentista, Cordelista, Xilógrafo, Pintor-retratista, Escultor, Ativista Sociocultural (...); Obras: Organizador, Ilustrador e coautor da Obra CANTADORES POPULARES - Retratos e Versos- Editora bandeirola/SP; coautor em 04 cordéis/ Editora Prosa&Verso/CE; autor da capa da obra "A Minha Paixão por Motes"; autor premiado no concurso de Poesia - SESI SENAI-2010/SP; PERAZO é presença marcante nos saraus, recitais, Feiras de Artes Populares e Encontro de Repentistas do Nordeste.



MINHA POESIA

Minha poesia é
Simples como camponês
Leve como a folha seca
Singela por sua vez
Feita com pétalas de rosa
Pra presentear vocês

Poeta por sua vez
Tem a sensibilidade
Coração cheio de amor
Não tem ódio nem maldade
É vítima dos sentimentos
E explorador da saudade

Artista plástico, engenheiro
Desenhista e escultor
Estrategista e pintor
Arquiteto e marceneiro
Violonista e violeiro
Sou poeta e muito mais
O que eu fizer ninguém faz
Porque foi Deus quem ensinou
Poeta assim como eu sou
No sertão não nasce mais.

Perazo Castilho

POEMA EM VERSOS ANTOLÓGICOS: POEMA AS DUAS PERDAS

Sinto o peso da saudade
Machucando o peito a fora
As duas pernas sem força
O meu relógio sem hora
Pensando na despedida
Qual o sentido da vida
Quando papai for embora.

Uma vida sem sentido
É musical sem sonora
É a solidão escondida
Por trás do romper da aurora
É a tristeza esculpida
Assim será minha vida
Quando papai for embora.

Vou chorar igual menino
Quando tá com fome chora
Gemer igual violino
Quando uma corda se tora
Vou gritar igual cigarra
Não vou aguentar a barra
Quando papai for embora.

De mamãe é tão dum jeito
Que vem de dentro pra fora
Na vida se perde tudo
Pois tudo tem sua hora
Pra você lhe digo assim
Vai um pedaço de mim
Quando mamãe for embora

A perda de quem deu tudo
Inda não vi quem não chora
Existe algum que aceita
Mais pra não perder implora
A perda é coisa ruim
Vejo o começo do fim
Quando mamãe for embora.

Eu vi papai perder vó
Igual conchris perde a flora
Depois não o vi mais cantar
Nem ouvi a voz senhora
Não pergunto se é feliz
Porque eu sei que me diz
A sua avó foi embora.

O TEMPO PASSA MAIS EU JAMAIS ESQUEÇO O SERTÃO

Passado bom é saudade
Presente ruim é tristeza
Futuro é a incerteza
Tempo que mostra verdade
Por certo a eternidade
Fica noutra região
A minha recordação
Já me rejuvenesceu
O TEMPO PASSA MAS EU
JAMAIS ESQUEÇO O SERTÃO.

Eu queria novamente
Reviver a mocidade
Para matar a saudade
Que invade o peito da gente
Descascar cana no dente
Plantar banana no chão
Tomar banho em cacimbão
No riacho que encheu
O TEMPO PASSA MAS EU
JAMAIS ESQUEÇO O SERTÃO.

Nunca esqueci o passado
Que vivi a mocidade
Hoje só resta a saudade
Do lugar que fui criado
Papai limpando o roçado
Na companhia de um cão
De frente do casarão
Onde seu filho cresceu
O TEMPO PASSA MAS EU
JAMAIS ESQUEÇO O SERTÃO.

Perazo Castilho

Perpétuo Socorro de Oliveira Lopes

Técnica em Contabilidade, cursou Licenciatura em Estudos Sociais pela UFRJ. Funcionária Pública Amazonas nos cargos: auxiliar de Escritório depois Técnica em Desenvolvimento Social na EMATER hoje IDAM. Secretária do Boi Caprichoso (1982 a 2.000). Atua como fiscal e foi Presidente da Comissão julgadora do Festival Folclórico de Parintins nos anos de 1998 / 1999 e 2002.



Apresentou o programa de rádio do IDAM há 32 anos e participa ativamente da produção e apresentação de programas religiosos. Participa ativamente da PASCOM e Pastoral do Dizimo Diocesana, na Paróquia Sagrado Coração de Jesus é Coordenadora da Pastoral Paroquial.

“Viver com Alegria e Coragem”

O CABOCO SAI DO MATO, MAS O MATO NÃO SAI DO CABOCO

Nascer e passar a infância no interior,
Quanta saudade daqueles tempos,
De correr pelo cacoal, bananal e jital
Pular da ponte n'água
Nas águas barrentas do rio Amazonas
Na Costa do Itaboraí.

Vem a idade de estudar
Tinha que ir pra cidade
Olha que maravilha
Era o maior desejo dos pais
Faziam tudo com muito gosto e sacrifício
Ver o filho um dia, ser doutro ou professor.

Mas o tempo foi passando
Vira doutor e professor
Morou na cidade grande
E cansado da vida agitada
Pensando nos bons tempos de criança,
Retorna pro torrão amado.

Conquistou dinheiro, bens materiais
Mas os bons tempos de criança não saem da cabeça
E se eternizaram no coração
Superando as riquezas e a razão
Voltando pro interior
Veja quanta emoção.

Perpétuo Socorro

Raimunda Aurinelia Lopes de Moura



Mãe, poetiza e professora. Se resume a isso meu viver. Bordo nos dias da vida as cores que o amor possui: Nayara, Artur, Alan, Rebeca, Sofia e Luiz são meus mais perfeitos bordados. Novos ramos já surgem em Laura e Bernardo. Membro fundadora da ACLC, (ACADEMIA CEARENSE DE LITERATURA DE CORDEL). Guia minha mão A Luz, e Antonio me auxilia. Que sejam belos os dias.

O MANTO DA NATUREZA

Quando a chuva cai na terra
No solo marrom queimado,
Aviva outro achado
Que nas entranhas encerra.
Alí então se emperra
O atraso que se via,
E da noite para o dia
Uma mudança se opera,
E antes do que se espera
Se observa a alquimia.

A serra fica coberta
Com o pano da natureza,
Ornamentando beleza
No tecido que desperta.
A veste verde coberta
Ornada de passarinho,
Que cantando no seu ninho
Agradece a criação,
Entoando uma canção
Registrada em pergaminho.

Se cobre todo o caminho
Que lembrava labareda,
E o mato faz vereda
Sem pressa e bem rasteirinho.
Cobre tudo de mansinho
No sol na chuva ou luar,
Não para de trabalhar
A obra da natureza,
Isso nos dá a certeza
De que nada faltará.

A semente brota farta
Cem por um, por vezes mil,
E se inverte o funil
Com a fartura crescente.
Alimenta toda gente,
Todo ano é desse jeito.
Se isso não for perfeito
Me explique na escola,
A terra não dá esmola,
O que dá é mui bem feito.

Cada homem alimenta
Do sertão até cidade,
Munida da caridade
Que a fome afugenta.
Não tem terra rabugenta,
O que tem é mal tratada,
Abrindo vasta estrada
No peito da natureza,
Age o homem sem destreza
De forma desordenada.

Mas o bordado perfeito
Do botão de flor abrindo,
Da relva mansa caindo
No regaço bem estreito.
Criando suave leito
Que corta o vale sem vida,
Para fazer concluída
A obra sem faltar nada,
Com a perfeição pintada
E Pelo Artista garantida.

O mata pasto rasteiro
Cobre o solo rapidinho,
Ficando tudo verdinho
Nas chuvas de fevereiro.
Vestido todo o terreiro
É hora que a parceria
Sem pressa se inicia,
Pra construir a labuta,
Terra e homem em conduta
De crescente alegria.

E o manto veste vira,
Forrando todo o chão,
Suprindo cada nação
Com o que do solo tira.
Ficando marcada a mira
Pra se plantar novamente,
E garantir ao vivente
Sustento na sua lida,
Sem alimentar ferida
Mas o deixando contente

MST

Quantas pessoas povoam esta terra,
Na batalha que a guerra da sobrevivência exige?
Quanto suor que se derrama?
Quanto sangue que se clama
Injustamente derramado?
Quanto campo à ser plantado?
Quantas árvores à florir?
Quanto de injustiça à ser justificado?
Que a terra dada por Deus
Aos homens,
Seja não dada,
Mas devolvida,
À estes mesmos homens.
Que possam assim fazer
Permanecer este sorriso
Com a visão do paraíso
Plantado por suas mãos.
Surgindo,
Brotando,
Vingando do chão.
Que se siga a razão
E cada homem
Tenha um pedaço de chão
Que produza o seu pão,
Que vista seu peito nu
E seu pé calejado.
Que a foice e o machado
Tenham um campo
A ser lavrado.
Que a mão que conduz os seus efeitos
Seja regada
Com o suor honesto.
Pois assim todo o resto
Será pausadamente construído,

Sem conflitos impostos pela fome
Que consome o direito do homem
Que já não sabe ao certo
O que é direito.
Não será o mundo perfeito.
Será somente a possibilidade
De cada homem
Construir sua dignidade.
Saciadas dos homens todas as fomes: de justiça, de igualdade, de
direito a ser também gente, se verá diferente toda uma humanidade.

Auri Lopes

SOU

Sou rosa e sou menina
Mulher, candura e mimo,
Rosto pra se beijar
Sou balanço de uma rede,
A água que mata a sede,
As belas ondas do mar

Sou a rosa mais mimosa
Que a prima natureza fez
Eu sou o canto do pássaro
Que embala o montanhês
Sou fera, gato, arcanjo.
Tudo de uma só vez

Sou mulher vertente e bela
Poço de emoção
Força, carinho, candura,
Verdade no coração,
Sou mulher, sou sentimento,
Sou liberdade e razão.

Eu sou o beijo primeiro
Que vós vierdes a dar
Sou a estrada deserta
Que gostas de viajar,
Sou as entranhas do céu
Onde tu queres estar

Sou o lampejo último
Da felicidade tua.
Sou o término da rua,
Sou o início do bairro,
Sou eu parente do sol,
E irmã da bela lua.

Sou tudo isso e mais
O que vier-des a descobrir
Pois sou um livro aberto
E enquanto folhas existir
Existirá algo encoberto
Que virá a emergir.

Os uivos dos quatro tempos,
As pontas da Rosa dos Ventos
Os frutos de cada pomar
O abraço da Vênus de Milo
Que tuas lamúrias e suspiros
Corre a apaziguar.

Sou mulher, sou vida, sou laço,
Sou tudo aquilo que faço,
Sou o que quiser falar.
Sou dona de teu amor,
Mãe do teu Salvador,
Sou a Rainha do Mar.

Sou rosa e sou menina,
Mulher, candura e mimo,
Rosto pra se beijar.
Sou balanço de uma rede,
A água que mata a sede,
As belas ondas do mar.

Auri Lopes

Raimunda Gonçalves Neta

É natural de Assú-RN, Terra da Poesia. É integrante do Grupo Celebra-se Poesia e da Associação Literária e Artística de Mulheres Potiguares (ALAMP). É autora do livro *Metamorfose*; coautora de algumas antologias e cordéis coletivos; organizadora da Coletânea *Poemas Diversos* e da Antologia *Elas por Elas*.



Escreve sobre o que sente, o que vive e o que pensa.

CAMINHADA

Um novo dia nasceu...
Veloz passa o tempo.
A vida muda de ritmo,
Seja agitado ou lento.
Vamos seguindo...
Umaz vezes tristes
Outras vezes sorrindo.

Às vezes confiantes,
Certos da direção,
Outras vezes nos perdemos,
Na tamanha indecisão.
Às vezes a jornada tem calma,
Outras vezes inquietude e
rebeldia.

A fé nos ajuda a caminhar:
Sabemos que com Deus
Podemos sempre contar.
Precisamos de coragem
Para a caminhada enfrentar,
Vencer os desafios da vida,
E novas experiências conquistar.

Precisamos a vida descomplicar,
Ela é presente divino,
Não podemos desperdiçar.
Peço a Deus sabedoria,
Saúde, paz e muita fé
Pois nos piores momentos
É Deus quem nos põe de pé.

Assú/RN, 30/06/2023.

QUANTIFICAR?

Quantos sonhos abortados, impedidos de nascer...?
Quantas verdades silenciadas na garganta...?
Quantas vezes você fingiu não ser com você...?
Quantos sorrisos inundados por lágrimas copiosas...?
Quantos beijos e abraços esperados eram apenas ilusão...?
Quantas vezes você perdeu-se em mentiras sinuosas...?
Quantas vezes ficou refém por medo da solidão...?
Quantas vezes disse eu te amo para enganar seu coração...?
Quantas vezes omitiu ou mentiu para si mesma e para o mundo...?
Quantas vezes perdeu-se no labirinto da indecisão...?
Quantas vezes cavou com as próprias mãos um poço sem fundo...?
Quantas vezes sucumbiu na depressão...?
Quantas vezes entregou-se ao sofrimento profundo...?
Quantas vezes desistiu de ser feliz...?
Quantas vezes ignorou seus sentidos...?
Quantas vezes viveu por um triz...?
Quantas vezes, por apatia, preferiu deixar como está
Por medo da mudança, por medo do que virá...?

Assú/RN, 23/11/2022

AGUERRIDA

Tem brilho no olhar
E amor no coração,
Às vezes tenta ser suave,
Mas sabe ser furacão.
Tenta ser tranquila,

Mas transforma-se em vulcão,
Tenta equilibrar-se
Ser regida pela razão,
Mas é atraída pelos sentimentos,
Guiada pelo coração.

Às vezes é medrosa,
Outras vezes esbanja coragem,
Ela é ansiosa.
Às vezes anda na contramão,
Mas ao ódio e ao rancor

Sempre diz não.
Ela faz o seu destino,
Não aceita rastejar,
Ela é aventureira,
Como borboleta quer voar.

Ela voa alto,
O céu quer tocar,
E sabe aonde quer chegar.
Sua bagagem é leve,
Só o amor deixa ficar,

Tem o brilho no olhar,
O seu lugar no mundo
Sabe conquistar.
A sua vida é colorida,
Tem avanços e recuos
É uma mulher aguerrida.

Assú/RN, 09/07/2023

Rejane Melo

Manauara, nasceu em 14/09/1966, artista plástica, criou um ateliê de artes para crianças, o AteliRê Criando e Brincando. Participou de várias exposições nacionais e internacionais. Tem um trabalho significativo em seu ateliê com crianças e jovens de todas as idades criando momentos de arte e educação para seus alunos expressarem e colorirem seu mundo de forma prazerosa.



Além do Ateliê, criou um canal no YouTube onde ensina fazer arte de forma fácil e com material acessível para as crianças.

CARAS E CARETAS

Dia de brincar no quintal

Obaa!!

As crianças saíram correndo felizes

E logo foram pegando suas cestas cheinhas de surpresas

Tudo preparado no quintal

Cada uma pegando tudo pela frente

Olhinhos brilhantes e prontos para a diversão

Argila, sementes, folhas, galhos e flores

imaginação e criatividade ativadas no quintal


De repente surgiram esculpido pelas mãos das crianças seres fantásticos

Caras e caretas surgem em toda a parte do quintal

Olhem o tronco da árvore

Agora tem rosto moldado pela argila

Olhos feitos de sementes



Os cabelos foram uma mistura de galhos e folhas
Um toque de flores deu um charme

As caras e caretas foram um sucesso
O quintal tornou-se mágico
Agora chegou a hora de criar um conto diferente
Animação contagiante
De uma tarde radiante
No quintal

Rejane Melo

Renan Lima de Assis Sobral

Carioca de nascença e amazonense de coração, apaixonado pela Denise Lima, pai de meninas - Gabriela Vitória, estrela supernova; e Tainá Zenith, a mais alta do céu estrela da manhã - Renan Sobral é alvinegro da estrela solitária, controlador de tráfego aéreo e escolheu redescobrir-se, fazendo o bem, construindo pontes e celebrando a vida.



Liberdade d'alma! Porque basta criatividade para rirmos mais um pouco.

UM CERTO SENHOR ESCRAVO

Amo-te como a caneta, o papel.
Canto-te em versos livres ou
cordel.
Venero-te, amo-te, desejo-te.
Para ti... Tiro o meu chapéu.

És um dos inúmeros paradoxos
da vida:
Faz-me escravo deste amor
ardoroso,
Porém, também, senhor do teu
prazer fervoroso.

E sob os olhos da rainha das
trevas
Iluminando nosso quarto
Abençoando nosso caso,
Entregas tua sorte a mim.
E destemendo o azar,
Não tens medo de gozar...

...Gozar deste belo prazer,
A dois, a sós, difícil descrever.
Como faço agora,
Nestes versos, por quê?
Talvez medo...
Medo de te perder!

Perder-te: alma livre, corpo belo.
O lírio é menos cândido
E a água menos pura que tua
alma.
Teu corpo tão alvo quanto as
nuvens,
Escultural e belo quanto o
Discóbolo,
Faz-me escravo deste amor
ardoroso
Porém, também, senhor do teu
prazer fervoroso.

FORASTEIRO

Já lhe cantaram belo,
Sob infinitas formas.
Já lhe descreveram tocos,
Sob roto rascunhar.
Qual seja a amolda,
Pô-lo fôrmas... Não importa!
Neste solo jaz fincado
O suor que é seu,
Amazônida!
Seu cotidiano é lugar comum
Situado entre o mito e o rito.
À sombra da árvore,
Depois ao arrebol,
Seguindo, o céu estrelado
Sob o véu do luar...
Cantos, orações e danças
Fazem o sagrado atuar.
Amigos, caboclos e guerreiros.
Filhos de índios e de negros,
Herança dos brancos de além-
mar.
Filhos das terras da floresta,
Do encontro das águas que
liberta.
Ceramistas, mateiros e
farinheiros.
Tem DNA de gente feliz
Este povo festeiro...

Este povo chibata, sem termo.
Seu folclore, traduz o que é amar.
E eu, outrora forasteiro,
Cheguei, quase vira...
Não virei!
Venci banzeiro,
Provei saberes e sabores
Redescobri-me em vida
E por cá me apaixonei...
Pelas conversas ribeiras,
Pelo povo a nossa volta a brincar,
Pelas manhãs com você,
Minha morena cunhã,
Minha alvissareira esperança.
Sou flecha e me lanço à sorte.
Encerro nestas linhas
Meu amor por você...
Meu amor por este lugar.
E lhes marco no dia, na noite,
No tempo, no vento,
Nas quatro estações.
E vocês me marcam
No canto e encanto da mata,
No vai-e-vem e silêncio das
águas.
Levam, sustentam e me elevam
Às estrelas azuis.

Renan Lima

Reinaldo Sátiro Caldas da Silva Júnior

38 anos. Nasceu em Belém do Pará. É Oficial de carreira da Polícia Militar do Amazonas (PMAM). Concluiu o Ensino Médio no Colégio Amazonense Dom Pedro II em 2002. Estudou Comunicação Social na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) de 2003 a 2007. É Bacharel e Especialista em Segurança Pública pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e Pós-graduado em Política e Estratégia pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG), em 2015.



CONVERSA DE BAR

Por onde andam os escritores Machado de Assis e Lima Barreto? Queria convidá-los para uma conversa de bar. Saber a opinião deles sobre este Brasil. A hipocrisia ainda vige por aqui, além da burrice. É tanta canalhice que assola nossa Pátria!

Juízes por aqui viraram deuses. Decidem quem fica preso ou quem soltam, sob a lente do que eles mesmo entendem por lei, às margens da Constituição. Não podem jamais ser questionados. É a nova ditadura da toga. Alguns mandatários são tão cretinos, acreditam ficarão eternamente no Poder, outros insistem em tomá-lo ao preço de muitas vidas, com ajuda dos monopólios de Imprensa, há tempos sem credibilidade, só fala besteira. Discurso batido todo dia, vocês teriam vergonha de terem sido chamados de jornalistas.

As autoridades que deveriam dar o Exemplo? Estão envolvidas nos escândalos nacionais, outras atrás das grades. Mas logo são postos em liberdade pelos representantes da Justiça, porque os advogados amiguinhos dos magistrados - recebem altos valores, pagos com o dinheiro do povo. Nunca no Brasil foi tão verdadeira a máxima: "Aos amigos, os favores da lei. Aos inimigos, os rigores da lei."

A liberdade de expressão hoje é cerceada de outras formas. Em tempos de redes sociais, convém falar pouco e somente o que interessa

aos 'donos do Poder', a fim de não incomodar quem está lá por cima. Senão, logo aquele império do Direito volta-se contra estes que ganharam nome de "Extremistas".

Neste Brasil que vocês um dia habitaram, pasmem, representantes do Poder usam até tornozela eletrônica, são capazes de atacar adversários, imaginem só, pelo mesmo crime de que são investigados. Os partidos brigam entre si, enquanto os interesses sociais são postos na lama, em segundo lugar na agenda. A família toda viajando, gastando as verbas que lhe são destinadas. O Povo então que se dane! Falta mesmo é referência política para nossa gente.

Enquanto isso, a violência recrudescer nas ruas, o pânico toma conta. Mas só o pobre vai para cadeia, engrossando a estatística criminal. Encontramos em toda parte jovens sem nada, recrutados pelas organizações criminosas, mais articuladas a cada dia. O crime parece institucionalizado. E não adianta mais, o Estado perdeu o controle. A Suprema Corte já fala até em legalização das Drogas. Podem fazer mais nada para impedir seu avanço entre jovens. São vítimas, coitados! Podem usar um pouquinho, se divertirem, enriquecendo o Narcotráfico, enquanto assistimos assim a destruição das famílias. Antigamente, tínhamos pelo menos um pingote de dignidade, "Quero ser alguém. Tenho vergonha disso. Vou sair dessa!"

Nestes tempos, morreu muita gente com falta de ar também nos hospitais. Amigos, familiares, pessoas importantes de classes diferentes. Por todos lados, víamos desespero e dor, não o suficiente para entendermos que somos iguais. Que é preciso mudar, pois afinal um dia iremos todos embora. Por isso, é necessário seguir em frente.

O cenário que atravessamos é sombrio. Machado de Assis e Lima Barreto testemunharam e escreveram sobre essa nossa triste realidade, bem como a hipocrisia das classes. Espero poder um dia conhecê-los nalgum lugar para um grande abraço, grandes expoentes da literatura brasileira do século XX. Eram perseguidos pelo que falavam, mas tinham a Coragem de denunciar essa patifaria que nos acompanha desde o Brasil Colônia.

Ah quando eu tiver esse Privilégio! Vamos sentar juntos numa mesa de bar. Não vou esquecer de pedir uma dose bem forte, e dar aquelas gargalhadas ao lado deles descrevendo nosso Brasil. Sei que não vão deixar passar nada em branco. A gente não perdoa!

Renilton Gomes Silva

Nasceu no Sumaré, povoado de Piritiba; viveu em Rosa Benta, Morro do Chapéu e cresceu em Miguel Calmon. Já adulto, mudou-se para Feira de Santana, todas na querida Bahia. Licenciado em História, professor, palestrante e participante de antologias. Publicou *Crônicas de Canabrava: outras veredas* (2013); *O banco da praça está vazio* (2017); *Memórias de qualquer lugar* (2019) e *Calça-Curta: histórias e memórias de Canabrava do Piemonte* (2021).



SONETO PARA BONFIM DE FEIRA

Lá parece um canto de canto profundo
Se observar, não aquele fim do mundo
Outras terras contrárias, terras sem fim
Bem do lado da Feira, ali pelo Bonfim

Eu encontrei, rico Distrito de gente e fé
Curtas andanças longas, firmeza no pé
Das estradas, Caboronga, a vida prova
E nascem amores velhos na Terra Nova

Localizado no Sertão da princesa Feira
Onde fica o Peleve que firma a pessoa
Ainda pracinha, Casinhas e a Jaqueira

O Cupertino, o Álvaro, a Rua do Meio
Nos meus anos vivos vejo que som ecoa
São rimas sertanejas, coração bem cheio

Renilton Silva

CIDADE

Os dias correm, nem pedem licença
Insistem atropelando tudo,
franzino, seguro, firmes
crescem com dias, com peso e fumaça
Treinado pela vida e suas angústias
retorcido pelo vento e pelo sol.
São tantos carros e retrovisores
imagens perdidas que se confundem
misturas de histórias
aceleradas, lembranças invertidas
semáforo no trânsito lento
e cada luz verde, amarela, vermelha
chamando que volte pra casa.
No letreiro cheio de cores
talvez cochilo, sonho, pancada
desesperado, não está só
construiu tesouros e guarda pérolas
alimenta sonhos e passa fome
leva amores, perde, ganha
olha pra cima, vê o futuro
enxerga o passado
tal qual nuvem que se dissipa
reflexo de luta, das marcas deixadas
sem medo, coragem de sobra
sobra de medo, sem coragem
acorda e sonha, dorme e reflete
faz poesia de inverso constante
de vida surrada, sofrida, suada
vitoriosa para quem partiu.
Disparada
ganha dinheiro, junta e gasta
vive o momento, vence
driblando o tempo, gingando a vida
como dançarino que salta e ri
ouve aplausos dos pneus
gritos das buzinas
e teme que a vida passe
junto com os carros.

Renilton Silva

Rita Cássia Simoes Barroso

Chirano

Nasceu em Manaus em 1963, quarta filha de Bento Barroso e d. Santana, casada, mãe de dois filhos e avô, graduada em Letras e Literatura Brasileira- UFAM, especializou-se em língua e literatura brasileira. Professora do ensino médio. Trabalhando na área educacional, atuando em comunidades promovendo o ensino de valores éticos e religiosos cristão.



A ERA DA INOCÊNCIA

Havia um tempo em que a televisão era sinônimo de agregação, ajuntamento, aglomeração, seus programas deleitavam os telespectadores e era emocionante esperar pelo outro dia para saber o que aquela caixinha mágica iria proporcionar.

Década de 60, época do rock in roll, dos Beatles, dos cabelos compridos, da minissaia, das roupas coloridas, da jovem guarda e ...da televisão.

De repente não só se ouvia os programas, mas também podia-se vê-los, era algo mágico. Porém esta magia custava cara, nem todos tinham condições de tê-la, então o que fazer?

A solução era ir para a casa do vizinho que possuía o aparelho de televisão, lá estavam os vizinhos da direita, da esquerda, da rua de cima, da rua de trás, só faltavam os vizinhos da rua de baixo.

— Olha, lá vêm eles, grita alguém.

Pronto, todos estavam ali reunidos, aglomerados, sala lotada, os mais velhos sentados no sofá com as crianças pequenas no colo, os jovens sentados no chão, o melhor lugar (lugar de honra) era do dono da casa.

— Psiu! Silêncio! Vai começar.

Chega o “seu” Chico, não há mais lugar, o jeito é ficar sentado no parapeito da janela - naquela época as janelas não tinham grades - podia-se espiar para dentro das casas sentado na janela.

Então, todos silenciavam atentos para o que estava acontecendo, pairava um clima de cumplicidade e expectativa... Começou!

As imagens surgiam como que por encanto, eram em preto e branco, mas não importava.

Tudo era mágico!

— O que está passando? pergunta dona Zefa.

— É o telequete, responde a comadre Lúcia.

Telequete era uma luta livre na qual os lutadores vestidos com roupas coloridas e engraçadas proporcionavam socos ,pontapés, empurrões, tapas etc. uns nos outros, tudo era fingimento (descobriu-se mais tarde), todavia ninguém ali na sala sabia, ninguém duvidava dos atos, pelo contrário, havia até torcida, tinha um herói - TED BOY MARINHO - o melhor!

Fim de programa, que pena!

Todos retornavam para as suas casas com o sentimento infantil de pura felicidade, iam comentando o que tinham visto e tentando adivinhar quem iria ganhar a luta da próxima quinta-feira e qual seria o programa de amanhã.

— Boa noite, tchau!

— Até amanhã

— Cheguem cedo.

— Eu vou depois da missa, alguém avisa.

ERA O TEMPO DA INOCÊNCIA!

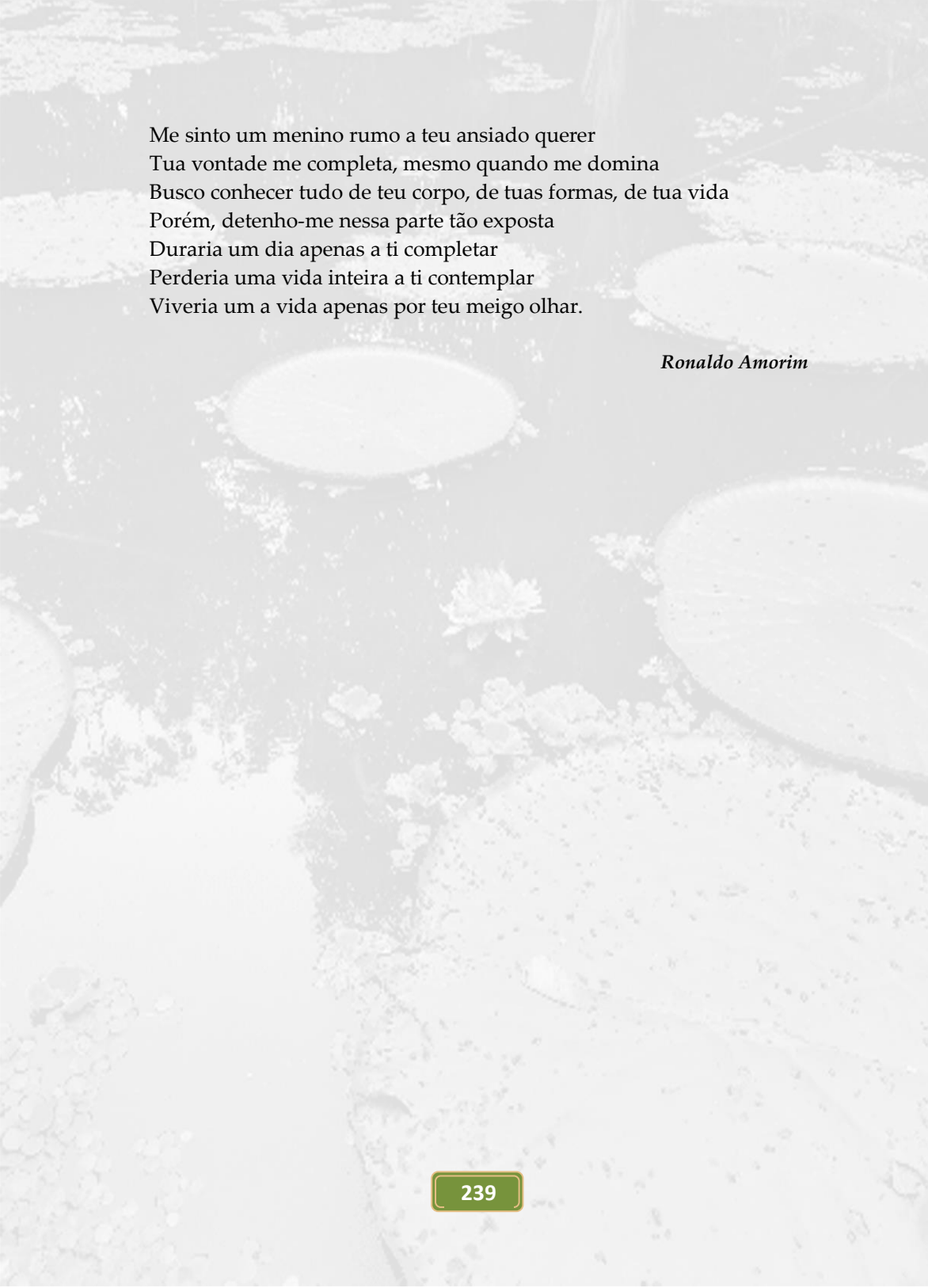
Ronaldo Amorim

Filho de Francisco Saturnino Gomes e Maria do Carmo Amorim Gomes. Doutor e Mestre em Educação, Pós-Graduado em Docência do Ensino Superior e Direito Administrativo, Bacharel em Direito, Administração e Teologia, Possui Licenciatura em Ensino Religioso. Juiz de Paz Eclesiástico (Título Honorífico - Reg. AJUPAC/2499). Membro da AEPOCAM – Associação de Poetas e Escritores de Careiro – Am. Imortal da Academia de Letras e Culturas da Amazônia - ALCAMA (Cadeira Perpétua 77 - Patrono Monteiro Lobato).



OLHOS TEUS

Olhos que escondem meus temores
Que revelam minha paixão incontida
Perdi-me nos olhos teus
e não mais encontrei-me
Perdido,
tenho apenas as incertezas da vida, que em teus olhos estampas
Me encontro nas mentiras expostas em teu grave e insidioso olhar
Sou um ser à beira do caminho...
...ou nada mais que isso
Posso apenas desejar um paraíso ao cair da noite
e lamentar uma ilusão perdida ao alvorecer do dia
Contento-me em ser um mero admirado de ti
Princesa ou perversa
É a ti que busco em minhas noites vazias.
Quando minha vida se destina em te pertencer
No teu amor sou mais verdadeiro
Em gestos,
no teu corpo mora a essência para meu sorriso

A background image of a pond with lily pads and a small white flower. The image is in black and white and has a soft, faded appearance. The lily pads are large and round, floating on the water. A small white flower is in the center of the pond. The water is dark, and the overall scene is peaceful and serene.

Me sinto um menino rumo a teu ansioso querer
Tua vontade me completa, mesmo quando me domina
Busco conhecer tudo de teu corpo, de tuas formas, de tua vida
Porém, detenho-me nessa parte tão exposta
Duraria um dia apenas a ti completar
Perderia uma vida inteira a ti contemplar
Viveria um a vida apenas por teu meigo olhar.

Ronaldo Amorim

Ronezza Célia Lobato Campos Pedrett

Poetisa de nascença. Bióloga de formação. Filha, mãe, esposa, mulher, amazônida, sonhadora, apaixonada por crianças. Estudante da vida, do Universo e seus mistérios, do ser humano e seus processos. Em busca de consciência e autoconhecimento. Um ser humano em transformação.



“O Amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. 1 Coríntios 13:7”

MINHA HISTÓRIA

Mãe! Conta de novo aquela história de como tu me encontrou?
Eu e teu pai estávamos sozinhos em casa. Daí a gente pensou:
— Está tão quieto aqui, precisamos de mais alegria. Já sei! Vamos pedir um filho pra Jesus!
E oramos: - Jesus! Manda um filhinho pra deixar a nossa família mais feliz.
E Jesus falou: - Claro! Mas vocês prometem quem vão cuidar muito bem dele e amá-lo bastante?
— Simmm. Prometemos para Jesus.
E assim, ele mandou você. Lá no meio da floresta Amazônica. Nós procuramos, procuramos e perguntamos dos moradores:
— Vocês viram um garotinho por aí de cabelos e olhos pretos, com um lindo olhar e um sorriso cativante?
E as pessoas foram nos indicando e, finalmente, te achamos.
E dissemos: - Você quer ser nosso filho pra sempre? Nós prometemos que vamos te amar e cuidar bem de você.
E você aceitou. E assim, você veio conosco, pra nossa casa, pra nossa família e pro nosso coração, pra sempre.
E cá estamos, tentando a cada dia cumprir nossa promessa feita ao Mestre Jesus que nos confiou uma criaturinha. Uma criatura que é o nosso mestre, ensinando-nos o verdadeiro significado de amar.

Ronezza Célia

MOMENTO

Na beira da canoa só com a canela n'água,
o caboclo sente a natureza.
Vê o peixe no rio, escuta o vento nas árvores.
E lá se vai o curumim correndo na outra margem.
Aquela luz alaranjada do pôr-do-sol
refletida na água e o caboclo... só vivendo o momento.
É como se o tempo parasse,
congelando os pensamentos.
Não há outro barulho senão dos pássaros,
não há outra luz senão do sol,
não há outro movimento senão da correnteza,
não há perturbação,
só paz.
Paz que poucos conhecem:
sem dúvidas,
sem dívidas,
sem débitos,
sem instrumentos para registrar esse momento.
E o caboclo vive uma utopia...
Utopia para uns, sacrifício para outros.
Ele que talvez nem saiba e
sonhe com a vida na cidade,
não sabe que outros sonham
com essa vida pacata.
Vida isolada ou abençoada?
Ociosa ou afortunada?
Mas como todo ser humano:
insatisfeito nato,
o empresário almeja o bucolismo,
e o caboclo fugir do mato.

Ronezza Célia

CANÇÃO DA SAUDADE

Minha terra tem açaí, bacaba e buriti,
onde cantam maracanãs, araçarís e sabiás.
As aves que aqui cantam,
não cantam como lá.
Longe das luzes, nosso céu tem mais estrelas.
Nossos igapós: muitos odores,
nossos bosques: aranhas e formigas,
nossa comida: mais sabores.
Ao pensar, sozinho, à noite,
quanta saudade tenho de lá!
Minha terra tem palmito,
onde come o surucú.
A floresta é perfeição
que não encontro na cidade.
Ao pensar, sozinho, à noite,
quanta saudade tenho de lá!
Minha terra tem murici
onde come o saurá.
Não permita Deus que ninguém morra,
sem antes vislumbrar-se,
sem que apreciem a Amazônia,
tão difícil de acessar.
Sem desfrutar das cores,
dos cheiros e dos sons de lá.

Ronezza Célia

Rosamélia Alencar Lira

Nasceu na cidade de Manaus. Formada em Pedagogia, Especialista em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Atualmente, trabalho como Professora e Pedagoga na Secretaria de Educação e Desporto Escolar (SEDUC), atuando no Centro de Formação Padre José Anchieta (CEPAN).



Recria tua vida, sempre, sempre.

Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeçar.

Cora Coralina.

MANAUS, CIDADE QUERIDA

Cidade que esbanja sol! Dizem que é um sol para cada manauara.
Com a temperatura que se eleva a 31° C tem calor para dar e vender.
Plantada no meio da floresta, é generosa para proporcionar muitas oportunidades para quem por aqui chega...

Manaus, cidade querida!

Cidade que esbanja chuva! Por seis meses chove sem parar...

Está dividida em duas estações: inverno com chuva e verão com calor.

Viver em Manaus é assim... mas o manauara não se entrega.

É do tipo que não arrega diante das adversidades.

Acorda cedo e corre atrás dos sonhos sabendo que a vida é feita de lutas.

Por aqui chega gente de todos os lados: do Norte e do Sul, de leste a oeste.

Vêm em busca de oportunidades e o manauara abre o coração, aliás de coração o manauara conhece bem.

Por aqui chega gente de muitas as raças, de muitas crenças, de muitos jeitos...

E o manauara abre as portas, convida a entrar e sentar ao redor da mesa.

Mas não se engane, quando se aborrece ruga como um leão enjaulado.

Manaus, cidade querida!

Diversão não falta, entretenimento também não.

Tem lugares lindos, de encher os olhos como a Ponta Negra.

Tem monumentos históricos: o Palácio rio Negro, o Palácio da Justiça,

O Teatro Amazonas, um dos cartões postais do Brasil

Tem o Mercado Municipal Adhofo Lisboa

convidando para um café com tapioca e tucumã pela manhã.

Há muito que se ver no Mercadão: comidas típicas da região,

produtos artesanais, têm peixes, tem farinha, tem tacacá

e uma vista fenomenal do Rio Negro...

em praças, tem cafés e muita gente transitando de um lado para o outro...

Manaus, cidade querida!

Terra de mil encantos...

Ah, como amo minha Manaus...

Rosamélia Alencar Lira

BEM-VINDA À VIDA!

Casados há mais de dez anos, um casal resolveu realizar um de seus sonhos: ter um filho. Afinal, estavam juntos há uma década e já era tempo de aumentar a família. Então veio a gravidez, que felicidade!

Finalmente estavam grávidos! Não importava se fosse menino ou menina, o importante é que viesse com saúde! Depois de nove meses, chegou a pequena e linda Ester (nome fictício) que foi recebida com muita alegria por seus pais e familiares. Tudo parecia correr bem...

Passados alguns dias a criança começou a chorar muito e dormir pouco durante a noite, mas os pais, como diz a velha e conhecida frase:

-Todo recém-nascido é assim mesmo, diziam as pessoas. Havia algo estranho, algo diferente com a criança.

A vida daquele casal começou a mudar completamente. A criança não dormia bem à noite e os pais também não. Viviam com os nervos “à flor da pele” O pai, um jovem psicólogo, trabalhava o dia inteiro cuidando das pessoas. A mãe, que trabalhava em uma escola de música, teve que deixar o emprego para atender as necessidades da filha e os afazeres do lar.

Os dias eram exaustivos.

Aos 8 (oito) meses, outras coisas intrigantes surgiram. A criança não balbuciava nem “mamã” e nem “papá”. Não se sentava, não fazia o que outras crianças da sua idade faziam. Havia algo muito estranho...

Então os pais resolveram consultar a criança com outros especialistas além do pediatra: fonoaudiólogo e neuropediatra. Diversos exames foram feitos. No seu aniversário de um ano, mostrou inquietações de gente ao seu redor, estranhava as pessoas e era como se o evento fosse indiferente para ela. Os dias iam passando e nenhum diagnóstico preciso...

Por sua vez, os pais continuavam fazendo observações e anotando todas as reações da criança e repassando aos especialistas. A criança não olhava nos olhos das pessoas, não tomava sopa e nem

canja. Mamão amassado, nem pensar! Enfim, sua alimentação, era muito seletiva.

O pai, incansável, pesquisava buscando respostas para as suas indagações e, de acordo com suas anotações começou a ter uma prévia suspeita do problema de sua filha sem, contudo, contar para a esposa, pois sabia que o choque emocional seria inevitável. Por um ano e seis meses suas visitas foram frequentes aos especialistas que, por fim, fecharam o diagnóstico: Transtorno Espectro Autismo.

Ester, o lindo presente de Deus àquele casal está, debaixo da graça de Deus, crescendo de forma graciosa e ensinando muitas coisas àqueles que a rodeiam e amam. Hoje, está com 7 anos, em desenvolvimento admirável. A gravidez é uma viagem que planejamos, organizamos, criamos expectativas, mas a realidade é surpreendente. A lição dessa história trata da realidade vivenciada por muitas famílias que enfrentam o Transtorno Espectro Autismo. Aqui está uma grande oportunidade de simplesmente olhar a vida de forma diferente e experienciar uma linda lição de amor...

Rosamélia Alencar Lira

Rosângela Ferreira Lima

Professora de dança, licenciada pela Universidade do Estado Amazonas, bailarina clássica, atua em sua área de formação, é agitada, falante, alegre, transformou sua paixão pela dança em profissão e estilo de vida, recentemente perdeu sua mãe, então resolveu escrever para homenageá-la.



MÃE MINHA SAUDADE DIÁRIA

Não sei se a saudade já matou alguém, se não o fez creio que chegou perto, oh sentimento difícil de lidar, agora entendo porque tantas canções falam de saudade, eu realmente não sei o que fazer com a minha, então resolvi escrever, não que isso vá solucionar meu problema, mas como forma de compartilhar o que estou sentindo, imagino que muitas pessoas passam pelo mesmo processo e ficam questionando se há alguma forma de amenizar essa dor.

O luto é ter que conviver todos os dias com a sua versão mais triste e as outras versões de si que irão surgindo pelo meio do caminho, e cada um lida de uma forma diferente, nunca haverá uma receita ou conselho que sirva para as pessoas iguais.

É a sensação de dor mais longa e silenciosa que já vivi, no começo era extravagante, mas às vezes ainda é, digo extravagante quando vem as crises de choro em um momento inesperado, durante as compras no supermercado, durante o treino na academia, no uber a caminho do trabalho ou do balé, essas foram algumas das minhas crises de choro, chorei fazendo *plié*, o primeiro exercício da barra no balé, chorei copiosamente durante a aula alguns dias antes do meu primeiro dia das mães sem minha mãe, quando uma das minhas colegas de turmas me perguntou se eu iria levar minha mãe para a aula pública do dia das mães, ela não fez por mal, nem sabia que minha mãe tinha partido, aquela pergunta rasgou meu peito com uma dor tão grande, que eu perdi parte da aula chorando e não conseguia voltar.

Lembro-me de ir para as aulas toda arrumada, maquiada com cílios postiços num dia comum de aula, meu professor elogiava, eu

dizia a ele que era pra tentar esconder a dor de ter chorado o dia todo, sabia que não iria passar, mas era o jeito de continuar que eu encontrava, porque eu sabia que continuar dançando com meu coração partido de dor e saudade me traria alguma força para continuar seguindo a vida.

Eu fico pensando no que minha mãe me diria pra fazer, aí eu faço, o que ela faria? O que pensaria a respeito de determinado assunto? Existe dias e dias, e há dias que a saudade está muito forte como essa semana, hoje, estou escrevendo e tentando não chorar dentro do Uber, tudo que vivo eu lembro, fico imaginando como seria se... O que ela pensaria que visse tal situação...e por aí vai.

Quando estou triste eu quero o colo da minha mãe, quando estou feliz quero poder contar o que está acontecendo, essa é pior parte do luto e da ausência, na minha opinião entender que quem você ama não está mais aqui para compartilhar a vida com você.

Mas também me lembro das pequenas (grandes) alegrias vividas com ela, quando estou com meus irmãos todos reunidos, ela amava tudo isso, família barulhenta em um domingo caloroso, as crianças correndo, as irmãs cozinhando, as lembranças e memórias felizes estão presentes, e busco me apegar a elas para me sentir melhor.

Na primeira semana de luto toda a minha família estava sofrendo em coletivo, eu não queria ficar perto dos meus irmãos, apenas por um motivo a nossa dor era tão grande que estar perto deles naquele momento fazia a dor ainda ser maior, era como se tudo estivesse sendo multiplicado, e vê-los sofrer pela mesma perda me deixava ainda mais triste, muitas pessoas diziam fique com a sua família, esteja perto dos seus irmãos, mas eu não sabia como confortá-los.

Não sabia como lidar com a minha própria dor e ficava imaginando que eles poderiam estar com a mesma sensação que eu, eu não sabia se podia falar da nossa mãe, mas também não sabia se não falar era pior, a única coisa que eu tinha certeza era que nunca mais seríamos os mesmos e que a dor jamais passaria, apenas passaríamos a conviver com ela.

Agora busco todos os dias conviver com a saudade, minha versão triste sem minha mãe, mas também minha versão alegre ao mesmo tempo, pois quando me sinto assim a saudade continua lá, a dor da ausência é permanente, mas penso como ela estaria feliz se estivesse aqui comigo, então me alegro e descanso.

Rose Machado

Manauara, católica, viúva, mãe de 3 filhos e avó. Administradora, secretária executiva e trabalhou como consultora comercial pela Fiat Automóveis por 42 anos. Aposentada. Começou a se aventurar na escrita literária e está escrevendo seu primeiro romance autobiográfico. **O canto da cigarra** é seu primeiro conto.



O CANTO DA CIGARRA

Hoje, quando escuto o canto da cigarra, ainda me encanto com o que há de vir. Estamos em pleno verão amazônico e o que me encanta é o canto da cigarra. Me volto para meu mundo criança, onde tudo era encanto para mim. Relembro minha infância cheia de encantos e cantos dos pássaros na manhã.

Não existem momentos mais puros e belos que o amanhecer de um lindo dia.

Sentindo o vento no rosto, o balançar das folhas das árvores e o cantar dos passarinhos sempre alegres e felizes com a mais pura inocência.

E quando o sol aparece com seus raios brilhantes, a cigarra também abrilhanta com seu canto longo e profundo. Cantando com toda sua força e exuberância para alegrar os corações.

Quando ouço a cigarra cantar, revivo minhas lembranças de todos os momentos vividos na minha linda infância. Hoje ao acordar, me surpreendi com o cântico da cigarra e viajei em minhas lembranças ouvindo-a cantar. Mas fiz algo que nunca fiz na minha infância: fui me inteirar sobre a existência da cigarra, como ela vive, canta, reproduz e se transforma.

Hoje sei que os machos cantam mais alto para atrair a fêmea não apenas para anunciar o verão, mas sim para sua procriação, acasalamento e reprodução. Assim, a fêmea coloca seus ovos e morre em seguida.

A cigarra costuma cantar nos momentos mais quentes do dia e seu canto é tão alto que a maioria das espécies de ave se cala durante

essas horas. Também costumam cantar à noite porque se confundem com tantas luzes e acabam cantando pela noite adentro.

Durante a época reprodutiva, os machos se fixam nos altos das plantas e cantam incessantemente em busca de uma parceira, geralmente ao amanhecer e ao entardecer. A cantoria é exclusividade dos machos para atrair as fêmeas para o acasalamento. O tempo de vida de uma cigarra vai de 4 a 17 anos dependendo da espécie.

No subsolo elas sugam a seiva das raízes das plantas, cavam túneis e ficam nas cascas das árvores cuja seiva se alimentam até saírem da pele que se fende nas costas. Apesar de surgirem especificamente nos lugares quentes, as cigarras se abrigam debaixo da terra por anos até estarem prontas para o acasalamento.

A sinfonia começa na chegada da primavera e permanece em alta até março com seus adultos e plenos pulmões. Ao contrário do que pode parecer, a cigarra não emite o som com a boca ou com alguma vibração vocal.

É o esfregar das asas do próprio corpo em um par de estruturas abdominais chamadas tímpano que produz essa linda sinfonia.

A cantiga do amor: os sons emitidos pelas cigarras são parte de uma estratégia de atração para conquistar a fêmea que tem um som quase perceptível. Há estudos que dizem que o canto também é uma estratégia de defesa contra predadores.

As cigarras não cantam até “estourar”. O casulo é a última fase da metamorfose onde o inseto se liberta do esqueleto para ter asas. As aves se alimentam de muitas cigarras quando elas saem do esconderijo e esses insetos são encontrados facilmente graças ao som forte que emitem, facilitando a localização.

E assim termina a vida da cigarra. Minha mãe costumava me contar a fábula da cigarra e da formiga: nos dias ensolarados, a cigarra cantava enquanto a formiga trabalhava. E nos tempos de chuva, a formiga tinha seu abrigo e alimento protegidos enquanto a cigarra terminava seus dias com frio e solitária.

Mas Deus mostrou um novo significado para o final dessa história. A chuva na Bíblia simboliza as bênçãos de Deus. Ele fez a cigarra para preceder a chuva e nos lembrar: um pouco mais e derramarei água sobre vocês.

A cigarra simboliza o que eles eram e toda glória do que se tornaram. Com um ciclo de vida longo e transformador, estão associadas ao passado e presente, metamorfose e mudança.

Samuel Tavares da Silva

Nasceu em Vic, próximo a Barcelona, na Espanha, é formado em Engenharia de Computação e mestre em Gestão de Projetos. Trabalha no setor de Recrutamento e Seleção, lidera em segurança financeira e empregos de qualidade para setores menos desenvolvidos da sociedade.



Sempre pronto para aprender algo novo e enfrentar o próximo desafio!

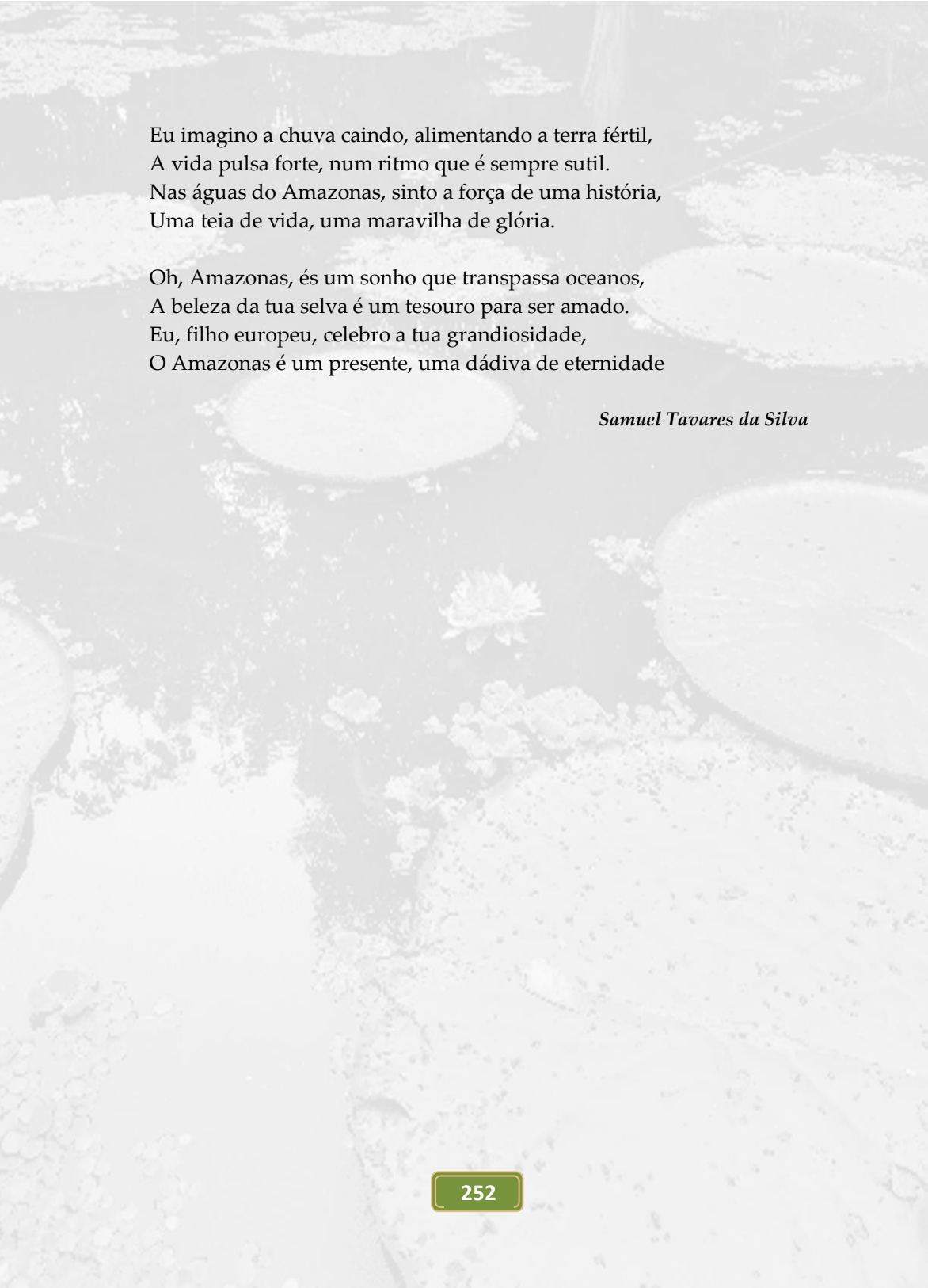
FILHO EUROPEU

Nascido em solo distante, mas com corações entrelaçados,
O Amazonas é o lar dos meus pais, onde seus sonhos foram traçados.
Eu, filho da Europa, sinto a sua beleza a me chamar,
A selva exuberante, um tesouro que quero explorar.

As águas serpenteiam, um espelho líquido a refletir,
A magia das cores, o esplendor que não pode se extinguir.
A biodiversidade dança em cada folha e raiz,
No Amazonas, a natureza escreve histórias sem fim.

Casa das histórias e vivências dos meus pais,
Eu ouço o canto das aves, como um eco que me abraça.
Nas margens do rio, na sombra das árvores altas,
O Amazonas me chama para desvendar suas matas.

Minhas raízes se estendem até essa terra de maravilhas,
O pulsar da floresta ressoa em minhas veias tranquilas.
A conexão com este lugar transcende fronteiras,
O Amazonas é a herança que carrego, nas minhas vivências sinceras.

An aerial photograph of a pond with several large, round lily pads floating on the water. Small white water lilies are scattered among the lily pads. The water is a light, milky color.

Eu imagino a chuva caindo, alimentando a terra fértil,
A vida pulsa forte, num ritmo que é sempre sutil.
Nas águas do Amazonas, sinto a força de uma história,
Uma teia de vida, uma maravilha de glória.

Oh, Amazonas, és um sonho que transpassa oceanos,
A beleza da tua selva é um tesouro para ser amado.
Eu, filho europeu, celebro a tua grandiosidade,
O Amazonas é um presente, uma dádiva de eternidade

Samuel Tavares da Silva

Sandra Manuela Graça Nunes

Nasceu na Alemanha e viveu em Portugal desde os sete anos de idade. Viveu e estudou na Figueira da Foz, Amarante e Porto. Estudou Tradução e Interpretação e lecionou língua inglesa durante dezoito (18) anos consecutivos. Também é Técnica Auxiliar de Saúde e Mediadora Intercultural.



ASSIM É O MEU AMOR

Longo é o rio desde que nasce até desaguar no mar.

Sou o mar.

Tu, o rio.

Aqui te espero para te poder abraçar.

Assim é o meu amor!

Uma vida de espera por esse rio que tarda em chegar.

Reconheci-te em criança!

Que amor tão bem guardado, em segredo, bem lá no fundo do mar.

Sou o mar.

Tu, o rio.

No teu desaguar, reconhecer-me-ás e juntos comungaremos o nosso amor nas águas deste amar.

Porque amar é saber esperar!

Sandra Manuela Graça

Sidionara Moraes da Silva

Amazonense de Manaus (15/ 02/1982). Filha de Raimundo Corrêa da Silva e Marly Moraes da Silva. Grad. em Letras (Português e Inglês), autora do artigo: " Emoções abaladas, aprendizado fragmentado" do livro: "Práticas Psicopedagógica no contexto Escolar"; revisora do livro: "Missões Ribeirinha" do autor Alcedir SENTALIN, revisora de redação do Enem. Prof.do Ens. Fund. II da prefeitura de Ribas do Rio Pardo-MS. Compõe: poemas, músicas, peças teatrais e editoriais.



AMAZONAS, MAJESTOSA BELEZA

Em teus rios andei e contemplei tua imensidão;
Em ti encontrei meu coração e minha paixão;
Paixão pelo verde;
Paixão pelo peixe;
Paixão pela " gente" de coração!
Encontro das águas claras e negra;
um poder tão majestoso de um Deus tão glorioso;
Um tucupi tão gostoso;
Que faz pratos saborosos;
Amazonas de majestosa beleza:
Gratidão por tua beleza;
Beleza essa que fascina;
Maior fauna, flora, rios com riqueza e leveza;
Prosperidade com certeza;
Quem te conhece Amazonas?
Quem foi o maior arquiteto da tua grandeza?
Um Criador, onde poucos te conhecem e reconhecem;
"Amazonas, de majestosa beleza;
Gratidão, por tua beleza

Silane Araújo da Silva

Nasci no interior do Amazonas próximo de Itacoatiara, vivi junto com meus pais e irmãos minha infância, quando adolescente fui morar na capital para estudar, me formei no ensino superior(psicologia).

“Já que o sol brilha para todos, eu também nasci para brilhar”



HISTÓRIA ENRIQUECEDORA

Sempre houve tempo onde as pessoas contavam histórias e só quem é criança, é capaz de compreender, o quanto ao ouvir as histórias vivenciamos diversas emoções e sabedoria. Assim, eu vivenciei algumas. Narrarei uma delas.

Quando criança, eu morava à margem do Rio Amazonas, eu via o boto todas as vezes que andava de canoa nas margens do rio e ele fazia charme quando eu ia da escola até a casa da minha falecida avó materna. Minha avó logo avisava, “não pode andar ao meio-dia, e nem às 18h de canoa sozinha nas margens do rio Amazonas, pois corre perigo de o boto aparecer”, então ela mandava levar um dente de alho para se proteger.

E ao fazer o contrário das orientações da minha querida avó, realmente o boto ficava sempre aparecendo nas águas próximo da canoa e fazia charme, e, claro nunca fez mal algum à mim.

Hoje, os tempos modernos nos trouxeram muitas coisas boas, mas confesso que sinto saudade daquele tempo muito pessoal. Pois me parece que o medo cansou de ficar sozinho, e decidiu buscar companhia. Dessa forma ganhei experiência de vida e, acima de tudo, saudade de um tempo que o amor era vivenciado de uma forma simples e verdadeira.

Silvia Gujó

É natural de Anorí- AM, mora em Manaus, considera-se uma Poeta Aprendiz. Autora da obra MULHER À FLOR DA PELE. É coautora em 05 E-books, 08 cordéis, 44 Antologias. É membro efetiva das confrarias - ACILBRAS, ALCAMA, ALACA, AHBLA, ABEPPA, ASSEAM, AJEB-AM, Grupo "Formas Em Poemas"; atua nos Projetos "Musicalidade Poética", "Literatura Caminhante", "Movimento Patologia Cultural". Fundadora da Cordelteca em Anori-Am. Foi condecorada com os prêmios: "Arara Cultural 07/22; "22º Prêmio Cidade de Manaus,10/22", "Premium Internacional da Amazônia, 06/2023, Prêmio Literário "Pena de Ouro - AM, 07/2023. Formada em Ciências Biológicas, Profa. Especialista, Fotógrafa.



Escrever poesia é uma forma de salvamento - é dar à luz com a própria alma.

MANA... MANA... MANAUS...

Manaus é o tom do meu canto,
Meu poema, meu encanto,
Manaus é sabor diferente,
é carinho bem quente, sempre acolhendo a gente...
Manaus é caldo de tambaqui na cuia, delicioso que só,
E eu, faço questão de dizer com todas as letras,
Manaus é açaí com farinha de tapioca,
é jaraqui frito com baião e pimenta a bel prazer,
é pura ostentação chamando você,
Manaus é porto das balsas até o tucupí de motores,
lanchas, com tantos destinos e tantas despedidas...
Manaus é Mercado Adolfo Lisboa,
é Biblioteca Pública, Ideal Clube -

é "Chá do Armando" na sexta-feira,
é Feira da Eduardo Ribeiro no domingo,
é Igreja Matriz, é Instituto de Educação,
Manaus é Teatro Amazonas
é Largo São Sebastião, é "Tacacá na Bossa",
é PRAÇA da saudade, com todas as saudades...
é Difusora, é Waldir Correa,
Manaus é Ana, é Sílvia, é Selma,
é João, é Paulo, é Joana,
é Socorro, é Rosa, é Tina, é Mariana,
Manaus é você, é Eu, é Nós,
MANA, MANA... MANAUS
Manaus é encanto
é canto bonito
é Candinho e Inês,
é Lucinha Cabral,
Felicidade Susy,
é Lili Andrade,
"Bate forte o tambor", é boi Manaus...
quanta coisa bela tem nossa cidade,
Manaus dos tantos encontros,
das águas, dos amigos, dos mores,
Do lindo nascer e por do sol...
MANAUS, MENINA MORENA
Cheia de encantos
Que arranca olhares
De todos os cantos...
TE AMO MANAUS...

Sílvia Grijó

ESTAÇÃO FLOR

Aos olhos da Natureza
nada passa despercebido,
Tudo tem seu tempo
e espaço garantido,
 No chegado momento,
 sem nenhuma transgressão,
 Ela age sem atraso,
 sempre em comunhão,
Assim, prepara tudo,
detalhadamente,
para a chegada da Estação
muito esperada - a PRIMAVERA -
 Como uma sinfonia em DÓ maior,
 seus acordes, vão despertando
 Cada tom, cada cor,
 cada Flor,
E assim, rompe a frieza e o silêncio,
o cinza e o sombrio vão sendo passados,
O inverno despede-se,
estende o tapete vermelho
 Para dar passagem ao mais belo,
 e extravagante espetáculo
 da Natureza - Estação Flor - nascer,
 desabrochar de cores e odores,
Renovação da vida,
diversidade em plenitude,
DEUS em estado de FLOR,
 Apaixonado...

Sílvia Grijó

O BALANÇAR II

Na canoa,
O amor
acorda as águas,
O sensual balançar
espanta as piabas,
Os harmoniosos gemidos
assusta os mergulhões,
O cadenciado vai e vem
afugenta as garças,
Nossa divina nudez
encanta as gaivotas,
O belo sussurrar
assanha o Boto,
A flor da uapiê enrubesce...
No lenitivo, remamos...

Sílvia Grijó

Silvana Palmeira Valente

Nasceu em São João do Araçá, Itacoatiara AM, 58 anos, filha de Manoel de Castro Palmeira e Maria da Caridade Vieira Palmeira mãe de 04 filhos (Rodrigo, Bruno, Elis Clara e Eduardo). Microempresária (uniformes profissionais)



Aos 29 anos, saí de Itacoatiara e fui morar em Roraima, lá conheci a arte de corte e costura. Anos depois, retornei a Itacoatiara e me aperfeiçoei no Senai e Sebrae. Fui precursora em montar o 1º ateliê de moda (espaço exclusivo para atendimento ao público), como também em fardamentos escolares. Criei esses modelos padrão para várias escolas, com isso virou profissão para incontáveis costureiras que hoje atuam no mercado em Itacoatiara e municípios vizinhos. Em 2014, ganhei o prêmio Destaque Do Empreendedorismo No Município De Itacoatiara (SEBRAE)

Hoje, minha maior dificuldade é com relação ao mercado que está muito competitivo além dos incentivos da Suframa que não chegam até nós microempresários.

Atualmente sou acadêmica do curso de Direito na faculdade Fametro. Minha paixão, desde a época da Gethal Amazonas (1987 a 1995), tive participação na diretoria da ADERG (associação desportiva e Recreativa Gethal). Desde então, eu me envolvo com associações, tive a oportunidade de ocupar o cargo de Presidente da ACI (Associação Comercial de Itacoatiara) substituta do então presidente Daniel Macedo De Lima.

Hoje sou vice-presidente da Aciata (Associação Comercial, Industrial e do Agronegócio de Itacoatiara), assumi a presidência da CMEC (conselho da mulher empreendedora e da cultura).

Acredito que podemos mudar o mundo com pequenas mudanças e atitudes, busco aprendizado para me aperfeiçoar e ser uma profissional cada vez melhor, com compromisso, responsabilidade e ética para a contribuição de uma sociedade mais justa e para que possa dá oportunidade e espaço a futuras empreendedoras que estão começando, exatamente como um dia eu comecei para contribuir no desenvolvimento de nossa Cidade.

Silvana Palmeira Valente

Simone Garcia

Atuou como professora Auxiliar Substituta na UFAM; Pedagoga SEDUC-AM; Foi Coordenadora Adjunta Pedagógica na Coordenadoria Distrital de Educação, Coordenadora Adjunta Pedagógica do Ensino Fundamental I; Foi assessora do Gabinete Pedagógico -SEAP/SEDUC-AM. É pedagoga na Coordenação Pedagógica na Gerência de Formação - GEFOR/CEPAN - SEDUC/AM.



**“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.
Caminhando
e semeando, no fim terá o que colher.”**

ESTRELAS

As estrelas são luzes cintilantes
Que brilham no céu tão distante
Astros de plasma mantidos pela gravidade
E pressão de radiação com tanta beleza e intensidade
Anãs brancas, anãs marrons, gigantes vermelhas, supergigantes azuis,
Estrelas de nêutrons e estrelas variáveis, de diferentes formas e
matizes
Inspiram poetas, enamorados e românticos
Com seus brilhos e mistérios tão fantásticos
Dizem que cada alma que se vai
Se transforma em uma estrela que embeleza o céu de paz

E outros esperam por estrelas cadentes para fazer um pedido
E assim usar da força desse astro tão querido
Mas certamente todos podemos admirar
A obra divina que se pode contemplar
Agradecendo a Deus pela beleza no horizonte
Que inspira o coração e alegra a vista no dia a dia, monte a monte.

MINHA MANAUS

Quero lhes contar de um lugar,
De um gigante chamado Brasil
De uma terra estupenda, sem igual
Chamado por muitos de Brasil varonil!
No coração desse país verdejante,
Encontra-se o pujante Amazonas
Onde se misturam natureza exuberante,
Culturas ímpares, sabedoria e diversidade abundante.
Em Manaus, cidade majestosa,
Está o imponente Teatro Amazonas
Construído durante o Ciclo da Borracha.
Obra de grandiosidade tamanha!
Ao lado do teatro, monumentos históricos registram um passado
distante,
A praça cheia de charme onde casais se enamoram...
O calmamente da praça é em preto e branco
Lembrando o Rio Negro e Solimões, águas que não se misturam.
A igreja de São Sebastião,
Ganha vida à noite com seu brilho.
O Palácio da Justiça tem história de montão
E bem na frente passavam os trens, navegando em cima dos trilhos.
Manaus, beleza tropical europeia,
Com suas construções históricas,
É um tesouro escondido,
Em um verde recanto desse lindo país.

Simone Garcia

FESTA DOS BOIS

Viva os bois Parintinenses,
Protagonistas de uma grande festa
Que todo ano acontece,
No coração da floresta.

As tradições folclóricas,
Contam histórias fascinantes
Com símbolos regionais,
Que encantam nossas memórias!

Os bois Caprichoso e Garantido,
Bailam na arena com encanto e paixão,
E a galera vai fazendo o espetáculo
Com muita garra e amor no coração.

Parintins se divide ao meio
Pelas cores vermelho e azul
E a alegria se espalha pelo ar
Enchendo a cidade de norte a sul

Os bois de Parintins têm reconhecimento internacional.
Patrimônio cultural nacional,
O Festival da ilha Tupinambarana minha gente,
É um espetáculo sem igual.

Simone Garcia

GOTA D'ÁGUA

Gota d'água, insípida e pura,
Inodora em essência sem mistura...
Fonte da vida sem igual,
Essencial, elemento universal.

Da umidade da terra ao suor da vida,
A água é um bem que não tem medida,
Sustenta mundos em seus oceanos,
E nos povoa com seus rios serenos.

Oh gota d'água, tu que és tão simples,
Mas que na natureza és essencial!

Riqueza que não se vende nem se compra,
Aplaca a sede de povos e raças sem distinção
Preservar este líquido tão sagrado
É dever de todos neste mundo abençoado,
E cuidar da água, insípida e pura,
É cuidar da nossa geração futura.

Simone Garcia

Sud Rodrigues

Casado, pai de 2 filhos, 2 irmãos, advogado, letrista, esportista, apaixonado por música, sempre gostou de escrever e compor. Filho de um nordestino poeta repentista, tem orgulho dos pais que sempre fizeram tudo pela família. Acredita sempre na beleza da vida e que as coisas simples são as mais importantes.



"Mas quem me ouvir terá segurança, viverá tranquilo e não terá motivo para ter medo de nada"

RECOMEÇO (PARA MEU PAI)

Ao contrário do que se imagina
eu sei que ele consegue ver
tudo aquilo que eu faço questão de não deixar
aos outros transparecer.

Às vezes a gente consegue enxergar
o coração do outro.
Pra ser sincero, vou falar:
era tão bonito seu coração
sem sombra, sem desamor...
e agora, dentro de mim
há um vão que não cabe metade da solidão...
E essa saudade que eu sinto
mesmo no meio de uma multidão?!

Ao contrário do que se imagina
eu sei que você consegue ver
o que, tantas vezes, eu quero esconder;
como quando eu choro
mesmo querendo sorrir, ao lembrar de você...

Aí eu fico com um riso entalado,
sentindo falta do seu abraço.
Mas só pra você saber:
o choro não é tristeza
porque a beleza está em lembrar
e me sentir bem
porque um dia dividi
a vida com esse alguém.

Então, quando eu quero conversar
fecho os olhos e sei que você está aqui
por mim, por nós...
E no meu coração, a certeza
De que um dia,
nós estaremos juntos de novo,
abraçados, pra outro recomeço...

Sud Rodrigues

Tania Maria da Costa Luz

Taquaranense (Alagoas), mas mora em Manaus-AM há 35 anos. Filha de José Canuto da Costa e Josefa Rosa da Costa. Casada, mãe (Matheus e Emmanuel), Licenciada em Letras: Português -Inglês, pós-graduada em Língua Portuguesa, Metodologia do Ensino Superior, Coordenação pedagógica e Gestão escolar (UFAM), Mestranda em Educação – Gestão escolar. Professora aposentada, microempresária, estudante de psicologia, coautora e organizadora de antologias.



“Há pessoas que não se cansam de construir muros; outras passam a vida construindo pontes. E você? O que constrói?”

MINHA MAMY

- G – generosa, gentil, genitora
- E - exemplar, empática, especial
- N - nobre, notável, natural
- I - íntegra, inteligente, inesquecível
- L - linda, louvável, leal
- Z - zelosa, zen, zeladora
- A - amiga, abençoada, acolhedora

- R - religiosa, respeitosa, responsável,
- O - observadora, ordeira, obediente
- S - sábia, solidária, sorridente
- A - amada, altruísta, agradável

Tania Costa

PROSAS DE CABOCLOS: UM PASSEIO TURÍSTICO COM AMIGOS

Eu sou alagoana, mas moro em Manaus há quase 35 anos. A primeira vez que eu vim aqui, vim com uma amiga, Aracélia - alagoana e professora, como eu. Viemos participar de um concurso.

Nós não tínhamos noção como era Manaus. Nós imaginávamos uma cidade pequena, calma, pouco pavimentada, com índios na rua... enfim, creio que é o mesmo pensamento de tantos outros que não a conhecem.

Mas, logo que nós começamos a andar pela cidade, constatamos que era uma cidade totalmente diferente daquela que nós imaginávamos: ruas extremamente movimentadas, pessoas do Brasil todo comprando, com suas sacolas cheias de produtos importados, eletrônicos, perfumes... afinal, era o auge da ZFM. Os classificados dos jornais com páginas e páginas cheias de oferta de empregos... Bem diferente da Gazeta de Alagoas que não oferecia quase nenhuma vaga.

No albergue onde estávamos, vendiam um passeio turístico, para conhecer o lago do Januacá. Era uma programação cheia de aventuras e contato com a natureza. Achamos muito interessante e, como já tínhamos feito as provas, compramos.

Sáimos no sábado, após o almoço, acompanhadas do guia para encontrarmos com os demais turistas que iam conosco. Éramos 9. Eu, minha amiga Aracélia, o guia, dois rapazes japoneses, um casal gaúcho com os filhos (um casal entre 8 e 10 anos).

O percurso durou umas 2 horas em um pequeno barco a motor. Todo o trajeto foi encantador. Nunca vira algo igual, uma natureza exuberante e selvagem, uma paisagem estonteante a se perder de vista.

Iríamos pernoitar na casa da agência de turismo. A programação era passear de canoa pelo lago; ver jacarés de perto no iguarapé; focá-los à noite (focar - pegar uma lanterna e ficar procurando de longe, "em segurança", os pontinhos acesos que correspondiam aos olhos dos temidos répteis); navegar no lago sereno e calmo com suas águas negras espelhadas; andar abrindo trilhas na floresta; pescar piranhas (foi missão impossível para nós, pois mal a isca encostava na água, as temidas piranhas já a abocanhavam, quando não, pulavam e pegavam-na antes mesmo dela tocar a água. Só o guia conseguia pescá-las. E como eram bravas, feias e fortes!). Tudo isso estava no pacote! Tínhamos uma bela programação para o sábado e o domingo.

Eram umas 16h quando chegamos e minutos depois já estávamos iniciando a vasta agenda. Saímos em duas canoas para o passeio no lago.

Na primeira canoa fomos: eu, Aracélia, os dois japoneses e o guia remando. Na outra, a família gaúcha. Eles sabiam remar.

Quase no meio do lago, o guia parou e disse para todos nós que ali não tinha piranhas, nem jacarés, a água era parada, parecia uma piscina pois não tinha correnteza, mas era muito fundo, portanto, quem quisesse, podia pular na água, desde que, soubesse nadar.

Eu, lógico, nem pensar em pular... não sabia nadar. Aliás, tinha pavor! Os gaúchos falaram que não queriam, preferiram ficar remando, os japoneses depois da explicação em inglês, riram e pularam na água, Aracélia toda afoita, pulou em seguida.

O guia perguntou se eu não ia, eu ratifiquei que não sabia nadar, ele pulou e falou para eu ficar na canoa (nem precisava dizer!).

Todos brincavam na água, rindo, nadando, jogando água uns nos outros. Aquela alegria que as brincadeiras na água proporcionam.

Então, minha amiga começou a me chamar para pular naquela deliciosa água. Eu repetia que não sabia nadar e ela ficava insistindo, insistindo... não satisfeita, começou a dizer para o guia e gesticular para os japoneses que eu não pulava porque não queria molhar o cabelo, molhar a roupa, estava com frescura... enfim.

Eis que, a louca resolve mudar de estratégia, vem nadando na direção da canoa chamando os outros para virar a canoa dizendo que eu sabia nadar. Enchi-me de pânico com a aproximação dela.

Eu comecei a gritar para ela não fazer aquilo porque realmente eu não sabia nadar.

Ela se aproximou da canoa e, aos risos, começou a balançá-la, chamando os demais para virem ajudá-la, enquanto eu, afluída, agarrada naquela tábuca de salvação, gritava enfurecida para a insana parar.

Os japoneses sem entender bulhufas nenhuma do que falávamos, só a via rindo balançando o barco, pensaram que fosse brincadeira, vieram ajudá-la e... TCHIBUUUM! Lá vou eu para a água.

Enquanto eles riam do intento, eu, em vão, lutava para me manter emersa, mas o que conseguia era imergir sem encontrar o fundo, debatia-me desesperada e subia, mas afundava de novo, acho que umas três vezes, até que o guia gritou que eu estava me afogando, mergulhou e me pegou lá embaixo, trouxe-me à tona, mas quando chegava em cima, eu, no desespero, afundava-o imediatamente... ele me soltava e eu afundava.

Ele me resgatava, eu o afundava...não sei quantas vezes, mas percebi que nós já estávamos cansados, senti que ele estava desistindo, eu descia mais fundo e ele demorava mais a resgatar-me, as forças já eram menores para ambos.

Com os gritos de todos, os gaúchos perceberam o que estava acontecendo e remaram desesperados em nossa direção, orientando o salvamento.

Os japocas e minha “mui amiga” desviraram a canoa, seguraram-na firme. O guia, ao emergir comigo, jogou-me na direção da canoa, então, eu consegui agarrá-la firme, enquanto os gaúchos, na outra canoa, com os remos deram o suporte para eu me segurar...Um drama indescritível!

A gaúcha já se preparava para pular quando, finalmente, com as graças de Deus, consegui me segurar firme.

Eu estava exausta, não sei por quanto tempo fiquei ali, agarrada ao barco, incrédula, apenas com as pernas dentro da água, recuperando o fôlego e o susto.

O medo de sair daquela posição de segurança e afundar de novo me paralisava. Todos eles ficaram calados, acho que respeitando o meu silêncio, pensando no que fizeram, agradecendo a Deus por tudo terminar bem...enfim, cada um com seu silêncio, entregue aos seus próprios temores, sustos e estupidez pela brincadeira irresponsável.

Quando eu me senti bem, pedi que me ajudassem a entrar na canoa. Depois, sem graça, um a um foi subindo também, enquanto, o casal segurava-a com os remos. Todo o restante da programação daquela tarde acabou ali mesmo.

Minha amiga, cheia de culpas, arrependimento... pediu-me mil desculpas; os japoneses olhavam para mim e curvavam a cabeça repetidamente e, em inglês, pediam perdão.

Eu ainda estava atordoada, com a cena reprisando várias vezes em minha mente; ao passo que agradecia a Deus por ter resguardado a minha vida.

Em terra firme, todas as atenções se voltaram para saber se eu estava bem. Finalmente, pude abraçar aquela jovem gaúcha e agradecê-la muito por ter me salvado, comandando o meu salvamento.

A minha heroína falou que era filha de salva-vidas, o pai dela tinha ensinado todas as técnicas para ela. Alertou a minha amiga sobre o perigo que ela me expôs para nunca mais fazer esse tipo de brincadeira com ninguém.

Certamente, essa jovem senhora nem lembre desse caso, nem sei se alguns deles também lembram, mas eu...JAMAIS!

PROSAS DE CABOCLOS II: O ANIVERSÁRIO SURPRESA NA TRIBO INDÍGENA

Aqui no Amazonas, há passeios turísticos fantásticos, para conhecer a cultura regional, a fauna, a flora, andar por trilhas na floresta, simular a pesca do pirarucu, ver a vitória-régia, o encontro das águas, belas cachoeiras...enfim, cenários e emoções indescritíveis.

Agora, se tem um passeio que eu adoro e, sempre que possível repito, é um passeio que vai de barco para vários lugares incríveis e o apogeu dele, é visitar uma tribo, conhecer e interagir com os indígenas, em suas danças, ouvir suas histórias, ser pintado como eles e por eles, comprar seus produtos... um passeio imperdível! Eu já perdi as contas de quantas vezes, eu já fiz esse passeio.

Tanto que, algumas crianças que eu vi na primeira vez lá, hoje já são guerreiros fortes. Entre uma apresentação e outra, corria para conversar com eles, gostava de perguntar sobre a sua cultura e o dia-a-dia na tribo. Certa vez, fui levar um amigo para fazer esse passeio, meu esposo e Emmanuel, meu caçula (que já tinha ido a tribo em uma atividade escolar), empolgaram-se para ir também.

Coincidentemente, era o dia do aniversário do Emmanuel e o passeio era uma forma de comemoração. Quando chegamos a tribo, reconheci o cacique, doamos alimentos e ficamos conversando enquanto mais turistas se acomodavam na maloca onde as apresentações ocorriam.

Daí lembrei do aniversariante, 15 anos e... mãe é mãe, nunca perde a oportunidade de ser mãe, de se exibir, ovacionar os filhos...e eu não poderia ser diferente. Então, a mãe Tania, euzinha, em seu momento mãe...Falou para o cacique do aniversário do filhote e que, se possível, ele fizesse alguma homenagem, celebração, cantassem os parabéns conforme a tradição deles...enfim.

O cacique muito benevolente, com aquele semblante tão sábio e sereno, perguntou o nome e quantos anos ele tinha.

Eu respondi que era 15 anos, então ele falou que faria sim. Muito feliz fui me sentar ao lado do Emmanuel, que desconfiou e perguntou se eu tinha falado para o cacique sobre o aniversário. Eu neguei, não queria estragar a surpresa.

O meu adolescente, no auge da sua aborrecência, foi logo dizendo que se chamassem ele na frente para cantar os parabéns ele não iria. Eu já me preocupei, mas na hora eu resolveria. Iniciaram as danças, todos nós dançamos, terminou a apresentação e nada de homenagem, para minha tristeza e alívio do Emmanuel.

O cacique no meio da maloca, conversava com os indígenas mais adultos, preparando-se para nova apresentação, as crianças e os mais jovens se dirigiam para vender seus artesanatos, pintar o rosto de quem desejasse, enquanto novos turistas chegavam e se acomodavam nos bancos.

Nesse momento, o cacique pede silêncio e pergunta se tem algum aniversariante... silêncio total. Emmanuel olhou para mim e disse baixinho que não ia se identificar. O cacique insistia perguntando se tinha alguém aniversariando.

Eu estava radiante e falava baixinho para ele se identificar e ele resmungava dizendo que não. Daí então, o cacique foi mais direto e perguntou quem era o Emmanuel, o jovem que estava completando 15 anos, onde estava o aniversariante, que ele fosse até ele... e olhou em nossa direção.

Quando ele escutou o nome dele, ele já olhou para mim com aquela cara de aborrecente que toda mãe conhece, então me adiantei e disse “é esse aqui!” Emmanuel não teve alternativa, a não ser levantar a mão, deu aquela olhada de poucos amigos para mim e falou baixinho... “a senhora, não é, mãe? Inventa cada coisa! Eu falei que não queria” E foi envergonhadíssimo, até onde eles estavam reunidos.

Outro integrante, entregou ao cacique um arbusto seco, enorme, bem galhudo, que o exibiu, disse o nome daquele arbusto e explicou que, naquela tribo, quando uma criança completava 6 anos era submetido a uma prova.

Ele dava uma chilapada nas costas nua do menino, se o menino chorasse e corresse, não serviria para guerreiro, mas se ele não chorasse e ficasse, serviria e iria fazer, ao longo dos anos, todo o ritual para se tornar um grande guerreiro. E ele fez a demonstração como era a chilapadaa.

Pegou o arbusto e VUUUUPT! VUUULPT! VUUULTP! A velocidade daqueles galhos secos e firmes, cortando o ar provinda dos

braços musculosos do cacique, produziam um som forte e apavorante que todos nós ouvimos e muitos ali, como eu, contorcemo-nos num mesmo movimento involuntário, imaginando tamanha dor que os meninos sentiam e a dor que estava por vir nas costas daquele adolescente, franzino, assustado e, agora, pálido que estava ao lado do cacique.

Eu estava ali, sentada, apavorada, arrependidíssima, visualizando a temida cena, sem conseguir raciocinar como tirar meu filho daquela situação. O cacique, com o arbusto seco na mão, chama o Emmanuel para mais perto dele. Apavorado (penso eu), ficou ao lado dele.

Então, ele colocou a mão no ombro do meu filho, enquanto passava um filme em minha cabeça, todos estavam apreensivos e curiosos se ele iria chorar e correr ou não. Eu, o pai dele e nosso amigo...inertes, sem palavras, tensos, desesperados sem saber como proceder para evitar aquela prova tão difícil. Sentia os olhares divididos entre a cena central, o cacique, os pais e o pobre do aniversariante.

O cacique fala “Emmanuel, é assim o ritual que fazemos em nossa tribo para descobrir quem será guerreiro. Está preparado?” O silêncio do aniversariante confrontava com o Ohhhh! dos demais.

O cacique continua. “Então Emmanuel como você não é da nossa tribo, você não passará pela prova, pelo ritual.” Foi um alívio total, o sorriso em nossos rostos, a risada de muitos e dos indígenas também. Foi um misto de emoções.

Foi um baita susto que nós levamos pensado no que ele iria passar e em seguida o alívio e as risadas pela brincadeira, pegadinha que o cacique fez com nosso filhote. Terminada as gargalhadas, eles fizeram um círculo em volta dele e dançaram. Depois só os mais velhos entraram no círculo e começaram a cantar e, entendi como se fossem orações para nós.

Foi muito bonito e emocionante. No final, um turista disse que filmara tudo e posteriormente me enviou por whats, Por fim, o aniversário foi uma belíssima celebração, para o aniversariante uma linda oração, para os turistas uma linda exibição e para mãe...uma bela lição.

Tania Ribeiro Moço

Nasceu a 12 de dezembro de 1963 em Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro. Mora no Amazonas desde 1986. Licenciada em Educação Física, mas a paixão é pela Arte com dotes artísticos na pintura, na música, na dança e agora na busca de se apropriar na linguagem escrita. Acredita que é por meio da comunicação que praticamente todas as situações de interação social acontecem. Atua na formação continuada com professores com abordagens diferenciadas e criativas nas escolas da rede pública. Acredita que ser professora é ter responsabilidade social e que é possível transformar por meio da educação.



Escrever é um ato de liberdade

A CASA VERDE

Muito se discute a importância de se permitir viver de forma plena. Ano após ano, a vida ensinou-me a olhar profundamente o que ficou no escuro.

Em várias ocasiões, em um ritmo muito lento e confuso, segui por caminhos que me fizeram sair da trajetória e, como uma viagem no tempo, consegui ser remetida ao tempo do agora.

A melancolia despertou a minha sensibilidade, o canto alegre expulsa o lamento silencioso e me faz querer viver todas as cores e, na casa verde, me faz querer curar e adubar. Preciso plantar, cantar, sorrir e cultivar e, no mundo verde, retomar um tempo que nunca se perdeu...

Quero estar firme no abismo das dores da arte de viver. Se eternizar meu tempo, acredito que posso ir além da casa verde. Que mundo será esse? Só preciso respirar e viver...

Tudo o que passa por esse meu jeito de ser é intenso e especial. Hoje, a realidade é mais clara e reflete o que sempre existiu. Preciso fazer atividades físicas porque a minha respiração é fonte de vida.

Preciso parar, mudar hábitos, saber ter constância do que se quer, pois, o que eu quero é viver.

A vida emociona... quero continuar acreditar que ser diferente é muito bom. As marcas não são problemas e sim soluções. Vou me curando enterrando as mágoas nas folhas secas do quintal e trocando por terra fértil para as novas sementes.

Eu planto aqui no meu cantinho verde e, assim, vou vivendo um dia de cada vez em meu lugar favorito de paz e proteção que faz com que a minha vida não seja mais um combate e sim meu canto de sonhos que vão desenhando os planos para a vida, regidos pelas músicas preferidas e descobertas do que ainda não conheço em mim mesmo. No entanto, para compreender viver o agora precisei fazer uma longa viagem com muita turbulência até chegar a calmaria e perceber que é aqui na casa verde que a vida me levará para mundos ainda não descobertos.

Tania Moço

Tássia Patricia Silva do

Nascimento

Professora Universitária, Audiodescritora, Grad. em Publicidade, Logística e Administração. Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia – UFAM. Especialista em: Comunicação e marketing em mídias digitais; Em Desenvolvimento, etnicidade e políticas públicas na Amazônia; Em Investigações educacionais; Em Educação profissional e tecnológica inclusiva e Doutoranda em biotecnologia, com ênfase em gestão da inovação – UFAM.



**LUTAR PELA IGUALDADE SEMPRE QUE AS
DIFERENÇAS NOS DISCRIMINEM. LUTAR PELA
DIFERENÇA SEMPRE QUE A IGUALDADE NOS
DESCARACTERIZE.**

- Boaventura de Souza Santos

Todo indivíduo já nasce inserido em uma cultura e ao longo do seu desenvolvimento vai assimilando valores, crenças, hábitos e costumes da sociedade na qual se encontra inserido. Ao mesmo tempo, as relações que desenvolve nos diferentes espaços sociais contribuem para o seu desenvolvimento psicossocial. Sob essa ótica, a participação do indivíduo em determinado grupo social torna-se imprescindível na sua formação, pois define sua identidade e determina seu lugar no meio social.

Uma característica dos grupos é a existência de uma consciência coletiva; os membros compartilham ideias, valores e modos de agir que, de acordo com Mannheim (2012), surgem com a tentativa de avaliar a posição do grupo, procurando definir seu lugar no ambiente social. Na medida em que o grupo critica a definição coletiva imposta pela sociedade, passa também a criticar sua própria relação com os demais grupos sociais. É diante desse cenário que se apresenta o conceito de identidade social amazônica, entendida como a identificação e o sentimento de pertença a determinado segmento

social. A identidade social de um indivíduo caracteriza-se pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social:

A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente. Mas a identidade social não diz respeito unicamente aos indivíduos. Todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde à sua definição social, definição que permite situá-lo no conjunto social. (CUCHE, 1999, p. 177).

As identidades sociais são construídas a partir das interações que põem em contraste os grupos sociais, sendo a identidade de um grupo definida com base em determinados traços que permitem afirmar e manter uma distinção cultural. Elas apresentam uma relação dialética que envolve os seguintes polos: as diferenças e as semelhanças. Quanto às diferenças, a definição de uma identidade ocorre para distingui-la de outras identidades ou do grupo geral. Assim sendo, determinada identidade só existe se houver outra diferente dela, permitindo sua singularidade (quando alguém afirma ser jovem, está se diferenciando de outros indivíduos que não pertencem à mesma faixa etária).

Quanto ao segundo polo, a identidade envolve reconhecer semelhanças com o(s) outro(s), através da identificação e do pertencimento. A identificação refere-se ao processo psicológico em que um indivíduo assimila uma característica de outra pessoa ou grupo, transformando-se a si próprio de acordo com o modelo adotado. Já o pertencimento é o sentimento de fazer parte, de compartilhar os mesmos atributos com outras pessoas, e está relacionado tanto com a inclusão quanto com a exclusão. A identidade implica, portanto, o reconhecimento social da diferença, ao mesmo tempo em que permite a unidade entre aqueles que partilham os mesmos princípios do grupo.

A luta dos diferentes segmentos sociais pelo reconhecimento de suas identidades está intrinsecamente vinculada à questão do estigma. Foi visto que o significado das identidades está associado às representações produzidas, que por sua vez sofrem influência dos ambientes sociais, pois estes fornecem condições que estipulam as categorias de identidade possíveis de serem encontradas nele. A partir dessa constatação, Goffman (2004) classifica a identidade social em dois tipos: a virtual e a real. A virtual representa as características sociais (estereotipadas) que atribuímos a determinada pessoa ou categoria de acordo com nossos conhecimentos e experiências vividas, enquanto a

identidade social real representa as características e atributos que determinada pessoa ou categoria de fato possuem.

Quando ocorre uma discrepância entre a identidade virtual e a identidade real surge o estigma, que são atributos indesejáveis percebidos no indivíduo, os quais o diferem de outros que estão classificados na mesma categoria. Mas não é qualquer atributo indesejável que pode ser classificado como estigma, e sim aqueles socialmente classificados como depreciativos e incompatíveis com os estereótipos criados e que fornecem uma visão negativa da identidade social. Na verdade, um mesmo atributo pode tanto estigmatizar quanto conferir “normalidade”, dependendo do contexto relacional.

Os estigmatizados podem apresentar inseguranças nas relações com os normais, uma vez que, em cada nova interação, não se sabe em qual categoria serão classificados, nem se tal classificação lhes será favorável. Ao mesmo tempo, a pessoa com estigma pode responder a essas situações de diferentes formas: tentando corrigir a causa do estigma, aprimorando-se nas áreas consideradas inacessíveis por causa de sua condição, ou buscando romper com a realidade imposta e apresentar uma nova interpretação de sua identidade, visando ao reconhecimento social. No último caso, destaca-se a importância de outras pessoas que contribuem nesse processo, apoiando sua visão de mundo e identificando-se com seus sentimentos e objetivos, na tentativa de transformar o contexto vigente.

Para compreender a conexão entre identidade e reconhecimento é preciso considerar o caráter dialógico da condição humana, no qual a linguagem possui papel fundamental. Dessa forma, a definição da identidade amazônica se dá no diálogo com os outros; contudo, mesmo sendo dependentes da contribuição deles, devemos nos esforçar para nos definirmos sozinhos e, assim, melhor compreender e controlar a influência externa recebida.

A partir do desenvolvimento da concepção moderna de identidade surge a política da diferença, que se baseia no fato de que as singularidades historicamente ignoradas possuem validade legítima.

Referências

- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- MANNHEIM, Karl. **Sociologia da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

Tatiana Del Pilar Barros Rivera

Licenciada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (1995), possui Especialização em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal do Amazonas (2011), Mestra em Gestão e Avaliação da Educação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2017). Professora, atuou também como formadora na Educação Escolar Indígena pelo Projeto Pirayawara. Atualmente, integra a equipe de professores formadores do Centro de Formação Profissional Padre José Anchieta (CEPAN/SEDUC-AM).



MULHER AMAZONENSE

No coração da Amazônia, onde a natureza reina,
Habita uma mulher forte, de beleza sem igual,
Com olhos expressivos, marcantes como estrelas
E cabelos negros, como a noite celestial.

Sua pele, bronzeada pelo sol tropical,
É um testemunho de sua luta e resistência.
Na floresta densa, ela caminha com determinação,
Deixando sua marca, sua essência.

Ela é a força que sustenta a terra selvagem,
Uma guerreira destemida, sem igual.
Seus passos ecoam nas margens dos rios,
Enquanto o vento sussurra seu nome ao luar.

Na dança do corpo, a mulher amazonense é arte,
Movimentos que emanam poder e paixão.
Seu sorriso é a luz que ilumina a floresta
E sua voz ecoa como um canto de gratidão.

Ela é filha da Amazônia, terra sagrada,
Protetora dos segredos e mistérios ancestrais.
Seu espírito ecoa nas cachoeiras e nas matas,
Conectada à natureza, ela é um ser especial.

Mulher amazonense, símbolo de coragem,
Teu coração é um eco da selva a pulsar.
Com tua essência exuberante e inigualável,
Inspiras o mundo a amar e a preservar.

Que tua força continue a ecoar nas águas dos rios,
E teu brilho se espalhe como raios de sol.
Mulher amazonense, tu és a própria vida,
Em ti reside a beleza que nos envolve como luz de um farol.

Tatiana Rivera

VIDA DE CABOCLO: UM RETRATO DA SIMPLICIDADE

No coração da exuberante floresta amazônica, onde o rio serpenteia em meio à vegetação densa, vive o caboclo ribeirinho. Com sua vida intimamente entrelaçada com as águas, ele personifica a essência da região, uma síntese viva da cultura, tradição e harmonia com o ambiente ao seu redor. Nascido e criado nas comunidades ribeirinhas, o caboclo possui uma conexão profunda com a natureza. Quando curumim, aprende com seus ancestrais o respeito e a sabedoria para lidar com a natureza viva, mantendo um equilíbrio entre suas necessidades e a preservação do meio ambiente.

A canoa é sua fiel companheira, usada na pesca e no transporte entre as ilhas e comunidades vizinhas. Nas margens do rio constrói seu tapiri, erguido sobre estacas, para protegê-lo das cheias sazonais, ele é o reflexo da simplicidade e da engenhosidade.

Homem humilde, de conhecimento ancestral, tira dos rios a sua subsistência, sempre respeitando os ciclos de reprodução e garantindo a sustentabilidade, a partir dos recursos aquáticos. Com habilidade e paciência, o caboclo planta sua roça nas áreas de várzea, aproveitando a fertilidade do solo alagado pelas cheias do rio. Cultiva mandioca, milho, feijão e outras culturas nativas, que são essenciais para sua alimentação diária. A colheita é compartilhada entre as famílias, promovendo a solidariedade e o senso de comunidade.

A vida do caboclo ribeirinho também é permeada por uma riqueza cultural única. A música, a dança e as festas tradicionais são parte integrante de sua identidade. Ao som do ritmo contagiante das toadas, da ciranda e do carimbó, o caboclo celebra a cultura, a sua identidade, agradece pela fartura dos rios e mantém viva a herança dos antepassados. Suas lendas e mitos são transmitidos oralmente, preservando a memória coletiva e a conexão com a natureza.

No entanto, a vida do caboclo ribeirinho enfrenta desafios. A pressão da urbanização, o desmatamento e a exploração desenfreada de recursos naturais colocam em risco seu modo de vida sustentável. O caboclo luta pela preservação de seu território ancestral, pela valorização de sua cultura e pela conscientização sobre a importância de proteger a Amazônia.

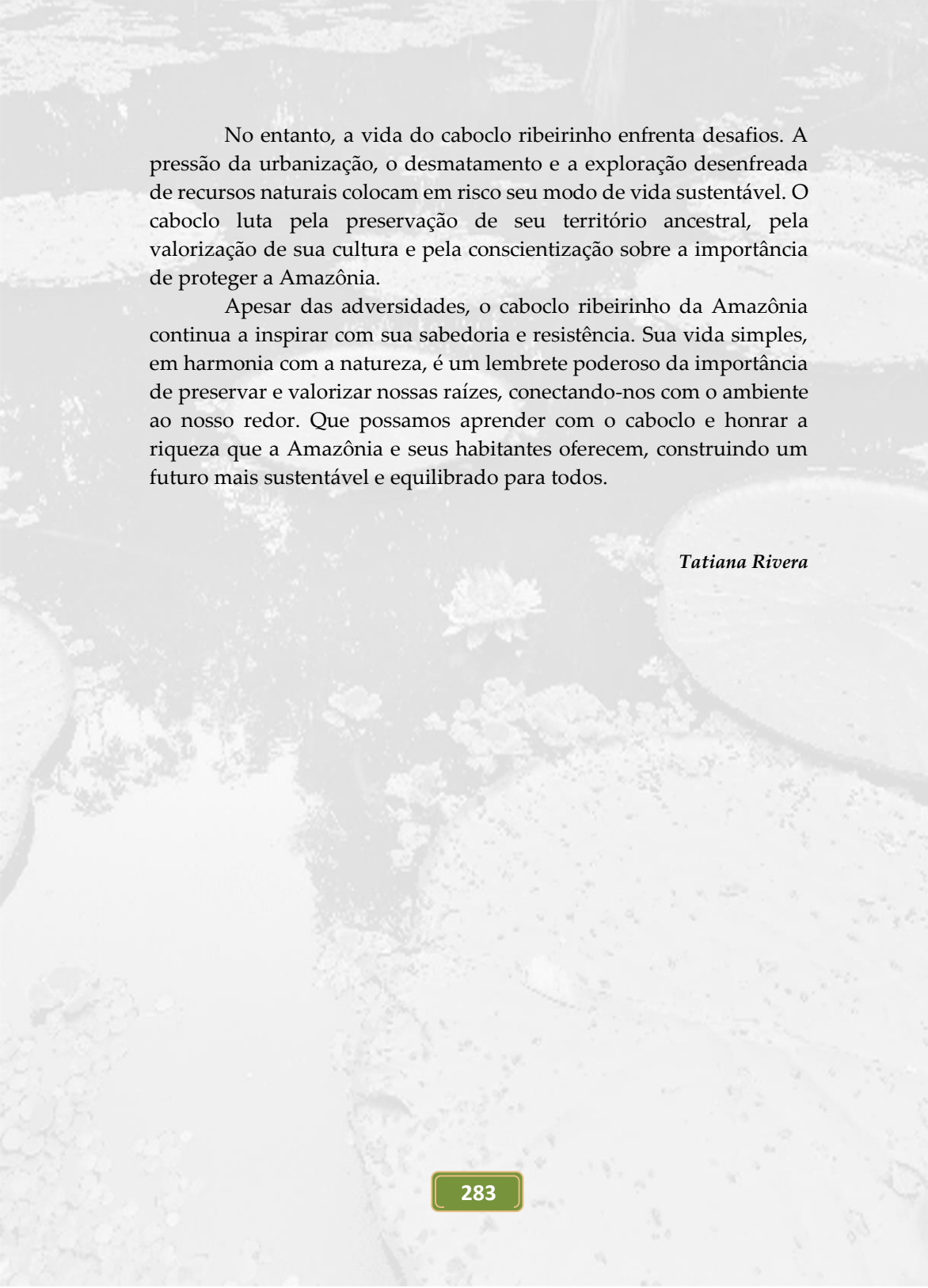
Apesar das adversidades, o caboclo ribeirinho da Amazônia continua a inspirar com sua sabedoria e resistência. Sua vida simples, em harmonia com a natureza, é um lembrete poderoso da importância de preservar e valorizar nossas raízes, conectando-nos com o ambiente ao nosso redor. Que possamos aprender com o caboclo e honrar a riqueza que a Amazônia e seus habitantes oferecem, construindo um futuro mais sustentável e equilibrado para todos.

Tatiana Rivera, no coração da exuberante floresta amazônica, onde o rio serpenteia em meio à vegetação densa, vive o caboclo ribeirinho. Com sua vida intimamente entrelaçada com as águas, ele personifica a essência da região, uma síntese viva da cultura, tradição e harmonia com o ambiente ao seu redor. Nascido e criado nas comunidades ribeirinhas, o caboclo possui uma conexão profunda com a natureza. Quando curumim, aprende com seus ancestrais o respeito e a sabedoria para lidar com a natureza viva, mantendo um equilíbrio entre suas necessidades e a preservação do meio ambiente.

A canoa é sua fiel companheira, usada na pesca e no transporte entre as ilhas e comunidades vizinhas. Nas margens do rio constrói seu tapiri, erguido sobre estacas, para protegê-lo das cheias sazonais, ele é o reflexo da simplicidade e da engenhosidade.

Homem humilde, de conhecimento ancestral, tira dos rios a sua subsistência, sempre respeitando os ciclos de reprodução e garantindo a sustentabilidade, a partir dos recursos aquáticos. Com habilidade e paciência, o caboclo planta sua roça nas áreas de várzea, aproveitando a fertilidade do solo alagado pelas cheias do rio. Cultiva mandioca, milho, feijão e outras culturas nativas, que são essenciais para sua alimentação diária. A colheita é compartilhada entre as famílias, promovendo a solidariedade e o senso de comunidade.

A vida do caboclo ribeirinho também é permeada por uma riqueza cultural única. A música, a dança e as festas tradicionais são parte integrante de sua identidade. Ao som do ritmo contagiante das toadas, da ciranda e do carimbó, o caboclo celebra a cultura, a sua identidade, agradece pela fartura dos rios e mantém viva a herança dos antepassados. Suas lendas e mitos são transmitidos oralmente, preservando a memória coletiva e a conexão com a natureza.



No entanto, a vida do caboclo ribeirinho enfrenta desafios. A pressão da urbanização, o desmatamento e a exploração desenfreada de recursos naturais colocam em risco seu modo de vida sustentável. O caboclo luta pela preservação de seu território ancestral, pela valorização de sua cultura e pela conscientização sobre a importância de proteger a Amazônia.

Apesar das adversidades, o caboclo ribeirinho da Amazônia continua a inspirar com sua sabedoria e resistência. Sua vida simples, em harmonia com a natureza, é um lembrete poderoso da importância de preservar e valorizar nossas raízes, conectando-nos com o ambiente ao nosso redor. Que possamos aprender com o caboclo e honrar a riqueza que a Amazônia e seus habitantes oferecem, construindo um futuro mais sustentável e equilibrado para todos.

Tatiana Rivera

Thaís Costa Mendes

Nasceu em Manaus/AM, 26 anos, solteira, cristã, gosta de escrever suas memórias e experiências de fé em forma de crônicas. Tem cursos de maquiagem e fotografia. Trabalhou como tradutora em viagens missionárias, acompanhando grupos de americanos em atendimento aos ribeirinhos do Amazonas. A fé, a escrita e o trabalho com artesanato em resina trazem a paz e a alegria diária.



EU VI DEUS

Eu vi Deus. E Ele não era quem eu, por muito tempo, achei que fosse.

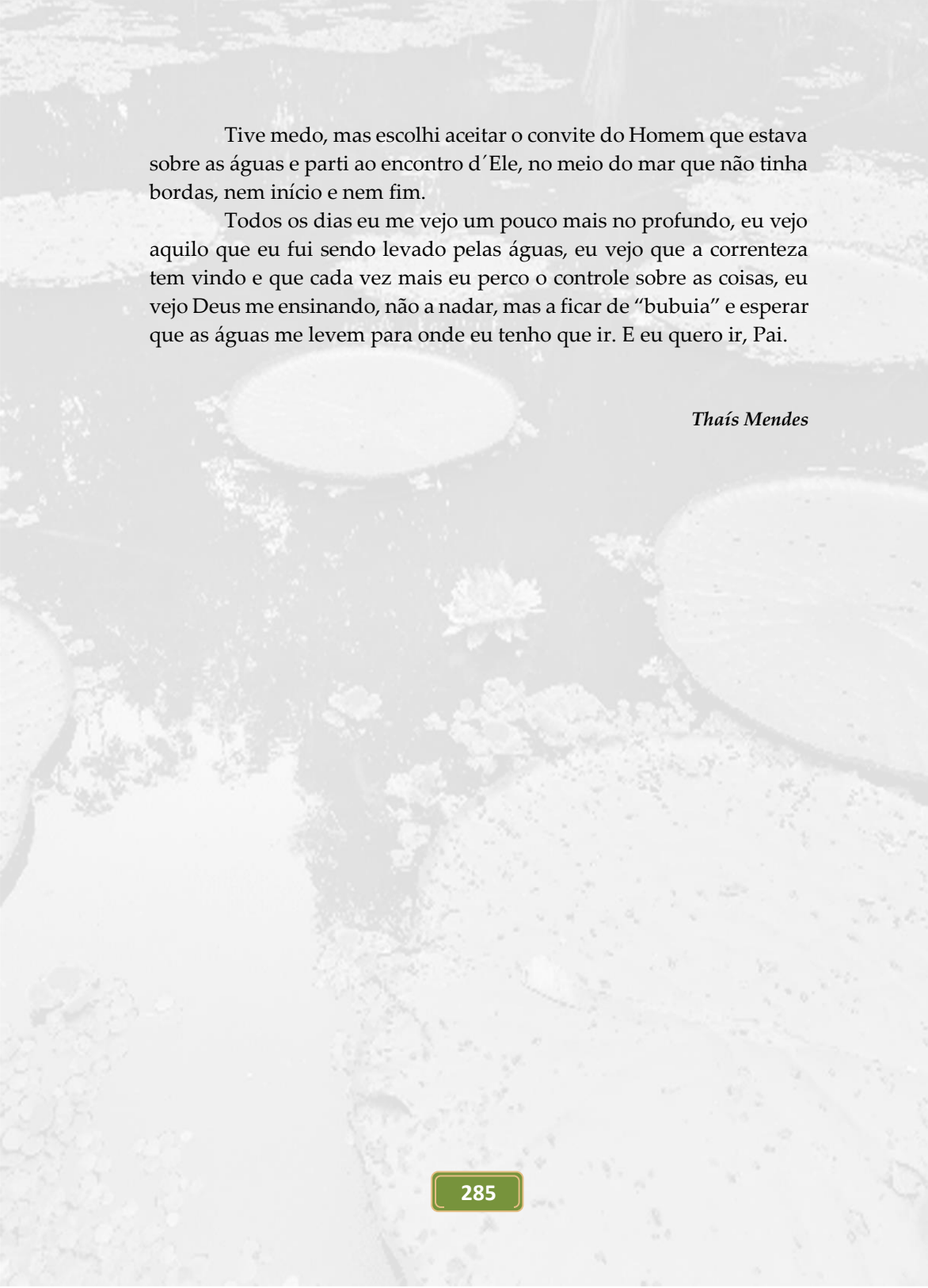
Eu vi Deus e Ele não me acusou, Ele não me cobrou, Ele não falou o quão chateado estava comigo ou quão cansado estava de me ver cometer erro após erro.

Eu vi Deus, Ele estava sobre as águas e estendeu sua mão para mim. Eu vi Deus e Ele me convidou pra sair de uma vida rasa e entrar num mar imenso e profundo, que é a intimidade com Ele.

A sua voz era doce e me chamou de filha. Ele gentilmente me mostrou meus medos, meus erros, minhas tentativas falhas de conseguir deixá-Lo feliz e fazer com que Ele sentisse orgulho de mim.

Aquela voz me convidou a deixar tudo pra trás, principalmente quem eu achava que era. Eu realmente tentei convencer Deus de que Ele estava falando com a pessoa errada, eu vi todos os meus pecados e o tanto de vezes que tentei mudar e não consegui.

Fiz questão de falar que Ele estava investindo na pessoa errada. A doce voz, com todo amor e paciência, fez questão de explicar que agora, quem faria tudo seria Ele, não seria eu, não seria pela força do meu braço, como eu sempre tentava fazer, mas que o Grande Eu Sou faria tudo, Ele só queria que eu descansasse nele e visse as coisas sendo feitas.



Tive medo, mas escolhi aceitar o convite do Homem que estava sobre as águas e parti ao encontro d'Ele, no meio do mar que não tinha bordas, nem início e nem fim.

Todos os dias eu me vejo um pouco mais no profundo, eu vejo aquilo que eu fui sendo levado pelas águas, eu vejo que a correnteza tem vindo e que cada vez mais eu perco o controle sobre as coisas, eu vejo Deus me ensinando, não a nadar, mas a ficar de "bubúia" e esperar que as águas me levem para onde eu tenho que ir. E eu quero ir, Pai.

Thaís Mendes

Theila Rosário Figueira dos Anjos

A Thel Rosário, no Universo Atípico, sou Educadora há 30 anos, mãe Atípica do Artista Plástico autodidata Autista-Hiperativo Amazonense adolescente Henrique Figueira, sou Ativista na Causa Atípica. Sou um ser muito sensível, dede criança, amo demais a Natureza Física e a Humana. Sou grande Fã das Artes em geral, incluindo da Arte Poética. Minha Fé em Deus é que mais me define.



COISAS DE MARIA... (Parte 01)

Coisas de Maria, saber ser linda, Mulher e ao mesmo tempo "tenra menina"....

Coisas de Maria, nos desafiar com suas tantas "pirraças", e, ao mesmo tempo nos encantar com seus múltiplos Saberes Existenciais e seu Olhar tão singular...

***Coisas de Maria**, possuir tão pouco Network e Poder Social fora do lar, entretanto, uma grande Embaixadora em sua Fé (Maranata!)

Coisas de Maria, não apreciava olhar diretamente nos olhos de ninguém, mas, sobre sua terra natal (Lago Grande, Santarém) conhecia: Os mais variados tipos de flores, de peixes, de plantas, de temperos-especiarias, formas de fazer artesanato conservando a Natureza, e sabia, igualmente como o seu Saudoso e Amado único esposo, seu eterno namorado, Hilton dos Anjos, reconhecer um pássaro a distância apenas por seu gorjear ...

Coisas de Maria, ter colecionado poucos diplomas, contudo, ter sido " PHD" na Arte de Amar e Servir Incansavelmente a sua família e ao seu próximo...

Coisas de Maria, ter conseguido viver como uma Suave Brisa em sua Nobre existência profícua para os seus, mesmo, em "nossa atual geração", que exala o aroma forte do exacerbado pragmatismo, consumismo e do hiperativíssimo socioeconômico

Coisa de Maria, ter aprendido nesta vida, amar as pessoas e não as coisas!

Coisas de Maria, mesmo não "ter tido a fenomenal beleza como a nossa eterna Garota de Ipanema, a incomparável Helo Pinheiro, e nem poder adquirir os mais dispendiosos cosméticos para a sua admirável beleza, iria fazer 78 anos, sem uma ruga na testa e o rosto ainda firme e harmoniosamente lindo.

Coisas de Maria, de nunca ter conseguido me ver dar uma aula na Universidade, contudo, me inspirou "neste instante", a escrever os meus primeiros pensamentos e versos...

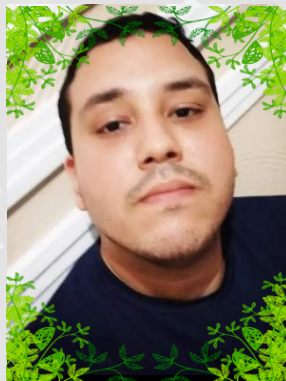
Coisas de Maria de Raimunda Figueira dos Anjos, que viveu 77 anos, como uma Brisa Suave em seu incansável e inigualável "movimento" em prol dos seus, e "partiu," a pouco mais de um mês (24 de junho de 2023) em uma amorosa conversar " conosco", num repentino e súbito suspiro suave...

Theila Rosário Figueira dos Anjos In Memoriam a minha Eterna Amada Mãe-
Mestra Maria Raimunda Figueira dos Anjos.

Manaus, Amazonas, Brasil, em 02 de setembro de 2023.

Ulysses Raphael Gomes Nobre

30 anos. Engenheiro Químico formado pela Universidade do Estado do Amazonas. Estudou Engenharia de Alimentos na University of South Australia. Atualmente, é sócio administrador de uma empresa de alimentos em Manaus. Apaixonado por números e por letras. Ama poesia e ver que através da poesia o homem pode expressar os mais variados tipos de sentimentos e reflexões!



2020

Ainda me lembro de você!
Sua camisa laranja de botão, seu jeito de falar e sua simpatia
Como dizer isso... De início você não me atraía!
Naquela noite, falei várias besteiras e você sorria...
Você tinha algo peculiar,
Era uma coisa sua, particular
Mas cada qual no seu lugar!

Ainda me lembro de você!
No dia que me fez a pergunta
Lembra? Na sua casa, se eu aceitava...
Por carinho e não amor, eu disse que sim que namorava
Você feliz ficou
Mas um tempo depois... Você me disse algo... e isso me mudou
Eu fui embora e me lembro que você chorou

Ainda me lembro de você!
Eu longe estava. Era algo anormal?
Porque mesmo tão distante, você ainda me dava moral?
Foi quando percebi
Era com você meu lugar
Peguei o avião e quando cheguei lá
eu vi ...

Ainda me lembro de você!
Eu vi você lá e disse sim,
Com você é que eu quero está
Com você é meu lugar
Eu só quero te amar
E foi tão ardente
Tão viciante, empolgante que doía. Mas algum ruim aconteceu!

Ainda me lembro de você!
Quando você viu que era real,
Você mudou
Você pisou
Você bateu e calou um coração que apenas te amou
No fundo do poço você me jogou
E a corda cortou!

Ainda me lembro de você!
Você mentiu e me difamou
Um cara que o amor verdadeiro te doou e você provou
Assim mesmo, embora com outro você foi, não hesitou
Tudo bem... Com muita força eu levantei
Solidão em solitude transformei
Do poço que você me jogou, água tirei e foi quando eu encontrei...

Foi quando eu me encontrei
A minha joia, o meu amor: EU!
Até um sustou eu tomei, você voltou??
Mas não tinha mais amor ou dor! E logo fui embora, e você disse: oh!
Eu encontrei ... EU! Meu verdadeiro amor!
Se um dia eu te encontrar, vou dizer se gaguejar:
Não me lembro mais de você!

Gordello

Valdeane Santos

Filha de Laurélio e Lucilene, nascida em Caxias - Ma, com 6 anos de idade vir para Manaus, onde desenvolvi minha aptidão em Dança, formada em Dança, Educação Física, Pós em Ludicidade e Mestre em Artes, atualmente trabalho no Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro, estou como professora de dança no setor de gravações.



**“Tudo aquilo que você foca, se expande.
Portanto, mantenha o seu foco naquilo, que realmente importa”**

“RECEITA” É SÓ SEGUIR

Receita nas mãos, milhares de informações,
para tal transformação.

Receita nas mãos, milhares de informações,
e no meio delas a prática.

Receita nas mãos, milhares de informações
toda prescrita, mas não seguidas.

Receita nas mãos, milhares de informações,
toda prescrita, mais não praticadas.

Receita nas mãos, milhares de informações,
para então chegar ao resultado final.

Receita nas mãos, é só seguir
informação, “PRÁTICA”, transformação.

Receita nas mãos, milhares de informações,
não adianta muitas informações sem praticar.

Receita nas mãos, milhares de informações,
não se limite a ouvir informações e não praticar.

Receita nas mãos, milhares de informações
executar é mais importante do que estudar
portanto, mude a proporção, receita nas mãos é só seguir.

Valdo da Silva Aleme

Amazonense, nascido em Manaus, formado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Pós-graduado em Gerência Financeira Empresarial (UFAM), trabalhando atualmente como bancário na Caixa Econômica Federal, atuou por muitos anos em Bandas de Baile e participou de diversos festivais de músicas populares e cristãs.



CANTO

Canto que envolve,
Minha vida... emoção.
Ilumina meu sorriso,
Faz luzir a escuridão.

Canto que é memória
E não deixa esquecer,
Que mostra dia-a-dia,
Que revela e que faz ver.

Canto que conquista,
O coração de uma mulher.
Que mata de saudade,
E alimenta a nossa fé.

Canto que transforma
A história das nações.
O povo informa, educa,
E arrasta multidões.
Canto vivo é puro amor.

Canto vazio é alienação.
Canto forte é realidade.
Canto doce é emoção.

Canto vem dizer
Que magia tem você.
Canto vem fazer
Justiça e paz acontecer.

Canto contigo vou cantar e
levar
Esse som de amor pelo
mundo.
Pra que possa ecoar e
encharcar
De harmonia a vida.

Canto amigo,
Vem em minha voz ressoar...

CONTRASTES

Eta vida,
Eta lida,
Eta força,
Eta dor!

Eta canto,
Eta pranto,
Eta espinho,
Eta flor!

Eta pátria abençoada,
Eta gente a matar,
Eta povo solidário,
Eta sangue a jorrar!

Eta grito iluminado,
Eta voz a se calar,
Eta gente que caminha,
Eta vez a esperar!

E o coração não para de pulsar.
E a força que faz crer,
É a mesma esperança
Que nos faz crescer.

E a razão se encharca de saber,
Sabor com emoção.
Os contrastes desafiam,
Nos ensinam a lição.

Haja pão,
Haja fome,
Haja frio,
Haja calor,

Haja paz,
Haja guerras,
Haja paixão,
Haja amor.

Valdo Aleme (Cacau)

Vanessa de Souza Reis

É andante, migrante, viajante, nômade e apaixonada pelo Amazonas. Adaptável e pertencente ao mundo, formada em Administração e especialista em Negócios da Amazônia. Semeia o conhecimento por onde habita, devolvendo assim o que um dia lhe foi concedido.



AMAZONAS DE CORES, SABORES E AMORES

Parintins a Ilha Encantada com os Bumbás Caprichoso e Garantido, olha já vamos inda em Maués conhecer a Festa do Guaraná?

Estais à toa que tal o Festival do Pirarucu em Fonte Boa?

Viestes para as bandas de cá, precisas conhecer o Festival Içaense em Santo Antônio do Içá.

Siga o Alto Solimões e desague em Tabatinga dançando no Festisol ou mais adiante no Javari pra bailar em Benjamin Constant e comer um jaraqui.

Nessa viagem cultural chegamos em Barcelos com a Festa do Peixe Ornamental.

Em Maraã temos a Festa dos Botos alinhado ao nobre título de Princesinha do Japurá, mas tome cuidado para não se encantar.

Mas se tu desejas cantar o Fecani em Itacoatiara é o teu lugar.

Caso queira Cirandar Manacapuru está a te esperar.

Amazonas de todas as cores, amores e sabores, tu podes ser Corajoso ou Mangangá, Touro Branco ou Preto, Onça Preta ou Pintada, o Peixe pode ser: Acari Disco ou Cardinal, valorize e ame o seu Festival.

A tua diversão pode ser no Bumbódromo, Piabódromo ou Onçódromo, só repasse a tua cultura as gerações futuras, o legado da canção, do bailado e do gingado.

Verediana Marreira de Lima Lopes

Funcionária pública aposentada -SEA, mãe (de Haniel e Fabiane) bacharelada em nutrição, pós-grad. em Saúde Pública, especialista em Nutrição Clínica e Terapia Nutricional e Parenteral pelo Ganep, Pós-Graduada em Nutrição Clínica pelo Galileu business. Atuou como coordenadora de nutrição hospitalar. Atualmente, trabalha como preceptora de estágio e presidente do sindicato dos nutricionista do Amazonas.



O MEDO DO “PEGA-PEGA”

O seguinte relato ocorreu no Município de Coari - AM, no Rio Copea, local onde eu nasci.

Meu irmão Francisco era muito medroso e minha mãe, Sra. Raimunda, gostava de contar "causos de medo" que o assustavam ainda mais. Ela falava para nós, que existia um tal de "pega-pega" que chegava nas comunidades e levava crianças, principalmente, daquelas famílias que tivessem muitos filhos. Como ela tinha doze irmãos, essas assombrações foram passadas para eles e permaneciam na mente dela e ela transmitia isso para os filhos.

Quando ela saía para o trabalho rural, dizia que qualquer sinal de estranhos, teríamos que ir para o mato nos esconder do perigo. Assim, todos nós agíamos. Quando percebíamos a aproximação de algum barco desconhecido, nossa! Era uma vida de medo!

Certo dia, meu irmão, já com a mente amedrontada, avistou um barco na vizinhança. Segundo ele, o barco estava com um saco preto contendo crianças com os pés de fora. Nesse dia, minha mãe estava em casa e combinou com esse irmão que todos nós iríamos para o mato nos esconder. Ela ficaria na touceira de banana, escondida atrás das folhas. Quando os homens do "saco preto" partissem, ela gritaria "uuuu" para

que voltássemos. E então aconteceu de tudo: os homens chegaram e disseram:

— Oi, tem alguém aí?

Ninguém respondeu, é claro, então, eles colheram laranjas, limões e bananas e se mandaram. Eles eram compradores de frutas. Como estávamos muito longe, não tínhamos como saber o que estava acontecendo. Quando passou o perigo, a mãe gritou "uuu". Meu irmão entendeu que eles tinham levado mais um menino, e isso fez com que ele corresse mais longe com os menores. Os demais se dispersaram na mata. Cada grito da mamãe nos fazia correr mais rápido. Alguns nadaram pelo igapó, mesmo sem saber nadar, conseguiram atravessar um monte de capim e chegar à terra firme. Não dava para voltar, mas depois que passou o susto, lembramos que havia meninos que não sabiam nadar. Imagina o que aconteceu...

Chegou à noite e nem todos voltaram para casa. Estavam perdidos na mata. Meu pai pegou os cachorros, chamou os vizinhos e foram à procura dos perdidos com lanternas. Graças a Deus, todos foram encontrados sem ferimentos ou picadas de insetos. Desde esse dia, minha mãe nunca mais quis nos assustar.

Hoje em dia, quando encontro os irmãos que ainda estão vivos, damos muitas gargalhadas. O inventor da história do "homem do saco preto" já não está mais vivo. Nós vivíamos com muito medo de tudo. Cada história que contavam, mais medo sentíamos. Assim foi nossa vida de ribeirinha.

Verediana Marreira

Wal Ferry

Professora. Poetisa. Cronista. Antologista. Amante da Literatura. Membro efetiva da União Brasileira de Escritores-UBE-Núcleo Arapiraca. Membro efetiva da ACALA-Academia Arapiraquense de Letras e Artes. Autora do livro: *Alumbramentos Meus - A Poesia da Alma*.



TRAJETÓRIA DE UMA MENINA QUE GOSTAVA DE LER

Ela é a sétima filha de quatorze irmãos. Sua mãe os criou praticamente sozinha. Uma mulher guerreira, que sempre procurou dar o melhor para os filhos, mas nem sempre conseguia.

Iniciou sua vida escolar aos sete anos, naquela época na cidadezinha que morava só podia entrar na escola com essa idade. Mas, ela sempre foi muito esperta e estudava em casa, pegava livro emprestado e praticava as letrinhas. Quando finalmente chegou o grande dia, a menina não cabia em si de tanta alegria. Um vestidinho florido e uma flor no cabelo, que ela tinha colhido na estrada que dava acesso ao grupo escolar compunha seu visual.

O coraçãozinho não cabia dentro do peito, finalmente iria estudar.

Os coleguinhas falavam que ela ia ficar “atrasada” nos estudos, afinal ia começar pelo método ABC, um livrinho que alfabetizava. O que eles não sabiam é que aquela garotinha já conhecia algumas letrinhas, que já tinha um pouco do saber dentro dela, e uma grande vontade de aprender. Foi fácil para ela concluir a alfabetização, o que os colegas estudavam em dois anos, ela conseguiu em um, “pulou” de série, em seguida precisou mudar de escola, agora ela ia estudar na cidade.

Quanta felicidade! A escola que tanto gostava e a sua primeira professorinha, D. Lourdes, uma pessoa maravilhosa, que a acolheu com tanto carinho iam ficar eternamente em seu coração.

Mudar de série e de escola foi difícil, novos conteúdos, que exigiam estudar mais, novos professores, novos coleguinhas, novos desafios, mas ela sempre soube que venceria todos.

Gostava muito de ler, era uma “devoradora” de livros infantis, gibis, contos, crônicas. Lia no mínimo dois livros por dia. O amor pela literatura era transformador, eram inúmeras as viagens que fazia, sonhava acordada com as histórias lidas, a imaginação aflorada, conhecia o mundo através da leitura, assim, se apaixonou também pela literatura grega e o heroísmo de Alexandre, o grande.

Abria um sorriso quando a professora de português pedia para que ela fizesse a leitura, ela queria mostrar que sabia ler. Estudiosa e focada, desenvolveu o gosto também por escrever, registrava seus mais loucos pensamentos em um diário, que com o passar do tempo com suas páginas amareladas foi deixado perdido em algum lugar.

Outro momento que dava muito prazer na escola era a hora da merenda, ficava ansiosa na fila esperando umas bolachinhas redondas com um copo de leite com achocolatado, desfrutava desse momento porque em casa não tinha aquele lanche delicioso. Em casa tinha só o essencial.

Não era uma vida fácil, as dificuldades eram muitas. Diante daquele cenário de privações, mesmo com pouca idade para entender, de uma coisa ela tinha certeza: a sua vida poderia ser contada de uma forma diferente através da educação. E para ela era a melhor parte porque sempre gostou de estudar.

No entanto, foram muitos desafios durante o percurso. Já adolescente, teve de encarar processos dos quais em algum momento achava que não teria capacidade de contorná-los, mas a força que carregava dentro de si a fez superar todos os obstáculos.

E a menina virou mulher. Continua gostando muito de ler. Quis voar mais alto e agora escreve acontecimentos do cotidiano, emoções e sentimentos, quer despertar no outro o mesmo que sentia quando folheava um livro: a sensação de plenitude.

Webster Cavalcante da Silva

Nascido em 12 de abril de 1962 Fortaleza-CE
Um poeta romântico; crônico e saudosista.
Cursou o ensino fundamental no colégio
Deoclécio Ferro. Tendo sua primeira obra
publicada na 1. Antologia fortalezense
fortalecendo laços.

A capa faz o livro

E o homem sem mulher é um livro sem capa.



O AMOR NÃO SE EXPLICA

O amor são peças que se encaixam,
E se caso não encaixarem,
A gente molda por amor...
O amor pode ser mentira hoje,
Mas,
Pode virar verdade amanhã.
O amor é doce
E as vezes é amargo
É quente e as vezes
É frio.
O amor é louco
O amor é bobo
O amor é tudo isso...
O amor é infinito
E as vezes tem fim.
Depois de tudo isso,
Eu tenho a mesma
Convicção;
O amor não
Se explica.

CACOS DE MIM

Cacos!
Se jogam fora,
Mas,
Eu juntei os cacos
De mim,
Quando você foi embora,
Pedacinho por pedacinho;
Eu me refiz.
Você pisou
Nos cacos de mim
Achando que seria
o meu fim,
Lamento em
Dizer-te,
Jamais verás o meu fim,
Você pode até pisar nos meus sentimentos,
Mas,
Nunca terás a glória
De ver o meu fim,
Pois,
Sempre me refaço,
Juntando,
Os cacos de mim.

Webster Cavalcante da Silva



**Editora
Performance**

Acesse:

www.editoraperformance.com

E-mail: editoraperformance@gmail.com

(82) 99982-6896